

AS LÍNGUAS YANOMAMI NO BRASIL

AS LÍNGUAS YANOMAMI NO BRASIL  
DIVERSIDADE E VITALIDADE



# Yanomami

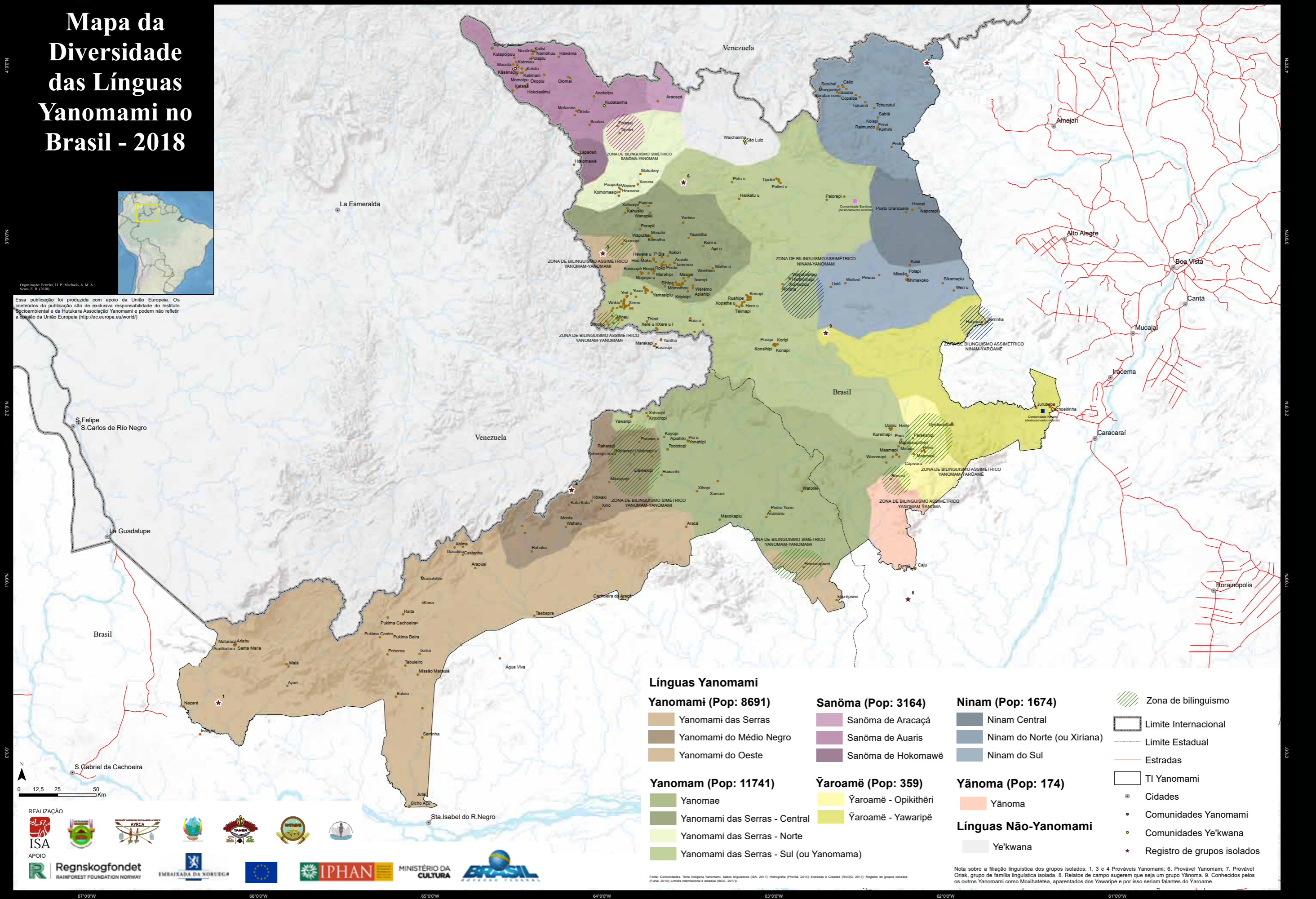


# Mapa da Diversidade das Línguas Yanomami no Brasil - 2018



Organização: Ferraz, H. P.; Machado, A. M. A.; Serra, E. B. (2018)

Essa publicação foi produzida com apoio da União Europeia. Os conteúdos da publicação são de exclusiva responsabilidade do Instituto Socioambiental e da Hutukara Associação Yanomami e podem não refletir a opinião da União Europeia (<http://ec.europa.eu/world/>)



## Línguas Yanomami

- |   |  |  |   |
|---|--|--|---|
| <p><b>Yanomami (Pop: 8691)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #C8A27C; border: 1px solid black;"></span> Yanomami das Serras</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #8B6914; border: 1px solid black;"></span> Yanomami do Médio Negro</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #D2B48C; border: 1px solid black;"></span> Yanomami do Oeste</li> </ul>  | <p><b>Sanõma (Pop: 3164)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #C8A2C8; border: 1px solid black;"></span> Sanõma de Aracaçá</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #A280C8; border: 1px solid black;"></span> Sanõma de Auaris</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #806080; border: 1px solid black;"></span> Sanõma de Hokomawê</li> </ul> | <p><b>Ninam (Pop: 1674)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #4682B4; border: 1px solid black;"></span> Ninam Central</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #6495ED; border: 1px solid black;"></span> Ninam do Norte (ou Xiriana)</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #87AECF; border: 1px solid black;"></span> Ninam do Sul</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background: repeating-linear-gradient(45deg, transparent, transparent 2px, #808080 2px, #808080 4px); border: 1px solid black;"></span> Zona de bilinguismo</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; border: 1px solid black;"></span> Limite Internacional</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; border-top: 1px dashed black;"></span> Limite Estadual</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; border-top: 1px solid red;"></span> Estradas</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; border: 1px solid black;"></span> TI Yanomami</li> <li><span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #D3D3D3; border-radius: 50%;"></span> Cidades</li> <li><span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #D3D3D3; border-radius: 50%;"></span> Comunidades Yanomami</li> <li><span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #D3D3D3; border-radius: 50%;"></span> Comunidades Ye'kwana</li> <li><span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #D3D3D3; border-radius: 50%;"></span> Registro de grupos isolados</li> </ul> |
| <p><b>Yanomam (Pop: 11741)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #8FBC8F; border: 1px solid black;"></span> Yanomae</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #66CDAA; border: 1px solid black;"></span> Yanomami das Serras - Central</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #90EE90; border: 1px solid black;"></span> Yanomami das Serras - Norte</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #8FBC8F; border: 1px solid black;"></span> Yanomami das Serras - Sul (ou Yanomama)</li> </ul> | <p><b>Yãroamê (Pop: 359)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #FFFF00; border: 1px solid black;"></span> Yãroamê - Opikithëri</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #9ACD32; border: 1px solid black;"></span> Yãroamê - Yawaripê</li> </ul>  | <p><b>Yãnoma (Pop: 174)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #FFDAB9; border: 1px solid black;"></span> Yãnoma</li> </ul>   | <p><b>Línguas Não-Yanomami</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #D3D3D3; border: 1px solid black;"></span> Ye'kwana</li> </ul>   |

Nota sobre a filiação linguística dos grupos isolados: 1, 3 e 4 Prováveis Yanomami; 6, Provável Yanomami; 7, Provável Oriak, grupo de família linguística isolada. 8. Relatos de campo sugerem que seja um grupo Yãnoma. 9. Conhecidos pelos outros Yanomami como Moxihatêta, aparentados dos Yawaripê e por isso seriam falantes do Yãroamê.

REALIZAÇÃO

APOIO

# AS LÍNGUAS YANOMAMI NO BRASIL

## DIVERSIDADE E VITALIDADE

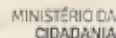


1

### Realização:



### Apoio:



Esta publicação foi produzida com apoio da União Europeia. Seu conteúdo é de exclusiva responsabilidade do Instituto Socioambiental e da Hutukara Associação Yanomami e pode não refletir a opinião da União Europeia (<http://ec.europa.eu/world/>).



Obra licenciada por **Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY - NC - ND 4.0)**

**Você tem o direito de:**

**Compartilhar** – copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

**De acordo com os termos seguintes:**

**Atribuição** – Você deve dar o crédito apropriado, prover um *link* para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.

**Não comercial** – Você não pode usar o material para fins comerciais.

**Sem derivações** – Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

**Sem restrições adicionais** – Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.

## AS LÍNGUAS YANOMAMI NO BRASIL DIVERSIDADE E VITALIDADE



# Yanomami

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

As línguas Yanomami no Brasil : diversidade e vitalidade / organização Helder Perri Ferreira, Ana Maria A. Machado, Estêvão Benfica Senra. -- São Paulo : ISA - Instituto Socioambiental ; Boa Vista, RR : Hutukara Associação Yanomami (HAY), 2019. -- (Saberes da floresta Yanomami ; v. 17)

Vários autores.  
Bibliografia.

1. América Latina - Línguas - História 2. Índios da América do Sul - Brasil - Amazônia - História 3. Índios Yanomami - Brasil 4. Língua Yanomami 5. Línguas e linguagem 6. Política linguística - Brasil I. Ferreira, Helder Perri. II. Machado, Ana Maria A. III. Senra, Estêvão Benfica. IV. Série.

19-31135

CDD-498.9281

Índices para catálogo sistemático:  
1. Línguas Yanomami : Políticas linguística 498.9281  
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



O Instituto Socioambiental (ISA) é uma associação civil, sem fins lucrativos, qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), fundada em 22 de abril de 1994 por pessoas com formação e experiência marcante na luta por direitos sociais e ambientais. Com sede em São Paulo (SP), possui subdeses em Brasília (DF), Manaus (AM), Boa Vista (RR), São Gabriel da Cachoeira (AM), Canarana (MT), Eldorado (SP) e Altamira (PA). O ISA tem como missão institucional defender bens e direitos sociais, coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos. Produz estudos, pesquisas, projetos e programas que promovem a sustentabilidade socioambiental, divulgando a diversidade cultural e biológica do país.

**Conselho Diretor:**

Deborah Lima (presidente),  
Marina Kahn (vice-presidente),  
Beto Ricardo e  
Leão Serva

**Secretário Executivo:**

André Villas-Bôas

**Assistente:**

Tânia Matsunaga

**Conselho de Gestão Estratégica:**

André Villas-Bôas, Adriana Ramos, Beto Ricardo, Bruno Weis, Deborah Lima, Fábio Endo, Fany Ricardo, Leão Serva, Jurandir M. Craveiro Jr., Marina Kahn, Marcio Santilli, Marcos Wesley, Raquel Pasinato, Rodrigo Junqueira e Sílvia de Melo Futada

O Programa Rio Negro (PRN) do Instituto Socioambiental foi criado em 1994 e visa ao bem viver e à sustentabilidade na Bacia do Rio Negro, Noroeste Amazônico, promovendo processos formativos e articulando parcerias para a valorização da diversidade socioambiental, segurança alimentar, desenvolvimento de uma economia responsável e produção intercultural de conhecimentos.

O trabalho do PRN tem por base uma atuação de longo prazo no Rio Negro e uma presença contínua em campo. O Programa atua em parceria com a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), a Hutukara Associação Yanomami e o Conselho Indígena de Roraima (CIR), entre outras organizações indígenas locais, da sociedade civil e instituições de pesquisa. As atividades do PRN são desenvolvidas por uma equipe diversificada, qualificada, integrada e comprometida.

**Equipe ISA Roraima:** Aloísio Cabalzar, Amanda Latosinski Santos de Souza, Beto Ricardo, Carlos Alberto Cinelli Barretto Barboza, Ciro Campos de Souza, Felipe Guimarães Reis, Francis Miti Nishiyama, Heverton Pereira Ambrosio, José Ignacio Gomeza Gómez, Lidia Montanha Castro, Luiz Henrique Reggi Pecora, Manuela Otero Sturlini, Marcolino da Silva, Marcos Wesley de Oliveira, Maria José Rocha, Marília Garcia Senlle, Matthieu Jean Marie Lena, Moreno Saraiva Martins e Sidinaldo Lima dos Santos

**São Paulo (sede)**

Av. Higienópolis 901 01238-001 São Paulo SP Brasil  
Fone: (11) 3515-8900 Fax: (11) 3515-8904 isa@socioambiental.org

**Boa Vista**

R. Presidente Costa e Silva 116 São Pedro 69306-670 Boa Vista RR Brasil  
Fone: (95) 3224-7068 Fax: (95) 3224-3441 isabv@socioambiental.org

**Manaus**

R. Costa Azevedo 272 1º andar Largo do Teatro Centro 69010-230 Manaus AM Brasil  
Fone/Fax: (92) 3631-1244/3633-5502 isamao@socioambiental.org

**S. Gabriel da Cachoeira**

R. Projetada 70 Centro 69750-000 São Gabriel da Cachoeira AM Brasil  
Fone/Fax: (97) 3471-1156 isarn@socioambiental.org

**Brasília**

SCLN 210 Bloco C Sala 112 70862-530 Brasília DF Brasil  
Fone: (61) 3035-5114 Fax: (61) 3035-5121 isadf@socioambiental.org

**A Hutukara Associação Yanomami (HAY)**

é uma associação sem fins lucrativos que congrega todos os povos indígenas da Terra Indígena Yanomami. Foi fundada em 2004, na comunidade watoriki, região do Demini, e tem como finalidade a defesa dos direitos dos Yanomami e Ye'kwana.

Hutukara é o que nos mantém vivos, junto com a floresta e com os rios. Hutukara nos dá vida, como deu aos nossos antepassados e por isso nós a defendemos. No primeiro tempo, o céu antigo, Hutukara, caiu e formou a floresta de hoje. É o nome da mesma terra-céu que Omama, o demiurgo yanomami, consolidou e nos deixou desde as origens. Fundamos a Hutukara Associação Yanomami para defender nossa terra.

**Diretoria da Hutukara – 2013 a 2016:**

**Presidente:**

Davi Kopenawa Yanomami

**Vice-presidente:**

Dário Vitório Kopenawa Yanomami

**1º Tesoureiro:**

Mauricio Ye'kwana

**2º Tesoureiro:**

Resende Maxiba Apiamõ

**Secretário:**

Mozarildo Yanomami

**Conselho Fiscal:**

Geraldo Kuesitheri Yanomami,  
Remo Yanomami e  
Nilson Wakari Yanomami

**Hutukara Associação Yanomami**

R. Capitão Bessa 143  
69306-620 Boa Vista Roraima Brasil  
Fone: 95.3224.6767  
hutukaraassociacaoyanomami@gmail.com  
www.hutukara.org

**Organização:**

Helder Perri Ferreira  
Ana Maria Antunes Machado  
Estêvão Benfica Senra

**Autores:**

Helder Perri Ferreira  
Ana Maria Antunes Machado  
Estêvão Benfica Senra  
Armindo Goes de Melo (Maturacá)  
Alfredo Himotona Yanomama (Papiú)  
Ehuana Yaira Yanomami (Demini)  
Emerson Paulino Ninam (Baixo Mucajaf)  
Mana Yanomami (Maimasi)  
Marinaldo Sanumá (Awaris)  
Mozarildo Yanomami (Missão Catrimani)  
Roni Raitateri Yanomami (Maraujá)  
Xaporita Yanomami (Surucucu)  
Albino Xiriana (Ericó)  
Rafael Wanari Yanomami (Parawaú)  
Genivaldo Krepuna Yanomami (Papiú)  
Raimundo Yanomami (Baixo Catrimani)

**Produção Editorial:**

Ana Maria Antunes Machado  
Moreno Saraiva Martins

**Mapas:**

Estêvão Benfica Senra

**Tratamento de imagens:**

Cláudio Aparecido Tavares (ISA)  
Vivian Sena de Oliveira

**Preparação de texto e revisão:**

Tron Editora Comunicação - Alberto Guedes

**Design e Produção Gráfica:**

Roberto Strauss (www.roborto Strauss.com.br)

**Fotos e ilustrações não creditadas:**

Edson Sato (p. 4 e 5, 2012)  
Ehuana Yaira Yanomami (p. 5)  
Ana Maria Machado (Foto da capa, 2014 e p. 14, foto 1, 2010)  
Beto Ricardo (p. 14, foto 2 e 3, 2011)  
Helder Perri Ferreira (p. 148, foto 1)  
Lucas Lima (p. 148, foto 2)  
Genivaldo Krepuna Yanomama (p. 148, foto 3)

**Impressão:**

Pancrom

**Volume 17 da série**



**URIHI ANÊ THËPĚĂ POWI**  
SABERES DA FLORESTA YANOMAMI

A coleção *Urihi anê thëpěă pouwi - Saberes da floresta Yanomami*, fruto da parceria entre a Hutukara e o ISA, tem por objetivo valorizar e fortalecer os saberes e as línguas Yanomami. Divulga estudos de pesquisadores yanomami sobre diversas áreas do conhecimento, tradicional ou não. Reúne também pesquisas realizadas em colaboração com especialistas *napěpě* (não Yanomami) e está aberta a outras parcerias institucionais e a diferentes formatos.

Esta publicação, produzida no âmbito do projeto “Diversidade linguística Yanomami: uma perspectiva intercultural”, vigente entre 2014 e 2018, parceria do Instituto Socioambiental (ISA) com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), foi concluída em 2018 e impressa em novembro de 2019.



Edson Sato, 2012

Casa coletiva de Watorikí na região do Demini

## APRESENTAÇÃO

# E

Este livro foi elaborado no contexto do projeto “Diversidade linguística Yanomami: uma perspectiva intercultural”, realizado pelo Instituto Socioambiental (ISA) em parceria com todas as associações yanomami hoje atuantes no Brasil: Hutukara Associação Yanomami (HAY), Associação dos Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes (Ayrca), Associação das Mulheres Indígenas Kumirayoma, Associação Kurikama Yanomami, Texoli Associação Ninam do Estado de Roraima (Taner) e a Hwenama Associação dos Povos Yanomami de Roraima. A pesquisa, para a sua produção, envolveu uma equipe interdisciplinar de três pesquisadores não indígenas e 15 pesquisadores yanomami, sendo nove bolsistas do projeto e seis voluntários. A composição da equipe de pesquisadores yanomami procurou refletir, em certo grau, a própria diversidade linguística Yanomami no Brasil, com ao menos um pesquisador falante de cada uma das seis línguas da família. Completando a equipe do projeto, os três pesquisadores do ISA – um linguista, uma antropóloga e um geógrafo – são também todos estudiosos e falantes de línguas Yanomami.

O projeto “Diversidade linguística Yanomami: uma perspectiva intercultural”, realizado entre os anos 2014 e 2018, é fruto de um convênio entre o Instituto Socioambiental (ISA) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a partir do edital de chamamento público 004/2014 - Identificação, Apoio e Fomento à diversidade linguística no Brasil – Línguas de Sinais, Línguas de Imigração e Línguas Indígenas. Este projeto visa contribuir na contínua elaboração do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), instituído pelo Decreto 7387/2010, que busca reparar uma dívida histórica com a diversidade linguística no Brasil, reconhecendo as diversas línguas faladas por seu povo como referências culturais.

O livro está dividido em duas grandes partes: a primeira tratando sobre a diversidade das línguas Yanomami; a segunda, sobre a sua vitalidade. Esses são, pois, os dois principais objetivos da publicação: oferecer uma perspectiva organizadora sobre a diversidade de falares do povo Yanomami e um diagnóstico sobre a vitalidade desses falares e as ameaças que enfrentam.

A primeira parte se divide em três capítulos. No capítulo 1, depois de percorrermos algumas visões já elaboradas, tanto pelos linguistas como pelos falantes nativos, sobre a diversidade da família Yanomami, investigamos alguns elementos que ajudam a explicar as razões do



desencontro dessas visões. Em seguida, apresentamos a metodologia e os parâmetros utilizados por nossa equipe na identificação das isoglossas linguísticas e dialetais durante a pesquisa. Tendo o entendimento mútuo como parâmetro definidor, tanto da noção de língua como de dialeto, propusemos representar a diversidade Yanomami no Brasil com seis línguas, que por sua vez agrupam um conjunto de pelo menos 16 dialetos falados no território nacional. Ainda no capítulo 1, apresentamos dados básicos acerca de cada uma dessas seis línguas Yanomami, bem como notas históricas das regiões onde são faladas e comentários sobre a situação sociolinguística atual. Concluindo o capítulo, identificamos e brevemente caracterizamos as nove grandes zonas de bilinguismo generalizado existentes na Terra Indígena Yanomami (TIY).

O capítulo 2 faz uma revisão da literatura existente sobre os movimentos migratórios dos grupos yanomami, analisando sua relação tanto com a distribuição atual da diversidade linguística da família Yanomami, quanto com a gênese dessa diversidade. Argumentaremos que o atual nível de diversificação interna da família Yanomami não está unicamente relacionado aos movimentos migratórios recentes de que se têm registro, e que as diferenças fundamentais observadas entre as seis línguas da família provavelmente já existiam quando os diversos grupos yanomami iniciaram o processo de “descida” da Serra Parima – centro de dispersão da etnia.

Encerrando a primeira parte do livro, o capítulo 3 oferece um panorama do léxico e da gramática das línguas Yanomami, analisando as diferenças e semelhanças nelas encontradas e explorando algumas razões históricas para a diferenciação lexical, em especial as relacionadas ao contato com grupos de outras famílias linguísticas.

A segunda parte desta publicação tem apenas um único capítulo (capítulo 4) e apresenta a metodologia e os resultados do diagnóstico da vitalidade das línguas Yanomami no Brasil.

O Mapa da diversidade das línguas Yanomami e o Mapa da vitalidade das línguas Yanomami estão apresentados nas duas orelhas do livro, para que possam ser facilmente consultados pelo leitor, uma vez que complementam grande parte das informações trazidas por estas páginas<sup>1</sup>.

1. Os dados populacionais sobre os Yanomami no Brasil apresentados neste livro se basearam no censo populacional de 2016 fornecido pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai).

## Agradecimentos

Esta pesquisa deve muito às informações e reflexões trazidas pelos pesquisadores yanomami participantes do projeto, que dispuseram de seu tempo e energia nas oficinas de formação e muito enriqueceram todo o processo. Além de se dedicarem tenazmente ao preenchimento e à gravação de listas intermináveis de palavras em suas línguas, todos os pesquisadores yanomami contribuíram imensamente para o debate com suas reflexões sobre diferenças léxico-gramaticais encontradas entre as diferentes variedades da família Yanomami, com dados históricos sobre sua comunidade e seu entorno, e informações sobre a situação sociolinguística de seu falar. Por fim, sem suas intuições e percepções sobre inteligibilidade mútua dessas diferentes variedades não poderíamos ter elaborado a proposta de representação da diversidade linguística Yanomami apresentada aqui. Esses pesquisadores são: Alfredo Himotona Yanomama (Papiú), Armindo Góes Melo (Maturacá), Ehuana Yaira Yanomami (Demini), Emerson Paulino Xirixana (Baixo Mucajaí), Mana Yanomami (Serra do Pacu/Missão Catrimani), Marinaldo Sanõma (Awaris), Mozarildo Yanomami (Missão Catrimani), Roni Raitateri Yanomami (Marauaiá), Xaporita Douglas Yanomami (Surucucu), Genivaldo Krepuna Yanomami (Papiú), Albino Xirixana (Ericó), Rafael Wanari Yanomami (Parawaú), Raimundo Yanomami (Baixo Catrimani), Márcio Hesina (Haxiú) e Fernando (Palimiú).

Outros yanomami ainda colaboraram com informações valiosas para esta pesquisa: Resende Maxipa Apiamõ (Awaris), Fernando Sanõma (Awaris), Marconi Kariuna (Papiú), Arokona Yanomama (Papiú), Ezequiel (Marari), Dário Kopenawa, Sabá (Baixo Catrimani), Junior Hekurari (Surucucu), Gerson (Baixo Mucajaí). Agradecemos em especial a Davi Kopenawa, não apenas pelas valiosas informações da história oral e das línguas Yanomami, mas sobretudo pelas orientações ao longo de toda a pesquisa e por ter gentilmente produzido os dois prólogos apresentados neste livro.

Devemos gratidão ainda à rede de pesquisadores e colaboradores pró-Yanomami, que estiveram sempre prontos para contribuir com importantes informações: Carlo Zacchini, Bruce Albert, Gale Goodwin Gomez, Ir. Mary Agnes Neri Mwangi, Loretta Emiri, Joana Autuori, Marília Garcia Senle, Marina Vieira, Lucas Lima, Marcos Wesley de Oliveira e Reinaldo Ye'kwana. Um especial agradecimento a Anne Ballester, pelo incansável apoio que prestou a todos os Yanomami durante as oficinas de formação em Boa Vista (RR) e pelo cuidado com que revisou a seção que apresenta a língua Yanomami. Agradecemos ainda a Tainah Victor Leite e Corrado Dalmonego, por terem colaborado na escrita de capítulos deste livro, apresentando informações sobre as regiões onde trabalham. Agradecemos ainda a Moreno Saraiva Martins, pelas colaborações tanto em relação ao conteúdo aqui apresentado, como também pelo acompanhamento de todo processo de produção deste livro.

Igualmente devemos reconhecimento às diversas instituições que historicamente incentivam a documentação, promoção e fortalecimento das variedades linguísticas do Yanomami, principalmente pela produção de materiais descritivos, pedagógicos e de leitura, além de registros escritos e audiovisuais diversos sobre as línguas Yanomami. Somos particularmente gratos aos trabalhos produzidos pelo Instituto Socioambiental (ISA), Diocese de Roraima, Serviços e Cooperação com o Povo Yanomami (Secoya), Comissão Pro-Yanomami (CCPY) e Urihi-Saúde Yanomami. Mencionamos ainda o importante papel fomentador do Museu do Índio (Funai) por meio do Projeto de Documentação das Línguas Indígenas do Brasil (Prodoclin) que permitiu ampliar nosso conhecimento geral da diversidade Yanomami, e a recente contribuição do projeto Saberes Indígenas nas Escolas (SIE-Yanomami/MEC/FNDE/FAE/UFMG) que, em parceria com organizações não-governamentais e associações indígenas, proporcionou a publicação de mais de uma dezena de livros em línguas Yanomami. O patrimônio científico, hoje à nossa disposição, mas construído ao longo de vários anos por essas instituições e projetos (ou com o apoio deles) foi condição fundamental para o sucesso desta pesquisa.

Agradecemos também à Divisão Técnica de Diversidade Linguística do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI/Iphan), em especial ao coordenador Marcus Vinícius Garcia, por terem tornado possível a execução do projeto e pelo primoroso acompanhamento de todas as etapas do trabalho. Agradecemos também a equipe administrativa do ISA em São Paulo e em Boa Vista, por todo trabalho e cuidado com os trâmites burocráticos e logísticos necessários para a realização desse trabalho.

# I DIAGNÓSTICO DA DIVERSIDADE DAS LÍNGUAS YANOMAMI 15

## PRÓLOGO I: A GRANDE ENCHENTE: HISTÓRIA DA DIFERENCIAÇÃO DAS LÍNGUAS (POR DAVI KOPENAWA) 17

### 1. A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA YANOMAMI 19

#### 1.1. Contando as línguas e os dialetos Yanomami – Breve histórico das representações da diversidade linguística Yanomami 20

#### 1.2. Por que tantas visões diferentes? – Dificuldades metodológicas e conceituais 25

#### 1.3. Metodologia utilizada neste diagnóstico 28

#### 1.4. As línguas e dialetos da família Yanomami – Resultados deste diagnóstico 31

##### 1.4.1. Língua Sanõma 34

1.4.1.1. Dialeto Sanõma de Awaris 35

1.4.1.2. Dialeto Sanõma de Hokomawã 37

1.4.1.3. Dialeto Sanõma de Aracaçá 37

##### 1.4.2. Língua Ninam 40

1.4.2.1. Dialeto Ninam do Sul 40

1.4.2.2. Dialeto Ninam Central 42

1.4.2.3. Dialeto Ninam do Norte 43

##### 1.4.3. Língua Yanomami ou Yanonami 45

1.4.3.1. Dialeto Yanonami ou Yanomami do Oeste 46

1.4.3.2. Dialeto Yanomami das Serras 49

1.4.3.3. Dialeto Yanomami do Médio Negro 49

##### 1.4.4. Língua Ÿaroamë 50

1.4.4.1. Dialeto Ÿaroamë da Baixada 52

1.4.4.2. Dialeto Ÿaroamë das Serras 53

##### 1.4.5. Língua Yãnoma 55

##### 1.4.6. Língua Yanomam 57

1.4.6.1. Dialeto Yanomae ou Yanomam das Baixadas 57

1.4.6.2. Dialeto Yanomama ou Yanomami das Serras Sul 60

1.4.6.3. Dialeto Yanomami das Serras Central 64

1.4.6.4. Dialeto Yanomam das Serras Norte 66

#### 1.5. Zonas de bilinguismo simétrico e assimétrico 69

#### 1.6. Comentários finais 71

## 2. MIGRAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA YANOMAMI NO BRASIL 73

### 2.1. Nas Terras Altas do interflúvio Orinoco-Rio Negro 75

#### 2.2. Sanõma 78

#### 2.3. Ninam 80

#### 2.4. Yanomami 82

##### 2.4.1. A primeira onda migratória yanomami para a Bacia do Médio Rio Negro 83

##### 2.4.2. A segunda onda migratória yanomami para a Bacia do Médio Rio Negro 85

##### 2.4.3. A terceira onda migratória yanomami para a Bacia do Médio Rio Negro 86

#### 2.5. Ÿaroamë 87

#### 2.6. Yãnoma 89

#### 2.7. Yanomam 91

##### 2.7.1. Os primeiros grandes deslocamentos yanomam em direção às Terras Baixas 91

##### 2.7.2. Os Palimiu thëripë 92

##### 2.7.3. Os Wakathau thëripë 93

##### 2.7.4. Os Watoriki thëripë 94

##### 2.7.5. Os Yanomam do Rio Toototopi 95

##### 2.7.6. Migração dos Yanomam das Serras Sul (Yanomama) 96

##### 2.7.7. Haxiú 96

##### 2.7.8. Papiú (Maraxiu thëripë) 96

##### 2.7.9. Xaatha thëri (Alto Catrimani) 97

##### 2.7.10. Homoxi e Yaritha 97

##### 2.7.11. Migrações na macrorregião de Surucucu 98

#### 2.8. Considerações finais 100

**3. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NO LÉXICO E NA GRAMÁTICA DAS LÍNGUAS YANOMAMI (LY) 103**

**3.1. O léxico das línguas Yanomami (LY) 105**

**3.2. A gramática das línguas Yanomami (LY) 111**

**3.2.1. Inventário fonológico 112**

**3.2.2. Padrões silábicos 116**

**3.2.3. Ordem de palavras e correlações tipológicas 118**

**3.2.4. Sistema de casos 119**

**3.2.5. Pronomes pessoais e pessoas gramaticais 120**

**3.2.6. Os três tipos de substantivos 121**

**3.2.7. Construções de posse e pronomes possessivos 125**

**3.2.8. A morfossintaxe verbal 126**

**3.2.9. Índices pessoais no verbo 127**

**3.2.10. Imperativo 131**

**3.2.11. Proibitivo 132**

**3.3. Comentários finais 133**

**Anexo I: Mapas da distribuição de algumas raízes lexicais na Terra Indígena Yanomami (TIY) 134**

**Anexo II: Mapas da distribuição de alguns fonemas na TIY 141**

**Anexo III: Mapas da distribuição de alguns traços gramaticais na TIY 144**



**DIAGNÓSTICO DA VITALIDADE DAS LÍNGUAS YANOMAMI 149**

**PRÓLOGO II: O PORTUGUÊS É DOCE COMO CALDO DE CANA (POR DAVI KOPENAWA) 151**

**4. O FUTURO DAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA YANOMAMI – VITALIDADE E AMEAÇAS 153**

**4.1. Um mundo cada vez menos diverso 153**

**4.2. Verificando a saúde das línguas Yanomami – Metodologia e fonte de dados 154**

**4.2.1. Transmissão intergeracional (Parâmetro 1 - P1) 156**

**4.2.2. Número de falantes (Parâmetro 2 - P2) 158**

**4.2.3. Proporção de falantes em relação à população total (Parâmetro 3 - P3) 161**

**4.2.4. Perda de domínios de uso da língua (Parâmetro 4 - P4) 163**

**4.2.5. Resposta a novos domínios e mídias (Parâmetro 5 - P5) 169**

**4.2.6. Material para educação e alfabetização na língua (Parâmetro 6 - P6) 177**

**4.2.7. Políticas governamentais e institucionais de promoção e fortalecimento da língua, incluindo status e uso oficiais (Parâmetro 7 - P7) 184**

**4.2.8. Atitudes de membros da comunidade em relação à sua própria língua (Parâmetro 8 - P8) 190**

**4.2.9. Quantidade e qualidade da documentação e descrição (Parâmetro 9 - P9) 195**

**4.3. O índice global e os índices parciais do diagnóstico da vitalidade das línguas Yanomami 200**

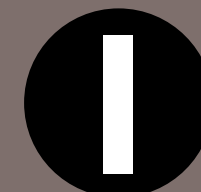
**4.4. Comentários finais 204**

**Bibliografia 206**

**Índice dos Mapas 210**

**Índice das Tabelas 212**

**Índice dos Boxes e Siglário 215**



# DIAGNÓSTICO DA DIVERSIDADE DAS LÍNGUAS YANOMAMI



## PRÓLOGO I

# A GRANDE ENCHENTE: HISTÓRIA DA DIFERENCIAÇÃO DAS LÍNGUAS

DAVI KOPENAWA

N

Nossos velhos, nossos xamãs, contam essa história. Eu a escutei de meu sogro/tio contando durante um *hereamu* quando eu era criança. Ele nos contou assim:

Nos primeiros tempos, a terra-floresta se transformou. Foi na frente do Hayoari, na terra de Hayoari, onde Omama<sup>2</sup> surgiu nos primeiros tempos, na região próxima ao Rio Orinoco, onde existem também outros rios, foi ali que aconteceu. Lá, os antigos foram levados pela correnteza como espumas, depois de uma grande inundação, ocorrida pelas águas que saíram da fonte que fica próxima ao Rio Parima.

Nesse lugar, uma moça yanomami teve sua primeira menstruação, por isso entrou em reclusão menstrual<sup>3</sup>. Enquanto ela seguia reclusa dentro de uma pequena choupana, acontecia um festival funerário (*reahu*) em sua comunidade. Durante essa festa, quando os homens faziam o diálogo cerimonial *ỹaimu*, começou uma briga entre as pessoas, que bateram no irmão da moça que tinha tido a primeira menstruação. Ouvindo a confusão, a moça saiu de sua choupana da reclusão e, com isso, a terra acabou se transformando! A terra-floresta entrou em desordem e se transformou com o sangue menstrual. Logo ficou escuro e então começou a jorrar muita água da fonte nas montanhas. Por toda essa água ter jorrado, a terra-floresta ficou inundada e algumas pessoas se afogaram. A água foi ejetada com muita força: “*taaaaaaaiiii!*”, os velhos gritaram, mas logo as pessoas foram levadas pela correnteza. Porém, Omama – que ainda estava vivo –, por ser forte, resistiu e se agarrou rapidamente. Então ele fez assim: aqueles que se afogaram, Omama os salvou pegando-os com uma panela de barro. Aqueles que tinham flutuado pelas águas, ele também pegou com um cesto e os colocou no chão. Nesse rio, a correnteza fluía muito rapidamente! Onde a água jorrou, na fonte do jato de água, foi nesse rio aqui que o Omama ficou esperando. Foi aqui que nos afogamos e, afogados, nos transformamos em espumas.

As espumas relativamente escuras viraram os negros. As espumas alaranjadas foram colocadas em outras terras e viraram outras pessoas. Já aquelas espumas brancas – vocês – a espuma de vocês, brancos, Omama colocou a espuma de vocês lá longe: “*Vou colocar vocês lá! Não aqui perto, só lá em outras terras!*”. Aqui perto, por último, colocou na terra as nossas espumas: Xamathari, Ninam,



Cláudio Tavares/ISA, 2017

2. Demiurgo yanomami.

3. Essa história se refere à reclusão menstrual das mulheres yanomami, que durante a menarca devem seguir uma série de regras como o isolamento. Caso não as sigam, exporiam todos a um novo cataclismo climático (ver Albert 1985). Há uma série de variações regionais acerca do rito da primeira menstruação, bem como ao mito que se refere à reclusão menstrual.

4. Pó feito a partir da seiva da árvore *Virola* sp. Tem efeitos alucinógenos e é alimento dos espíritos auxiliares dos xamãs yanomami.

Sanöma, Ye'kwana... Aqui, ele colocou essas espumas. Assim aconteceu com nossos antepassados que se afogaram, foi assim que Omama fez com as espumas. É por isso que falam diferente, então suas línguas se diferenciaram. “*Ha! Esses aqui falam Xamathari, esses aqui falam a língua Waika, esses aqui falam Yaroamë, esses aqui, habitantes das serras, falam nossa língua das pessoas das serras.*” Tem também a língua Sanöma e Ye'kwana. Foi assim que Omama fez e, portanto, as línguas ficaram diferentes, apesar disso ainda nos entendemos um pouco, pois somos filhos de Omama.

Os brancos tiveram suas espumas colocadas lá longe, aqueles da espuma branca e da espuma escura foram colocados distantes, portanto se afastaram. Eles falam diferente, pessoas diferentes ficaram com línguas diversas, os *napëpë* (não indígenas) ficaram com línguas de vespas, sua língua soa como o zumbido das vespas.

São assim as palavras dos velhos. Quando eu sonho, quando tomo *yakoana*<sup>4</sup>, eu vejo como é. Quando eu tomo *yakoana* ou quando estou dormindo, pois os sonhos me explicam.

# 1. A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA YANOMAMI

**E**ste capítulo apresenta a metodologia e os resultados da pesquisa intercultural e multidisciplinar que visou atualizar nosso conhecimento geral sobre a diversidade das línguas Yanomami, buscando integrar de maneira consensual e informada as diversas percepções (tanto externas, mas em especial as êmicas) acerca desse tópico. O trabalho contou com uma equipe de 15 pesquisadores yanomami de diversas regiões da TIY, falantes de diferentes variedades de língua da família, uma equipe multidisciplinar de três pesquisadores não yanomami (um linguista, uma antropóloga e um geógrafo), além de receber o apoio eventual de ampla rede de profissionais que trabalham com os Yanomami e que gentilmente ofereceram informações cruciais sobre as regiões onde atuam.

Começamos o capítulo apresentando na seção 1.1 um panorama histórico das diversas propostas de divisão interna da família Yanomami. Em seguida, a seção 1.2 discute algumas razões para tantas diferenças de visões sobre a diversidade yanomami, e como alguns conceitos básicos, como língua e dialeto, foram utilizados em nossa pesquisa. Na seção 1.3 descrevemos a metodologia intercultural adotada neste diagnóstico da diversidade e, em 1.4, apresentamos seus resultados. Ainda na seção 1.4, são apresentadas informações específicas sobre cada uma das seis línguas Yanomami identificadas em nossa pesquisa, tendo como referência o aparato metodológico proposto pelo Iphan no Guia de Pesquisa e Documentação do INDL (vol. 1 e 2 Iphan, 2016). A seção 1.5 discute brevemente as densas relações de troca e aliança existentes entre as mais de 300 comunidades yanomami no Brasil, e que fundamentam a ocorrência das diversas zonas de bilinguismo identificadas na TIY. Depois de elencar as nove zonas identificadas por nossa pesquisa, apresentamos alguns aspectos socioculturais que caracterizam cada uma delas. O capítulo se encerra na seção 1.6 com comentários sobre o alcance e os limites desta pesquisa e com indicações de questões deixadas em aberto por ela e do trabalho específico que ainda precisa ser feito sobre a descrição e a documentação básicas de algumas variedades da família.

## 1.1. Contando as línguas e os dialetos Yanomami – Breve histórico das representações da diversidade linguística Yanomami

Quantas são as línguas da família Yanomami? A resposta a essa pergunta não é simples e varia bastante segundo a pessoa que a está respondendo. Pode-se dizer que a divergência é generalizada: não há concordância entre o que os linguistas e os falantes de línguas Yanomami dizem a respeito dessa diversidade. Divergem também os linguistas entre si, assim como os próprios falantes.

Em um extremo desse debate estão as visões que minimizam as diferenças entre as variedades, defendendo uma única língua na família, algo como um Pan-Yanomami. Na literatura sobre as línguas amazônicas, essa perspectiva pode ser encontrada, por exemplo, em Aikhenvald e Dixon (1999), que alegam que a família Yanomami é formada por quatro grandes dialetos que se estendem num imenso contínuo de inteligibilidade mútua entre vizinhos, conectando todas as comunidades do território yanomami (Aikhenvald e Dixon 1999: p. xxv, 341-343), algo similar ao contínuo dialetal do alemão. A primeira tentativa de representação da diversidade geral da família Yanomami (Borgman *et al.* 1965) também compartilhava da ideia do contínuo de inteligibilidade, como sugere a legenda do Mapa 1.1<sup>5</sup>.

Ainda na posição da hipodiversidade linguística, entendendo a família com uma única língua, estão diversos membros da comunidade linguística yanomami que relativizam as diferenças entre as línguas da família, comparando-as com o português, o espanhol ou línguas de outras famílias linguísticas, como Ye'kuana, Macushi ou Wapichana. “Essas sim são línguas diferentes. Nós, Yanomami, falamos todos a mesma língua. Somos todos povo Yanomami”, são alegações não raramente escutadas entre os Yanomami.

No outro extremo do debate, encontram-se posições que afirmam uma superdiversidade de línguas na família, como a Hutukara Associação Yanomami (HAY), que até 2018 apresentava a família em seu *website* com nove línguas (Yanomae,

Yanomama, Yanomami, Sanöma, Yawari, Waika, Yanomami, Xirixana e Ninam), ou ainda a Hwenama Associação dos Povos Yanomami de Roraima, que sugere a existência de 11 línguas Yanomami.

Nenhum linguista que já descreveu alguma língua Yanomami a partir de dados de campo respalda essa visão extremamente multidiversa da família. A não ser por aquela representação monolíngue de Borgman *et al.* (1965), os yanomamistas geralmente se colocaram em posição intermediária a esse respeito, defendendo existirem não mais que meia dezena de línguas, ou ainda menos. Em sua tese de doutorado, Migliazza (1972) apresenta uma proposta de divisão da família Yanomami em quatro línguas (Sanima, Yanomam, Yanomami e Yanam<sup>6</sup>), como mostra o Mapa 1.2. Essa representação foi muito popular por quase quatro décadas e utilizada quase consensualmente como referência pela comunidade científica.

Ramirez (1994a) foi o primeiro a revisar de forma consistente o mapa isoglótico de Migliazza (1972). Ademais de detalhes dialetais sobre cada uma das línguas, a proposta de Ramirez trouxe duas novidades importantes. Por um lado, reconheceu a existência de uma língua no sudeste da TIY que era diferente do Ninam, a que chamou de língua A ou língua do Ajarani. Por outro, avaliou as diferenças entre as variedades Yanomami e Yanomam insuficientes para considerá-las línguas distintas, preferindo chamá-las de superdialetos (Yanomami Ocidental e Yanomami Oriental, respectivamente), composto por sete dialetos. Na proposta de Ramirez, a família Yanomami continuaria assim com quatro línguas formadas por 14 grandes dialetos: Sanöma (a língua S, com três dialetos), Yanomami (a língua Y, com sete dialetos), Ninam (a língua N, com dois dialetos) e língua A (com dois dialetos), como mostra o Mapa 1.3.

Essa divisão da família Yanomami não foi, entretanto, seguida por outros pesquisadores em trabalhos posteriores

Mapa 1.1  
A diversidade da família Yanomami segundo Borgman *et al.* (1965)



5. Ainda que adiante Borgman (1990, p. 17) adote uma posição menos assertiva sobre a inteligibilidade dessas variedades de Yanomami, admitindo tratar-se de línguas.

6. Migliazza utiliza equivocadamente o termo Yanam para se referir à língua Ninam. Este termo é utilizado pelos grupos de fala Yanomam que residem no Palimiú para se referir aos Ninam, com os quais mantêm relações de aliança. É, portanto, um termo externo, não Ninam.

7. Para uma maior discussão sobre a diferença entre Yanomami e Yanomam, ver box 5.

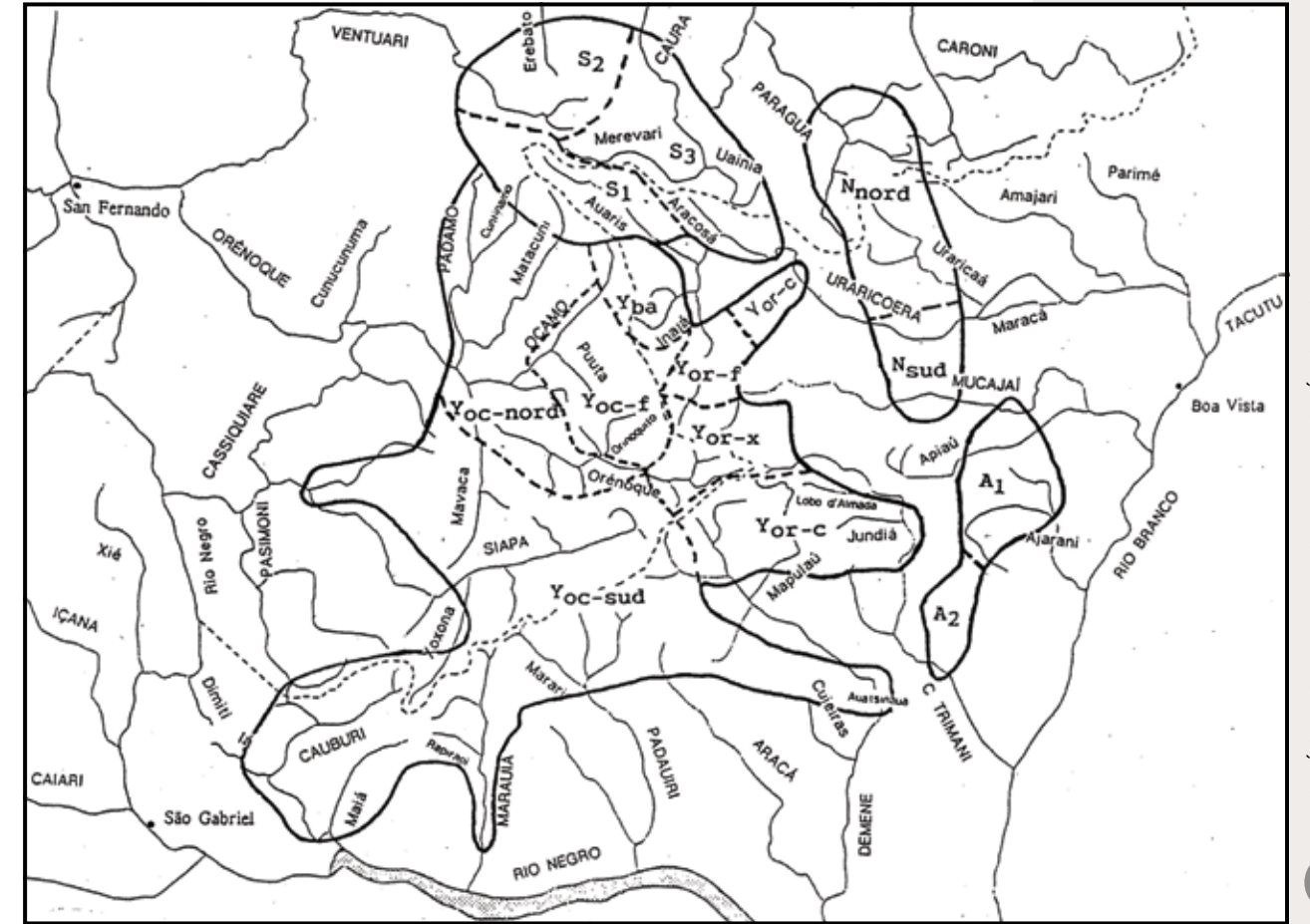
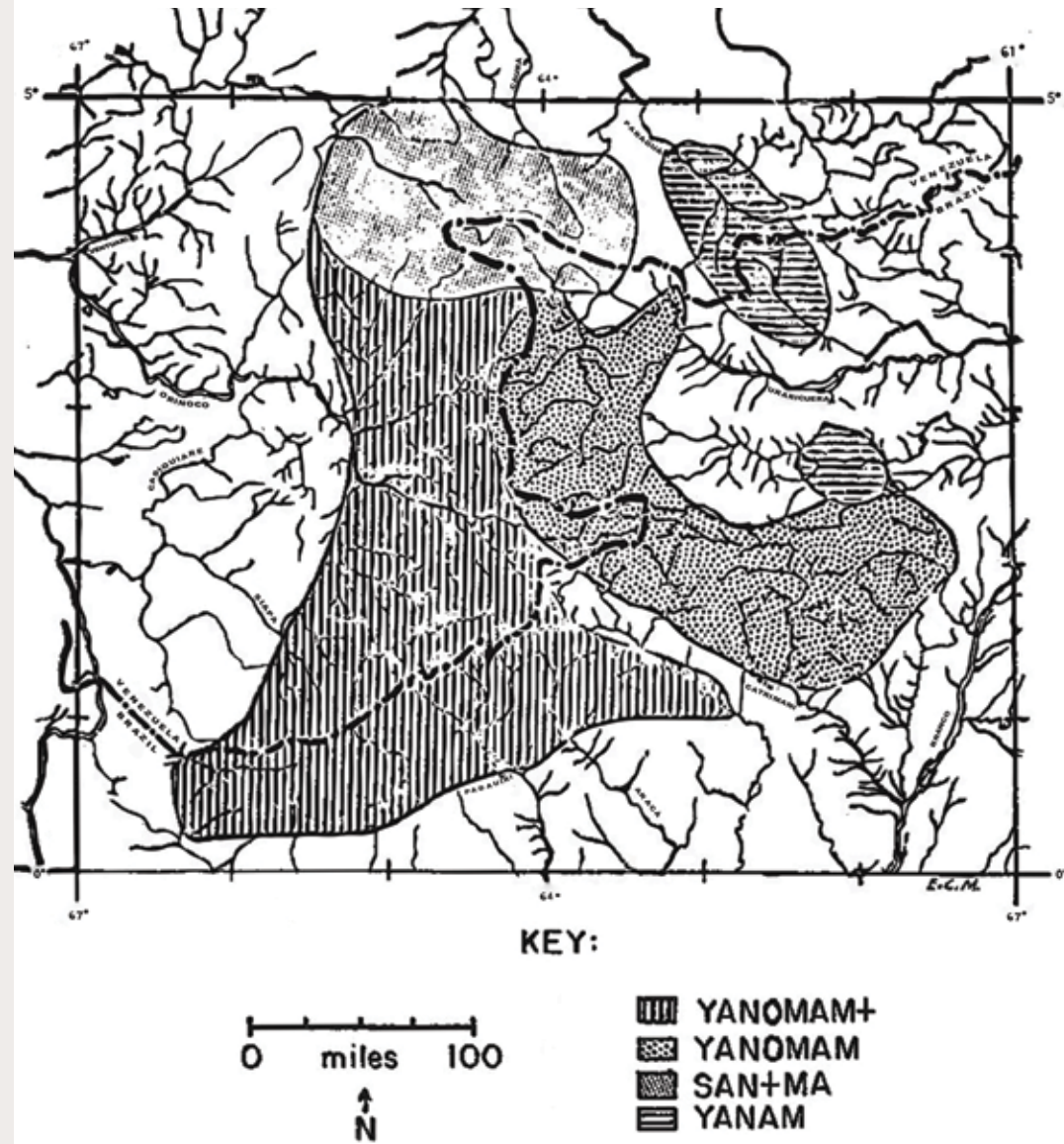
sobre os Yanomami, provavelmente pela completa ausência de dados sobre as variedades A (Ramirez nem sequer propõe um nome adequado para a língua), e seguramente também pela falta de consenso sobre a segunda parte dessa proposta, aquela que reunia as variedades Yanomami e Yanomam em uma mesma língua. Assim, a consideração de Migliazza (1972) continuou vigorando como preferida nos capítulos introdutórios de teses e livros sobre a cultura e o povo Yanomami.

Com os primeiros registros documentais e descritivos da língua Yaroamë (a língua A de Ramirez), Ferreira (2011) elabora a proposta de cinco línguas para a

família Yanomami: Sanöma, Ninam, Yanomam, Yanomami e Yaroamë. Essa representação é similar à de Ramirez (1994a) com a diferença de não considerar o Yanomam e o Yanomami dialetos de uma mesma língua, mas como línguas distintas<sup>7</sup>. O Mapa 1.4 apresenta uma versão dessa proposta.

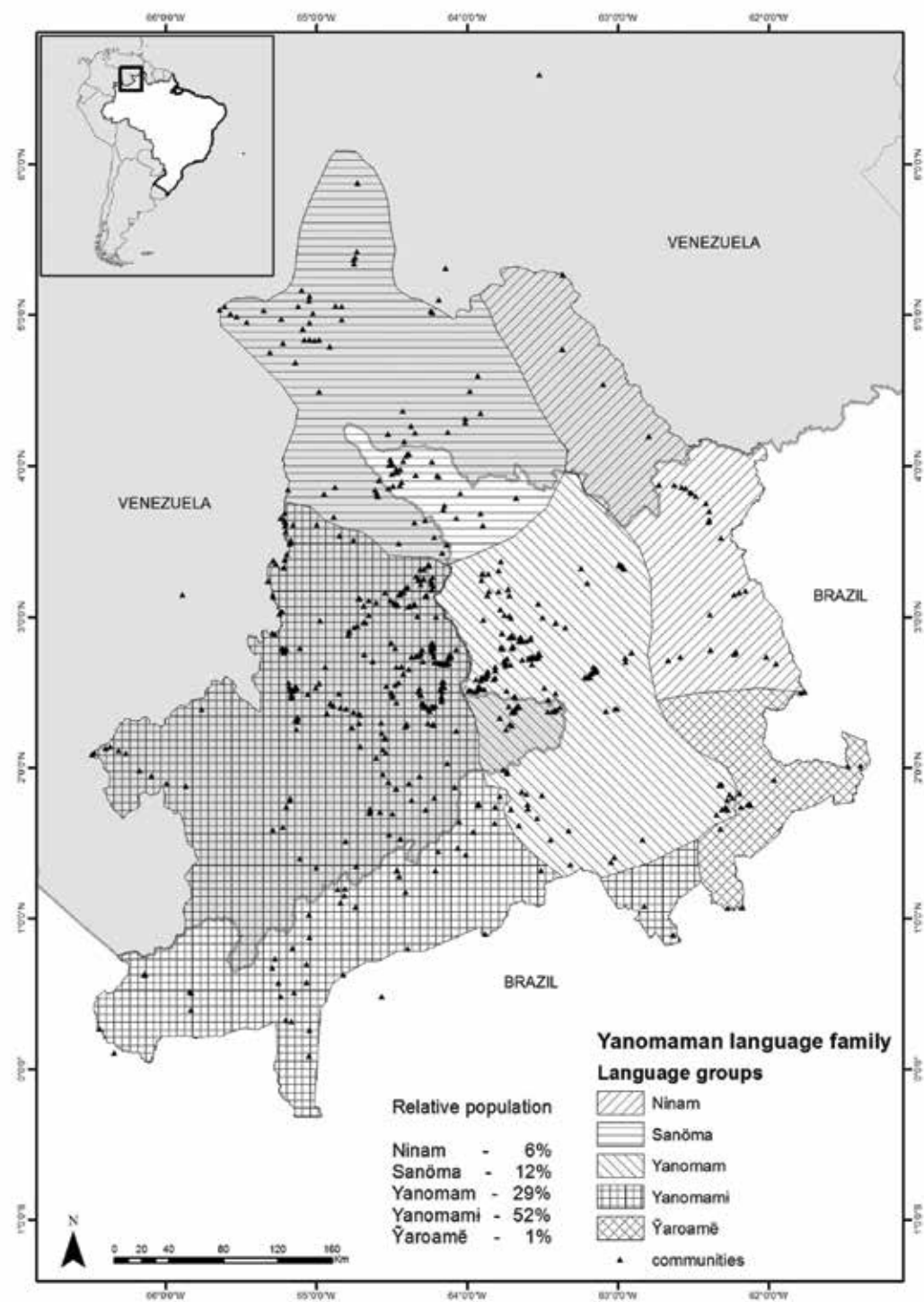
Essas propostas intermediárias, ainda que fossem de modo geral bem aceitas pela comunidade científica – tanto o Glottolog como o Ethnologue têm códigos individuais para cada uma das cinco línguas da proposta de Ferreira (2011) –, nunca obtiveram, entretanto, aprovação plena da comunidade linguística yanomami.

Mapa 1.2  
A diversidade da família Yanomami segundo Migliazza (1972)



Mapa 1.3  
A diversidade da família Yanomami segundo Ramirez (1994a, 1999)

Mapa 1.4  
A diversidade da  
família Yanomami  
segundo Ferreira  
(2011, 2017)



## 1.2. Por que tantas visões diferentes? – Dificuldades metodológicas e conceituais

A principal razão para essas divergências, principalmente entre linguistas e não linguistas, está provavelmente na conhecida polissemia da palavra “língua”. Há palavras da linguística que pertencem só aos linguistas. “Fonema”, “morfema”, “clítico”, variações “diatrática”, “diatópica” e “diafásica”, estão entre os muitos conceitos que os linguistas confortavelmente elaboram e empregam em seu ofício, sem que isso gere muito debate com a sociedade em geral, quanto mais embate. “Língua”, por outro lado, é uma palavra de todos, linguistas e não linguistas. Ademais, ainda que seja um conceito central para a Linguística, “língua” é um conceito obviamente anterior a ela e dela independente. Todos os povos do mundo elaboram em algum grau essa noção, frequentemente utilizando parâmetros muito diversos daqueles estritamente linguísticos.

A história de cada povo e questões político-territoriais e de identidade de grupo, étnica ou nacional, por exemplo, entram muitas vezes decisivamente nas formulações êmicas desse conceito que é, não raramente, ele mesmo central na formação identitária desses povos. “Somos um povo diferente porque falamos uma língua diferente” ou “Falamos uma língua diferente porque somos um povo diferente” são articulações conceituais possíveis e legítimas nesse contexto. A afirmação do galego da Espanha como língua distinta do português de Portugal é um exemplo de como fatores extralinguísticos (no caso específico, históricos e políticos) podem influenciar na percepção da diversidade linguística.

Do ponto de vista puramente linguístico, entretanto, talvez o critério preferido para identificar uma língua e distingui-la de outra seja o grau de inteligibilidade (entendimento mútuo) entre essas variedades. Tomando a definição elementar de “língua” como um sistema de articulação de sons significativos com a função primordial da “co-

municação”, se não existir comunicação entre duas pessoas quando elas utilizam suas línguas maternas – ou se existe com muita dificuldade, e somente com o suporte de recursos paralinguísticos, como a comunicação gestual –, então é provável que essas duas pessoas falem duas línguas distintas, i.e., que são dois sistemas de comunicação diferentes. Em outras palavras, se duas pessoas não compreendem o que dizem uma para a outra, elas então não estão falando a mesma língua, mas línguas diferentes. Por outro lado, se essas duas pessoas se entendem, cada uma falando a variedade de língua que aprendeu em casa, elas então compartilham a mesma língua.

A aparente simplicidade conceitual dessa definição esconde, entretanto, enormes dificuldades metodológicas para sua aplicação. A primeira delas está relacionada precisamente aos meios de medição do quanto cada pessoa entende do que a outra está falando. Não é tarefa ordinária verificar “objetivamente” essa compreensão, eliminando os possíveis fatores que causam ruídos nos resultados da pesquisa, em particular quando realizada entre grupos indígenas de recente contato, como pouca familiaridade com questionários e procedimentos experimentais. A dificuldade é ainda aumentada pelo estado de subdescrição e subdocumentação em que se encontram muitas dessas variedades indígenas, incluindo as línguas da família Yanomami. Assim, ainda que a inteligibilidade seja um parâmetro crucial para os linguistas na determinação da diversidade linguística, frequentemente não pode ser mensurado de maneira direta por eles, que muitas vezes dependem dos relatos de experiências pessoais e da autoavaliação dos falantes sobre esse entendimento.

Outra maneira de se contornarem os desafios de uma avaliação direta da inteligibilidade mútua é pelo estudo comparativo do léxico e das estruturas gramaticais de duas (ou mais) variedades

8. No Brasil, o termo “gíria” assumiu esse significado pejorativo: “gíria de índio”, “gíria de bugre”, “gíria de caboclo”.

consideradas. Um estudo desse tipo parte do pressuposto, quase sempre verificável, de que uma razão óbvia para que duas línguas não sejam compreensíveis entre si sejam as diferenças existentes em seu vocabulário e gramática. Em outras palavras, a um baixo grau de inteligibilidade entre duas variedades de língua corresponde também um baixo grau de cognatos entre essas variedades ou diferenças importantes em sua fonologia e morfossintaxe, ou ambos. Ou ainda, existe uma correlação negativa entre o grau de diferenças léxico-gramaticais de duas variedades de língua e o grau de inteligibilidade de ambas. Assim, estudar e enumerar as diferenças no vocabulário e na gramática de duas variedades é um meio de acessar os fundamentos de sua alta ou baixa inteligibilidade.

Deve-se ser notado, entretanto, que esse estudo comparativo muitas vezes não proporciona os elementos suficientes para determinar com segurança o entendimento mútuo de duas variedades e, assim, se correspondem a duas línguas distintas ou não. Não é simples decidir o quanto uma variedade precisa ser diferente da outra para que seja considerada uma língua distinta. Qual é a taxa mínima de cognatos necessária para preservar a compreensão entre duas variedades? 70%, 80%? Afinal, sabemos que existem, por diversas razões, variações nas línguas sem que haja prejuízo ao pleno (ou quase pleno) entendimento. O português do Rio de Janeiro tem características nitida-

mente diferentes daquele falado em Sergipe, que também é diverso da variedade do Pará, São Paulo ou Paraná. Todos os falantes dessas variedades de português, entretanto, conseguem travar uma longa conversa entre si, sem que as mencionadas diferenças linguísticas sejam obstáculos relevantes para a comunicação. Na verdade, qualquer ruído eventual na comunicação entre esses falantes, como uma palavra desconhecida por algum deles, pode frequentemente ser corrigido ou desfeito com o uso mesmo da língua, seja pelo uso de um sinônimo presumivelmente conhecido por todos, seja pela explicação metalinguística do significado daquela palavra. Isso mostra que estão compartilhando de um mesmo sistema.

De toda forma, é justamente nessa articulação entre reconhecimento de diferenças linguísticas e manutenção de inteligibilidade que se insere outro conceito-chave para discutir diversidade linguística: “dialeto”. Muitos linguistas evitam essa palavra pelos significados impróprios e até mesmo pejorativos que o termo assumiu no senso comum, como no espanhol da América Latina, em que o termo pode designar uma espécie de sublíngua primitiva, “sem gramática”, e frequentemente associado às línguas indígenas americanas<sup>8</sup>, ou como no italiano, em que o uso generalizado do termo obscurece a real diversidade das línguas ítalo-romanas, e variedades evidentemente distintas do italiano-padrão (florentino), como o napolitano ou o

siciliano, considerados dialetos daquela língua nacional<sup>9</sup>. Os linguistas do Instituto Nacional de Lenguas Indígenas (Inali) do México estão entre os que aboliram por completo o uso do termo “dialeto”, preferindo adotar palavras mais neutras como “variedades” ou “variantes linguísticas, presentes ao longo de todo o *Catálogo de las Lenguas Indígenas Nacionales* (Diário Oficial 2008), algo similar ao Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) do Brasil.

Ainda que muito justificável a cautela com a palavra “dialeto”, e mesmo seu rechaço absoluto no contexto mexicano, devem-se notar as possíveis perdas conceituais com a preferência por palavras mais “neutras”. “Dialeto”, além de ser um termo de imediato reconhecimento (conhecido por todos, tanto na Linguística como fora dela), tem um uso técnico bastante claro e específico: é uma palavra imediatamente “relacional”, que insere uma determinada variedade de fala, característica de um grupo falante, dentro de um conjunto maior de variedades diversas entre si, mas mutuamente inteligíveis. Quando falamos do dialeto carioca ou do dialeto baiano, por exemplo, estamos necessariamente nos referindo à língua portuguesa como um todo, inevitavelmente destacando alguma diferença ou semelhança daquela variedade com outra variedade do português. Afinal, quem fala um dialeto fala também uma língua, e vice-versa. A aplicação do termo “dialeto”, assim, permite articular

simultaneamente os conceitos de “diversidade” e “unidade linguísticas”, oferecendo atalhos para a caracterização de uma família linguística.

O termo “variedade linguística” certamente não tem esse aspecto relacional e “variante”, ainda que possivelmente relacional, não é um termo técnico exclusivo dos linguistas e nem por eles unanimemente consagrado, o que dificulta seu uso sem prévia e explícita definição. Assim, e considerando que a palavra “dialeto” não possua em português a mesma carga negativa que tem em espanhol (ou se a tem, é bem menor), nem um notório mau uso político associado, como em italiano ou em chinês, nossa equipe de pesquisa decidiu por manter o uso do termo neste diagnóstico. Essa decisão se relaciona também ao entendimento construído ao longo de nossa pesquisa de que parte das discrepâncias entre as representações êmicas e técnicas da diversidade linguística Yanomami tem seu fundamento justamente na falta de articulação apropriada do conceito de “dialeto”, seja por cuidado excessivo ou simples desconhecimento.

Veremos na próxima seção que a introdução desse conceito no debate intercultural sobre essa diversidade Yanomami, sublinhando sua ligação relacional com o conceito de “língua”, foi fundamental para chegarmos ao atual desenho do mapa da diversidade das línguas Yanomami no Brasil, conforme proposto por esta pesquisa.

9. O mesmo se passa na China, em que línguas distintas como o mandarim e o cantonês são tratadas como dialetos.

### 1.3. Metodologia utilizada neste diagnóstico

10. Infelizmente, por razões de logística, nem todos os pesquisadores convidados puderam participar de todas as oficinas de formação ao longo do projeto. Em particular, o pesquisador convidado do Baixo Catrimani para duas oficinas participou apenas parcialmente de uma delas, razão pela qual poucos dados foram coletados sobre a língua dessa região.

11. Foi proposta ao grupo a interinteligibilidade como o parâmetro definidor de “língua”.

Nesta seção apresentamos a metodologia de pesquisa intercultural adotada para a realização do diagnóstico da diversidade da família Yanomami. Buscou-se integrar de maneira consensual e informada as diversas percepções emitidas acerca desse tópico. Nesse sentido, foi fundamental a parceria com as cinco associações Yanomami – Hutukara, Ayrca, Kurikama, Texoli e Hwenama –, que indicaram pesquisadores indígenas (todos professores ou ex-professores que trabalham com a língua materna em escolas de suas comunidades) para integrar nossa equipe e participar das atividades de pesquisa e formação realizadas pelo projeto. A Tabela 1.1 apresenta os nomes dos nove pesquisadores indicados pelas associações yanomami.

Ainda foram convidados sete pesquisadores de outras regiões da TIY, de maneira que a composição final da equipe de pesquisadores yanomami refletisse mais proximamente a diversidade linguística defendida pelas versões yanomami até então conhecidas.

Os 15 pesquisadores indicados e convidados se somaram à equipe não indígena do projeto, formada por um linguista, uma antropóloga e um geógrafo. Essa equipe multilíngue participou de três oficinas de formação<sup>10</sup> em Linguística ao longo de um ano e meio, em que foram apresentadas e debatidas as di-

versas representações externas da diversidade linguística Yanomami, assim como levantadas as várias percepções elaboradas pelos falantes nativos sobre ela. Tendo as representações conflituosas como ponto de partida, foram introduzidos – e muito debatidos também – conceitos-chave da dialetologia, sociologia e linguística histórica, como “língua”, “dialeto”, “inteligibilidade mútua”, “família linguística”, “bilinguismo”, “protolíngua”, “cognato”, entre outros.

A discussão desses conceitos foi subsidiada, por um lado, por dinâmicas experimentais de verificação indireta da inteligibilidade mútua das diferentes variedades linguísticas yanomami, e, por outro lado, pela análise comparativa do léxico e de algumas estruturas gramaticais das diversas línguas Yanomami.

As dinâmicas de inteligibilidade foram cruciais para a definição de “língua” em nossa pesquisa, oferecendo um parâmetro pessoalmente verificável aos pesquisadores nessa conceituação. Para discutir inteligibilidade, cada pesquisador yanomami foi solicitado a avaliar o entendimento das outras 12 variedades de Yanomami ali representadas em nossa equipe multilíngue de pesquisa. Os pesquisadores foram convidados a terem pequenas conversas entre si, principalmente entre os que pouco se conheciam, usando apenas sua língua<sup>11</sup> materna, sem acomoda-

Tabela 1.2 • Pesquisadores voluntários da equipe de pesquisa

Pesquisador yanomami	Língua	Região
Albino Xiriana	Ninam (Xiriana)	Ericó
Raimundo Yanomami	Yãnoma (Waíka)	Baixo Catrimani
Rafael Wanari	Yanomami	Parawaú
Ricardo Yanomami	Yanomami	Palimiú
Alfredo Himotona	Yanomama	Papiú
Márcio Hesina	Yanomami	Haxiú

dações ou facilitações de nenhum tipo, e evitando recorrer a recursos não linguísticos (gestos principalmente), estrangeirismos do português ou de outra língua Yanomami. Numa escala de 0 a 10, cada pesquisador avaliou o entendimento que ele próprio alegava ter em relação a cada uma das outras 12 variedades. Depois, numa espécie de experimento mental, os pesquisadores foram chamados a avaliar o entendimento que supostamente teria um falante nativo de sua mesma variedade linguística, e que nunca ou pouco tivesse saído de sua comunidade, não tendo assim muito contato com outras variedades de Yanomami.

A distinção entre os dois tipos de falantes (pesquisadores e falantes “não viajados”) foi importante porque, como mencionando anteriormente, todos os pesquisadores participantes são ou já foram professores em suas comunidades e assim têm algum conhecimento das demais variedades de Yanomami, principalmente por terem participado de cursos de formação ou encontros políticos que geralmente envolvem falantes dessas outras variedades, como reuniões do território etnoeducacional, Conselho de Saúde, assembleias das associações, etc. De fato, houve grande diferença entre as avaliações apresentadas para os dois tipos falantes, o que ensejou a discussão sobre bilinguismo, os diferentes tipos de bilinguismo e sua relação com a identificação e representação da diversidade linguística de um território. Foram considerados 1) o bilinguismo individual, de uma ou duas pessoas em uma comunidade que isoladamente sabem uma outra língua, ou por serem parentes próximos de falantes dessas outras línguas (filho, neto, primo...), ou por viajarem frequentemente, ou ainda por estudarem, como

era o caso de muitos pesquisadores, 2) e o bilinguismo coletivo ou generalizado em uma determinada região, resultado da história de relações sociopolíticas próximas com seu entorno linguístico. A discussão acerca desses conceitos possibilitou a identificação de diversas zonas de bilinguismo na TIY, que serão apresentadas na seção 1.5, mais à frente.

De toda forma, a avaliação de inteligibilidade dos falantes “não viajados” atribuída pelos pesquisadores serviu de ponto de partida para a elaboração do primeiro mapa das línguas Yanomami no contexto de nosso projeto. Foi estipulado que as variedades que apresentavam inteligibilidade “mútua” acima de 70%-75% – isto é, nos casos em que tanto a pessoa falante da variedade A entende mais de 70%-75% do que era dito pela pessoa falante da variedade B, como o inverso também – pertenciam à mesma língua, sendo, portanto, dialetos da mesma língua. Quando duas variedades apresentavam índices de entendimento inferiores a 70%-75% eram consideradas como línguas diferentes.

Casa coletiva de Watorikí, onde foram produzidos vários livros em língua Yanomam



Ana Maria Machado/ISA, 2010

Tabela 1.1 • Pesquisadores yanomami indicados pelas associações yanomami

Pesquisador	Língua	Região	Associação
Marinaldo Sanõma	Sanõma	Awaris	Hutukara
Emerson Ninam	Ninam	Baixo Mucajá	Tixori
Mana Yaroamë	Yaroamë	Serra do Pacu	Hutukara
Armindo Góes	Yanomami/ Yanonami	Maturacá	Ayrca
Roni Raitatëri	Yanomami/ Yanonami	Marauiá	Kurikama
Alfredo Himotona Yanomama	Yanomama	Papiú	Hutukara
Mozarildo Yanomami	Yanomae	Missão Catrimani	Hutukara
Ehuana Yaira	Yanomae	Demini	Hutukara
Xaporita Douglas	Yanomami	Surucucu	Hwenama

12. Lista de 340 palavras do Museu Paraense Emílio Goeldi para coleta de dados em línguas amazônicas, e adaptada para o contexto yanomami.

13. Lista modificada de 600 frases elaboradas por Yonne de Freitas Leite (1980) para elicitación de traços gramaticais gerais.

Os resultados preliminares dessa dinâmica foram revisados e refinados ao longo do projeto em muitas ocasiões, algumas delas fora do contexto das oficinas de formação – como na Casa de Saúde Indígena (Casai), na elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) da TIY e em reuniões na cidade com as associações yanomami –, e frequentemente envolvendo outros falantes além dos pesquisadores, como diretores das associações, lideranças e conselheiros regionais, professores, agentes de saúde e até pacientes e acompanhantes. Esse trabalho de refinamento do mapa isoglótico da família Yanomami no Brasil ainda foi complementado pelas informações e análises oferecidas por alguns pesquisadores e profissionais de campo acerca da inteligibilidade das variedades Yanomami. Seguimos sempre essa chave de identificação proposta: “se não há entendimento, são línguas diferentes, e se há entendimento, trata-se da mesma língua, possivelmente de dialetos diferentes”. Com isso, nossa equipe multilíngue e multidisciplinar de pesquisa chegou à representação da diversidade linguística Yanomami conforme apresentada no Mapa da Diversidade das Línguas Yanomami no Brasil, presente na primeira orelha deste livro, e descrita na seção 1.4, abaixo.

Paralelamente a esse exercício subjetivo de avaliação de entendimento, foi realizada a coleta de dados lexicais e gramaticais das variedades maternas dos pesquisadores participantes. Ao todo, a equipe multilíngue recolheu listas de palavras<sup>12</sup> de 14 variedades de língua Yanomami, e listas de frases<sup>13</sup> de 11 variedades Yanomami.

A análise comparativa dessas listas permitiu levantar traços característicos de cada variedade, fornecendo elementos objetivos à equipe de pesquisadores para discutir a divisão isoglótica proposta pelo projeto, tanto em línguas como em dialetos. Mapas de distribuição das palavras e

traços gramaticais pela TIY foram produzidos (ver Anexos ao capítulo 3) e comparados com o mapa das línguas e dos dialetos da família Yanomami. A análise ainda incluiu algumas comparações com as línguas da família Karib (Ye'kuana, Macushi, Taurepang...), da família Arawak (Guinaú, Yabarana, Wapichana...) e o português, fundamentando a discussão acerca dos graus de diferença entre as línguas, de conceitos como família linguística e protolíngua, e mais especificamente o proto-Yanomami, contatos cultural e linguístico, empréstimo linguístico, entre outros. No capítulo 3, algumas dessas análises são apresentadas.

A conceituação de proto-Yanomami, como era de esperar, levou à inevitável menção à Serra Parima e arredores como lugar de morada ancestral dos grupos yanomami, versão corroborada pela história oral das comunidades yanomami no Brasil. De fato, todos os pesquisadores de nossa equipe que não moram nas regiões montanhosas centrais da TIY traziam consigo a informação de que em algum momento da história, em alguns casos em um passado remoto e em outros recente, seus antepassados haviam migrado das serras para outras regiões. Esses relatos êmicos sobre a mobilidade yanomami foram complementados com uma revisão da bibliografia e da cartografia regional sobre esses movimentos. A revisão bibliográfica foi sistematizada e depois discutida com os pesquisadores durante as oficinas, resultando na elaboração de um mapa histórico das migrações recentes dos diversos grupos yanomami (ver capítulo 2). De todas as maneiras, o estudo das migrações proporcionou à equipe de pesquisa os elementos fundamentais para entender a atual distribuição da diversidade da família Yanomami pela TIY. Aspectos desse estudo sobre as migrações yanomami, em particular sua relação com a diversidade linguística da família Yanomami, são apresentados no capítulo 2.

## 1.4 As línguas e dialetos da família Yanomami – Resultados deste diagnóstico

Nossa pesquisa identificou no Brasil a existência de seis línguas da família Yanomami e dezesseis dialetos.

O Yanomam (Yanomae, Yanomama ou Yanomami) é a língua Yanomami mais falada atualmente no país. Os quatro principais dialetos da língua (Yanomami das Serras Norte, Yanomami das Serras Central, Yanomama das Serras Sul e Yanomae) têm no total cerca de 11.900 falantes (Sesai 2016), que vivem, em sua maioria, na região central, centro-leste e sul da TIY, majoritariamente em Roraima. A língua Yanomam é também a língua da família com o maior número de falantes não nativos e vem se configurando como língua franca entre os Yanomami no Brasil, como veremos mais à frente.

A segunda língua Yanomami com mais falantes no Brasil é o Yanomami ou Yanonami, com cerca de 8.500 falantes, residentes principalmente no Estado do Amazonas, além de pequenos grupos que vivem nas regiões das serras em Roraima, na fronteira com a Venezuela, em estreita relação com os Yanomam do Brasil. É a língua Yanomami mais falada na Venezuela. A língua apresenta três dialetos no Brasil: o Yanomami do Oeste ou Yanonami, o Yanomami do Médio Rio Negro e o Yanomami das Serras. As línguas Yanomam e Yanomami guardam muita semelhança entre si.

O Sanõma conta com aproximadamente 3.100 falantes, vivendo no extremo noroeste da TIY, na fronteira com a Venezuela. É a terceira língua Yanomami mais falada dentro da TIY. Existe consenso entre os falantes nativos de outras línguas Yanomami de que o Sanõma seria a língua que apresenta o maior grau de diferenciação em relação às demais línguas Yanomami e assim é considerada aquela de mais difícil compreensão. No Brasil, existe um grande dialeto de Sanõma, falado na maioria das comunidades na região de Awaris, e outros dois dialetos minoritários falados apenas em duas comunidades, ou grupos de comunidades, na fronteira.

O Ninam, com cerca de 1.700 falantes que vivem na porção leste da TIY, é falado apenas em Roraima e é a quarta língua da família mais praticada no Brasil. O Ninam tem três dialetos no Brasil: Ninam do Norte, Ninam Central e Ninam do Sul.

As outras duas línguas da família, o Yaroamë e o Yãnoma, são faladas somente no Brasil, nas regiões leste e sudeste da TIY, apenas no Estado de Roraima. A língua Yaroamë é falada por aproximadamente 420 pessoas e a língua Yãnoma, por cerca de 130 pessoas. Enquanto o Yaroamë apresenta dois dialetos (o da Serra e o da Baixada), o Yãnoma é uma língua formada por apenas um dialeto.

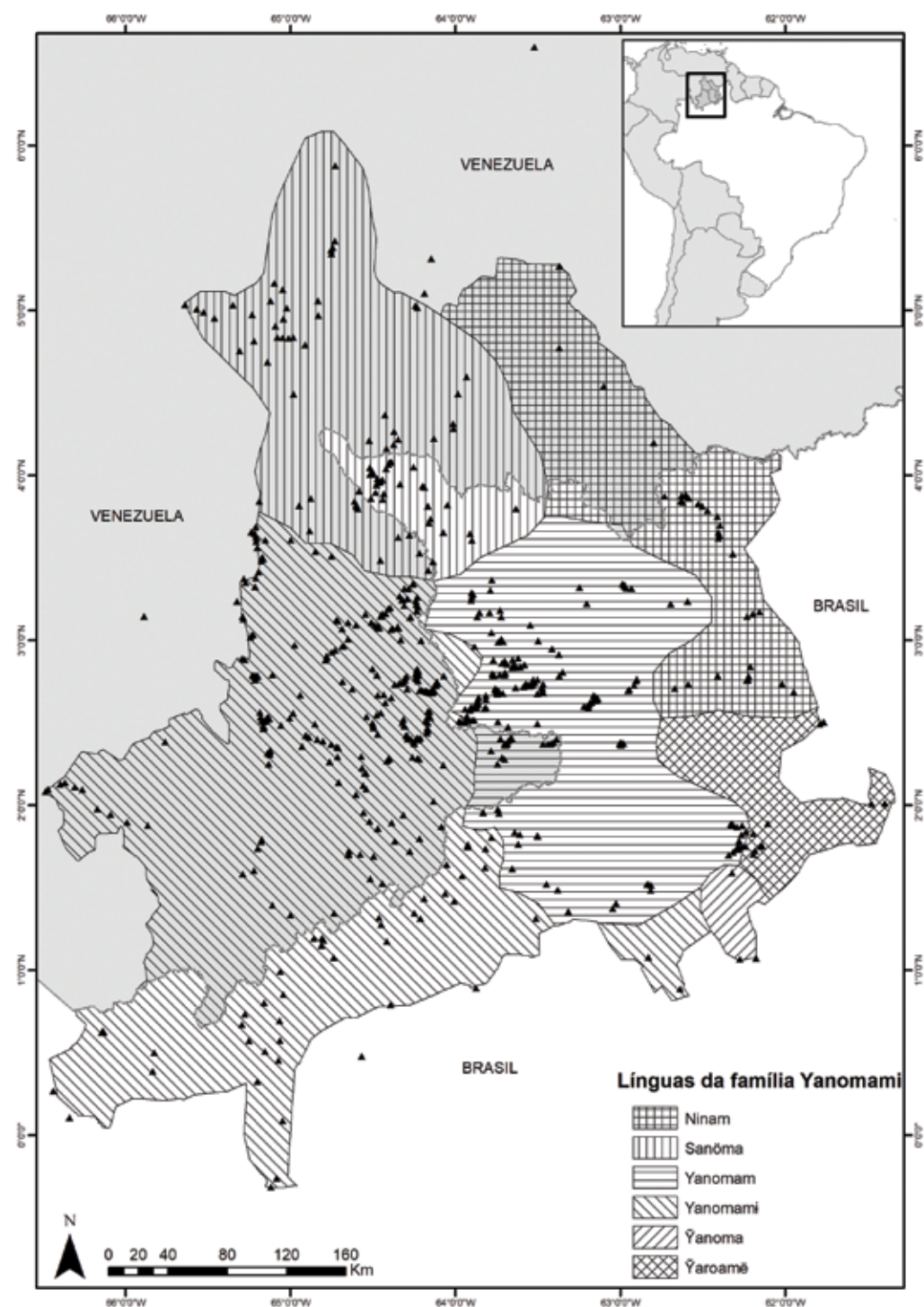
Cinco das seis línguas identificadas por nossa equipe de pesquisa já constavam nos dois principais catálogos de línguas do mundo, o Glottolog e o Ethnologue. Apenas o Yãnoma ainda não possui esse reconhecimento.

Por falta de dados mais precisos e atualizados sobre a diversidade da família Yanomami na Venezuela, tanto no que se refere à população, ao número de comunidades e sua distribuição geográfica, nossa pesquisa se deteve apenas na identificação das variedades Yanomami faladas no território brasileiro. A qualidade dos dados populacionais disponíveis atualmente sobre os grupos yanomami na Venezuela deixa bastante a desejar e necessita de atualização. Além disso, não é de conhecimento de nossa equipe qualquer estudo dialetológico abrangente sobre a família Yanomami na Venezuela. Não nos aventuramos, portanto, a estender as isoglossas dialetais para além das fronteiras do Brasil, assim reconhecendo que ainda ignoramos grande parte da diversidade dialetal geral da família. Estamos relativamente seguros, no entanto, dos grandes traços que apresenta esse mapa de isoglossas, quer dizer, ao menos conhecemos a distribuição geográfica aproximada das línguas Yanomami no país vizinho, conforme o Mapa 1.5.

Mulheres yanomami carregam cestos com lenha na região de Surucucu



Mapa 1.5  
As línguas  
da família  
Yanomami  
no Brasil e  
na Venezuela



Nas seções seguintes apresentaremos informações específicas sobre cada uma das seis línguas Yanomami consideradas nesta pesquisa. Para iniciar a apresentação partimos dos parâmetros metodológicos proposto pelo Iphan no manual do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), indicando alguns dados básicos sobre cada uma das línguas: *Glottcode*, *ISO code*, nomes aceitos pela comunidade, nomes a serem evitados, número aproximado de falantes no Brasil e

na Venezuela, regiões em que a língua é falada, dialetos falados no Brasil. Em seguida, descrevemos o contexto sociolinguístico das regiões relacionadas a cada um dos grupos falantes, partindo de informações mais gerais para dados específicos sobre as variações dialetais.

Notamos que, no entanto, há um claro desequilíbrio entre a quantidade de informações disponíveis sobre cada uma das regiões abordadas, que variam de acordo com a quantidade de pesquisas

já realizadas e a intensidade da presença de não indígenas na região. Esse desequilíbrio fica claro no decorrer do texto, o que aponta também para locais onde há maior necessidade de investigações aprofundadas.

Encontraremos nas próximas páginas, ao longo da apresentação sobre cada língua, vários textos sucintos, apresentados em boxes, que falam sobre alguma particularidade ou informação importan-

te sobre a língua ou seus falantes: questões ortográficas, situações de bilinguismo, origens de etnônimos, língua franca e neologismos são alguns dos temas tratados. Para a ordem de apresentação optamos por seguir a sequência em que os grupos presumivelmente saíram da Serra Parima em direção às Terras Baixas, segundo o que se deduz da tradição oral e da literatura, como veremos com mais detalhes no capítulo 2.

14. Seguindo a ortografia yanomami e a tradição ortográfica regional, alguns topônimos não receberam acento ortográfico, mesmo quando a norma do português assim o recomendaria, como nos casos de Homoxi (Homôxi), Catrimani (Catrimâni) e Parahuri (Parahúri).

Tabela 1.3 • Línguas e dialetos da família Yanomami no Brasil<sup>14</sup>

Língua	Glottcode	ISO-639-3	População-Língua	Dialetos	Regiões	População-Dialeto
Yanomami ou Yanonami	yano1261	guu	8.691	Yanomami das Serras	Xitei (comunidades: Simoko, Putha, Rasimu, Wanakiki, Ketaa) e Surucucu (comunidade de Kataroa)	333
				Yanomami do Oeste ou Yanonami	Maraiú, Maturacá, Bicho-Açu, Marari, Ajuricaba, Maiá, Inambu	6.773
				Yanomami do Médio Negro	Padauri, Parawaú	1.585
Yanomam ou Yanomae ou Yanomama ou Yanomami	yano1262	wca	11.741	Yanomae ou Yanomam das Baixadas	Demini, Toototopi, Missão Catrimani, Novo Demini	2.273
				Yanomama ou Yanomami das Serras Sul	Xitei, Homoxi, Haxiú, Papiú, Kayanaú, Alto Catrimani, Palimiú	5.672
				Yanomami das Serras Central	Surucucu e Arathaú	1.364
				Yanomam das Serras Norte	Parafuri, Waputha e comunidade de Polasai/ Polapi (Awaris)	2.437
Sanõma	sano1240	xsu	3.164	Sanõma de Awaris	Awaris	2.955
				Sanõma de Aracaçá	Comunidade de Aracaçá	29
				Sanõma de Hokomawã	Comunidade de Hokomawã	180
Ninam	nina1238	shb	1.674	Ninam do Norte ou Xiriana ou Ninam do Ericó	Ericó e Saúba	673
				Ninam do Sul ou Ninam do Mucajá	Alto Mucajá e Baixo Mucajá	862
				Ninam Central ou Ninam do Uraricoera	Uraricoera	139
Yãroamẽ	yaro1235	yro	359	Yãroamẽ da Serra (Opiki)	Serra do Pacu (Missão Catrimani)	143
				Yãroamẽ da Baixada (Yawaripẽ)	Ajarani, Apiaú	216
Yãnoma	*	*	178	Yãnoma do Baixo Catrimani	Baixo Catrimani, Missão Catrimani (comunidade de Rasasi)	178

## 1.4.1. Língua Sanöma

**Glottocode:** sano1240

**ISO 639-3 code:** xsu

**Outros nomes aceitos pelas comunidades falantes:** (sem registro)

**Nomes usados na literatura:** Sanima, Sanumá, Sanema, Sanöma

**Nomes para se referir à língua ou ao povo a serem evitados:** Xirixana

**Número aproximado de falantes no Brasil:** 3.164

**Número aproximado de falantes na Venezuela:** 1.444

**Regiões da TIY em que é falada (só no Brasil):** Awaris

**Principais dialetos falados no Brasil:** Sanöma de Awaris (3.000 falantes), Sanöma de Hokomawä (180 falantes), Sanöma de Aracaçá (30 falantes)

O Sanöma é a terceira língua Yanomami mais falada no Brasil e a segunda mais falada entre os Yanomami da Venezuela. É também a língua da família Yanomami considerada menos inteligível pelos falantes das outras variedades linguísticas.

Todos os Sanöma que vivem no Brasil falam a língua nativa e pouquíssimos falam o português como segunda língua. Alguns Sanöma de Awaris entendem o Yanomami ou têm certa familiaridade com a língua de seus vizinhos (por eles chamados de *Samathali tili töpö*), que vivem na Venezuela, e com os quais alguns Sanöma mantêm poucas relações de trocas. Esses encontros e trocas geralmente acontecem durante expedições feitas pelos Sanöma até comunidades distantes na Venezuela, ou cidades do país vizinho onde há grandes fluxos de indígenas, como La Esmeralda e Puerto Ayacucho, ou ainda, durante campeonatos de futebol transfronteiriços realizados entre indígenas que vivem na região noroeste da fronteira do Brasil com a Venezuela. O contato dos Sanöma com outras línguas Yanomami acontece também na cidade de Boa Vista, onde frequentemente há a presença de alguns Sanöma em tratamento de saúde, lideranças políticas participando de reuniões ou mesmo intérpretes Sanöma-português que trabalham em hospitais da capital ou na Casai.

É possível encontrar um maior número de Sanöma bilíngues, falantes do português ou outra língua da família Yanomami, nas comunidades Sanöma mais populosas da região, como Kolulu, Katonaú e Asikamaú – todas localizadas próximas à pista de pouso. Menos de 10% da população dessas comunidades sabe falar português, sendo que naquelas aldeias mais distantes da pista esse índice é ainda consideravelmente menor (Autuori 2013).

Embora aproximadamente 98,5% dos Sanöma no Brasil falem o mesmo dialeto, difundido praticamente por toda a região de Awaris, existem duas pequenas áreas onde são falados outros dois dialetos: o Sanöma de Hokomawä e o Sanöma de Aracaçá – ambos muito presentes na Venezuela.

A partir do ano de 2017, um grupo sanöma iniciou o processo de mudança para uma região agora chamada Kerekorema, às margens do Rio Uraricoera. Esse é o primeiro deslocamento que conhecemos feito pelos Sanöma no Brasil para uma região mais distante do Rio Awaris. Nesse movimento de mudança, os Sanöma têm construído aliança com os Yanomam de Palimiú, o que poderá gerar novas dinâmicas sociais e arranjos linguísticos inovadores.



Edson Sato, 2010

Comunidade sanöma na região de Awaris

### 1.4.1.1. Dialeto Sanöma de Awaris

Awaris fica a duas horas de voo da cidade de Boa Vista. Vista desde o avião, sua paisagem chama a atenção pela presença de uma pista de pouso asfaltada com 1,2 quilômetro de extensão, percebida após longas horas de voo sobre a floresta amazônica. Ao redor da pista é possível ver vários roçados, pequenas construções, um pelotão do Exército, um posto de saúde e, ao fundo, montanhas altas que marcam a fronteira entre Brasil e Venezuela. O 5º Pelotão Especial de Fronteira (5º PEF), que fica às margens da pista, foi instalado na região em 1995 e é subordinado ao 7º Batalhão Infanteria de Selva (7º BIS). No pelotão há a presença constante de cerca de 60 militares, possui internet e um telefone público. O posto de saúde de Awaris e o pequeno hospital ficam do lado oposto ao pelotão. Ali trabalha uma Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena (Emsi) com 12 profissionais (Silva 2017).

Atualmente é possível identificar cerca de 35 comunidades sanöma e ainda cinco comunidades ye'kwana<sup>15</sup>, que estão localizadas em um raio de até 30 quilômetros da pista de pouso. Essas comunidades se beneficiam direta ou indiretamente das mercadorias que chegam por essa pista e dos serviços que se concentram em seus arredores. Mas, da mesma forma, a alta densidade populacional em torno da pista tem provocado problemas de escassez de recursos naturais, impactando a qualidade de vida e a saúde dos indígenas que ali vivem.

A sedentarização de vários grupos próximos à pista, por sua vez, teve origem na década de 1950, quando os primeiros missionários da Missão Evangélica da Amazônia (MEVA) se instalaram na região, e foi se agravando com o paulatino aumento da presença de novas instituições não indígenas ao longo dos anos. Os missionários, primeiros não indígenas a se estabelecerem em Awaris, chegaram à região a convite dos Ye'kwana e dos Sanöma, quando estes realizavam longas expedições de canoa até a cidade de Boa Vista.

Em uma dessas expedições até a cidade, os indígenas conheceram o missionário norte-americano Donald Borgman, que até então havia trabalhado em uma missão na região de Surucucu. Interessa-

dos em acessar remédios e bens manufaturados, os indígenas solicitaram ao missionário ferramentas para que pudessem abrir uma pista de pouso próxima às suas comunidades<sup>16</sup>. A pequena pista foi aberta através de uma articulação entre o coronel Camarão, da Força Aérea Brasileira (FAB), e missionários da MEVA, utilizando somente mão de obra local. Em 1963, o comandante da 1ª Zona Aérea declarou a nova pista praticável. Em 1965 foi aberta oficialmente a Missão de Awaris na região, que contava também com um pequeno posto de saúde.

Na década de 1990, como parte do Projeto Calha Norte (PCN), a pista de pouso de 300 m foi ampliada para 1.200 m, sendo também asfaltada. A sua ampliação foi realizada pela Comissão de Aeroportos da Região Amazônica (Comara) e contou mais uma vez, com a mão de obra indígena. Logo em seguida, em 1995 foi concluída a implantação do 5º Pelotão Especial de Fronteira na região. E, nesse mesmo período, foi também construído um posto de saúde e um pequeno hospital às margens da pista de pouso, sob responsabilidade da Fundação Nacional da Saúde (Funasa), que assumiu ações na TIY na década de 1990.

Outras áreas menos populosas de Awaris são os vales dos Rios Walopiu e Ökopiú, onde alguns Sanöma vindos da Venezuela se estabeleceram mais tardiamente, se comparado às comunidades próximas da pista de pouso. Essas famílias migraram para a região atraídas pela perspectiva de conseguir assistência permanente à saúde e formaram comunidades como Hokolasimu e Katanã, que, se por um lado encontram menos dificuldades em ter acessos à caça, frutos e palha para coberturas de casas, por outro têm um menor acesso ao atendimento de saúde e bens manufaturados necessários para o uso cotidiano, como ferramentas de metal (Jabur, Oliveira e Le Torneau 2008).

Várias comunidades sanöma ficam à beira do Rio Awaris, sendo a Kolulu, Katonaú e Asikamaú as maiores no Brasil, e se valem de maneira mais direta dos benefícios obtidos pela proximidade da pista de pouso. Seguindo o rio a jusante encontra-se a cachoeira *Ala pola* (Cachoeira da Arara) e, logo depois, a comunidade de

**Regiões em que é falado:** Awaris

**Número aproximado de falantes:** 3.000

15. Tanto na região de Awaris como também em Waikás, os Sanöma dividem seu território com os Ye'kwana (grupo karib), com quem mantêm algumas relações de troca. Em Awaris, a população ye'kwana é de aproximadamente 440 pessoas.

16. Comunicação pessoal feita por Resende Maxipa Apiamö (Sanöma). Os Ye'kwana contam uma versão distinta da história da abertura da pista e a chegada dos missionários (Rocha 2008).



Moreno Saraiva Martins/ISA, 2011

Comunidade olomai na região de Awaris

Kalisi, em uma zona bem menos populosa e onde o Rio Awaris apresenta maior piscosidade. Mais abaixo, encontra-se a comunidade de Olomai, que fica 30 quilômetros rio abaixo da região da pista, próximo à boca do igarapé Olomai, afluinte esquerdo do Rio Awaris.

Além de Olomai, que é a maior e mais importante comunidade nessa área, existem ainda outras pequenas comunidades em seu entorno. A região foi ocupada primeiramente em 1978, quando uma família importante, formada pela união entre Sanõma e Ye'kwana, abriu uma pequena pista de pouso no local. Uma série de trágicos acontecimentos durante a invasão garimpeira na década de 1980 acarretou no assassinato da principal liderança local, o que levou o grupo sanõma-ye'kwana a abandonar a região. Apenas em 2007 Olomai foi reocupada pelos descendentes sanõma dessa família. Na última década a MEVA decidiu encerrar as atividades que vinha realizando nas imediações da pista de pouso de Awaris, para concentrar os trabalhos com os Sanõma somente em Olomai.

Há também outro conjunto de comunidades situadas nas cabeceiras do Rio Saulaú, local de serras próximo à fronteira com a Venezuela, distante cerca de quatro dias de caminhada da pista de Awaris. Na comunidade de Ôkiola, na região, há um pequeno posto de saúde e uma pista de pouso que foi aberta em 2007. A população local é de aproximadamente 312 pessoas, distribuídas em quatro comunidades. Os Sanõma que ali vivem são conhecidos como *Sikoi tili töpö*. Antes do contato com os brancos, estes grupos mantinham conflitos com muitos dos grupos sanõma que vivem hoje nos arredores da pista, conhecidos como os *Katimani tili töpö*. Os Sanõma da região mantêm relações com grupos sanõma da Venezuela e também com garimpeiros

que atuam naquele país. Recentemente, após um desentendimento interno, um pequeno grupo dos *Sikoi tili töpö* se mudou para próximo de Olomai, na comunidade de Anokoipu.

Os trabalhos de escolarização na região de Awaris foram iniciados pelos missionários da MEVA, em 1971, em língua materna, e com o objetivo traduzir a Bíblia para a língua Sanõma. Essa iniciativa se manteve de forma incipiente, com alguns períodos de descontinuidade, até os anos 2000, quando a Organização Não Governamental (ONG) Urihi Saúde Yanomami deu início ao trabalho de atendimento em Awaris, iniciando a formação de microscopistas, agentes indígenas de saúde (AIS) e professores. Nesse período, foram criadas seis escolas e iniciada a formação de professores locais. Após o fim das ações da Urihi Saúde, o trabalho de escolarização foi assumido pela Comissão Pró-Yanomami (CCPY), que deu continuidade à formação de um pequeno grupo de professores sanõma, prestando também assessoria às suas escolas. Por volta de 2005 as escolas locais foram assumidas pelo governo estadual, através de decreto da Secretaria de Educação de Roraima (SECD-RR), que reconheceu e criou três unidades, contratando os professores sanõma.

A partir de 2010 o ISA iniciou trabalhos de pesquisa intercultural em Awaris, tendo como tema principal a alimentação sanõma. Como resultado desse trabalho, já foram lançados dois livros que compõem a *Enciclopédia dos Alimentos Sanõma* e, em 2016, as comunidades, em parceria com a Hutukara e o apoio do ISA, deram início à comercialização de um mix de 15 espécies de cogumelos comestíveis consumidos pelos Sanõma, hoje comercializados em várias cidades brasileiras e no exterior.

Moreno Saraiva Martins/ISA, 2017

Cogumelo comestível *Siokoni amo* (*Panus* sp.) coletado pelos Sanõma e comercializado desde 2016



#### 1.4.1.2. Dialeto Sanõma de Hokomawä

O dialeto falado pelos Sanõma que vivem em Hokomawä difere daquele falado em praticamente toda a região de Awaris. É um dialeto originário da Venezuela – local de origem dos grupos que vivem ali. Os Sanõma de Hokomawä vivem próximos à linha da fronteira e mantêm estreitas relações de troca com outros grupos, em especial com aqueles conhecidos pelos Sanõma de Awaris como *Kopali tili töpö*.

Em Hokomawä vivem cerca de 180 Sanõma. A região fica a sudoeste da pista de pouso de Awaris, bem na fronteira com a Venezuela. Em 2011, após 20 Sanõma morrerem em consequência da malária, a comunidade passou a ser atendida pela Sesai, que construiu uma pequena pista de pouso na região. Pairavam dúvi-

das se Hokomawä estaria em território brasileiro ou não, e a frequência de atendimento a essas comunidades foi prejudicada pelo impasse. Em 2015, porém, o Tribunal Regional Federal (TRF) decidiu que a região deveria ser atendida pelo Estado brasileiro, a partir de uma estrutura instalada no lado brasileiro da fronteira, para onde os indígenas poderiam se deslocar em busca de cuidados médicos.

Nos últimos anos a região tem sofrido também com os impactos sanitários e socioeconômicos do garimpo ilegal, que acontece sobretudo na porção venezuelana. Há relatos de um garimpeiro da etnia Macuxi que vive já há alguns anos na região e é casado com uma mulher sanõma.

**Regiões em que é falado:** comunidade de Hokomawä (subpolo de Awaris)

**Número aproximado de falantes:** 180

#### 1.4.1.3. Dialeto Sanõma de Aracaçá

A pequena comunidade de Aracaçá, com cerca de 30 habitantes, fica a leste da região de Awaris<sup>17</sup>. Mantém relações de troca sobretudo com os grupos sanõma da Venezuela, na Bacia do Rio Caura, e com os Yanomami e os Sanõma de Polasai. Há muitos garimpeiros atuando na região próxima a essa comunidade, o que tem afetado a saúde e a organização socioprodutiva desse grupo. Estudos realizados pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em 2014 indicaram índices alarmantes de contaminação por mercúrio nessa população. Segundo a pesquisa, 92% das amostras analisadas em Aracaçá apresentaram índices de contaminação superiores aos recomendados pela Orga-

nização Mundial de Saúde (OMS 2016).

O difícil acesso à pequena comunidade de Aracaçá, devido à massiva presença de garimpeiros e a pouca relação que os Sanõma de Awaris mantêm com o grupo, são fatores que dificultam um maior conhecimento sobre a variante falada na região. Ao classificar a língua Sanõma falada ali como um dialeto diverso, baseados em inúmeros relatos dos falantes do Sanõma de Awaris, que conhecem as pessoas da região e identificam o dialeto falado por eles com sendo o mesmo falado pelos Sanõma que vivem na Venezuela, mais precisamente na Bacia do Rio Caura. É necessário ainda maior conhecimento e descrição sobre esse dialeto.

**Regiões em que é falado:** comunidade de Aracaçá (subpolo de Awaris)

**Número aproximado de falantes:** 30

17. Embora no mapa adotado pela Sesai Aracaçá esteja incluída na região administrativa de Waikás (Ye'kwana), optamos por expandir a região de Awaris um pouco a leste em nosso mapa, de forma a abranger todas as comunidades sanõma.

A comunidade sanõma de Aracaçá é severamente afetada pelas ações do garimpo ilegal



Marcos Wesley/ISA, 2014

### Box 1 • Polasai e Namöhu: dois casos de bilinguismo entre Yanomam e Sanöma

Ao sul da região de Awaris, próximo à região de Parafuri (onde se fala Yanomam), há um caso interessante de bilinguismo simétrico em curso entre Yanomam e Sanöma. Não sabemos estimar o tempo preciso, mas aproximadamente há uma ou duas décadas um grupo do Parafuri se deslocou ao norte de seu território, devido a conflitos internos.

Nesse movimento migratório fundaram a comunidade de Tiporei (ou Tipolei), muito próxima à comunidade Sanöma de Polasai, no Baixo Rio Awaris. Aos poucos, os laços entre os Sanöma de Polasai e os Yanomam de Tiporei foram se estreitando devido à localização e também ao fato de que ambos eram atendidos pelo mesmo posto de saúde. Começaram a se chamar mutuamente para os rituais funerários e alguns casamentos entre Sanöma e Yanomam aconteceram. Não sabemos se foi por pressão dos funcio-

nários de saúde ou algum motivo interno – ou quem sabe ambos – que, em 2016, as duas comunidades acabaram por se fundir em Polasai. Hoje experimentam uma situação de bilinguismo simétrico entre Yanomam e Sanöma. De acordo com algumas pessoas da região, todos em Polasai compreendem as duas línguas e várias pessoas sabem falar Sanöma e Yanomam. Além disso, nesse processo as pessoas têm mostrado a potência criativa de suas línguas e novas palavras têm surgido desse encontro, como por exemplo, a palavra que hoje adotam para ritual funerário: *xaponomowi*. Essa palavra tem clara origem no Sanöma (*saponomowi*), visto que em Yanomam a palavra usada é *reahu*. Porém, ao adotarem a palavra Sanöma, fizeram uso do fonema /x/ do Yanomam, por sua vez inexistente na língua Sanöma, na qual é representado por /s/.

Polasai não é o primeiro caso

de coabitação entre Sanöma e Yanomam do Parafuri. Na comunidade de Kalisi, há mais de duas décadas, vive um pequeno grupo yanomam que, ao fugir de um conflito com outros Yanomami – assim como ocorreu em Tiporei –, também seguiu ao norte, migrando para a região de Awaris e estabelecendo-se junto aos Sanöma de Kalisi. Apesar de morarem na mesma comunidade, os Yanomam podiam ser distinguidos pela tonsura – corte de cabelo comum entre os Yanomam das Seras – adotada por alguns homens do grupo. Hoje em dia, muitos desses Yanomam moram na comunidade chamada Namöhu e estão casados com mulheres sanöma. Neste caso, talvez por estarem cercados por várias outras comunidades Sanöma, a língua Yanomam tem sido cada vez menos falada pelo grupo e as crianças descendentes dos Yanomam que ali chegaram, falam hoje apenas o Sanöma.

#### Para saber mais sobre a língua Sanöma e seus falantes

Ramos, Alcida Rita. *Memórias Sanumá: espaço e tempo em uma sociedade Yanomami*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: UnB, 1990.

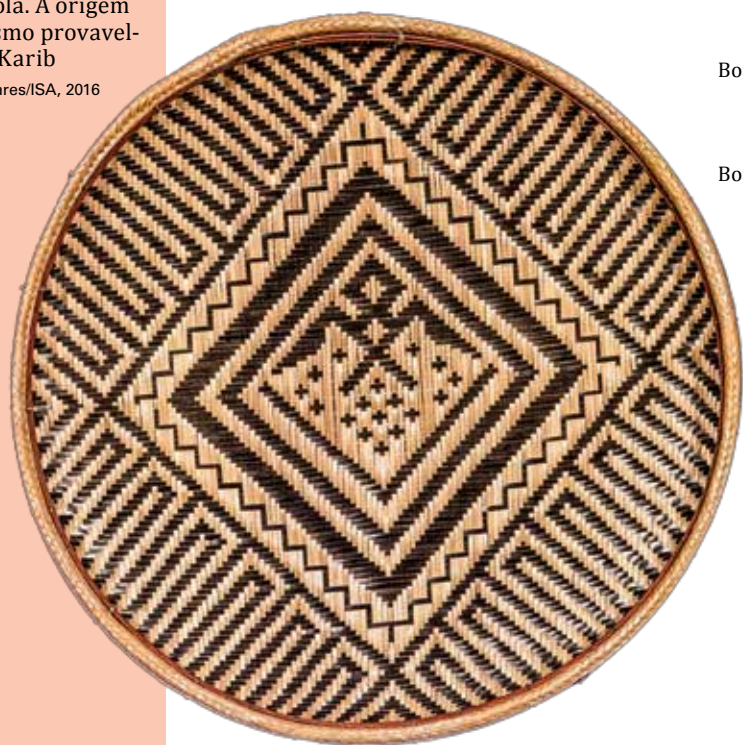
Autuori, Joana Dworeca. *Aspectos da fonologia da língua Sanumá (Yanomami)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Roraima, 2013.

Borgman, Donald M. *Gramática Pedagógica Sanumá Yanomami (Sanumá-Português)*. Boa Vista: Missão Evangélica da Amazônia, 1976.

Borgman, Donald M. Sanuma. In: Derbyshire, D. C.; Pullum, G. K. (ed.). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, v. 2, 1990.

Balaio sanöma, produzido por André Sanöma, da comunidade Matoola. A origem do grafismo provavelmente é Karib

Claudio Tavares/ISA, 2016



### Box 2 • Notas sobre a relação entre Sanöma e Ye'kwana Com a colaboração de Moreno Saraiva Martins

Apesar das grandes diferenças culturais e linguísticas entre Sanöma (Yanomami) e Ye'kwana (Karib), tanto no Brasil, como na Venezuela é recorrente a habitação em comunidades adjacentes. Essa proximidade geográfica não é nada trivial e parece estar relacionada às antigas relações de troca, estabelecidas entre ambas as etnias. Um exemplo dessa relação interétnica pode ser descrita a partir da relação entre Sanöma e Ye'kwana de Awaris, onde fica Fuduwaadunha, a maior comunidade ye'kwana no Brasil, cercada por diversas outras comunidades sanöma, uma delas a 500 metros de distância daquela aldeia ye'kwana.

Se no passado a história entre essas etnias foi marcada pelo conflito armado e disputas territoriais, hoje em dia a relação entre Sanöma e Ye'kwana acontece, quase sempre, de forma amistosa. Ambas as etnias se mantêm unidas na busca de diálogo com instituições governamentais e não governamentais, principalmente quando se trata da defesa da TIY ou nas reivindicações por melhorias no sistema de saúde, por exemplo. Os campeonatos de futebol que acontecem na região e também na Venezuela são eventos muitas vezes compartilhados por times sanöma e ye'kwana. Ainda assim, é de se notar que a relação entre Sanöma e Ye'kwana é permeada por pequenos desentendimentos, como acusação de roubos nas roças ye'kwana por Sanöma ou depreciação dos Sanöma por seus vizinhos.

As trocas sempre foram um pilar importante na relação entre Sanöma e Ye'kwana. Os Ye'kwana costumam solicitar aos Sanöma a realização de tarefas como limpeza e derrubada de roças ou alguns trabalhos domésticos. Os Sanöma, por sua vez, prestam serviços xamânicos para os Ye'kwana, os homens tecem tipiti para trocar com o grupo vizinho (embora provavelmente tenham aprendido essa técnica com os próprios Ye'kwana) e além disso, ajudam no processamento do corpo dos mortos Ye'kwana (Castro 2017). Este último aspecto parece ser um dos principais motivadores das alianças estabelecidas entre Sanöma e Ye'kwana ao longo de

seus territórios, tanto no Brasil como na Venezuela, dado que a relação que ambos os grupos mantém com a morte e o serviço funerário são radicalmente opostas.

Para o grupo karib, tocar o corpo de um cadáver leva a pessoa a um alto grau de contágio por substância não visível e venenosa, sendo necessário o isolamento da pessoa contaminada por um ano, deixando-a sujeita a severas restrições alimentares e comportamentais para que se livre dessa contaminação (Gongora 2017). Por outro lado, no funeral sanöma, o cadáver é tocado diversas vezes, por várias pessoas, sendo um ato apropriado. Dada essa diferença, os Ye'kwana costumam contratar os sanöma para que processem o corpo de seus mortos, a fim de evitar a contaminação e as severas restrições que recaem a quem manter contato físico com um cadáver.

Por parte dos Sanöma, os Ye'kwana sempre foram importantes fornecedores de mercadorias, seja pela habilidade de fazer canoas, por exemplo, ou pelo acesso privilegiado que têm em relação aos mercadores dos brancos, trocando com os Sanöma anzóis, miçangas, roupas, terçados, sal, machado, etc. Além disso, os Sanöma se inspiram na cultura ye'kwana ao incorporarem em sua alimentação o beiju da mandioca como alimento principal (e não a banana, como acontece com

a maioria dos grupos yanomami), além da inclusão da pimenta nas refeições. É possível ver também a influência da estética ye'kwana entre os Sanöma, expressa na construção das casas, pinturas corporais, artesanato e adornos de miçanga.

Essa relação de trocas materiais, estéticas e rituais inclui também trocas linguísticas entre ambos os povos. Se os Ye'kwana foram importantes na introdução de determinados objetos na cultura sanöma, é justificável que o nome atribuído a esses objetos em língua Sanöma tenham sido influenciados pela língua Ye'kwana, como podemos ver na Tabela 1.4.

Algumas palavras vindas como empréstimos das línguas espanhola e portuguesa para o Ye'kwana posteriormente foram adotadas em Sanöma, após terem sido “ye'kwanizadas” (Tabela 1.5). Essa influência não ficou restrita a neologismos e objetos do contato, mas se faz presente em outras palavras (Tabela 1.6).

Se os Ye'kwana influenciaram o léxico Sanöma, o contrário parece também ocorrer, já que algumas palavras em Ye'kwana parecem ter sua origem na língua Sanöma. Em nossa breve investigação identificamos que a palavra seria originária da língua Sanöma, pela similaridade de cada uma dessas palavras na língua Yanomam (Tabela 1.7).

#### Cognatos entre Sanöma e Ye'kwana

	Português	Ye'kwana	Sanöma
<b>Tabela 1.4</b>	Canoa	<i>Kudiyada</i>	<i>Kutiataöbö</i>
	Ralo de mandioca	<i>Tadaude</i>	<i>Tatatiti</i>
	Miçanga	<i>Tayuudu</i>	<i>Masuluku</i>
<b>Tabela 1.5</b>	Espingarda	<i>Adaakujuusa</i> (do esp. <i>arcabus</i> )	<i>Atakusa a</i>
	Colher	<i>Kushaadia</i> (do esp. <i>cuchara</i> )	<i>Kusiali a</i>
<b>Tabela 1.6</b>	Estrela	<i>Shidiichã</i>	<i>Sitikali a</i>
	Matrinxã do rabo vermelho ( <i>Brycon coquenani</i> )	<i>Tuuda</i>	<i>Tuta a</i>
	Papel	<i>Fajeeda</i>	<i>Waheta tä</i>
	Maná-cubiu ( <i>Solanum sessiliflorum</i> )	<i>Sokwa</i>	<i>Soka tä</i>
<b>Tabela 1.7</b>	Fruta de <i>Dacryodes peruviana</i>	<i>Monama</i>	<i>Monama</i>
	Cesto fundo ( <i>aturá</i> )	<i>Wöwã</i>	<i>Wö a</i>

## 1.4.2. Língua Ninam

18. Os Ninam do Alto Mucajá mencionam também um terceiro grupo, que teria se separado nesses mesmos idos da década de 1910. Sem ter atravessado inicialmente o Uraricoera, teria migrado na direção sul e hoje se encontraria na região da Cacheira do Paredão, em situação de isolamento voluntário. Rumores sobre eles ganharam força com a construção da base da demarcação às margens do Mucajá e relatos do prefeito de Alto Alegre (RR), que afirmam que alguns membros haviam sido atendidos no hospital da cidade. Algumas pessoas do Baixo Mucajá disseram ter visitado esse grupo, organizado em duas aldeias. Uma equipe de reconhecimento do limite leste, no entanto, realizou uma viagem em 2015, encontrando indícios inconclusivos sobre a presença desse grupo na região (Leite 2016).

40 19. A distinção entre Ninam do Sul, Ninam Central e Ninam do Norte difere do que Migliazza (1972) chamou de Ninam Central e Ninam do Sul, já que em seus estudos identificava o Ninam do Sul com a língua que em 2011 foi reconhecida como Yaroamê, e Ninam Central como sendo as variantes faladas no Mucajá e no Uraricoera.

**Regiões em que é falado:** Baixo Mucajá e Alto Mucajá

**Número aproximado de falantes:** 900

### Com a colaboração de Tainah Victor Silva Leite

A língua Ninam apresenta pelo menos três grandes divisões dialetais. O Ninam do Norte, falado pelos grupos que vivem nas regiões de Saúba e Ericó, próximo ao Rio Uraricaá; o Ninam Central, falado pelos Yanomami que vivem na região de Uraricoera, próxima ao rio homônimo; e o Ninam do Sul, falado pelos Yanomami que vivem às margens do Rio Mucajá nas regiões de Baixo Mucajá e Alto Mucajá.

Veremos com maior detalhe os movimentos migratórios dos Ninam no capítulo 2, mas em síntese destacamos que após a saída dos Ninam da Serra Parima, eles teriam migrado em direção norte, passando a viver nas imediações do Rio Awaris, estabelecendo assim relações de troca com os Ye'kwana ao final do século XIX (Early e Peters 1990).

Porém, por conflitos diversos, os Ninam seguiram em direção sul, alcançando o ponto em que o Awaris encontra o Rio Uraricoera. A partir daí conflitos internos entre os próprios Ninam levam uma parte do grupo a descer o Rio Uraricoera. Em 1911, Koch-Grünberg (1979-1982) encontrou membros de um grupo ninam que já vivia no alto Rio Uraricaá, sendo eles os antepassados dos Ninam do Norte.

Já os grupos que ficaram a montante do Rio Uraricoera, cruzaram o rio para

### 1.4.2.1. Dialeto Ninam do Sul

Os relatos de Schomburgk, Koch-Grünberg e Hamilton Rice descrevem a presença dos Ninam no Rio Uraricoera desde o final do século XIX até a década de 1920, quando os ascendentes dos Ninam do Sul foram visitados por Rice nas imediações do Igarapé Linepenone, no Alto Uraricoera (Rice 1978). Os conflitos entre os Ninam e os Ye'kwana e Maku, que também viviam no Uraricoera, levaram os primeiros a migrarem até o Rio Mucajá, onde permaneceram em relativo isolamento até serem contatados por missionários canadenses vinculados à missão interdenominacional *Unevengalized Field Mission* (UFM), atual MEVA, em 1958 (Peters 1998).

**Glottocode:** nina1238

**ISO 639-3 code:** shb

**Outros nomes aceitos pelas comunidades falantes:** Xiriana (\*aceito pelos Ninam do Norte)

**Nomes usados na literatura:** Yanam, Xirixana, Xiriana, Waika, Xiliana, Shiliana, Xilixana ou Shilishana

**Nomes para se referir à língua ou ao povo a serem evitados:** Yanam, Xirixana, Waika, Shilishana

**Número aproximado de falantes no Brasil:** 1.680

**Número aproximado de falantes na Venezuela:** 418

**Regiões da TIY em que é falada (só no Brasil):** Baixo Mucajá, Alto Mucajá, Uraricoera, Saúba e Ericó

**Principais dialetos falados no Brasil:**

Ninam do Norte (700 falantes), Ninam Central (140 falantes) e Ninam do Sul (900 falantes)

a margem sul, dando origem aos Ninam Central e aos Ninam do Sul. (Chagnon *et al.*, 1970, p. 343; Peters 1998, p. 174). Essa divisão e distanciamento entre os Ninam do Sul e os do Norte<sup>18</sup>, e posteriormente entre os Ninam do Sul e os Ninam Central, deu origem aos três dialetos Ninam<sup>19</sup>, como veremos a seguir:

Esse contato foi o resultado de movimentos expansionistas realizados tanto por parte dos Ninam como também pelos missionários. Os Ninam, após cerca de 20 anos em relativo isolamento, haviam empreendido viagens de canoa rio abaixo em busca de novas alianças e ferramentas de metal, entrando em contato com sitiante nas imediações da fazenda Itu. Esses encontros originaram uma série de rumores sobre povos indígenas na calha do Rio Mucajá, despertando a atenção dos missionários. Estes, por seu turno, após anos de atuação nas Guianas, estavam em seu próprio movimento expansionista em busca dos “grupos não alcançados”.

Tal aspecto certamente contribuiu para que o grupo formado por Neil Hawkins, John Peters e seus guias Waiwai, Marawenare e Mawasha fosse bem recebido pelos *Pola pèk* e Kasilapai (também chamados *Aminas pèk* ou *Oliak pèk*), grupos ninam que residiam à época na calha do Mucajá, nas proximidades do igarapé Klokonai. Os missionários estabeleceram nesse ponto um posto permanente de contato, que desde então, à exceção de alguns curtos períodos, sempre contou com missionários residentes. A partir de 1970, o posto missionário do Alto Mucajá passa a ser vinculado à MEVA, sediada em Boa Vista.

A região do Alto Mucajá abriga o maior contingente populacional e é o ponto de dispersão recente das comunidades que hoje vivem no Baixo Mucajá, Uxiú, Pewaú e Uraricoera. A região identificada como Alto Mucajá, no médio curso do Rio Kayanau, abriga atualmente sete comunidades ninam, descendentes em sua maioria dos *Pola pèk*: Polapi, Lhilimakoko, Lasasi, Apohilipi, Hapokaxi, Lacapi e Kuíse. Esta última, formada por descendentes dos Kasilapai, encontra-se no interflúvio de Mucajá e Uraricoera e possui alianças e laços de parentesco sobretudo com as comunidades instaladas na região do Uraricoera, falantes do Ninam Central.

Os habitantes do Alto Mucajá apontam variações dialetais entre os moradores do Kuíse, semelhantes às apontadas em relação aos falantes do Ninam Central (ver seção 1.4.2.2). Inclua-se aí também a comunidade do Pewaú, que se encontra, entretanto, em processo de afastamento, localizando-se cerca de duas horas rio acima, em uma área habitada anteriormente por esses grupos na década de 50 (Early e Peters 2000, p. 33). *Hapokaxi theli*, *Lassassi theli* e os próprios missionários da MEVA formam uma espécie de aglomerado misto, referido pelos Ninam da região como “missão”.

Na “missão”, além das edificações, estão localizadas a pista de pouso, o posto de saúde (fundado pela MEVA, mas mantido hoje pela Sesai) e também uma escola, fundada em 1963, que atende até a 4ª série, na qual os missionários prestam assessoria pedagógica informal. Homens e mulheres eram alfabetizados na língua materna e também eram ensinados fundamentos de Matemática e Língua Portuguesa. A escola foi assumida pela Se-

cretaria de Educação de Roraima (SECD-RR), no início dos anos 2000, e tem hoje professores ninam contratados. Até os anos 1990, a instituição missionária mantinha também um entreposto comercial na região em que eram comercializados sal, sabão, munição, anzóis, linhas de pesca e outros itens.

O contato com não indígenas, além dos missionários, é bastante intenso. Entre 1970 e 2000, era comum que os homens trabalhassem nas pequenas propriedades rurais ao longo do Mucajá e nos projetos de assentamento agrícola vizinhos à TIY. Alguns jovens foram enviados para serem criados por essas famílias e, em troca de sua força de trabalho, recebiam alimentação e “instrução no mundo dos brancos”, em uma relação que os Ninam definem como semelhante à de compadrio. A partir dos anos 2000, intensifica-se também o trânsito dos Ninam do Alto Mucajá às cidades de Boa Vista e Alto Alegre, com o objetivo de cadastramento e recebimento de diferentes benefícios sociais e consequentes compras de itens industrializados.

Na década de 1980, parte do grupo descendente dos *Pola pèk*, então residente nas proximidades da Missão Mucajá, decidiu mudar-se rio abaixo para a região hoje conhecida como Baixo Mucajá, acompanhando um movimento da Funai e da Comara, na abertura de uma pista de pouso na região<sup>20</sup> (Peters 1998). Esse grupo justificou sua decisão duplamente: como uma forma de desanuviar os conflitos cada vez mais intensos devido à grande concentração populacional no Alto Mucajá e afastar-se da influência missionária, que também começava a perturbar ao coibir, pelo constrangimento moral, o uso do caxiri, da *yākiana*<sup>21</sup>, o xamanismo, entre outras coisas. Essas mesmas razões serão apresentadas também por outra porção dos *Pola pèk*, o grupo hoje referido como *Uxiutheli* (ou ainda *Kloko-*



Alto Rio Mucajá, em 1990, no auge da invasão garimpeira  
Charles Vincent/ISA, 1990

41 20. Segundo uma liderança do Baixo Mucajá, os Ninam mostraram onde deveria ser feita a pista de pouso, construída pela Funai com apoio da Comara, com o objetivo de abrir um pelotão do Exército no local, o que nunca ocorreu.

21. *Virola* sp. Substância alucinógena utilizada pelos xamãs yanomami e considerada alimento dos seus espíritos auxiliares, conhecida também em outras línguas Yanomami como *yakoana* (Yanomam) e *sakona* (Sanôma).

*naitheli*, seu nome “antigo”) ao mudar-se, no início dos anos 2000, a uma distância de cerca de seis horas rio acima, alojando-se onde havia uma antiga pista de garimpo. A região do Uxiú se divide entre as comunidades de Uxiú e Waikaú. Ali existe uma escola mantida pela SECD-RR e um posto de saúde.

O Baixo Mucajaí se organiza em três comunidades: Sikamapiú, Ilha e Posto. O acesso e o contato com a população não indígena é intenso, marcado por muitos deslocamentos via fluvial, visto a proximidade da fronteira da TIY. A primeira escola da região foi fundada no ano 2000 e está hoje vinculada à SECD-RR, estruturada por um jovem da comunidade que estudou em Boa Vista e, após a experiência, se esforçou para conseguir implementar uma escola em sua região.

Nos anos 2000, parte da população do Baixo Mucajaí mudou-se para a região do Apiaú, reativando antigas alianças com os Yaroamë (ver seção 1.4.4, p. 50). Em 2015, os Ninam decidiram retornar para o Baixo Mucajaí.

### 1.4.2.2. Dialeto Ninam Central

No início da década de 1990, houve uma fissão no grupo ninam que vivia no Alto Mucajaí, e cerca de 40 pessoas migraram para as imediações do Rio Uraricoera, acima da ilha de Maracá, onde estabeleceram residência próximo a um novo posto da Funai. Contam alguns Ninam que uma importante liderança disse ao filho antes de morrer que deveriam voltar para de onde vieram, próximo ao Rio Uraricoera. Assim, o filho dessa liderança puxou o movimento de mudança, primeiro abrindo roças, para depois se transferirem com as famílias para as margens do rio. Peters (1998) conta que essa divisão deveu-se ao adensamento populacional, enquanto a travessia de volta pelo interflúvio Mucajaí-Uraricoera foi incentivada e apoiada pela Funai. Ao grupo certamente pareceu vantajoso estar próximo a uma fonte de mercadorias e ferramentas, estabelecendo-se nas imediações do posto do órgão recém-criado na região.

Em 2013, foi fundada na comunidade de Sikamapiú a Taner, com o apoio da Frente de Proteção Etnoambiental Yanomami e Ye'kwana (FPEYY), da Funai. A Texoli foi a terceira associação yanomami criada e tem como propósito representar somente os Ninam.

Desde a invasão garimpeira ao território yanomami, que ganhou fôlego ao final da década de 1980, os Ninam do Sul foram severamente impactados, visto que o Rio Mucajaí até hoje é um importante eixo de exploração de ouro e de acesso para outras regiões, a oeste da TIY, também muito visadas para a extração ilegal do minério. Há um longo histórico de aliciamento dos Ninam para trabalhos no garimpo, marcado por uma relação em que os indígenas fazem constantes denúncias sobre a prática ilegal em seu território – visto o impacto ambiental que causam. As ações colocadas em prática para coibir a entrada e a permanência dos garimpeiros têm sido insuficientes, ante a dimensão dessa problemática.

De acordo com informações dos Ninam do Sul, os Ninam que vivem no Uraricoera seriam descendentes sobretudo do grupo identificado como Kasilapai<sup>22</sup>, com vários casamentos com outros grupos minoritários na região, como teria ocorrido com os Ninam do Norte. Os Ninam do Uraricoera mantêm estreitos laços com os Ninam da comunidade do Kuíse – também Kasilapai que vivem no Alto Mucajaí, bem como com algumas famílias do Baixo Mucajaí. A atual localização do grupo levou a um estreitamento de laços com os Ninam do Norte e o grupo yanomam do Palimiú.

Os Ninam do Sul se referem ao Ninam Central como uma variedade falada de forma mais rápida do que o Ninam do Sul e por vezes as palavras soam como sendo cortadas ao final. Há muita pouca informação linguística sobre essa variação dialetal.

### 1.4.2.3. Dialeto Ninam do Norte

O grupo ninam falante da variedade dialetal do Norte integra o grupo que fez o primeiro movimento migratório no início do século XX, alcançando o Rio Uraricaá e formando as comunidades que hoje estão nas regiões Saúba e Ericó. Parte desse grupo, em algum momento, cruzou a fronteira entre Brasil e Venezuela, formando as comunidades Ninam que vivem próximo ao Rio Parágua, no país vizinho.

Apesar de os indígenas do Uraricaá serem conhecidos como Xiriana ou Ninam, sua composição é um pouco complexa, cujo processo de etnogênese ocorre a partir de referências majoritariamente ninam, mas também de grupos Karib e Arawak, como os Sapé (Xapi), Oriak, Orotani, Maku, entre outros – todas essas etnias já consideradas extintas no Brasil (Chacon 2017).

Alguns indivíduos que vivem no Rio Uraricaá se identificam, de maneira mais contida, como pertencentes à etnia Uruak<sup>23</sup>. Apesar do grupo não existir mais no Brasil, os membros dessas etnias que vivem na região do Uraricaá acabaram por se “ninzar”, embora um ou outro conheça ainda um pouco da língua Uruak (ibidem).

Atualmente, tanto em Saúba como em Ericó, existe uma escola que atende os cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, um posto de saúde e uma pista de pouso. A principal rede de relações dos Ninam dessas regiões é feita com as comunidades do Alto Parágua, na Venezuela, onde o grupo mantém relações de intercassamentos e aliança. Com o agravamento da crise econômica no país vizinho, muitos indígenas têm vindo para o Brasil, em busca de melhor assistência médica.

Regiões em que é falado: Saúba e Ericó

Número aproximado de falantes: 700

23. O termo Uruak aqui utilizado se refere tanto à língua quanto ao agrupamento étnico genérico formado por Awake, Oriak e Orotani (ver Chacon 2017).

Regiões em que é falado: Uraricoera

Número aproximado de falantes: 140

22. De acordo com Cocco (1972 p. 29-30) Kasilapai seria um termo de origem Maku, aplicado por estes a todos os Ninam, portanto, um etnônimo. Porém, o termo parece vir de alguma língua Yanomami, e é adotado também por alguns Yanomam – principalmente mais velhos – para se referir aos Ninam do Mucajaí. Na língua Yanomam, o termo parece significar “lábios compridos”: *kasi* = lábio *lapai/lapē* = comprido. Dentre os grupos do Mucajaí, apenas alguns se reconhecem como descendentes dos Kasilapai, sendo indicados principalmente como os Ninam que hoje vivem no Uraricoera. Os Kasilapai seriam, portanto, um grupo diverso dos *Pola pèk*.

### Box 3 • Ortografias ninam

A escola e a escrita estão presentes na vida dos Ninam do Sul e do Norte. Embora sejam dialetos de uma mesma língua, a história do desenvolvimento da ortografia em cada um deles apresenta significativas diferenças.

A ortografia adotada pelos Ninam do Sul, bastante difundida nas regiões do Mucajaí, foi desenvolvida pela equipe da MEVA a partir da década de 1960, e ensinada através das cartilhas de alfabetização produzidas pelos missionários (Leite 2016). Já a ortografia adota pelos Ninam do Norte foi desenvolvida pela própria comunidade a partir das diversas relações com agentes do contato, incluindo os missionários da Missão Boas Novas, como o linguista Ernesto Migliazza além da linguista Gale Goodwin Gomez, que na década de 1980 realizou sua pesquisa de doutorado na região.

A principal diferença da ortografia do Ninam do Norte em

relação ao Ninam do Sul e também a outras ortografias yanomami é a adoção do grafema <tx> que representa foneticamente o valor de [ɬ] ou [tʃ]. O Ninam do Sul representa o mesmo fonema com o grafema <y>, seguindo a convenção adotada pelas línguas Yanomam e Yanoamami. Além de outras peculiaridades, uma segunda grande diferença entre as ortografias ninam é que na variação do Norte adotou-se o <ë> e o <i> para a representação dos fonemas /ə/ e /i/, enquanto na ortografia desenvolvida pela MEVA esses valores eram representados pelos grafemas <è> e <ỳ>, respectivamente. Um ponto importante também a ser destacado é a adoção do grafema <l>, entre os Ninam do Sul, para a representação dos fonemas /r/ e /l/, que ocorrem em variação livre, o que faz, inclusive, com que muitos Ninam do Mucajaí grafem “Xilixana” em seus registros civis.

#### Para saber mais sobre a língua Ninam e seus falantes

Leite, Tainah V. S. *Ninam (yanomami) e missionários cristãos no Alto Mucajaí (RR): Modos de alteração*. Tese de Doutorado. Museu Nacional, 2016.

Gomez, Gale Goodwin. *The Shiriana dialect of Yanam (northern Brazil)*. Tese de Doutorado. Nova York: Columbia University, 1990.

Peters, John. *Life among the Yanomami*. On tário: Broadview Press, 1998.

Early, John; Peters, John. *The Xilixana Yanomami of the Amazon: history, social structure, and population dynamics*. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

Early, John; Peters, John. *The population dynamics of the Mucajai Yanomama*. California: Academic Press. Inn. 1990.

#### Box 4 • Afinal: Xiriana, Xirixana ou Ninam?

Diferentemente dos falantes das variedades do Sul e Central, que rechaçam o termo Xirixana, os falantes do Ninam do Norte consideram aceitável referirem-se a eles como povo Xiriana e à sua língua como Xiriana. Há uma discussão na literatura se Xirixana/Xiriana seria um etnônimo ou uma palavra do Yanomami.

Os grupos Karib da região, os Ye'kwana em especial, utilizam a palavra *shidishinna* para se referir aos que consideram índios “não civilizados”, mais especificamente aos seus vizinhos Yanomami (Andrade 2007 p. 44, *passim*). De acordo com Peters, à época do contato, os Ninam do Sul chamavam a si mesmos “Xidjan”, o que ele reconhece como uma abreviatura de “Xilixana” e credita como uma denominação interna (Peters 1998, p. 174).

Os Ninam do Sul, que até recentemente aceitavam a denominação Xilixana, consideravam-na, entretanto, “o nome da etnia” ou o “modo como os brancos nos chamam”. Respostas que parecem confirmar a hipótese de uma origem estrangeira para o termo, uma vez que o próprio conceito de etnia só pode ser acionado no contexto interétnico.

Ninam, por sua vez, corresponde com mais acerto ao que usualmente é utilizado como etnônimo na Amazônia, sendo sobretudo um conceito relacional, mais ou menos inclusivo, e que, assim como o yanomama, no Papiú ou o sanõma, em Awaris, pode ser traduzido como “pessoa”, “gente”. Esta tem sido a escolha mais recente entre os Ninam para se referirem a si e à sua língua – *ninam thã*, entre os Ninam do Sul.



Edison Sato, 2010

Comunidade ninam na região do Alto Mucajaí

### 1.4.3. Língua Yanomami ou Yanonami

Com a colaboração de Anne Ballester

A língua Yanomami é falada em 11 das 35 regiões da TIY e está concentrada principalmente na porção sudoeste do território, no Estado do Amazonas. Quase todas as regiões onde se fala esta língua fazem fronteira com a Venezuela, onde o Yanonami é a língua mais falada pela população yanomami.

Ao analisarmos conjuntamente o território ocupado pelos Yanomami no

Brasil e na Venezuela, podemos identificar uma grande área contínua de falantes do Yanomami que vivem entre o Estado do Amazonas, algumas regiões das serras em Roraima e grande área a leste da Venezuela. No Brasil, foram identificadas três variedades do Yanomami: o Yanomami do Oeste, sendo o dialeto Yanomami mais falado no Brasil, o Yanomami do Médio Negro e o Yanomami das Serras.

#### Box 5 • A relação entre Yanomam e Yanomami

As semelhanças entre as línguas Yanomam e Yanomami já serviu como argumento para que fossem consideradas por Henri Ramirez (1994a) como dois “superdialeto” pertencentes a uma mesma língua, sendo classificados da seguinte forma (ver Mapa 1.3):

##### Superdialeto Yanomami Oriental:

- dialeto Yanomami oriental-c (Yor-c);
- dialeto Yanomami oriental-x (Yor-x);
- dialeto Yanomami oriental-f (Y-or-f).

##### Superdialeto Yanomami Ocidental:

- dialeto Yanomami ocidental-f (Yoc-f);
- dialeto Yanomami ocidental norte (Yoc-n);
- dialeto Yanomami ocidental sul (Yoc-sul).

Para chegar a esta proposição, Ramirez argumenta que a grande inteligibilidade entre as línguas e a alta taxa de cognatos (98%) seriam os motivos-chave. Ainda assim, o linguista aponta 14 diferenças importantes entre o Yanomam e o Yanomami, que vão desde a fonologia, passando pela sintaxe até a pragmática das duas línguas.

A posição de Ramirez (1994a), no entanto, teve pouca reverberação tanto entre linguistas e antropólogos, quanto entre os próprios falantes dessas duas variedades, que argumentam que a inteligibili-

dade seria apenas parcial.

Nossas investigações também mostram que, apesar de haver grande número de cognatos entre Yanomam e Yanomami, certamente este índice é menor que os 98% indicados por Ramirez.

Fazendo um paralelo claro, poderíamos dizer que a diferença entre o Yanomam e o Yanomami é similar à diferença entre português e espanhol, e vale dizer ainda que, no escopo das seis línguas aqui apresentadas, estas são as línguas da família Yanomami que mais apresentam semelhanças entre si.

A inteligibilidade entre Yanomam e Yanomami é comum em grande parte da calha do Demini e adjacências, onde há caso de bilinguismo simétrico entre as duas línguas (ver seção 1.5, p. 69). Portanto, essa inteligibilidade se deve principalmente ao contato permanente entre os grupos, marcada por muitas relações de alianças, casamentos, visitas e trocas, mas menos pelas semelhanças estruturais entre ambas as línguas. As dificuldades de compreensão mútua entre Yanomam e Yanomami ficam claras em alguns eventos que reúnem Yanomami de diversas regiões, ou encontros entre Yanomami na Casai. É comum nesses contextos surgirem situações em que os falantes de ambas as línguas alegam inteligibilidade baixa, havendo situações, por exemplo, que nem mesmo o assunto em questão na conversa é compreendido.

Glottocode: yano1261

ISO 639-3 code: guu

**Nomes usados na literatura:** Yanonami, Yanomami, Yanomamõ, Surára, Pakitari, Ironasiteri

**Nomes para se referir à língua ou ao povo a serem evitados:** Xamatari, Surara, Pakitari

**Nome do idioma na língua indígena:** *Yanomami tẽ pẽ kahiki ã*, *Yanonami tẽ pẽ kahiki ã*

**Número aproximado de falantes no Brasil:** 8.691

**Número aproximado de falantes na Venezuela:** 8.895 (censo de 2011)

**Regiões da TIY no Brasil em que é falada:**

Padauri, Parawaú, Ajuricaba, Aracá, Maraiá, Maturacá, Maiá, Inambu, Marari, na comunidade de Kataroa (região Surucucu) e nas comunidades Simoko, Putha, Rasimu, Wanakiki, Ketaa (região Xitei)

**Principais dialetos falados no Brasil:**

Yanomami do médio Rio Negro (1.600 falantes); Yanomami das Serras (300 falantes); Yanomami do Oeste (6.800 falantes)

### 1.4.3.1. Dialeto Yanomami ou Yanomami do Oeste

**Regiões em que é falado:** Maturacá, Maraiuí, Marari, Maiá, Inambu, Aracá e Ajuricaba

**Número aproximado de falantes:** 6.800

Todos os grupos que hoje habitam a porção oeste da TIY, com exceção dos grupos do Parawaú e do Padauri, possuem uma ascendência comum com os primeiros Yanomami que cruzaram o Rio Siapa em direção à fronteira brasileira ainda no final do século XVIII (Ramirez 1994a). Paulatinamente foram ocupando os vales da margem esquerda do Rio Negro, formando uma das zonas linguísticas mais extensas do território yanomami, que vai de Maturacá ao Demini, em Ajuricaba.

Maturacá, localizada no extremo oeste do território, é hoje uma das suas regiões mais populosas, com grandes aglomerados de casas divididas em duas comunidades e forte presença de instituições não indígenas. A presença missionária na região, desde 1954 até os dias atuais, contribuiu para essa fixação dos Yanomami no mesmo local e para a atração de diversos grupos que antes viviam dispersos pelo vale do Rio Cauaburis e hoje vivem próximos à Missão, o que acabou por gerar problemas como escassez de caça, de recursos ambientais e maior dependência de insumos vindos das cidades.

Os missionários salesianos sempre tiveram um grande foco na evangelização dos Yanomami e ainda hoje promovem missas semanais naquele território. Também deram início à escolarização na região, em 1964. Dessa forma, o português ganhou espaço, sendo falado hoje como segunda língua por quase todos os adultos; já as crianças têm como primeira língua o Yanomami. Existem alguns Baré e Tukano que se casaram com Yanomami e vivem na região, mas não falam a língua Yanomami. Hoje existe uma grande escola estadual na comunidade de Ariabú, que oferta Ensino Fundamental e Médio, além de outras duas escolas municipais menores, que atendem apenas à Educação Infantil.

Há também em Maturacá um pelotão do Exército que foi construído em 1989 e onde trabalham alguns Yanomami. Em 1998, foi fundada a Ayrca, sendo a primeira associação yanomami criada no Brasil. Foi também ali que surgiu, em 2015, a primeira associação de mulheres yanomami, a Kumirayoma.

O Pico da Neblina (AM) – ponto mais alto do Brasil – está em Maturacá e é considerado pelos Yanomami como um lugar sagrado. Na língua Yanomami, é conhecido como Yaripo, que significa montanha do vento e da tempestade. Nos últimos anos, as associações locais, com apoio do ISA, têm contruído um projeto de ecoturismo na região com gestão da população.

Ao sul de Maturacá, na região de Inambú, existem duas aldeias: a comunidade homônima, formada por dissidentes dos *Wanawanawëteri* (Maiá), e Nazaré, fundada em 1976 por descendentes dos *Masiripiwëteri* atraídos pela proximidade da BR-307, na época em construção.

A comunidade Inambú é hoje uma das duas únicas comunidades yanomami localizadas fora dos limites da TIY. Seus habitantes, bem como os de Nazaré, experimentam trocas constantes com indígenas de outras etnias que vivem nas proximidades, especialmente os Tukano e os Baré. Em ambas as comunidades há relatos de conflitos relacionados à sobreposição de áreas de uso de recursos, sobretudo pesqueiros. A relativa facilidade de acesso a São Gabriel da Cachoeira (AM) é um fator significativo na dinâmica dessas comunidades.

Também próxima ao Pico da Neblina, encontra-se a região conhecida como Maiá, formada igualmente por duas comunidades: Maiá, sedentária e numerosa (mais de 580 habitantes), e Ayari, com menos de 100 habitantes, que mantém certo grau de mobilidade característica de outras comunidades yanomami. Em comparação com Maturacá e Inambú, a região de Maiá tem acesso mais difícil a São Gabriel da Cachoeira e, portanto, as relações com os não indígenas e as visitas à cidade acontecem de forma mais esporádica.

Outra região muito populosa da TIY onde se fala o Yanomami é Maraiuí. Nela vivem cerca de 2.200 pessoas distribuídas em 16 comunidades, sendo que a maioria delas tem entre 100 e 200 habitantes: Ixima, Pukima-Cachoeira, Pukima-Beira, Kona Centro, Bicho-Açu, Jutaf e Balaio. Há algumas também com menos de 100 habitantes: Tomoropíwei, Kona-Cachoeira, Xamakorona, Manakapíwei, Raita e Serinha. Já as comunidades de Pohoroa, Komixiwë e Tabuleiro são as maiores da re-



Edison Sato, 2010

Comunidade yanomami na região de Marari

gião, todas com mais de 200 habitantes. Quase todas as comunidades ficam à beira do Rio Maraiuí, que é um importante eixo de conexão entre as várias aldeias e também com a cidade de Santa Isabel do Rio Negro (AM).

A comunidade de Bicho-Açu fica muito próxima ao limite da TIY, e há grande presença da língua portuguesa. Já os grupos que vivem mais ao norte, como Xamakorona e Kona, migraram do Siapa para a região mais recentemente em busca de melhor atendimento à saúde. São grupos que vivem em área de acesso difícil e mantêm menos relações de contato com os não indígenas do que a maioria dos grupos do Maraiuí, em especial aqueles que vivem rio abaixo.

O trabalho de alfabetização no Maraiuí começou de forma incipiente, implementada pelos salesianos no início da década de 1960 na região da Missão Maraiuí, hoje conhecida como Komixiwë, nome dado pelos Yanomami ao Rio Maraiuí. Após a demarcação da TIY nos anos 1990, essa ação ganhou fôlego, tendo como fio condutor a construção de escolas que valorizassem a cultura e a língua Yanomami, mas que ao mesmo tempo fossem instrumentos de diálogo com a sociedade não indígena.

Essa vertente de trabalho se iniciou através das ações de Anne Ballester em 1994, seguida pela fundação da Associação Serviço e Cooperação com o Povo Yanomami (Secoya) quatro anos depois, e, mais recentemente, pelos trabalhos da ONG Rios Profundos. Essas organizações

são comprometidas com o fortalecimento da língua Yanomami, o que fez com que, ao longo de mais de duas décadas, houvesse apoio aos trabalhos de formação de professores yanomami e produção de livros e cartilhas escritos na língua Yanomami.

Os Yanomami de Ajuricaba, por sua vez, ocupam as proximidades do Rio Demini, na ponta oposta do território yanomami do oeste. Encontram-se na região desde 1947, quando foi construído um Posto de Serviço de Proteção do Índio (SPI), mantido até 1980 e posteriormente assumido pela Fundação Nacional do Índio (Funai) até 2009. Ali, os Yanomami foram incentivados pelo SPI, e depois pela própria Funai, a trabalharem na produção agroextrativista, comercializando diversos produtos locais que são vendidos na cidade de Barcelos (AM). O extrativismo aproximou as populações ribeirinhas e indígenas não yanomami de Barcelos, contribuindo para a sua miscigenação.

Hoje em dia, em Ajuricaba há diversas famílias formadas pela união entre Yanomami e ribeirinhos ou mesmo entre Yanomami e indígenas de outras etnias, principalmente Baré e Tukano. Tantas trocas e casamentos com não Yanomami estimulou mudanças significativas na dinâmica linguística da região. Hoje o português é a primeira língua de quase toda a população, inclusive das crianças, e a língua privilegiada para a comunicação interna. Como veremos mais a frente, Ajuricaba é a região onde a vitalidade da língua Yanomami se encontra mais fragilizada em toda a TIY.

Os Yanomami da região de Aracá vivem às margens do Rio Jutaf e possuem fortes vínculos de parentesco com os Yanomami de Ajuricaba, com os quais compartilham um histórico comum. Essa relação também os levou a atuarem no circuito extrativista fomentado pela Funai, embora com menos intensidade que seus parentes de Ajuricaba. Em 1982, a Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB) se instalou na Serra do Aracá e passou a prestar atendimento de saúde para esse grupo. Nessa época também foi iniciado o processo de escolarização das crianças da região. No início dos anos 2000, porém, algumas lideranças yanomami decidiram expulsar os missionários, encerrando assim suas atividades. Ainda na década de 2000, parte desse grupo se mudou para uma

nova área mais ao sul, conhecida agora como Cachoeira do Aracá.

Finalmente, há também o grupo que habita o vale do Rio Marari, distribuído em cinco comunidades: Ahima, Arapusi, Castanha, Gasolina, Missão Marari. Trata-se de uma região onde a presença missionária é bastante antiga e influente. Os primeiros contatos foram feitos na década de 1960, e logo nos anos iniciais da Missão foi implementado um processo de escolarização em língua Yanomami. A escola local tem grande apoio dos missionários ainda hoje, assim como os trabalhos de evangelização e ensino da língua Yanomami nas salas de aula. O extrativismo é outro elemento importante para as comunidades da região, que, desde a década de 1970, têm participado da comercialização de piaçaba.



Comunidade de Ariabú na região de Maturacá. Ao fundo se vê a Serra das Cachoeiras

Marcos Amend, 2017

### 1.4.3.2. Dialeto Yanomami das Serras

Nas regiões serranas da TIY, no limite oeste, muito próximo à linha de fronteira com a Venezuela, existem algumas comunidades onde se fala Yanomami, apesar de estarem em regiões predominantemente de língua Yanomam. Kataroa é a única comunidade na região de Surucucu falante do Yanomami, enquanto na região do Xitei existem várias outras pequenas comunidades que falam Yanomami. Apesar desses grupos manterem relações com outros Yanomami que vivem na Venezuela, a rede de relações com os Yanomam no Brasil é mais significativa, além de serem atendidos pelo mesmo posto de saúde.

Os Yanomami de Simoko estão entre os poucos grupos falantes de Yanomami que vivem na região do Xitei, onde a língua Yanomam predomina



Lucas Lima/ISA, 2018

**Regiões em que é falado:** comunidade de Kataroa (região Surucucu) e comunidades Simoko, Putha, Rasimu, Wanakiki, Ketaa (região Xitei)

**Número aproximado de falantes:** 300

### 1.4.3.3. Dialeto Yanomami do Médio Negro

A região de Parawaú é formada por grupos falantes tanto do Yanomam quanto do Yanomami, sendo que há relatos de pessoas desses grupos que lá viviam na década de 1940, período em que tiveram um encontro com a Comissão Brasileira de Demarcação de Limites (CBDL) (Pereira 2008). Outros grupos que hoje fazem parte do Parawaú chegaram na década de 1980 vindos da Bacia do Siapa (Le Tourneau 2008). Essa origem migratória fez com que os Yanomami de Parawaú mantivessem fortes alianças com outros Yanomami habitantes da Venezuela que frequentam o território brasileiro, onde ocasionalmente buscam os serviços de saúde. Os Yanomami de Parawaú mantêm relações de aliança com os Yanomae do Toototopi, formando uma densa teia de intercassamentos entre pessoas dessas duas regiões. Do ponto de vista linguístico, o Yanomami falado no Parawaú sofre influências do Yanomae. Além disso, essa proximidade e a constante relação de trocas faz com que os Yanomami

falantes de ambas as línguas adquiram fluência ou ao menos familiaridade com a língua vizinha.

Em 1992, a Comissão Pró-Yanomami (CCPY) iniciou a abertura da pista de pouso na região, seguida pela construção do posto Yano, uma edificação que, além de ser posto de saúde, recebeu diversos cursos de formação de agentes de saúde (AIS) e professores. No ano de 1998, a CCPY iniciou processo de escolarização na região, produzindo vários materiais didáticos nas línguas Yanomami, trabalho que se estendeu até o ano de 2010.

O Padauri, por sua vez, é uma zona de ocupação recente e de difícil acesso. As comunidades dessa região estão localizadas no Rio Castanho e na cabeceira do Rio Padauri, na base da Serra Tapirapecó. Existem ali hoje sete comunidades: Bandeira Branca, Hōwaxi, Kata Kata, Pahaná, Rahaka, Waharu, Xihō, resultantes de duas grandes levas migratórias, uma na década de 1980 e outra na de 2000.

**Regiões em que é falado:** regiões do Parawaú e Padauri

**Número aproximado de falantes:** 1.600

**Para saber mais sobre a língua Yanomami e seus falantes**

Ramirez, H. *Le parler Yanomami des Xamatauteri*. Tese de Doutorado. Paris: Universidade de Aix-en-Provence, 1994a.

## 1.4.4. Língua Yaroamë

**Glottocode:** yaro1235

**ISO 639-3 code:** yro

**Nomes usados na literatura:** Yawari, Jauari, Ajarani, Waika, Oaika, Guaika, Aica, Karimé

**Nomes para se referir à língua ou ao povo a serem evitados:** Yawari, Jauari, Ajarani, Waika, Oaika, Guaika

**Nome do idioma na língua indígena:** *Yaroamë tēma*

**Número aproximado de falantes no Brasil:** 360

**Número de falantes na Venezuela:** 0

**Regiões da TIY em que é falada (só no Brasil):** Missão Catrimani (Serra do Pacu), Ajarani, Apiaú e Serra da Estrutura (grupo em isolamento voluntário)

**Principais dialetos falados no Brasil:**

Yaroamë das Serras (140)  
Yaroamë das Baixadas (220)

Os Yaroamë vivem hoje na porção leste da TIY, em comunidades relativamente pequenas nas regiões da Serra do Pacu, Apiaú, Ajarani e Serra da Estrutura, sendo que este último grupo vive em isolamento voluntário. Os relatos históricos caracterizam os Yaroamë como grupos resistentes ao contato e relativamente fechados. Salathé (1932), em sua expedição pelo Rio Catrimani, relata que os Yaroamë – citados como Karimé – faziam armadilhas mortais para resguardarem seus territórios. Duas tentativas dos missionários católicos (1962-1963) e evangélicos (1957) em estabelecer relações com os Yaroamë não foram bem-sucedidas, aparentemente pela falta de abertura por parte dos indígenas (Verdum 1995; Early e Peters 1990).

Por vários anos a língua Yaroamë não recebeu a devida atenção de estudiosos das línguas Yanomami. Até o ano de 2011, não havia pesquisas aprofundadas sobre a língua falada no Ajarani, Serra do Pacu e Apiaú e, portanto, eram considerados falantes de uma variedade do Ninam, como descreveu o linguista Ernesto Migliazza (1972). Essa informação seguiu sendo repetida em diversos estudos e documentos sobre os Yanomami, mesmo depois de Ramirez (1994a) ter apontado que a língua falada no Ajarani seria uma quinta língua da família Yanomami. A primeira documentação e descrição do Yaroamë foi feita por Ferreira (2011) no contexto do Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (Prodoclin)<sup>24</sup>, em parceria com a equipe missionária da Diocese de Roraima, que há várias décadas convive com os Yaroamë da Serra do Pacu – região próxima à missão – e realiza alguns trabalhos de apoio a eles.

A língua Yaroamë parece ser de difícil compreensão para muitos falantes das outras línguas Yanomami. Do ponto de vista linguístico, essa dificuldade pode se dar por dois motivos: o primeiro deles é o fato do Yaroamë ter diversos itens léxicos que não são cognatos com nenhuma outra língua Yanomami, como por exemplo *kotahi*, “casa”, *karehe*, “verdade”, e *pē-taxi*, “cachorro”. Outra possível explicação para essa dificuldade seria uma particularidade da fonologia do Yaroamë, que a faz parecer um tanto enigmática e talvez impenetrável. Na língua Yaroamë está

presente a fricativa velar /x/ e a fricativa pós-alveolar /ʃ/. Isso talvez não fosse um obstáculo, porém no Yaroamë encontramos também a aspirada /h/, som que compartilha com as demais línguas Yanomami. Ainda que o som /h/ esteja presente nas demais línguas, os falantes das outras variedades não são familiarizados com o som /x/, gerando assim dificuldades de compreensão. Um exemplo disso pode ser visto em palavras da língua Yanomam, como *xama*, “anta”, que ao ser pronunciada em Yaroamë soa para um falante de língua Yanomam como *rama*, “visitante”.

Apesar de ser apenas um traço da fonologia, esse é um elemento chave para compreensão e para as tentativas de alfabetização na língua Yaroamë, que acabou por se tornar um obstáculo para a sua compreensão, buscada anteriormente por missionários. Com o trabalho de descrição e documentação do Yaroamë realizado em 2011, foi possível identificar essas questões e desenvolver uma ortografia própria, sendo impresso o primeiro livro de alfabetização nessa língua em 2014.

O Yaroamë apresenta pelo menos dois dialetos<sup>25</sup>: o Yaroamë das Baixadas, que é falado por cerca de 220 pessoas nas regiões do Apiaú e Ajarani, e o Yaroamë da Serra do Pacu (ou língua dos *Opikitheri*), falada por aproximadamente 140 pessoas nas comunidades da Serra do Pacu e em algumas comunidades próximas à serra, também na região da Missão Catrimani, como Xexenapi.

Muitas comunidades yaroamë se encontram em zonas de bilinguismo, seja com o Ninam (entre os Yaroamë do Apiaú), seja com o Yanomam (entre os grupos da Serra do Pacu). Uma considerável proporção dos adultos yaroamë é bilíngue ou por vezes até trilingües. Esse índice elevado de multilinguismo parece ser maior entre os Yaroamë se comparado aos falantes de outras línguas Yanomami, o que se relaciona ao fato do Ninam e do Yanomae serem línguas de maior prestígio local. As áreas de bilinguismo do Yaroamë são, portanto, assimétricas, estando a língua Yaroamë sempre em maior desvantagem, já que são raros ou mesmo inexistentes os Ninam ou Yanomae que aprenderam Yaroamë. Nesse cenário, o bilinguismo pode ser uma ameaça ao Yaroamë.

### Box 6 • Possíveis origens dos etnônimos Jawari e Waika

O etnônimo Yaroamë [ɲāro'amɨ] vem sendo adotada progressivamente pelos Yanomami e pelos não indígenas, que até então usavam somente o termo Jawari (ou Jauari) para se referir aos Yanomami da Serra do Pacu e Ajarani, e o termo Waika para se referir aos Yanomami do Apiaú, etnônimos que acabaram sendo incorporados, de certa forma, por ambos os grupos.

“Yaroamë” – assim como Yanomam, Yanomami, Ninam ou Sanöma – significa “pessoa”, “ser humano”. Já os termos Jawari e Waika parecem ter uma origem histórica similar ao que ocorreu com muitos povos indígenas, que geralmente são conhecidos por etnônimos dados a eles por outros grupos indígenas ou pelos brancos, termos que muitas vezes apresentam uma carga depreciativa e sempre imprecisa.

Já “waika” [wa'ika] ou “waika” [waika] está presente em diversas línguas Yanomami e, mais comumente, faz referência aos grupos do Apiaú e também do Baixo Catrimani (os Yānoma). Mas não somente: este é um termo relacional usado pelos Yanomami para se referirem a outros Yanomami que habitam mais a leste/sudeste de seu grupo. Na mitologia de alguns grupos yanomam, os “waika” frequentemente são associados aos yanomami possuidores de “bens dos brancos”, como por exemplo a “waikayoma”, que na mitologia dos Yanomae do Demini e Toototopi é um ser mitológico feminino, ao qual se atribui a difusão da miçanga entre os Yanomami.

Já em relação ao termo Jawari [dʒa'wari] não sabemos ao certo sua origem, mas temos duas hipóteses. A primeira delas seria uma referência à palmeira *Atrocaryum jauari*, o jauari – endêmico à região tradicionalmente ocupada pelos Yaroamë. A informação que permite levar a essa hipótese é uma menção de Salathé (1932) sobre armadilhas feitas pelos índios Karimé com espinhos da palmeira jauari e colocadas no entorno de suas casas para se defender de outros grupos yanomami. Nesse caso, os Karimé, aos quais Salathé se refere, seria um grupo yaroamë. Não é raro encontrar em histórias do contato entre povos indígenas com a sociedade brasileira exemplos de grupos indígenas que receberam de outros índios, ou dos próprios *napëpë* que lideraram o contato, nomes de arma ou meios de defesa comumente empregado por eles, como por exemplo os “índios caceteiros”, “índios flecheiros” do Vale do Javari, e o “índio do buraco” em Corumbiara, Rondônia. Nossa hipótese é que os Karimé, aos quais se refere Salathé, seriam, portanto, um grupo yaroamë.

Outra possível origem do termo “Jawari” é que possa ter vindo de um etnônimo depreciativo usado pelos Yanomami em tempos remotos para se referirem aos Yaroamë, talvez quando estes moravam ainda nas adjacências da Serra Parima e, portanto, próximos aos Yanomami. O dicionário organizado por Muller (2007), feito em língua Yanomami da Venezuela, apresenta a seguinte entrada para o termo “Yawari”:

“Seres sobrenaturais cujas moradas parecem com aquelas dos Yanomami e vivem embaixo da água em uma lagoa onde vive o monstro aquático *Rahara*. Fisicamente se assemelham aos Yanomami, tomando às vezes a aparência de um parente próximo para poder enganar. São seres maléficis que podem extraviar suas vítimas e levá-las para muito longe de suas comunidades, em particular as meninas que não cumprem corretamente o resguardo da primeira menstruação. Por isso utilizam muitas plantas mágicas *hëri*, já que são donos de todas elas, em particular as que servem para ser bons xamãs. Foram eles que ensinaram os Yanomami a preparar a droga alucinógena com folhas de *mashohara* e *hayakoari*”. (Muller 2007, p. 385 – tradução nossa).

Esta é apenas outra hipótese sobre a origem do etnônimo Jawari, mas é de considerar que a descrição apresentada sobre esses seres maléficis que “fisicamente se assemelham aos Yanomami” e são donos das plantas que servem para ser bons xamãs (e, por esse feito, respeitados e temidos) poderiam ser ressignificações acerca de inimigos que há mais de um século teriam se afastado dos grupos que assim os descrevem, ou mesmo pode ser possível que inimigos históricos dos Yaroamë se referissem assim a eles de forma pejorativa.

26. Hoje, muitos dos habitantes da região do Apiaú e Ajarani possuem os termos Waika e Yauari como sobrenome nos seus documentos de identificação.

27. Uma análise sobre a lista de palavras registrada por Salathé acerca dos Karimé dão fortes indícios de que este grupo seria Yaroamë (ou talvez Yānoma), visto que apresentam usos de pronomes e palavras que, de acordo com nossas análises, são provavelmente de origem Yaroamë.



Casa yaroamë na região do Ajarani

Carlo Zacchini, 1976

24. O Prodoclin é uma ação do Museu do Índio (Funai), que em 2011 apoiou trabalhos de documentação da língua Ninam com estudos realizados por linguistas, antropólogos e pesquisadores indígenas nas regiões da Serra do Pacu (Missão Catrimani), Uxiú (Alto Mucajaí) e Ericó (ver <http://prodoclin.museudoindio.gov.br>).

25. Não temos informações suficientes sobre a língua do grupo em isolamento voluntário na Serra da Estrutura para afirmar se este é falante de uma terceira variante ou compartilha o mesmo dialeto dos Yaroamë das Baixadas.

### 1.4.4.1. Dialeto Ŷaroamë da Baixada

Regiões em que é falado: Ajarani e Apiaú

Número aproximado de falantes: 216

Como discutiremos mais à frente no capítulo 2, os Ŷaroamë fazem parte da primeira onda migratória que deixou a Serra Parima, descendo pelo Rio Catrimani. Ao sofrerem pressão da chegada de grupos yanomam na região do Médio Catrimani, migraram para o leste, nas imediações dos Rios Apiaú e Ajarani. Os Ŷaroamë teriam chegado no interflúvio Mucajaí-Catrimani por volta de 1920.

Relatos históricos descrevem que já na década de 1940 alguns Ŷaroamë da região do Ajarani estabeleceram contato intermitente com balateiros e caçadores de peles (ou gateiros) que se lançavam em expedição na região dos Rios Ajarani e Catrimani (Verdum 1990). Essa relação, ainda que de baixa intensidade, foi suficiente para deflagrar uma sucessão de epidemias que tiveram grande impacto sobre a demografia desse grupo.

Em 1962 os missionários da Ordem da Consolata fizeram a primeira viagem até a região do Rio Ajarani, onde abriram uma pequena pista de pouso e uma roça com o apoio dos Ŷaroamë. Porém os missionários deixaram a área três anos depois e o contato com o grupo passou a acontecer de forma muito esporádica. Os relatos do padre Sabatini sobre os Ŷaroamë registram um significativo isolamento do grupo, valendo-se de machados de pedra, facas feitas com lascas de bambu e panelas de barro em seu cotidiano (Verdum 1990).

A dificuldade em estabelecer relações com os Ŷaroamë está presente também em descrições de missionários evangélicos da UFM (atual MEVA), que em 1957 valeram-se da mesma estratégia utilizada com os Ninam do Sul para contatar os Ŷaroamë, sobrevoando seu território, jogando anzóis e outros objetos. No caso dos Ninam, os missionários foram recebidos por um homem levantando um cacho de bananas em direção ao avião em sinal de amizade. Já no Apiaú, os Ŷaroamë receberam os missionários apontando uma flecha para o avião (Early e Peters 1990).

A relativa resistência dos Ŷaroamë ao contato parecia prever os efeitos catastróficos que esses grupos viveriam a partir do momento em que a construção da Perimetral Norte (BR-210) passou literalmente por cima de seu território. A estrada fazia parte do Plano de Integração Nacional, um dos projetos desenvolvimentistas do governo militar da época. Assim, centenas de homens e maquinários avançaram pela floresta onde viviam grupos Ŷaroamë praticamente isolados ou com pouco contato, levando à morte de aproximadamente 22% da população desse grupo yanomami que se conhecia na época (Verdum 1990). Com grandes áreas de roçado e caça dos Ŷaroamë tendo sido desmatadas para a abertura da estrada, muitos dos Ŷaroamë da Serra do Pacu e Ajarani passaram a viver em uma espécie de “nomadismo rodoviário”, andando de um acampamento de obra a outro pedindo comida (Ramos e Taylor 1979).

Apesar de a estrada não ter passado pela região do Apiaú, as consequências de sua abertura também chegaram aos Ŷaroamë da região, que foram severamente afetados pelas epidemias levadas nesse processo de contato abrupto. Estima-se

A construção da Perimetral Norte passou por cima do território onde viviam os Ŷaroamë e outros grupos yanomami. Na foto abaixo, casa na região do Apiaú



Carlo Zaocchini, 1975



Estêvão Benfica Serraval/SA, 2016

que cerca de 100 índios já teriam morrido em meados da década de 1970, restando apenas 30 sobreviventes (Ramos e Taylor 1979).

Como se não bastassem os impactos da estrada, na década de 1980 o Estado brasileiro promoveu a ocupação de não indígenas nesse território, ocupação que perdurou mesmo após a demarcação da TIY em 1992. Assim, reduzidos em pequenos grupos e desorganizados, os Ŷaroamë sobreviventes viveram durante décadas marginalizados, fazendo pequenos trabalhos nas fazendas instaladas em seu próprio território. O convívio nas fazendas, por sua vez, contribuiu para a disseminação do hábito de consumir bebidas alcoólicas e o aumento da dependência de alimentos industrializados.

A passagem abrupta da Perimetral Norte no território Ŷaroamë deixa, ainda hoje, fortes marcas entre os grupos sobreviventes, que seguem em busca de

#### Box 7 • Ninam e Ŷaroamë: bilinguismo assimétrico no Apiaú

Apiaú é uma região que viveu, até muito recentemente, em uma situação de bilinguismo assimétrico, sendo a língua Ninam predominante ante o uso do Ŷaroamë. Na década de 1980, após conflitos principalmente na região do Ajarani, muitos Ŷaroamë da Baixada migraram para o Mucajaí, onde antigos laços de aliança se fortaleceram por meio de casamentos e da intensificação do convívio entre eles. Assim, quando parte deste grupo decidiu voltar para o Apiaú, junto a eles foram muitos falantes de Ninam, de modo que, até meados de 2015, metade da população da aldeia hatyanaí era formada por falantes de Ninam do Sul (Xirixana),

enquanto a outra metade por falantes de Ŷaroamë (Waika e Yawari).

Durante muito tempo o Ninam foi a principal língua usada na comunidade, seja na relação entre Ninam-Ninam, seja na relação Ninam-Ŷaroamë, e há, inclusive, alguns relatos de uso da língua Ninam na relação Ŷaroamë-Ŷaroamë. Depois de 2015, aqueles identificados como Xirixana retornaram para o Baixo Mucajaí, e junto a eles seguiram diversas famílias Ŷaroamë do Ajarani, que escapavam de um conflito com os *Opikitheri*. Esse movimento abriu espaço para que o Ŷaroamë passasse a ser mais falado no Apiaú, apesar de a língua Ninam ainda estar bastante presente no vocabulário regional.

uma reestruturação social, já que a estrada desorganizou o sistema produtivo e a vida aldeã desses grupos, causou baixas demográficas pelas mortes por epidemias de gripe e sarampo, além de malária e tuberculose.

### 1.4.4.2. Dialeto Ŷaroamë das Serras

Os Ŷaroamë que vivem na região da Missão Catrimani são conhecidos também como *Opikitheri*, por viverem no sopé da Serra Opiki (Serra do Pacu), próximo ao Médio Rio Pacu. Existem ali seis comunidades: os *Koroasipitheri*, os *Maamasipitheri* e os *Hehupitheri*, que vivem hoje no sopé da serra, e os *Parakahipitheri* e os *Oiyeteopitheri* que construíram suas casas na margem esquerda do Rio Arapari e afluentes. Os *Opikitheri*, a sexta comunidade, visitam com frequência a Missão Catrimani, principalmente quando precisam recorrer ao posto de saúde. Há um casamento entre uma mulher yanomae com um Ŷaroamë da Serra do Pacu, e a família vive em uma comunidade yanomae próxima à Missão.

Assim como os Ŷaroamë do Ajarani e do Apiaú, esse grupo também experimentou tragicamente os impactos socioambientais e sanitários que acompanharam a abertura da Perimetral Norte (BR-210).

Em 1974, em meio ao dramático período da construção da Perimetral Norte, os *Opikitheri* deixaram suas casas nas serras e passaram a viver próximo ao quilômetro 130 da estrada. Como efeito da desestruturação social do grupo, que havia ficado sem roças, os *Opikitheri* passaram a caminhar de um acampamento de obra a outro ao longo da Perimetral, por vezes ficando parados na estrada como forma de parar os caminhões que ali circulavam, para pedir comidas, roupas ou carona (Ramos e Taylor 1979).

Um exame sobre a pirâmide etária dos *Opikitheri* atualmente revela um pequeno número de velhos e adultos, com mais de 50 anos. Sem referencial do que seria uma vida aldeã “saúdável”, muitas famílias Ŷaroamë das Serras têm se deslocado para os centros urbanos passando largas temporadas, muitas vezes submetidos a situações de exploração e violência.

Regiões em que é falado: comunidades da Serra do Pacu (Missão Catrimani)

Número aproximado de falantes: 143

## Box 8 • Moxihatëtëa: os Yaroamë em isolamento voluntário

Sobre a relativa resistência que os Yaroamë mostraram quase sempre ante o contato, ao longo de sua história, os *Moxihatëtëa* (ou *Moxi hatëtëma thëpë*) talvez sejam sua exponência máxima, visto que seguem em isolamento voluntário próximo à Serra da Estrutura, em região localizada entre a margem direita do Rio Mucajá, a margem esquerda do Rio Catrimani e as cabeceiras do Rio Apiaú. É provável que este conjunto populacional tenha permanecido isolado após o movimento migratório que levou os outros Yaroamë a povoarem as Bacias do Rio Ajarani e Médio Apiaú (Albert e Oliveira 2011).

Os *Moxihatëtëa* são antigos conhecidos de grupos yanomae da Missão Catrimani e Demini, dos Yanomama do Papiú e Alto Catrimani, além dos Ninam do Uxiú. Histórias de antigos conflitos entre os *Moxihatëtëa* com alguns desses grupos são um dos motivos pelos quais os Yaroamë isolados são temidos por vários outros Yanomami e, com certa frequência, acusados de terem causado a morte de pessoas de outras comunidades yanomami por feitiçaria. Pelos relatos que recebemos ao longo dos últimos vinte anos, os *Moxihatëtëa* parecem nunca atacar outros grupos, tendo apenas defendido seu território em caso de invasão, hoje severamente ameaçado pelas atividades ilegais de garimpo. Existem relatos entre alguns Yanomae e Ninam do Mucajá sobre ataques e incursões guerreiras envolvendo os *Moxihatëtëa*, sendo que a última teria ocorrido em 1985 (ibidem).

Por vários anos não se teve mais registros sobre a localização dessas comunidades yaroamë, inclusive foram levantadas hipóteses de que esse grupo poderia ter desaparecido por completo durante a invasão garimpeira ao território yanomami na segunda metade da década de 1980. Em 1995 a Funai confirmou a sobrevivência dos *Moxihatëtëa* e, em 2011, a Hutukara Associação Yanomami (HAY), juntamente ao órgão, fizeram fotos aéreas de uma casa do grupo.

Desde o final da década de 1980 os *Moxihatëtëa* têm vivido o grande desafio de resistirem às constantes invasões garimpeiras que acontecem em seu território – inclusive com alguns relatos de

conflitos entre eles. O grupo parece viver hoje a difícil situação de ver suas possibilidades de deslocamento dentro da TIY se tornarem cada vez mais limitadas, seja pela presença de garimpeiros que invadem seu entorno, ou por se depararem com territórios já ocupados por outros grupos yanomami. É urgente garantir a sobrevivência dos *Moxihatëtëa* assegurando a proteção do entorno de seu território contra as invasões garimpeiras, bem como o controle da situação sanitária da região, para que este grupo, que resiste ao contato há mais de um século, não seja a vítima atual da truculência de ações de invasores da TIY.



Guilherme Gnippner, 2016

Grupo yanomami que vive em isolamento voluntário na Serra da Estrutura. Conhecidos como *Moxihatëtëa*, há indícios de que sejam falantes de Yaroamë

### Para imagens e relatos sobre os *Moxihatëtëa*

Ver o filme de Morzaniel Tramari Yanomami disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QxuA1j10cDU>.

### Para saber mais sobre a língua Yaroamë e seus falantes

Ferreira, Helder Perri. *Esboço gramatical do Yaroamë: língua falada na Serra do Pacu/Roraima*. Museu do Índio, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em [www.linguasyanomami.org/grm\\_yrm/grm\\_yrm.pdf](http://www.linguasyanomami.org/grm_yrm/grm_yrm.pdf).

Verdum, Ricardo. *Os Yawaripë: Contribuição à História do povoamento Yanomami*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 1995.

## 1.4.5. Língua Yãnoma

Aparentemente a língua Yãnoma apresenta hoje apenas um “grande” dialeto, falado por aproximadamente 180 pessoas, sendo a língua da família Yanomami que se encontra em situação de maior vulnerabilidade. A língua é falada em três comunidades localizadas no vale do Rio Catrimani, no limite leste da TIY. Duas dessas comunidades – Caju e Macuxi – estão situadas na região conhecida como Baixo Catrimani, na fronteira leste da TIY. Ali existe um posto de saúde, uma pequena pista de pouso e uma escola estadual com um professor contratado. Rasasi é a terceira comunidade com a presença de falantes do Yãnoma e fica na região da Missão Catrimani. Nessa comunidade há alguns casais formados por Yãnoma e Yanomam, outros por Yãnoma e Yaroamë, sendo que os filhos desses casais têm tido uma educação bilíngue. Waika<sup>28</sup> é o etnônimo pelo qual são conhecidos os Yanomami do Baixo Catrimani e a língua falada por eles, sendo o termo *Yãnoma* utilizado pelos falantes para se referir a “pessoa”, “seres humanos”.

A língua Yãnoma não foi ainda documentada e descrita, ação fundamental para que se possa subsidiar melhor seu status de língua da família Yanomami. Até o presente momento algumas discussões entre linguistas e outros estudiosos das línguas Yanomami levantavam a hipótese de que a língua falada no Baixo Catrimani pudesse ser um dialeto do Yaroame, fato que não se confirmou. No entanto, o Yãnoma já havia sido classificado como uma das línguas Yanomami pela equipe da Hutukara, que em seu *website* se refere ao Yãnoma (identificado ali como waika) como sendo uma das nove línguas Yanomami.

O status de língua aqui conferido ao Yãnoma se baseia, portanto, em relatos de inteligibilidade mútua dos falantes de Yãnoma, Yaroamë e Yanomae, e é corroborado por relatos sobre os históricos desses grupos, suas rotas de migração e antigas moradias. Cada uma das três variedades linguísticas apresenta históricos diferentes, o que reforça a tese de que seriam línguas diferentes.

Em outras palavras, estamos afirmando que o Yãnoma é a sexta língua da família Yanomami porque seus falantes

nativos e falantes das línguas Yanomami do entorno assim o dizem, tanto por questões de inteligibilidade linguística, como também por relatos acerca da história dos grupos.

Como destacaremos no capítulo 2, dedicado à história migratória dos grupos yanomami, existem pouquíssimas informações históricas sobre os Yãnoma, e por isso a história oral é a fonte privilegiada de informações sobre o grupo. Os poucos Yãnoma que vivem hoje na TIY são remanescentes de um conjunto de comunidades muito maior, que ocupava o interflúvio Demini-Catrimani até as primeiras décadas do século XX, tendo sofrido os grandes impactos dos primeiros contatos com a frente extrativista que explorou seu território em meados do mesmo século, espalhando epidemias que causaram a morte de muitos Yãnoma.

Em 1962, o padre Bindo Meldolesi, missionário da então Prelazia do Rio Branco, estabeleceu como os *Opikitheri* os primeiros contatos, e desde então os Yãnoma têm efetuado trocas frequentes com os missionários, ainda que de maneira periférica em relação aos grupos yanomae que vivem mais próximos à Missão. A relação estabelecida entre os Yãnoma com os missionários e os Yanomae da Missão Catrimani ocorre de uma forma assimétrica, onde cabe aos Yãnoma aprenderem o Yanomae e não o movimento contrário, conferindo a muitos Yãnoma a habilidade de se comunicarem em Yanomae com grande desenvoltura.

Durante o período da homologação da TIY, em 1992, alguns Yãnoma fizeram um movimento de “resgate” de seus parentes que viviam em fazendas ou trabalhavam para patrões ligados ao extrativismo, vivendo fora do território recém-demarcado. Os Yãnoma conseguiram levar de volta para suas comunidades vários parentes que viviam em situação análogas à escravidão, sendo que alguns deles encontravam-se completamente presos ao sistema de aviamento.

Atualmente, a proximidade relativa de Santa Maria de Boiaçu, em Caracará (RR), além das fazendas do entorno, faz com que haja um fluxo de alguns Yãnoma para esses locais, especialmente homens, em busca de trabalhos tempo-

Glottocode: –

ISO 639-3 code: –

Outros nomes aceitos pelas comunidades falantes: Waika

Nomes usados na literatura: Oaika, Guaika, Waiká, Waika, Waika

Nomes para se referir à língua ou ao povo a serem evitados: –

Número aproximado de falantes no Brasil: 180

Número de falantes na Venezuela: 0

Regiões da TIY no Brasil em que é falada: Baixo Catrimani e Missão Catrimani (comunidade Rasasi)

Principais dialetos falados no Brasil: Yãnoma (único dialeto)

<sup>28</sup> Waika é também um termo relacional utilizado por vários grupos yanomami para se referirem a outros grupos yanomami que vivem a leste da comunidade do falante.

rários em fazendas ou a comercialização de produtos como sorva, balata, seringa, açaí, castanha e produtos da roça. Essa inserção na economia extrativista local muitas vezes se traduz em longos períodos de permanência dos Yãnoma fora de suas comunidades e, não raras vezes, os trabalhos temporários em fazendas resultam em situações análogas à escravidão. Além disso, os Yãnoma lidam hoje em seu território com a invasão de pescadores no Rio Catrimani, bem como com os impactos do turismo de pesca existente na região, que acaba por pressionar a disponibilidade de peixes no Baixo Catrimani.

Essa realidade, por sua vez, faz com que o português também seja falado pela grande maioria dos adultos homens, acostumados a lidar com não indígenas, principalmente no contexto de comércio local e trabalhos temporários. O caráter poliglota de muitos indivíduos yãnoma, falantes principalmente do Yanomae e do português, contribuiu, de certa forma, para uma espécie de invisibilidade da diferença do Yãnoma em relação às outras línguas Yanomami.

Os cursos de formação de professores promovidos pela equipe missioná-

ria e pela CCPY sempre tiveram um público majoritariamente Yanomae. Ainda assim, em vários momentos houve a participação de um ou dois Yãnoma nesses cursos, o que, por consequência, fez com que a escrita fosse minimamente inserida na região. As primeiras pessoas falantes dessa língua a serem alfabetizadas, aprenderam primeiro a escrever em Yanomae, adaptando assim o sistema ortográfico aprendido para o Yãnoma.

Não é possível saber quão bem-sucedida foi esta adaptação e se necessitaria ou não de uma revisão dessa ortografia adaptada pelos próprios falantes. Entretanto, devemos lembrar o caso similar já descrito aqui acerca da língua Yaroamë, que, ao adaptar a ortografia Yanomae para sua língua, algumas particularidades importantes da fonologia Yaroamë não foram captadas nesse processo (ver 1.4.4, p. 50).

As descrições e os dados disponíveis acerca da língua Yãnoma e seus falantes é ainda escasso. Reforçamos aqui, portanto, a necessidade de mais pesquisas tanto de caráter linguístico como também histórico e etnográfico.

## 1.4.6. Língua Yanomam

Com aproximadamente 11.900 falantes, o Yanomam é a língua mais falada pelos Yanomami no Brasil, sendo a língua materna de 46% da população yanomami em nosso país. O Yanomam é mais falado no Estado de Roraima, enquanto o Yano-

mami predomina no Estado do Amazonas. A língua pode ser dividida em quatro dialetos: Yanomae ou Yanomam das Baixadas; Yanomama ou Yanomam das Serras Sul; Yanomam das Serras Central e Yanomam das Serras Norte.

### 1.4.6.1. Dialeto Yanomae ou Yanomam das Baixadas

O dialeto Yanomae é muito familiar a vários Yanomami falantes de outras variedades linguísticas. Existe uma percepção dos demais Yanomam, principalmente aqueles das serras, de que os Yanomae falam mais lentamente do que eles. Atribuem a isso uma maior facilidade de compreensão do Yanomae pelos outros Yanomami e pelo fato de que os não indígenas têm mais facilidade de aprender a língua Yanomae em comparação com as outras variedades.

Os Yanomae chegaram até as regiões das baixadas em diferentes movimentos migratórios distintos, que serão descritos com mais detalhes no próximo capítulo. Por ora, vale apresentar de forma sucinta as principais levas migratórias que deram origem à configuração dos grupos atuais. Os *Wakathau thëripë* – dos quais descendem os Yanomami da Missão Ca-

**Regiões em que é falado:**  
Demini, Toototopi, Missão Catrimani e Novo Demini

**Número aproximado de falantes:** 2.300

trimani – migraram para a Bacia do rio Catrimani ainda no início do século XX. Já os antepassados dos Yanomami do Demini e do Hawarixapopë desceram das serras de Surucucu e do Xitei por volta da década de 1930 e seguiram para a região do Rio Lobo d'Almada.

O terceiro movimento migratório dos Yanomae para as baixadas foi feito pelos antepassados dos Yanomae do Toototopi e Novo Demini, que por volta de 1940 saíram da região serrana, contornando as serras do Xitei, cruzaram o Orinoco e alcançaram as montanhas do Toototopi, tendo se espalhando daquele ponto até a calha do Rio Demini.

**Glottocode:** yano1262

**ISO 639-3 code:** yro

**Outros nomes aceitos pelas comunidades falantes:** Horepe thëri (povo das terras altas<sup>29</sup>)

**Nomes usados na literatura:** Ianomâmi, Yanomani

**Nomes para se referir à língua ou ao povo a serem evitados:** Waika

**Número de falantes no Brasil:** 11.741 (censo da Sesai, 2016)

**Número de falantes na Venezuela:** 584 (censo de 2011)

**Regiões da TIY em que é falada (só no Brasil):**  
Demini, Toototopi, Missão Catrimani, Novo Demini, Xitei, Homoxi, Haxiú, Papiú, Kayanaú, Alto Catrimani, Palimiú, Surucucu, Arathaú, Parahuri, Waputha

**Principais dialetos falados no Brasil:**  
Yanomae (ou Yanomam das Baixadas), Yanomama (ou Yanomam das Serras Sul) e Yanomam das Serras Norte

**29.** Nome aceito apenas pelos Yanomam que residem nas serras.



Lucas Lima/ISA, 2018

Encontro de xamãs na comunidade Xihopi, na região do Novo Demini

## Box 9 • O Yanomam como língua franca

Nos últimos 20 anos temos acompanhado o estreitamento das relações entre Yanomami de regiões que são geograficamente muito distantes. As novas relações que surgem desses encontros – alguns deles muito improváveis antes da intensificação do contato – são efeito de algumas mudanças ocorridas nos últimos 30 anos, como o aumento da representatividade política dos Yanomami em encontros que reúnem pessoas das mais diversas regiões; grande fluxo de Yanomami que são removidos para a Casai e hospitais de Boa Vista para tratamento médico; surgimento das associações yanomami realizando ações que demandam mobilidade de vários Yanomami; expansão do sistema de radiofonia; circulação de materiais escritos em Yanomami; músicas e vídeos em diversas línguas; além de maior presença de Yanomami nas cidades por motivos variados.

É nesse panorama que a língua Yanomam (e mais frequentemente o dialeto Yanomae) tem se tornado língua franca, sendo compreendida e falada em diferentes níveis, por vários falantes de outras variedades da família Yanomami. Algumas cenas cotidianas ilustram essas novas dinâmicas: é possível ver hoje um Sanõma negociando alguma troca com um Yanomami na Casai, valendo-se de um vocabulário básico em Yanomae. Podemos testemunhar nos canais da radiofonia algum Ninam falando em Yanomama com sotaque acentuado, ou mesmo assistir discussões durante reunião do Conselho de Saúde, por exemplo, onde a língua mais falada e traduzida seja também alguma língua Yanomam, apesar da diversidade linguística do público Yanomami na reunião. As razões pela qual o Yanomam parece ocupar esse lugar central se dá por uma série de motivos:

- O Yanomam tem o maior número de falantes absolutos no Brasil (46% da população yanomami é falante dessa variedade);
- As regiões falantes do Yanomam estão em região central na TIY, sendo que todas as outras cinco línguas estão em áreas de fronteira com alguma variedade do Yanomam. Em oito das nove zonas de bilinguismo aqui descritas (seção 1.5, p. 69), alguma língua Yanomam está presente e há um intenso intercâmbio linguístico entre as línguas envolvidas. Além disso, dessas nove zonas de bilinguismo com o Yanomam, em apenas uma dessas zonas o Yanomam é menos prestigiado – este é o caso de Kayanaú, onde o Ninam tem ganhado maior espaço.
- Apesar de a escrita nas línguas Yanomami ter surgido primeiro em localidades apoiadas por missionários com viés de trabalhos proselitistas – missões da MEVA e MNTB –, a ampliação do sistema escolar em língua Yanomami se deu nas regiões falantes de línguas Yanomam, apoiados pelos trabalhos da CCPY e Diocese de Roraima, quando a escolarização passou a ser percebida como uma ferramenta para ações políticas de defesa do território e melhoria da vida dos Yanomami. Isso fez com que a língua Yanomam ganhasse visibilidade interna e externa, além de ter se difundido em diversas regiões da TIY.
- Algumas regiões falantes da língua Yanomam, como Demini, Toototopi, Missão Catrimani e Papiú, foram privilegiadas por projetos de educação e pesquisa que resultaram em uma significativa produção de jornais, livros, cartilhas e até mesmo filmes e CDs, que circularam entre Yanomami das mais diversas comunidades do território, o que contribuiu para o fortalecimento e circulação do Yanomam.

- Sempre houve um número considerável de assessores da Diocese de Roraima, da CCPY/ISA e alguns funcionários dos serviços de saúde que aprenderam a falar algum dos dialetos Yanomam (em sua maioria o Yanomae); há um índice consideravelmente menor de falantes não indígenas das outras variedades linguísticas.
- O Yanomam (Yanomae) é a língua falada pela maioria dos membros da HAY, que foi a primeira associação yanomami fundada com propósito de representar todos os Yanomami da Terra Indígena Yanomami. Seus membros sempre fizeram reuniões circulando pelas mais variadas regiões da TIY, além de realizarem assembleias e grandes encontros que reúnem Yanomami falantes de todas as variedades linguísticas.
- O sistema de radiofonia presente na TIY conta hoje com 78 rádios, cerca de metade deles instalados pela HAY, garantindo assim a circulação de informação entre os Yanomami de regiões distintas. Há um significativo número de comunidades falantes de Yanomam com acesso aos rádios hoje em dia, o que fortalece a circulação dessa língua.

Ainda que a língua Yanomam tenha ganhado muito espaço em contextos que reúnem falantes de todas as seis línguas, é de se notar que alguns falantes de outras variedades, ao invés de se renderem ao uso do Yanomam, buscaram fortalecer suas línguas, pedindo espaço em reuniões para traduzir conteúdos nas línguas Yanomami, Ninam ou Sanõma. Além disso, há intérpretes dessas três línguas trabalhando na mediação da comunicação entre pacientes e funcionários da saúde na Casai. Não há intérpretes das línguas Yaroamê e Yãnoma, que por sua vez são aquelas com o menor número absoluto de falantes.



Moreno Saraiva Martins/ISA, 2012

O impacto dos primeiros contatos dos Yanomae com os *napëpë* foram devastadores. As histórias de todos esses grupos são marcadas por relatos de contatos com exploradores, comerciantes, membros da comissão de demarcação de limites ou missionários. Algumas dessas primeiras relações, principalmente em meados do século XX, resultaram em dramáticos capítulos da história desses grupos, assolados por epidemias que rapidamente se espalhavam entre as comunidades.

A intensificação do contato deu início a uma importante presença de ações e projetos realizados pelos não indígenas entre os Yanomae. Desde o final da década de 1950 os missionários da Diocese de Roraima trabalham permanentemente na região da Missão Catrimani, realizando ações de atenção à saúde e defesa dos direitos dos Yanomami. A partir de 1990, as irmãs missionárias da Consolata passaram a atuar permanentemente na Missão Catrimani, fortalecendo os trabalhos na região (Mwangi 2015).

Após a demarcação da TIY, ainda na década de 1990, a CCPY iniciou o apoio aos Yanomami das regiões do Demini e

Toototopi, inicialmente dando assistência à saúde e depois iniciando o Projeto de Educação Intercultural (PEI), que implantou escolas nessas regiões e atuou na formação de professores yanomami. Em 2009 os trabalhos da CCPY foram incorporados pelo ISA, que segue realizando ações entre os Yanomae como apoio à comercialização de produtos florestais, realização de pesquisas interculturais, encontro de jovens e encontro de mulheres yanomami.

Os projetos e ações realizadas pela CCPY nas regiões yanomae sempre tiveram grande apoio do líder yanomami, Davi Kopenawa, que nasceu no Toototopi, se mudando para o Demini depois de casado. Os trabalhos de formação escolar de jovens do Demini foi um dos pilares que levou à fundação da HAY em 2004. A Hutukara é presidida por Davi Kopenawa desde então, sendo a única associação yanomami que se propõe a representar a TIY como um todo, e se destaca principalmente pela sua atuação entre os Yanomae, sendo a língua falada pela maior parte dos integrantes da diretoria da associação.

Casa coletiva na região da Missão Catrimani



Lucas Lima/ISA, 2018

Comunidade Riximapi na região do Xitei

Com tantas ações e projetos realizados entre os Yanomae, não é surpresa que haja um grande número de jornais e livros escritos nessa língua, além de um CD, alguns filmes (disponíveis online) e um DVD.

A escrita em Yanomae nas regiões de Demini, Toototopi e Missão Catrimani segue padrões ortográficos, com algumas variações entre falantes de regiões distintas ou regras de escrita que não estão sujeitas à estandarização, contendo apenas diferenças sutis. Já os Yanomami da região do Novo Demini seguem o sistema ortográfico implantado por missionários da MNTB, que difere bastante daquela adotada nas demais regiões. A região do Novo Demini surgiu por volta de 1990, sendo uma dissidência de grupo de Toototopi, que se mudou rio abaixo acompanhando os integrantes da MNTB que atuam na região desde 1964. A escola do Novo Demini foi implantada pelos missionários com o objetivo de alfabetizar os índios para evangelizá-los.

Na região do Demini, onde vive Davi Kopenawa, praticamente toda a população morava em uma única casa coletiva até o ano de 2009, quando alguns grupos familiares começaram a se separar

e surgiram novas comunidades, sendo quase todas muito próximas à casa coletiva de Watoriki e a pista de pouso. A comunidade de Nova Canaã foi construída mais distante, às margens do Rio Ananariú, onde os Yanomae trabalham com a extração de cipó-titica.

As várias comunidades yanomae que vivem na calha do Demini têm se dedicado aos trabalhos de extração e venda do cipó-titica e da castanha-do-pará. Além de comunidades yanomami de Ajuricaba que fazem parte desse comércio, a atividade extrativista tem ganhado espaço como atividade econômica das comunidades de Xihopi, Novo Demini, Maxokapi (dissidentes do Toototopi), Marakana (antigo Apiahiki), parte do grupo do Apiaú, parte do grupo do Koyopi e Nova Canaã. Praticamente todas essas comunidades (mas não todas as pessoas) têm se envolvido em atividades extrativistas. Os produtos são escoados pelo rio até a cidade de Barcelos, onde são vendidos para comerciantes locais e atravessadores. Recentemente o ISA e a Hutukara têm apoiado os Yanomae na busca por melhorias na prática extrativista e comercial do cipó, da castanha e também da cestaria produzida pelas mulheres.

#### 1.4.6.2. Dialeto Yanomama ou Yanomami das Serras Sul

O Yanomama – ou Yanomami das Serras Sul – é o dialeto Yanomam com maior número de falantes. A maioria das comunidades onde se fala essa variedade dialetal está concentrada ao sul da região das serras, na porção oeste da TIY, sendo que várias dessas comunidades se encontram em locais de acesso remoto. A maioria dos falantes do Yanomama é de monolíngues.

A ocupação das serras do Xitei pelos Yanomama é muito antiga, tendo sido ponto de dispersão dos Yanomae para as baixadas. Os Yanomama seriam, portanto, aqueles que teriam ficado na região, realizando apenas movimentos migratórios mais curtos. Parte dos Yanomama seguiu para a região do Haxiú e na primeira metade do século XX um grupo teria se destacado para viver na região hoje conhecida como Papiú. Por sua vez, ao final dos anos 1990 um grupo migrou do Papiú, dando origem à região do Kayanaú,

e acabaram por se aproximar muito dos Ninam que vivem no Mucajaí, configurando hoje uma das zonas de bilinguismo das línguas Yanomami (seção 1.5, p. 69).

Ainda na primeira metade do século XX dois movimentos migratórios curtos e paralelos levaram à saída de outros Yanomama do Xitei, que passaram então a habitar as regiões hoje conhecidas como Homoxi e Yaritha. Dentre as regiões falantes do Yanomama, o grupo de Palimiú chama a atenção por ter feito o maior deslocamento e deixando as serras do Xitei por volta de 1915, atravessando toda a serra de Surucucu até alcançar as margens do Rio Uraricoera. Apesar de vários Yanomama da região sul das serras reconhecerem o parentesco com pessoas do Palimiú, a longa distância que os separa tem tornado esse vínculo cada vez mais tênue e distante no tempo. Nesses quase 100 anos em que os Yanomama do Palimiú vivem na Bacia do Uraricoera, o gru-

po acabou por estreitar suas relações com os Ninam do Alto Mucajaí, vínculo fortalecido pelo fato de serem atendidos pela mesma ordem missionária.

Nas regiões de Xitei e Homoxi há trocas entre os Yanomama com comunidades falantes de Yanomami. São regiões muito populosas, onde o contato com os não indígenas parece ser relativamente baixo, resumindo-se aos funcionários do posto de saúde, no caso do Xitei, e incluindo os garimpeiros, no caso de Homoxi. Em 1992 foi instalada uma missão católica no Xitei, com a presença fixa de três irmãs pertencentes à Congregação Irmãs da Providência de Gap, ligadas à Diocese de Roraima (Mwangi 2015). As missionárias viveram ali por vários anos, fazendo trabalhos de apoio à saúde, e, por um período mais curto, também de apoio à escolarização dos Yanomami da região. O trabalho das missionárias se estendeu até o final da primeira década de 2000.

As regiões falantes do Yanomama foram assoladas pela invasão garimpeira entre as décadas de 1980 e 1990, sendo a pista de pouso do Papiú a principal porta de entrada para os invasores. Em 1986 os Yanomama do Papiú viram sua pista de pouso de 300 metros ser ampliada para 1.090 metros, sendo esta uma das ações do Projeto Calha Norte (PCN), do governo federal, visando à ocupação de regiões fronteiriças como um plano de segurança nacional. Essa ampliação acabou por ser um Cavalo de Troia para os Yanoma-

mi, que assistiram em seguida à invasão massiva de seu território por garimpeiros sedentos por ouro.

As consequências da invasão para a população yanomami foram devastadoras, não apenas para o grupo do Papiú, mas de diversas regiões do território yanomami, em especial das regiões falantes de Yanomama, como Homoxi, Alto Catrimani e Haxiú, levando à morte de centenas de pessoas, deixando para a população indígena local severos quadros de desnutrição, altas taxas de malária e outras diversas doenças, além da grande degradação ambiental e desestruturação social.

Ainda hoje a prática ilegal do garimpo está presente na maioria dessas regiões. Em Homoxi, Haxiú, Papiú, Alto Catrimani e Kayanaú o aumento da presença de invasores tem alcançado índices alarmantes nos últimos anos. O aliciamento de jovens yanomami por garimpeiros é também uma prática comum. Além dos danos ambientais e sanitários causados pelo garimpo, do ponto de vista linguístico o garimpo é também responsável por introduzir a língua portuguesa nas comunidades yanomami, através de um vocabulário muitas vezes chulo e obscuro.

Do final da década de 1990 à primeira década de 2000, a CCPY realizou a formação de professores das regiões de Papiú, Kayanaú, Alto Catrimani e Homoxi. Na região do Papiú alguns professores locais realizaram ações de pesquisas inter-



Lucas Lima/ISA, 2018

Comunidade na região das serras do Xitei

culturais, que resultaram na publicação de um dicionário de verbos português-Yanomama e três livros sobre mitologia.

Atualmente existem duas convenções ortográficas seguidas pelos falantes do Yanomama: a primeira, mais presente em toda a TIY – de origem salesiana e difundida pela CCPY, Diocese de Roraima e Urihi Saúde – é adotada no Papiú, Alto Catrimani, Homoxi, Kayanau, Xitei e Haxiú. O outro sistema ortográfico desenvolvido pela MEVA é seguido apenas pelos Yanomama do Palimiú, onde a escolarização sempre foi voltada para a tradução e leitura da Bíblia.



Lucas Lima/ISA, 2018

Casa comunitária de Watatase na região do Xitei

### Box 10 • Neologismos e a criatividade na língua Yanomami

A intensificação do contato com os não indígenas leva inevitavelmente ao surgimento de novas práticas e à chegada de novos objetos entre os Yanomami. Portanto, é de esperar que, a partir da criatividade das pessoas locais, surjam novos termos para que possam se referir a uma série de novos elementos que passam a fazer parte da vida nas comunidades. Esse movimento tem permitido aos Yanomami estabelecerem relações interessantes ou se valerem de ricas metáforas, estilo linguístico muito familiar aos Yanomami.

Alfredo Himotona (*in* Ferreira *et al.*, 2011), pesquisador indígena, nos explica que, para captar os neologismos yanomami, é preciso estar atento à forma como as mulheres falam, visto que elas têm menor familiaridade com o português e por isso se valem do vocabulário yanomami para criar palavras e expressões para o que até então era desconhecido. Himotona diz que os Yanomami devem fazer como as mulheres, ampliando seu pensamento perante às novidades, tentando descobrir com o que se parecem as coisas dos brancos, para então nomeá-las.

Os neologismos aqui exemplificados têm diferentes origens: podem surgir da simples “yanomamização” ou adaptação fonético-fonológica da palavra portuguesa (ou estrangeira) (tipo 1); por extensão semântica (tipo 2), por nominalização de onomatopeia (tipo 3), pela criação de um termo explicativo ou descritivo do novo referente a ser nomeado (tipo 4), entre outras estratégias. O neologismo pode também combinar um ou mais desses procedimentos, como veremos nos exemplos a seguir, extraídos de uma lista organizada pelos professores yanomama do Papiú (Ferreira 2011):

Tabela 1.8 • Tipos de neologismos em Yanomama

Português	Yanomama	Neologismo	Observação
Bolacha	<i>Poreraxa a</i>	Tipo 1	
Carro	<i>Kahu a</i>	Tipo 1	
Café	<i>Kahe upē</i>	Tipo 1 e Tipo 4	<i>Upē</i> "classificador nominal de líquidos"
Ouro	<i>Oru</i>	Tipo 1	
Motosserra	<i>Ããma</i>	Tipo 3	
Helicóptero	<i>Purupuru</i>	Tipo 3	
Garrafa	<i>Horokotho a</i>	Tipo 2	<i>Horokoto</i> "cabaça"
Copo	<i>Mau husi</i>	Tipo 2	<i>Mau husi</i> "cuia"
Panela de metal	<i>Hapaka</i>	Tipo 2	<i>Hapaka xi</i> "panela de barro"
Hora	<i>Mothaka</i>	Tipo 2	<i>Mothaka</i> "sol"
Mês	<i>Poripa a</i>	Tipo 2	<i>Poripa</i> "lua"
Boi	<i>Xama aurima</i>	Tipo 2 e Tipo 4	<i>Xama</i> "anta" <i>aurima</i> "branco"
Banco (dinheiro)	<i>Mareasiki titipratima yano</i>	Tipo 4	Lit. "a casa em que se coloca o dinheiro"
Dentista	<i>Naki ukatima a</i>	Tipo 4	Lit. "arrancador de dentes"
Garfo	<i>Pore nahasi</i>	Tipo 4	Lit. "unhas de fantasma"
Gravador	<i>Kãhĩia toatima thē</i>	Tipo 4	Lit. "pegador de voz"
Lanterna	<i>Pore mamakasi</i>	Tipo 4	Lit. "pálpebras de fantasma"
Lanterna	<i>Wakaraxi a</i>	Tipo 4	Lit. "clareza"
Máquina fotográfica	<i>Utupē toatima thē</i>	Tipo 4	Lit. "coletor de imagens"
Meia	<i>Mahuku hōyatima kiki</i>	Tipo 4	Lit. "escondedor de pés"
Manteiga	<i>Oko ũxipē</i>	Tipo 4	Lit. "gordura do carangueijo"
Policia	<i>Huwēmatima a</i>	Tipo 4	Lit. "pessoa que prende"
Posto de saúde	<i>Haromatima yano</i>	Tipo 4	Lit. "casa de cura"
Professor	<i>Hiramatima a</i>	Tipo 4	Lit. "ensinador"
Televisão	<i>Utupē taamatima thē</i>	Tipo 4	Lit. "mostrador de imagens"
Hospital	<i>Usipitao a ou ispitao</i>	Tipo 1	
Hospital	<i>Hanipratima yano</i>	Tipo 3	Lit. "casa onde [as pessoas] são cortadas"
Desodorante/perfume	<i>Serosi upē</i>	Tipo 1 e Tipo 4	<i>Serosi</i> , fonetização de cheiroso; <i>upē</i> "classificador nominal de líquidos"
Estrada, rua	<i>Kaho mayō</i>	Tipo 1 e Tipo 4	Lit. "rastros do carro", de <i>kaho</i> (fonetização de carro) + <i>mayo</i> "rastros, caminho"
Sandália	<i>Satarya kiki</i>	Tipo 1	<i>Kiki</i> "classificador de tecidos"
Serrote	<i>Iwa xina</i>	Tipo 4	Lit. "rabo de jacaré"
Pá	<i>Oko nahasi</i>	Tipo 4	Lit. "unha de carangueijo"
Piloto de avião	<i>Apiama xēe e</i>	Tipo 4	Lit. "sogra do avião", no caso, o avião estaria trabalhando a serviço de quem o pilota, da mesma forma que os genros yanomami devem trabalhar para seus sogros

### 1.4.6.3. Dialeto Yanomami das Serras Central

Regiões em que é falado: Surucucu e Aratháú

Número aproximado de falantes: 1.400

As comunidades yanomami das Serras Central pertencem a um complexo formado por diferentes grupos multicomunitários concentrados na região. Se comparados aos vários grupos que se espalharam por todo o território yanomami, os grupos das Serras Central parecem ter feito pequenos e micromovimentos, desenhando há mais de um século um complexo de relação espacial, política e territorial. As relações nessa região são marcadas por dinâmicas de alianças e de antagonismos entre os grupos locais e outros grupos das serras ao sul (como Haxiú) e ao norte (como Parafuri e Waputha). Surucucu é uma das regiões com maior densidade demográfica de toda a TIY.

Surucucu faz fronteira com a Venezuela e suas montanhas fazem parte da Serra Parima, onde se encontra o divisor de águas dos tributários do Rio Amazonas e Orinoco, o que marca a fronteira entre Brasil e Venezuela. É uma área desenhada por serras e vales profundos. O platô de Surucucu, com mais de 1.000 metros de altitude, é coberto por uma vegetação de campo de altitude, diferente da densa floresta amazônica que há em seu entorno (Martins, Le Tourneau e Hekurari Yanomami, 2011).

Em 1961, os missionários da UFM, juntamente ao comandante da Força Aérea Brasileira (FAB), instalaram em Surucucu uma missão evangélica, que esteve ativa até 1977. Em 1975, o projeto Radam-Brasil identificou a existência de materiais radioativos, cassiterita, ouro e diamante na região, e logo a área foi aberta para pesquisas minerológicas por par-

te do Ministério de Minas e Energia. Entre abril e outubro de 1975, cerca de 200 garimpeiros chegaram à região para exploração mineral, e esse número teria ido para cerca de 500 no ano seguinte (CCPY 1982). A atividade garimpeira ganhou força e várias pistas de pouso clandestinas foram abertas em diversos pontos da floresta, levando aos Yanomami uma série de epidemias, além da desestruturação social e degradação ambiental na região.

Em meados da década de 1980, foi implantado no platô de Surucucu o 4º Pelotão Especial de Fronteira da Amazônia (4º PEF), que segue ativo na região hoje em dia e tem uma participação incipiente de Yanomami no quadro local.

Várias das comunidades das regiões de Surucucu e Aratháú são de difícil acesso, pois estão em áreas densas de floresta, cercadas por várias serras. Para muitos Yanomami, o único contato que mantêm com os não indígenas se dá através de visitas da equipe de saúde, sendo que em muitos locais elas acontecem quinzenalmente por helicóptero. Poucas foram as ações efetivas de escolarização nessas regiões, estando mais concentradas nos arredores da pista de pouso. Na década de 1970, houve tímidas iniciativas nesse sentido, levadas a cabo por missionários da UFM. Na primeira metade da década de 2000, a Urihi Saúde investiu na alfabetização, visando à futura formação dos agentes indígenas de saúde (AIS). Nos últimos anos foi criada a Escola Estadual Indígena Surucucu, que em 2016 contabilizava 85 alunos matriculados.



François Michel, 2010



Moreno Saraiva Martins/ISA, 2010

Casas comunitárias na região do Surucucu

### 1.4.6.4. Dialeto Yanomam das Serras Norte

**Regiões em que é falado:** Parahuri, Waputha e na comunidade de Polasai (Awaris)

**Número aproximado de falantes:** 2.437

Os Yanomam das Serras Norte teriam descido da Serra Parima até a região do Parafuri ao fugirem de conflitos com os Yanomami, sendo empurrados a nordeste por seus vizinhos de Kataroa, falantes do Yanomami.

Muito pouco se sabe sobre os Yanomam que vivem nas regiões de Parahuri e Waputha hoje. É de se notar que, ape-

sar de ser uma zona bastante populosa e com um grande número de falantes desse dialeto (cerca de 2.400 pessoas), existe lá um grande buraco etnográfico. Sabemos que o atendimento à saúde e a presença de garimpeiros ilegais são as únicas presenças não indígenas nesses locais, onde não há escolas.

#### Box 11 • Ortografias yanomami

Os Yanomami no Brasil valem-se hoje de quatro sistemas ortográficos distintos: o primeiro foi implementado pelos salesianos na Venezuela e difundido no Brasil por organizações como a Diocese de Roraima, CCPY, Urihi Saúde e Secoya. O segundo, introduzido na década de 1960 por missionários da MNTB, é adotado apenas nas regiões de Novo Demini e Marari. O terceiro e o quarto sistemas ortográficos foram introduzidos pela MEVA, sendo que uma variante foi adotada nas regiões Ninam do Sul, Palimiú e Hakoma e a outra se restringe à língua Sanõma, em Awaris. Buscaremos neste breve texto apenas pincelar algumas particularidades desses sistemas, bem como suas origens históricas, embora o tema deva ser mais investigado e descrito futuramente.

O sistema ortográfico mais difuso na língua Yanomam deriva daquele adotado pelos missionários salesianos e pelo antropólogo Jacques Lizot ao final da década de 1960, entre os Yanomami da Venezuela. A principal (e talvez única) adaptação feita no sistema original se refere ao grafema que representa o som /ʃ/. No sistema brasileiro, esse som passou a ser representado pelo grafema <x>, enquanto no original era indicado pelo dígrafo <sh>. Os primeiros a adotarem o sistema salesiano no Brasil foram os próprios salesianos em sua missão no Marauíá, pelo menos ao fim dos anos 1970.

Em 1976, aconteceu em Boa Vista o “Seminário sobre ortografia para línguas Yanomami e Macuxi”, promovido pela MEVA, com

participação das organizações que buscavam trabalhar com a escrita das línguas Yanomami na época: os missionários, que tinham como principal objetivo a tradução da Bíblia para as línguas Yanomami e a formação de leitores. Participaram, portanto, as equipes da MEVA que atuavam em Surucucu, Uraricoera, Awaris e Mucajá, além de missionários da Diocese de Roraima que atuavam na Missão Catrimani, e membros da MNTB, que na época atuavam no Toototopi. Nesse seminário foram discutidas questões sobre a fonologia e a ortografia em quatro variedades das línguas Yanomami, sendo que os participantes buscavam acordos comuns e estandarizações de alguns aspectos da escrita nas línguas Yanomami (Leite 1976).

Somente após a demarcação da TIY em 1992, os trabalhos de escolarização nas línguas Yanomami foram ganhando fôlego. Nesse mesmo ano, o linguista Henri Ramirez elaborou uma gramática pedagógica sobre o Yanomama do Xitei, inspirando-se no sistema ortográfico adotado pelos salesianos para a língua Yanomami na Venezuela. Esse parece ter sido o primeiro trabalho sobre as línguas Yanomami no Brasil, que apresenta a ortografia da forma como é mais adotada hoje em dia.

Entre meados da década de 1990 e a primeira metade dos anos 2000, registra-se o período de surgimento ou expansão dos projetos de escolarização yanomami e também de formação dos primeiros professores yanomami. A ortografia desenvolvida pelos salesianos,

com a colaboração de Jacques Lizot, foi exportada das comunidades da Venezuela para o Brasil e posteriormente desenvolvida por Ramirez. Foi introduzida então nas regiões de Missão Catrimani e Xitei, pela equipe da Diocese de Roraima; em Demini, Toototopi, Parawaú, Alto Catrimani, Papiú, Kayanaú e Homoxi, pela CCPY; e em Komixiwë, junto ao Marauíá, no Amazonas, por Anne Ballester, e posteriormente pela Secoya, após sua fundação.

Conforme os Yanomami foram se apropriando do sistema ortográfico nas diferentes comunidades, algumas pequenas variações surgiam a partir de propostas dos próprios Yanomami ou de assessores que atuam ou atuaram junto a eles. Assim, verificamos que atualmente, em diferentes regiões da TIY, há algumas variações de um mesmo sistema ortográfico, o que podemos chamar até mesmo de subsistemas ortográficos.

Um exemplo dessas variações ou adaptações se deu a partir da proposta da linguista Gale Goodwin Gomez ao preparar um manual etnolinguístico dedicado aos profissionais da saúde yanomami. Ela adotou o mesmo sistema ortográfico que havia sido apresentado por Henri Ramirez em 1992, valendo-se do alfabeto fonético internacional para transcrever o Yanomae, porém sugerindo substituir a grafia do /ʃ/ pelo grafema <x>, visando facilitar aprendizagem do português. Gale Goodwin Gomez também expandiu esse sistema ortográfico para os Ninam do Ericó, onde fez sua tese de doutorado. Nas regiões de Ericó e Saúba, os Ninam também adotam

o sistema Salesianos-Lizot-Ramirez, sendo que a principal diferença da ortografia utilizada por eles é a adoção do grafema tx, que representa foneticamente o valor de /ɕ/ ou /tʃ/. O sistema ortográfico Salesianos-Lizot-Ramirez se expandiu também para as línguas Yaroamë e Yãoma.

Entre 1999 e 2003 a ONG Urihi Saúde Yanomami, como complementação ao serviço de assistência à saúde, deu início a processos de alfabetização em várias regiões da TIY com o objetivo de promover a formação dos agentes indígenas de saúde (AIS). Essa iniciativa foi responsável por expandir o sistema ortográfico Salesianos-Lizot-Ramirez para várias outras regiões, como Surucucu, Arathau, Haxiú, Waputha – ainda que as ações de alfabetização nessas regiões tenham sido muito incipientes.

Nesse processo de expansão da alfabetização ocorrido no início dos anos 2000, alguns Yanomae alfabetizados do Demini foram chamados pela Urihi Saúde para alfabetizem os Yanomami de Surucucu. Ao se depararem com a variação fonética do Yanomam das Serras, os Yanomae do Demini, junto aos assessores da Urihi Saúde, propuseram a adaptação do dígrafo /hw/ para indicar o fonema /f/. Alguns encontros consonantais inexistentes no Yanomami, como o /mr/ e o /hr/, ou sub-representados como o /tr/, o /kr/, e o /pr/, ganharam representações nesse sistema ortográfico do Yanomam.

Já a MEVA adota dois subsistemas diferentes: o primeiro é implementado nas regiões de Alto

Mucajá, Baixo Mucajá, Palimiú e Hakoma e o segundo entre os Sanõma de Awaris. As principais características desse primeiro sistema consistem na representação dos fonemas /ə/ e /i/ pelos grafemas <è> e <î>, respectivamente, enquanto no sistema Salesiano-Lizot-Ramirez, esses mesmos fonemas são representados pelos grafemas <ê> e <î>. Um outro ponto importante que difere nesse sistema da MEVA é o fato de terem optado pelo uso do grafema <l> para a representação dos fonemas /r/ e /l/, enquanto no sistema salesiano optou-se pelo grafema <r>.

O segundo sistema da MEVA é adotado somente em Awaris entre os Sanõma e tem, como principal diferença dos outros sistemas, a adoção dos grafemas <ä> e <ö>

para a representação dos fonemas /ə/ e /i/. Essa opção foi feita pelo missionário linguista Borgman, ao seguir um sistema ortográfico já utilizado pelos Ye'kwana em Awaris, por considerar que os Sanõma já eram discriminados na região e, portanto, apresentar uma ortografia distinta poderia reforçar ainda mais essa discriminação (Leite 1976).

No quadro abaixo buscamos apresentar os sistemas ortográficos indicando as regiões em que são adotados. É importante lembrar que as particularidades de cada língua ou dialeto, bem como as opções de escolha de linguistas, missionários, antropólogos e dos próprios Yanomami sob a escrita da língua, acabam por gerar pequenas diferenças regionais nesses sistemas.

**Tabela 1.9**  
**Tradições ortográficas das línguas Yanomami no Brasil**

Origem da tradição	Línguas	Regiões
<b>Salesiana</b>	Yanomami	Marauíá, Maturacá, Maiá, Padauri, Bicho-Açu, Inambu, Ajuricaba, Parawaú
	Yanomam	Demini, Toototopi, Missão Catrimani, Papiú, Alto Catrimani, Kayanaú, Homoxi, Xitei, Surucucu, Haxiú
	Ninam	Saúba e Ericó
	Yãoma	Baixo Catrimani
	Yaroamë	Serra do Pacu (Missão Catrimani), Ajarani e Apiaú
<b>MEVA 1</b>	Ninam	Alto Mucajá, Baixo Mucajá e Uraricoera
	Yanomam	Palimiú e Hakoma
<b>MEVA 2</b>	Sanõma	Awaris
<b>MNTB</b>	Yanomam	Novo Demini
	Yanomami	Marari

### Para saber mais sobre a língua Yanomam e seus falantes

Albert, Bruce. *Temps du sang, temps des cendres: representation de la maladie, systeme rituel et espace politique chez les Yanomami du sud-est (Amazonie bresilienne)*. Tese de Doutorado. Paris: Universidade de Paris X, 1985.

Albert, Bruce; Gomez, Gale Goodwin. *Saúde Y/ anomami: Um manual etnolinguístico*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1997.

Gomez, Gale Goodwin. *Noun Classifiers in Ethnobotanical Terminology of a Yanomami Language of Brazil*. In: Van der Voort, Hein y Simon van de Kerke (ed.). 2000.

Gomez, Gale Goodwin. *Empréstimos do português e neologismos em Yanomae*. Signótica (UFG), Goiânia, v. 14, p. 61-74, 2002.

Ferreira, Helder Perri. *Los Clasificadores Nominales del Yanomama de Papiú (Brasil)*. Dissertação de Mestrado. Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), Maestria en Lingüística Indoamericana, México, 2009.

Ferreira, Helder Perri. (org.). *Dicionário de verbos Português-Yanomama: Napëpëni thë thathaatarapêhe nahã thãaxo, yanomama thãaxo, thëkipëã wëanowei siki*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

Ferreira, Helder Perri. *Yanomama Clause Structure*. Tese de Doutorado. Radboud University, Holanda, 2017.

Ramirez, Henri. *Iniciação à língua Yanomama. Dialectos do Médio Rio Catrimani e Xitei. Curso de língua Yanomama*. Boa Vista: Diocese de Roraima 1994b.

Ramirez, Henri. *A prática do Yanomami*. Boa Vista: Comissão Pró-Yanomami (CCPY), 1999.

Thiele, Richard A. *Interrogatives in Yanomam*. Brasília: SIL, 51 p. (Arquivo Linguístico), 1993.

Comunidade Hehu na região do Xitei



Lucas Lima/ISA, 2018

## 1.5 Zonas de bilinguismo simétrico e assimétrico

As cerca de 300 comunidades Yanomami no Brasil (Sesai 2018) não são ilhas isoladas e completamente autônomas, espalhadas pelos 9.419.108 hectares de floresta e montanha. Pelo contrário, essas aldeias estão ligadas por um emaranhado de relações sociais de troca, aliança e antagonismo, que são elementos vitais do sistema político e ritual yanomami.

Pode-se dizer que cada uma das comunidades do território yanomami faz a cartografia sociopolítica do seu entorno físico, de forma que, partindo desse grupo local de referência, numa espécie de “imagem radar”, todos os grupos existentes são classificados a partir de dois elementos fundamentais e relacionados entre si: em primeiro lugar, a densidade das redes de relações matrimoniais, econômicas, históricas e políticas mantidas em relação a cada um dos outros grupo; em segundo lugar, a distância espacial existente entre cada comunidade e o grupo local (Albert 1985).

As relações caracterizadas pela generosidade e as densas redes de matrimônios tendem a se situar nos círculos mais inclusivos e próximos, esparsando-se à medida que se distanciam do grupo de referência. Essa cartografia regional se replica, no entanto, simultaneamente por todo o território yanomami, conectando cada uma das comunidades no Brasil e na Venezuela num complexo tecido de relações.

Em algumas regiões da TIY, essas estreitas relações de troca podem ser evidenciadas pelo bilinguismo generalizado ali observado, em que grande parte dos falantes aliam alta compreensão e alta competência comunicativa na variedade não materna de Yanomami falada na região vizinha. Nossa pesquisa identificou a existência de nove dessas zonas de bilinguismo, hachuradas no Mapa da diversidade das línguas Yanomami, apresentado na primeira orelha desse livro.

Dois tipos de zonas de bilinguismo foram identificados: zonas de bilinguismo

simétrico, em que os falantes de ambas as línguas yanomami aprendem a língua do outro, e zonas de bilinguismo assimétrico, em que os falantes de apenas uma das línguas aprendem a outra língua, enquanto os falantes dessa outra língua permanecem monolíngues em sua maioria. Ao longo deste capítulo foram levantadas algumas razões para o equilíbrio ou desequilíbrio observado nessas zonas, mas muito trabalho sociolinguístico e etnográfico ainda deve ser feito nessas regiões. Abaixo, descrevemos brevemente cada uma dessas nove zonas, apresentando alguns elementos que ilustram essas relações de aliança e troca. O sinal positivo (+), quando usado para as duas línguas envolvidas na zona de bilinguismo, indica um bilinguismo do tipo simétrico. O sinal (-) em alguma das línguas envolvidas indica uma zona de bilinguismo assimétrico, sendo que a língua assinalada com (-) é a língua localmente de menor prestígio na zona de bilinguismo, não sendo aprendida pelo outro grupo.

**1. Sanöma (+) / Yanomam das Serras Norte (+) → bilinguismo simétrico:** A migração recente de um grupo yanomam das serras mais para o norte, levou a uma aproximação do grupo sanöma de Polasai. Rapidamente os grupos estreitaram relações, intensificaram as trocas entre os grupos, casamentos aconteceram entre Sanöma e Yanomam, que vivem hoje todos na comunidade bilíngue de Polasai, ligada à região administrativa de Awaris (ver box 1, p. 38).

**2. Yanomam das Serras (+) / Yanomami das Serras (-) → bilinguismo assimétrico:** Os Yanomami de Kataroa vivem na região de Surucucu, muito próximos à fronteira com a Venezuela. Embora mantenham relações amistosas com vários outros grupos yanomami da Venezuela, as relações que mantêm com grupos yanomam de Surucucu são as mais significativas e intensas, o que leva a uma situação de bilinguismo assimétrico em Kataroa.

**3. Yanomama (+) / Yanomami das Seras (-) → bilinguismo assimétrico:** Assim como no caso descrito acima, há um grupo de aproximadamente 180 Yanomami que vivem na região do Xitei, nas comunidades Simoko, Putha, Rasimu, Wanakiki e Ketaa, que são falantes do Yanomami. Esses grupos também estão em região fronteiriça e, ainda que tenham relações com os Yanomami da Venezuela, suas principais relações de aliança se dão entre os Yanomami da região do Xitei.

**4. Ninam (+) / Yanomama (-) → bilinguismo assimétrico:** Ao final da década de 1950, os Ninam do Mucajá, que haviam passado cerca de duas décadas em relativo isolamento, iniciaram trocas com os Yanomami do Papiú, formando assim uma aliança que dura até hoje e é marcada por diversas trocas matrimoniais e rituais. Na década de 1990, um grupo dissidente do Papiú se mudou indo a jusante do Rio Couto de Magalhães, formando ali a região conhecida como Kayanaú que fica ainda mais próxima das comunidades ninam no Alto Mucajá e Uxiú. A intensificação das relações de troca, intercassamentos e fortalecimento das alianças entre os Yanomami do Kayanaú e os Ninam do Sul tem influenciado os Yanomami do Kayanaú, que cada vez mais se aproximam de uma estética ninam e vivem em uma relação de bilinguismo assimétrico, onde a língua Ninam ganha cada vez mais espaço na região do Kayanaú.

**5. Ninam (+) / Yaroamê (-) → bilinguismo assimétrico:** Até o ano de 2015, cerca de metade da população da região do Apiaú era formada por Ninam e metade por Yaroamê (identificados localmente pelo etnônimo Waika). Durante muito tempo o Ninam foi a língua usada na comunidade, seja na relação Ninam-Ninam, seja na relação Ninam-Yaroamê. Apesar de os Ninam que viviam ali terem deixado a região em 2015, a língua Ninam se mantém presente no vocabulário dos Yaroamê do Apiaú (ver box 7, p. 53).

**6. Yanomae (+) / Yãnoma (-) → bilinguismo assimétrico:** Os Yãnoma vivem na região do Baixo Catrimani, mantendo relações de troca principalmente com os Yanomae e também os Yaroamê da Missão Catrimani. Sendo eles os únicos – e poucos – falantes dessa língua, e por viverem sob forte influência dos Yanomae da Missão

Catrimani, a língua Yãnoma fica em situação de desvantagem. Nas comunidades do Baixo Catrimani, crianças e adultos compreendem o Yanomae e alguns também falam essa língua, embora não haja falantes de Yãnoma entre os Yanomae.

**7. Yanomae (+) / Yaroamê (-) → bilinguismo assimétrico:** Assim como no caso Yãnoma descrito acima, os Yaroamê são minoria linguística na região da Missão Catrimani, ante uma numerosa população yanomae, com grande força política e relações estreitas com os *napëpë*. Os Yaroamê são atendidos pelo posto da Missão Catrimani, que fica em território dos Yanomae, e essa é a língua indígena falada por todos ali, inclusive pela equipe missionária. Muitos Yaroamê falam ou compreendem o Yanomae e há apenas um caso de intercassamento entre uma mulher yanomae com um homem yaroamê. Historicamente, os Yaroamê têm sido desprestigiados pelos Yanomae.

**8. Yanomae (+) / Yanomami (+) → bilinguismo simétrico:** A proximidade das regiões de Toototopi (Yanomae) e Parawaú (Yanomami) é um fator relevante para essa situação de bilinguismo simétrico. Há uma intensa rede de trocas e intercassamentos entre pessoas das duas regiões, e existem ainda duas comunidades majoritariamente yanomae na região do Parawaú (Wanapiú e Uxiximapiú). Tanto os falantes de Yanomae quanto aqueles de Yanomami compreendem muito bem a língua de seus vizinhos e muitos dos diálogos entre eles são travados em duas línguas, de forma que cada falante utilize sua língua materna e seja perfeitamente compreendido. Além dos casamentos entre os Yanomae do Toototopi com os Yanomami do Parawaú, há outros casamentos desses Yanomami com pessoas do Novo Demini, que é uma dissidência do Toototopi.

**9. Yanomae (+) / Yanomami (-) → bilinguismo assimétrico:** Na comunidade de Hemarapiwei, na região de Ajuricaba, vários casamentos têm acontecido entre Yanomami e Yanomae vindos do Demini e Toototopi. Apesar de a língua Yanomami estar em situação de extrema vulnerabilidade e não ser falada por muitos na região, as novas composições familiares e aumento da presença de Yanomae tem feito com que o Yanomae seja falado por muitas pessoas em Hemarapiwei.

## 1.6 Comentários finais

Apresentamos neste capítulo uma proposta de representação da diversidade Yanomami e o aparato metodológico e conceitual que serviu de base para sua formulação. A opção pelo diálogo intercultural e pela pesquisa participativa intencionou promover certo “consenso informado” entre as equipes yanomami e não yanomami de pesquisadores, baseado sobretudo no compartilhamento dos mesmos termos e parâmetros definidores. Como mostra a seção 1.2, as visões desconstruídas sobre a diversidade Yanomami tiveram sua origem quase sempre em questões terminológicas, de uso da linguagem, derivadas das elaborações conflitantes acerca do conceito de língua e dos diferentes critérios envolvidos em sua definição.

Nossa pesquisa procurou manter a “inteligibilidade mútua” como elemento central e definidor das fronteiras linguísticas da família, sem menosprezar, entretanto, os elementos identitários, culturais e políticos que participam dessa representação, nem as visões elaboradas pelos próprios Yanomami acerca dessa diversidade. A introdução do conceito de “dialeto” em nosso debate e sua articulação pelos pesquisadores yanomami foram fundamentais para que essas outras visões êmicas, calcadas principalmente na organização nativa dos múltiplos falares vizinhos, pudessem ter seu espaço preservado dentro de nossa proposta de representação da diversidade da família Yanomami. Os 16 diferentes falares Yanomami identificados no território brasileiro não são todos ininteligíveis entre si e, assim, não se configuram como línguas distintas. Em verdade, como ficou evidente para toda a equipe ao longo da pesquisa, segundo o critério do entendimento mútuo, esses “16 dialetos” podem ser agrupados nas “seis línguas” da família Yanomami faladas no Brasil, caracterizadas na seção 1.4.

Cabe mencionar que a proposta aqui apresentada não é uma representa-

ção exaustiva e completamente detalhada da diversidade da família Yanomami, sobretudo no que diz respeito à diversidade dialetal e sua caracterização. Pouco sabemos, por exemplo, dos dialetos Sanõma do Aracaçá e Hokomawã; sabemos apenas que são notoriamente diferentes do Sanõma de Awaris, o principal dialeto Sanõma falado no Brasil e sobre o qual dispomos de razoável material documental e descritivo. Outros dialetos que carecem de alguma caracterização mínima são o Ninam Central falado no Uraricoera, o Yanomami das Serras Norte falado no Parafuri, Waputha e na comunidade de Polasai (Awaris), o dialeto Yaroamê da Baixada falado no Apiaú e Ajarani, e do dialeto Yanomami falado nas serras de Surucucu. Também são necessárias informações mais precisas sobre os falares de Padauri e Marari, o primeiro provisoriamente incluído como parte do grupo dialetal do Yanomami do Médio Negro e o segundo como um falar do Yanomami do Oeste.

De maneira similar, ainda carece totalmente de documentação e descrição o único dialeto da língua Yãnoma falado no Baixo Catrimani. Dessa maneira, a língua Yãnoma ainda precisa ser descrita e documentada, em seu nível mais básico, para que se fundamente seu status de língua única e independente dentro da família Yanomami. Como já mencionado, hoje este status é baseado apenas em relatos de inteligibilidade mútua de falantes de Yãnoma, Yaroamê e Yanomae, corroborados pela história oral que identifica os grupos falantes dessas línguas como historicamente não relacionados.

Além disso, em nenhuma isoglossa dialetal aqui sugerida observa-se completa homogeneidade na fala das pessoas. Não só diferentes falares ainda podem ser escutados por essas regiões, como podem mesmo ser agrupados em (micro) dialetos locais. No entanto, consideramos esses outros falares “menos diferentes entre si”, se comparados com aqueles dialetos

apresentados aqui nesta proposta e tendo como escala as próprias percepções nativas sobre essas diferenças. De todos os modos, estivemos focados em identificar as grandes diferenças, aquelas que se sobressaíam de variações locais menores, e que pudessem ajudar a caracterizar aquele falar regional ou local em relação aos demais. Foi com essa perspectiva um tanto generalista que se elaborou a atual proposta de isoglossa de dialetos da família Yanomami no Brasil. Sabemos que no detalhe esse mosaico dialetal é, sem dúvida, ainda muito mais diverso, complexo e intrincado do aqui apresentado.

Por fim, nossa equipe tem ciência do impacto relativamente limitado que os resultados desta pesquisa terão, a curto prazo, sob as percepções locais já consolidadas sobre a diversidade Yanomami. Não temos mesmo a pretensão de que essa

representação seja unânime e imediatamente aceita por toda a comunidade linguística yanomami, que é diversa, complexa e dispersa por um vasto território onde a velocidade de transmissão da informação e os processos de formação de opinião têm ritmo muito distinto daquele experimentado pelas ditas sociedades pós-industriais. No entanto, acreditamos que este diagnóstico e as discussões geradas para sua elaboração – seja com os pesquisadores yanomami no contexto das oficinas de formação, seja com lideranças nas reuniões políticas envolvendo as associações yanomami ou com o Yanomami “comum”, em sua casa na floresta, na Casai, frequentemente solicitado por nossa equipe de pesquisa a oferecer seu ponto de vista – servirão de referência para instrumentalizar os futuros debates locais sobre o assunto.

## 2. MIGRAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA YANOMAMI NO BRASIL

Com colaboração de Corrado Dalmonego

Este capítulo tem por objetivo organizar, de maneira sintética, informações históricas e geográficas sobre os grandes deslocamentos yanomami na porção brasileira de seu território, de maneira a subsidiar o estudo da diversidade linguística da família Yanomami.

É inegável o papel que os movimentos migratórios dos diversos grupos humanos tiveram em promover a diversidade linguística. As grandes famílias de línguas da Amazônia ilustram bem essa relação entre migração (ou mobilidade) e diversidade. As 40 línguas vivas das sete famílias do tronco Tupi, por exemplo, estão distribuídas por uma vasta extensão territorial, por diversas regiões do Brasil e ainda outros sete países da América do Sul. Os povos de fala Karib ocuparam todo o escudo das Guianas, desde a foz do Rio Amazonas até a Cordilheira dos Andes, chegando até mesmo a algumas ilhas do Caribe, sendo que alguns grupos ainda rumaram em direção sul, até se estabelecerem no atual Estado de Mato Grosso. Ainda hoje pelo menos 25 línguas da família Karib são faladas nessas regiões (Gildea 2012 p. 441). As línguas Arawak, no entanto, são as grandes recordistas americanas tanto em número de línguas (154)<sup>30</sup>, como em área de dispersão, espalhando-se por quase todos os atuais países da América do Sul (com exceção de Chile, Uruguai e Equador) e Central, por todas as ilhas do Caribe até as Bahamas, chegando possivelmente até a Flórida ou Carolina do Sul, nos Estados Unidos. Assim, é inevitável que se recorra aos movimentos migratórios desses povos como fator importante, ou pelo menos contributivo, para explicar a diversificação linguística dessas famílias.

Da mesma maneira, é razoável supor que a diversidade linguística observada hoje na família Yanomami seja, portanto, resultado direto do processo de expansão territorial experimentado pelo grupo nos últimos séculos. Todavia, como pretendemos desenvolver ao longo do texto, essa ideia não possui coerência histórica, uma vez que há uma diferença significativa entre o tempo estimado para o processo de diferenciação linguística estabelecido pelos estudos de glotocronologia (cerca de 700 anos) e o tempo dos grandes deslocamentos, transcorrido, em sua maior parte, nos séculos XIX e XX.

Tudo indica, portanto, que a diversificação linguística fundamental da família Yanomami teria se iniciado ainda nas Terras



31. A Serra Parima, localizada no divisor de águas entre o Rio Parima à esquerda (no Brasil) e os Rios Ocamo e Orinoco (Venezuela), está presente em relatos de vários grupos yanomami como sendo a região de habitação histórica de seus antepassados e centro de dispersão dos vários grupos yanomami. Da mesma forma, diversos estudiosos reconhecem tal região como o local de ocupação dos proto-Yanomami, que estariam na origem comum de todos os grupos yanomami atuais, falantes de seis línguas e 16 dialetos apresentados nesta pesquisa.

32. Vale comentar que o tabu existente em torno do nome das pessoas mortas dificulta o trabalho de reconstrução genealógica dos grupos comunitários. Por outro lado, a precisão de detalhes toponímicos presentes nas descrições dos mais velhos sobre antigos lugares de ocupação de seus antepassados são uma fonte histórica de indiscutível riqueza.

33. Uma parte significativa dos grupos falantes de Yanomam ainda permanece na região.

Altas da Serra Parima<sup>31</sup>, e as grandes migrações dos séculos XIX e XX, apesar de possivelmente contribuírem para esse processo, promovendo, por exemplo, algumas de suas variações dialetais, não foram sua principal e única força motriz.

Para a realização deste trabalho nos baseamos em um amplo estudo bibliográfico apoiado em relatos de expedições, estudos históricos e linguísticos, bem como registros da história oral yanomami<sup>32</sup>. A ordem de apresentação do histórico dos movimentos migratórios dos grupos falantes de cada língua seguiu a ordem cronológica atribuída ao início desses movimentos de migração da Serra Parima, quer dizer, os grupos sanõma foram os primeiros a deixar a região ao passo que os grupos yanomam foram os últimos<sup>33</sup>.

## 2.1. Nas Terras Altas do interflúvio Orinoco-Rio Negro

Por serem considerados diferentes nos planos genético, antropométrico e linguístico de seus vizinhos mais próximos de filiação Karib e Aruak (Albert 1985), a literatura etnográfica trabalha com a hipótese de que os Yanomami seriam descendentes de um antigo grupo populacional (proto-Yanomami) instalado há vários séculos nas Terras Altas do interflúvio Orinoco-Rio Negro, onde permaneceram isolados por um longo período. O grau e o período de isolamento, porém, ainda são assuntos de debate. Essencialmente, a divergência reside no fato de que alguns defendem que, mesmo antes da invasão europeia, esse grupo já se encontrava em relativo isolamento, enquanto outros defendem que o isolamento se deu após e por influência dos europeus.

Articuladas a cada uma dessas posições teóricas, entretanto, estão outras duas hipóteses que divergem sobre a possível “origem” desse grupo (Albert 1985). Uma delas sugere, por exemplo, que os proto-Yanomami seriam um fragmento populacional oriundo de uma leva migratória muito antiga no subcontinente sul-americano, que permaneceu biológica e culturalmente isolado das sociedades vizinhas, na zona inóspita e inacessível que é a Cordilheira do Parima. A outra argumenta que os proto-Yanomami seriam uma espécie de vestígio de um grupo ribeirinho que teria migrado para as Terras Altas fugindo de conflitos com povos vizinhos, alterando assim o seu modo de vida, antes baseado na agricultura, para um modelo mais dependente da caça e da coleta<sup>34</sup>.

Há evidências arqueológicas de que a região Branco-Negro-Orinoco foi o centro de uma ampla rede multiétnica de trocas, conectada social, política e economicamente (Whitehead 1988; Heinen e García-Castro 2000)<sup>35</sup>. E, portanto, é razoável admitir que os ancestrais dos Yanomami participassem de alguma maneira desse circuito.

Lizot (1988), por exemplo, sugere que os ancestrais dos Yanomami participavam ativamente dessa rede, mas que em determinado momento o grupo teria se destacado dela, devido aos sequestros de escravos e às epidemias que começaram a devastar a região com a intensificação do contato com os europeus<sup>36</sup>.

Segundo Ferguson (1995), uma evidência dessa conexão estaria nos escritos de Humboldt que, no início do século XIX, registra o intercâmbio de grupos yanomami do Alto Orinoco com mercadores de La Esmeralda, trocando, ainda naquela época, *Amazon Stones*, uma espécie de gema esverdeada e um dos principais itens de troca entre as sociedades do norte da América do Sul no período pré-colombiano. A maioria das *Amazon Stones* provinha do Baixo Amazonas, e circulava pela costa da Guiana até as Antilhas (Boomert 1987).

É possível, porém, que essa conexão possa ter se dado de maneira marginal, ou mesmo com significativas variações de intensidade ao longo do tempo, de modo a permitir que esse grupo conservasse suas diferenças em relação ao seu entorno. De tal modo, talvez a questão não seja se os proto-Yanomami participavam ou não dessa rede de trocas, mas sim o grau de intensidade em que essa participação ocorria.

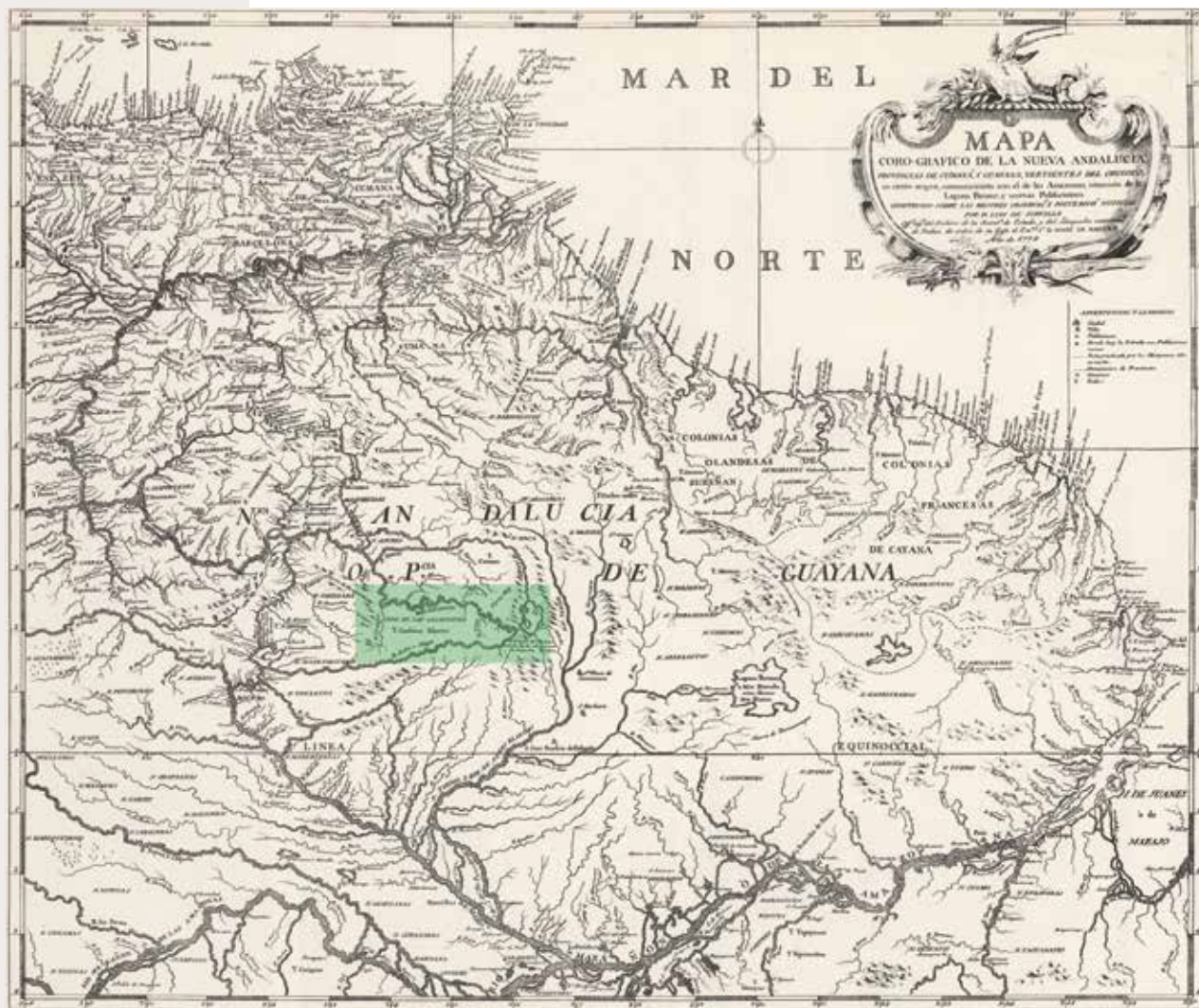
O fato é que os elementos etno-históricos disponíveis indicam que entre o século XVIII e a metade do século XIX os Yanomami ocupavam um território circunscrito às Terras Altas do interflúvio Rio Negro-Orinoco, cercados por outras populações indígenas de filiação Karib e Aruak, sobretudo, e algumas isoladas, como Sapé e Arutani.

Até o século XVIII, tanto Portugal como Espanha ainda não possuíam o efetivo controle territorial da região. Os portugueses estabeleceram-se no Rio Branco apenas no final da década de 1720 e somente em 1775 fixaram-se no Forte de São Joaquim, inaugurando um novo pe-

34. Para saber mais sobre uma crítica aos fundamentos teóricos dessas hipóteses, ver Albert (1985).

35. Essa rede teria sido desestruturada em função da invasão europeia, mas a sua desestruturação se deu antes mesmo que os próprios europeus pudessem observá-la.

36. A hipótese, defendida por Lizot (1988) e por Harris (1977 *apud* Albert 1985, p. 33), considera os Yanomami como o vestígio de um povo de agricultores, habitantes do baixo curso do Rio Branco, que teria sido rechaçado para regiões mais íngremes, adaptando-se, ou “regredindo”, no novo ambiente, sempre identificado como a Serra Parima. Essa hipótese iria ao encontro dos resultados dos estudos da glotocronologia, podendo supor que o território originalmente habitado pelos Yanomami devia ser muito maior que o atual (Smole 1976).



**Mapa 2.1**  
**Mapa da Nueva Andalucia, Surville 1778.**  
**O primeiro a fazer referência direta aos Yanomami**

37. O termo “Guaharibo” significa bugio ou guariba (gênero *Alouatta*) na língua Tupi. Trata-se, pois, de uma designação externa que possui um caráter pejorativo.

38. Até o século XIX, no local onde hoje identificamos a Serra Parima, os mapas indicavam a presença de um grande lago, onde estaria situada a cidade do El Dorado. Essa cartografia foi influenciada pelas narrativas de Sir Walter Raleigh, que iniciou a



ríodo na história da ocupação desse território. Os espanhóis, por sua vez, só lograram atingir a região do Alto Orinoco na metade do mesmo século. Antes disso, o seu domínio se estendia até uma missão localizada nas Cordeiras de Atures, no Médio Orinoco. Motivados pela exploração econômica do cacau e buscando fazer frente às penetrações portuguesas na Bacia do Orinoco, os espanhóis promoveram diversas expedições pela região e fundaram La Esmeralda em 1758 (Arias 2014).

Entre 1758 e 1761 foram enviadas três pequenas expedições para o Alto Orinoco. A primeira liderada por Francisco Bo-

badilla e as outras duas por Apolinar Díez de la Fuente. Até onde pudemos verificar, as primeiras referências históricas que podem ser atribuídas aos Yanomami de maneira inequívoca aparecem nos relatos da viagem de Apolinar Díez de la Fuente, que registra a presença dos índios “Guaharibos”<sup>37</sup> na cabeceira do Orinoco, em sua visita aos Ye'kwana no Rio Padamo em 1759.

Esse período de intensificação das explorações europeias permitiu aos colonizadores um conhecimento mais detalhado da geografia e dos povos da região, traduzidos na cartografia e nos registros históricos<sup>38</sup>. O Mapa da *Nueva Andalucia*,

datado de 1778, de Surville, é o primeiro a fazer referência aos Yanomami. Estes são referidos como *Guahibos blancos*, localizados na cabeceira do Orinoco, próximo ao chamado “país dos Cacauais”.

Do mesmo modo, também se observa um aprofundamento do conhecimento geográfico na porção de domínio português no mesmo período. Em 1787, o coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada realizou as primeiras expedições pelos afluentes do Rio Branco e apresentou uma relação dos povos indígenas da região, na qual estão listados grupos Aruak, Karib e outros sem filiação linguística definida (Awake, Marakana e Maku). O explorador faz referências sobre os índios “guaicas” entre os Rios Majari e Parime, o que foi interpretado por alguns estudiosos como uma referência aos Yanomami. Hoje, porém, sabemos que se trata de uma referência a um grupo de filiação Karib que habitava o vale do Rio Caroni (Arias 2014).

Esses e outros registros, portanto, corroboram a ideia de que a grande expansão territorial só teria se iniciado de fato no século XIX e que, durante um longo período, os Yanomami estiveram circunscritos às cordilheiras do interflúvio Orinoco-Rio Negro. Para diversos autores (Smole 1976; Albert 1985; Colchester 1984; Lizot 1988, entre outros) essa expansão estaria associada a uma espé-

cie de *boom* demográfico, que pode ser atribuído ao impacto da introdução de ferramentas de aço na produtividade de sua agricultura<sup>39</sup>.

O aumento da disponibilidade de ferramentas de aço, que chegavam até os Yanomami através de redes de trocas com grupos indígenas vizinhos, é explicado pelo advento do círculo da borracha que teria aquecido a economia regional e aumentado o fluxo de objetos manufaturados na região (Ferguson 1995).

Outro fator que teria contribuído para a expansão territorial yanomami seria o processo de depopulação das etnias ao redor da Serra Parima em contato com a frente de expansão colonial e seus impactos sociais e epidemiológicos, intensificados também pela economia da borracha. Essas etnias teriam agido então como “etnias tampões”, que colaboraram para o resguardo dos Yanomami perante os efeitos nefastos do contato nesse período (Albert 1985).

Assim, considerando esse contexto favorável à expansão territorial, apresentamos abaixo a história dos deslocamentos dos grupos identificados a cada uma das seis línguas Yanomami, recomposta a partir de documentos históricos e elementos da história oral. É de se notar que os grupos com índices populacionais mais expressivos, como os Yanomam e Yanomami, dispõem de mais dados históricos.

exploração da região da Guiana em 1595. Seus relatos, porém, indicam que a sua expedição só conseguiu navegar o Rio Orinoco até a confluência do Rio Caroni.

39. Segundo a descrição de Albert, Milliken e Gomez (2009), na ausência de ferramentas de metal os Yanomami, assim como outros grupos ameríndios, privilegiavam determinadas parcelas cultiváveis evitando a presença de grandes árvores e utilizavam técnicas alternativas de derrubada de árvores menores. Depois da escolha do local, a vegetação rasteira era derrubada com o auxílio de bastões e “facões” de madeira de palmeira (feitos de pupunheira, bacabeira ou patauá), e as árvores menores eram derrubadas com machadinha de pedra. Nesse sistema, as árvores grandes, quando derrubadas, eram desvitalizadas por meio de cortes de faixa de sua casca ou com fogo na sua base (Albert, Milliken e Gomez 2009). Evidentemente, as áreas adequadas para esse sistema de técnicas eram limitadas, e por isso as possibilidades de assentamento eram também limitadas. Da mesma forma, os cultivos mais bem adaptados a esse sistema diferem dos cultivos predominantes hoje. Ainda de acordo com Albert, Milliken e Gomez (2009), tudo indica que a banana-da-terra e o milho costumavam ser bem mais importantes na dieta dos Yanomami do que são atualmente. A tradição oral e a mitologia dos Yanomae das Terras Baixas indicam que seus antepassados costumavam alimentar os convidados de suas festas com grandes quantidades de milho e de frutos da árvore *momo hi* (*Micrandra rossiana*); árvore associadas a solos impróprios para a agricultura cujos frutos tóxicos necessitam um tratamento cuidadoso para poderem ser consumidos.

## 2.2. Sanöma

40. Codazzi é considerado o primeiro geógrafo a produzir uma visão global do território venezuelano. De 1830 a 1838, realizou o primeiro grande levantamento cartográfico e da geografia física e humana da Venezuela (Arias 2014).

41. Os grupos Karib da região utilizam a palavra *Shidishinna* para se referirem aos índios “não civilizados”. A palavra originalmente refere-se a um tipo de macaco de face proeminente (Leite 2016).

42. Ferguson (1995) relaciona os Sanöma aos “Kirihana” citados por Codazzi. Acreditamos mais factível a identificação com os Guayca.

A história oral sanöma reporta às cabeceiras do Orinoco como a sua região de origem (Martins *et al.* 2016). De acordo com este relato, os antigos Sanöma só teriam migrado para o interflúvio dos Rios Metacuni e Ocamo depois de sucessivos conflitos com os *Samathali töpö* (prováveis Yanomami).

Os primeiros registros históricos que fazem referência aos Sanöma datam do segundo quarto do século XIX. Agustín Codazzi<sup>40</sup>, responsável pela primeira estimativa populacional da Amazônia venezuelana, feita em 1838, identifica três grupos habitando o Alto Orinoco: os Kirihanas<sup>41</sup> situados na Serra Parima, entre as nascentes do Ocamo e do Manaviche; os Guaharibos dispostos desde a cabeceira do Orinoco até a margem esquerda do Ocamo; e os Guaycas vivendo entre os rios Metacuni e Ocamo<sup>42</sup> (Arias 2014). Assim, considerando esses registros, a cartografia histórica do período, bem como a história oral e a atual localização dos Sanöma, é razoável supor que o interflúvio Metacuni-Ocamo fosse a localização mais provável desse

grupo por volta de 1850, momento que antecede a sua diáspora.

Além dos conflitos com os demais grupos yanomami, a grande migração sanöma, realizada na segunda metade do século XIX, é também explicada pelo impacto do desenvolvimento da economia da borracha, que promoveu um aumento sem precedentes na quantidade disponível de bens industrializados na região (Ferguson 1995). Esses objetos, porém, chegavam aos Sanöma majoritariamente por intermédio dos Ye'kwana, que, diferentemente dos primeiros, estavam diretamente envolvidos na exploração desse produto na época.

A disputa pelo acesso aos bens manufaturados levou a uma intensificação das relações entre os Sanöma e os Ye'kwana, ora de conflito, ora de aliança, produzindo com o passar dos anos uma sobreposição de territórios à medida que os Sanöma avançavam para o norte. Essa sobreposição entre as duas etnias se mantém ainda hoje de forma muito expressiva tanto no Brasil quanto na Venezuela (ver box 2, p. 39). Em 1921,



Ana Maria Machado/ISA, 2009

Hamilton Rice já reporta a presença dos Sanöma vivendo junto aos Ye'kwana nos Rios Padamo e Cunucunuma.

É possível que a chegada dos Sanöma em Awaris tenha se dado entre 1930 e 1940, sendo que já na década de 1950 travam o primeiro contato com os brancos, representantes da comissão franco-venezuelana de demarcação de limites (CCPY 1982). Como indicam em sua história oral, antes de se fixarem em Awaris os ancestrais dos Sanöma que hoje vivem nessa região cruzaram diversas vezes a fronteira Brasil-Venezuela fugindo de conflitos e epidemias.

Até que, em 1963, os missionários da MEVA se instalam, atraindo o grupo que havia passado por uma significativa depressão populacional.

Como vimos no capítulo 1, desde então, não apenas a MEVA, mas a presença de um grande posto de saúde, um pelotão do Exército e uma pista de pouso asfaltada têm exercido certo poder de atração sobre a população sanöma, sobretudo, pela facilidade de acesso a medicamentos e a bens manufaturados. Em 1970, os Sanöma na região eram aproximadamente 300 (Ramos 1990). Hoje são mais de 3.000 pessoas.

Recentemente, novas levadas migratórias na direção Venezuela-Brasil têm contribuído para expandir a área de ocupação sanöma no Brasil. São os casos de Aracaçá, Ökiola e Hokomawä.

Há evidências de pelo menos três variações dialetais entre esses grupos, mas até agora não foi possível reunir material suficiente para verificá-las.

Comunidade de Katonau vista a partir da escola



Ana Maria Machado/ISA, 2008

Comunidade Olomai, na região de Awaris

## 2.3. Ninam

43. Entre 1838 e 1839, Robert Hermann Schomburgk, a serviço da Sociedade Real Geográfica de Londres, empreende uma viagem desde o Monte Roraima até o Rio Negro, cruzando a Serra Parima e atingindo o Rio Orinoco (Schomburgk 1841).

44. Autodenominação do grupo que vive hoje majoritariamente na região do Alto Mucajaí.

45. Esse é o primeiro registro feito sobre uma língua Yanomami de que temos notícia. Essa lista de palavras, publicada em 1922 no quarto volume da série *Do Roraima ao Orenoco*, é seguramente de um dialeto Ninam.

Convencionou-se na literatura sobre os Yanomami atribuir aos Sanõma o primeiro grande movimento de distanciamento da Serra Parima em direção às suas planícies circundantes (Migliazza 1972). Todavia, não existem evidências históricas para tal afirmação. Os primeiros registros que permitem distinguir a localização de diferentes grupos yanomami datam do mesmo período, nos quais podemos identificar o que poderiam ser os ancestrais de grupos conhecidos hoje como yanomami, sanõma e ninam. Conforme indicado no item referente à história sanõma, Codazzi, já em 1838, localiza os “Kirishana” vivendo na Serra Parima, contudo não é possível afirmar quando teriam deixado a região.

Schomburgk<sup>43</sup>, no mesmo ano, em sua expedição pelo Rio Uraricoera, registra a presença dos “Kirishana” vivendo na região serrana entre o Ocamo e o Orinoco. O explorador descreve que ao chegar a uma comunidade ye'kwana, encontrou seus moradores em estado exaltado, preparando-se para deixar o lugar. A razão para essa partida repentina era o receio de novos ataques por parte dos “Kirishana”, que já haviam matado 20 indivíduos Ye'kwana durante uma tentativa de troca de objetos manufaturados. Nessa mesma viagem, apesar de não encontrar pessoalmente nenhum Yanomami, Schomburgk chegou a encontrar um roçado “Kirishana” localizado em um tributário do Uraricoera, próximo ao Tepuy Marutani (Schomburgk 1841).

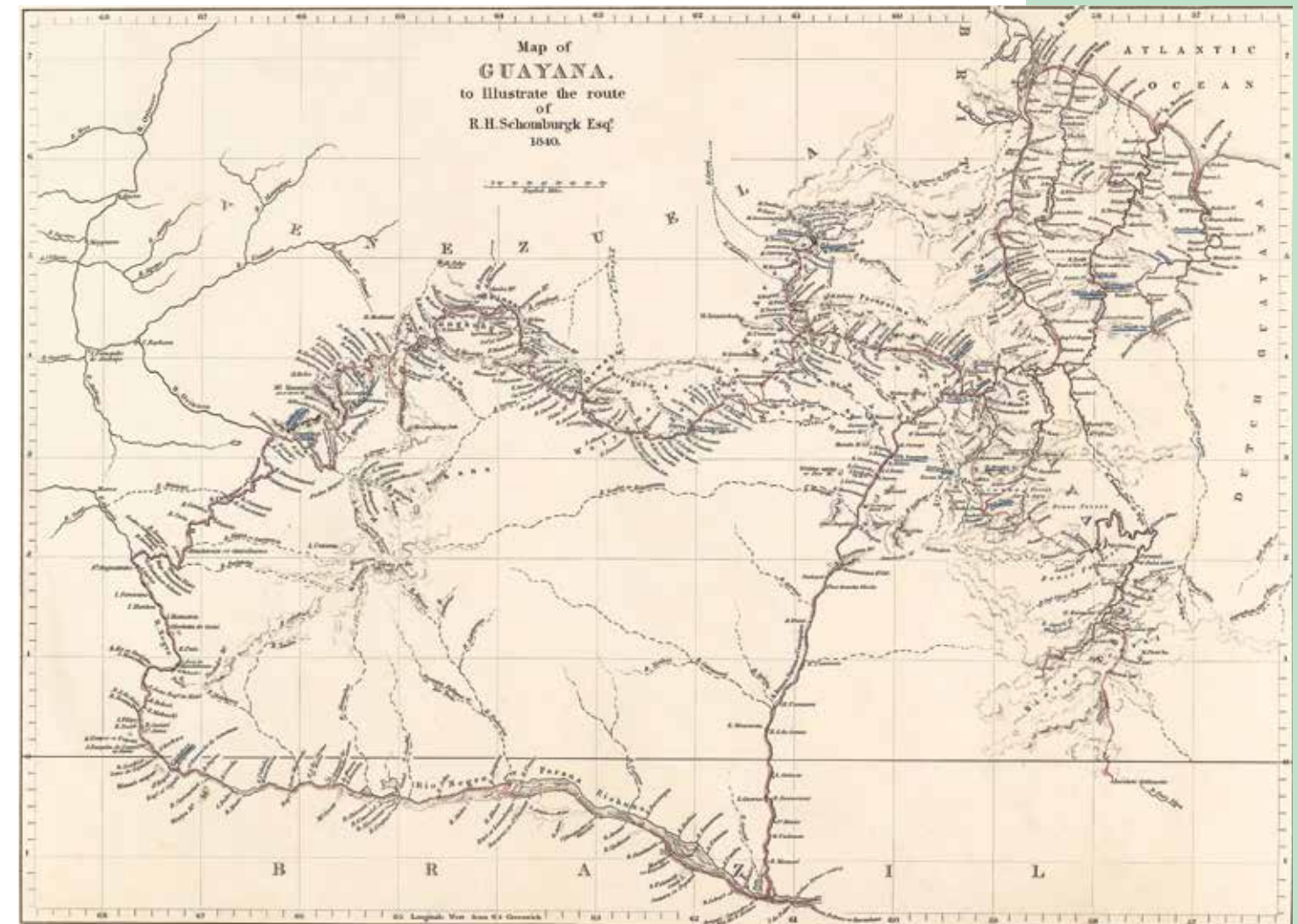
Early e Peters (1990), a partir de relatos e genealogias recolhidas entre os Ninam do Mucajaí, reconstróem parte da história e dos movimentos desse grupo até 1890. De acordo com esses autores, no final do século XIX os ancestrais dos *Pola pèk*<sup>44</sup> viviam nas imediações do Rio Awaris e estavam inseridos no circuito de troca de bens industrializados através de relações, ora amistosas, ora conflituosas, com os Ye'kwana. Com o aumento da ten-

são na relação com os Ye'kwana, o grupo decide se mudar para rio abaixo, mais precisamente na confluência do Rio Parima com o Rio Awaris. Por volta de 1910, um novo conflito, dessa vez interno, leva a uma divisão do grupo e parte desce o Uraricoera até o seu encontro com o Uraricaá.

Entre 1911 e 1913 Koch-Grünberg refaz o trajeto de Schomburgk e pela primeira vez oferece um relato mais detalhado desse grupo. O viajante encontra alguns Ninam navegando pelo Canal Santa Rosa e, nessa ocasião, recolhe dados etnográficos e linguísticos sobre eles<sup>45</sup>.

Esses são referidos pelo alemão como “Schirianias” e seriam habitantes do Alto Uraricaá. Na mesma viagem Koch-Grünberg faz referência a outro grupo de “Schirianias” vivendo no Alto Uraricoera (Koch-Grünberg 1979-1982). Hamilton Rice, na década seguinte, mais uma vez faz referência a esses dois grupos: os habitantes do Rio Uraricaá e aqueles que viviam nas mediações do Igarapé Linepenone, no Alto Uraricoera (Rice 1978).

Nos anos posteriores, os Ninam do Uraricaá foram se deslocando a montante em direção ao Parágua, na Venezuela, e nesse processo foram incorporando indivíduos de outros povos que habitavam a região, como os Uruak, Maku, Marakana e Sapé, que devido a epidemias e conflitos foram sendo reduzidos a poucas famílias e indivíduos. Já o grupo do Alto Uraricoera experimentou diversos conflitos durante as décadas de 1930 e 1940 com os outros povos que habitavam o mesmo rio. Peters (1998) descreve primeiro os conflitos que se sucederam com os Maku e depois uma série de conflitos com os Ye'kwana. A letalidade desses últimos, considerando que os inimigos possuíam um significativo arsenal de armas de fogo, levou os Ninam a se afastarem do Uraricoera e migrarem em direção ao Mucajaí, onde permaneceram em relativo isolamento até o início dos anos 1950.



Em 1958 são fundadas duas missões distintas entre os Ninam. Uma missão evangélica da UFM no Rio Mucajaí, e uma missão batista no Rio Uraricaá. A primeira persiste até os dias de hoje e a segunda foi encerrada em 1982.

As missões representam um marco

na história desses grupos, que desde então têm aprofundado cada vez mais a sua relação com a sociedade envolvente. Assim como ocorreu com outros grupos, essa nova “história” significou também uma espécie de interrupção (ou desaceleração) dos grandes movimentos de migração.



Mapa 2.2  
Mapa das rotas percorridas por Schomburgk entre 1838 e 1839

Comunidade ninam de Polapi, na região do Alto Mucajaí

## 2.4. Yanomami

46. Existem também falantes de Yanomami vivendo na vertente brasileira da Cordilheira do Parima nas regiões de Simoko e Kataroa. Supõe-se que tenham migrado a partir da região do Parima, na Venezuela, e que sejam falantes da mesma variante da língua Yanomami ali falada.

Os Yanomami, que hoje ocupam toda a porção oeste da TIY, derivam de três grandes movimentos migratórios em direção à Bacia do Rio Negro. O primeiro, que deu origem aos grupos que hoje habitam as regiões de Maturacá, Marauiá, Ajuricaba e Aracá, é o mais antigo deles e data do final do século XIX. O segundo, registrado na metade do século XX, diz respeito aos habitantes da região do Marari. E o terceiro, já do final do século XX, é o que deu origem às comunidades das regiões do Padauri e Parawau<sup>46</sup>.

Todos esses grupos, porém, tem sua origem associada a grupos yanomami que, entre o final do século XVII e princípio do século XIX, se estabeleceram entre os Rios Orinoquito e Manaviche e ali permaneceram até serem rechaçados por grupos inimigos décadas depois, levando-os a cruzar o Orinoco e atingir a Bacia do Mavaca. Na sequência, parte permaneceu no Rio Mavaca e parte atravessou o Siapa em direção à fronteira com o Brasil (Ramirez 1992).

### 2.4.1. A primeira onda migratória yanomami para a Bacia do Médio Rio Negro

De acordo com relatos históricos, o grupo que deu origem aos atuais habitantes da região de Maturacá atingiu a cabeceira do Rio Cauaburis em meados da década de 1920, período em que exploravam uma ampla área que se estendia até o Rio Demiti, na Venezuela (Cocco 1972). Na década de 1940 o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) iniciou as primeiras tentativas de pacificação desse grupo, mas todas as 11 não tiveram sucesso. Apenas em 1952, em uma expedição chefiada pelo padre Antônio Góis, os *Masiripiwëteri* (como se autodenominam em sua maioria) passaram a ter relações amistosas e regulares com membros da sociedade envolvente (Smiljanic 2002).

Em 1954 foi fundada, às margens do Canal de Maturacá, a Missão Nossa Senhora de Lourdes. Dois anos depois os Yanomami abandonaram a comunidade em que viviam no sopé do Pico da Neblina e se mudaram para as proximidades da missão, onde se encontram até hoje. Desde então a missão salesiana tem exercido um grande poder de atração na região, aglutinando em seu entorno o que antes eram diferentes comunidades dispersas pelo vale do Rio Cauaburis. Esse processo levou a um expressivo aumento da população vizinha à missão.

Já os habitantes da região do Marauiá possuem uma origem comum nos chamados *Karawëteri*. Esse grupo per-



Comunidade Ariabú, na região de Maturacá

47. Em 1982 a MNTB se instalou na Serra do Aracá e passou a prestar o atendimento de saúde para esse grupo. Também iniciou o processo de escolarização das crianças. A MNTB funcionou até recentemente, quando as lideranças indígenas decidiram expulsar os missionários da região. Em 2010, eles se dividiram em duas comunidades. Um pequeno grupo, com uma população de 68 pessoas, foi até o Rio Aracá, onde existia outro posto da Funai que controlava o acesso ao rio e funcionava como entreposto comercial para a extração de piaçaba. Os demais permanecem no Rio Jutai.

48. Em expedição realizada entre 1955 e 1956, nos Rios Demini e Aracá, o etnólogo alemão Hans Becher (1958) informa que o Posto Indígena Ajuricaba era visitado pelos Pakidái, que conseguiam lá alguns objetos industrializados, enquanto não mantinham nenhum contato com exploradores de recursos da floresta, madeireiros e colonos que habitavam ao longo do Rio Demini. Ao contrário, o etnólogo destaca que os Surára, que moravam nas proximidades da Cachoeira dos Índios, no Rio Aracá, mantinham contatos frequentes com coletores de fibras de palmeiras, dos quais obtinham os objetos industrializados que entregavam para guerreiros Xiriana que os visitavam anualmente. O alemão informa ainda que os Surára tinham aprendido um pouco de português devido às relações com os coletores de recursos da floresta, e que seu intérprete foi uma criança de aproximadamente nove anos de idade.

tência a um conjunto – os *Aramamisiteri* – que, habitando originariamente entre a Serra Parima e as cabeceiras do Siapa, atravessou o Orinoco para instalar-se nas Bacias do Mavaca e do Siapa após fugir de investidas de outros Yanomami localizados mais ao norte. Poucos anos depois, presumivelmente entre 1910 e 1915, dirigiu-se ao sul, até alcançar as cabeceiras do Cauaburis (Valero 1984). Em seguida, atingiu a cabeceira do Rio Marauíá, por volta de 1918, e poucos anos depois se instalou nas margens do Rio Rapirapi. Dos *Karawëteri* descendem os quatro principais grupos que ocuparam o vale do Marauíá a partir da década de 1940: os *Xamatauteri*, os *Ironasiteri*, os *Pohoroateri* e os *Pukimateri*.

Em 1961, padre Góis – o mesmo que promoveu o contato com os *Masiripiwëteri* – estabeleceu residência no Rio Marauíá e iniciou os primeiros contatos com os grupos da região. A missão salesiana do Marauíá, fundada no mesmo ano, passou a atrair então grande parte desses grupos, em especial os *Xamatauteri*. Por volta de 1968, os *Ironasiteri* começaram a descer o Rio Marauíá atraídos pela frente extrativista. Enquanto aprendiam técnicas de extração de seringa e sorva, comercializavam produtos com regatões e comerciantes de Tapuruquara (AM). Após se dispersarem pelo Rio Negro, voltaram para as margens do Marauíá, desapontados e com a saúde debilitada, mantendo relação intermitente com a missão salesiana (CCPY 1982).

Góis permaneceu trabalhando na missão até 1976, ano da sua morte. A missão ficou abandonada até 1978, quando foi retomada no ano seguinte por um novo padre, que iniciou a construção da primeira escola. Nos anos 1980 foi construído também o posto da Funai ao lado da primeira cachoeira de mais difícil acesso no curso do Rio Marauíá, Bicho-Açu. O posto, por sua vez, atraiu os *Ironasiteri* que se mudam para o baixo curso do rio, bem próximo ao atual limite da Terra Indígena.

na. As demais comunidades permaneceram vivendo mais acima do Rio Marauíá e em volta da missão. Na década de 2000, vindos do Alto Siapa em busca de atendimento de saúde, chegou o grupo conhecido como *Konateri*, e, mais recentemente, os *Mômôhiteri*.

Os ancestrais dos grupos de Ajuricaba e Aracá, por sua vez, depois de inúmeros combates com grupos inimigos no vale do Orinoquito, se mudaram para a Serra Homahëwë no final do século XIX. Por volta de 1900 cruzaram o Siapa e circularam por diversas serras localizadas na fronteira Brasil-Venezuela (*Hiporo*, *Waxamona*, *Hapapa*, *Moramana*, *Waomina*), até atingir a margem do Rio Jutai em 1935 (Lizot 1993 *apud* Sousa 2010).

No Jutai, o grupo sofreu com seguidas epidemias e parte decidiu se mudar para o Rio Demini onde, em 1947, foi construído um posto do SPI. A parte que permaneceu no Jutai posteriormente migrou para o Aracá, por influência dos integrantes da MNTB<sup>47</sup>. O Posto Indígena Ajuricaba foi mantido até 1980, administrado por funcionários indígenas da Funai, das etnias Tukano e Sateré-Mawé, que acabaram casando com mulheres Yanomami e formando famílias na região<sup>48</sup>.

O posto, enquanto esteve ativo, funcionou como um importante entreposto de mercadorias para os Yanomami da região. O SPI, e depois a Funai, incentivaram a produção agroextrativista das comunidades na Bacia do Rio Demini, a partir da troca por ferramentas e outros bens industrializados. Inicialmente, os Yanomami trabalharam na extração de sorva, e em seguida na de castanha-do-pará. Em meados da década de 1970, começaram a trabalhar também com o cipó-títica. Recentemente começaram a vender em Barcelos peixe, farinha e produtos da roça, como banana e melancia. O circuito extrativista trouxe maior contato com as populações ribeirinhas e indígenas de outras etnias, como Baré e Tukano, contribuindo para uma maior miscigenação.

## 2.4.2. A segunda onda migratória yanomami para a Bacia do Médio Rio Negro

Os habitantes da região de Marari descendem, em sua maioria, dos *Apruetheri*, grupo que fez o primeiro contato amistoso com os integrantes da MNTB, em 1966, nas cabeceiras do Rio Marari. Atraídos pelos serviços e bens que os missionários ofereciam, o grupo se fundiu a outros sete grupos locais, a maioria proveniente da Venezuela: os *Konaboma theri*, os *Toxamoxi theri*, os *Aramanasi theri*, os *Prauwe theri*, os *Akawayape theri*, os *Nalimipywei theri* e os *Unamoe theri*. Desse modo, de 1966 a 1981 a população próxima à missão cresceu aproximadamente 80% (CCPY 1982).

Em 1972, a missão abriu uma escola somente para rapazes, com idade de dez a 18 anos. A instituição funcionava diariamente entre oito a dez horas da manhã, e fazia um trabalho de préalfabetização em língua materna, seguido de ensino bilíngue. Para as mulheres eram oferecidos cursos de corte e costura (CCPY 1982). Antes da instalação da missão, a relação entre os Yanomami e a sociedade envolvente era marcada por conflitos. Até a

década de 1970, os piaçabeiros da região evitavam transitar e negociar com os Yanomami. Com a presença dos missionários essa relação se intensificou e, já em 1975, muitos dos Yanomami da região passaram a trabalhar para os regatões e patrões na exploração da piaçaba.

Em 1982, muitos Yanomami empregavam-se em uma comunidade próxima à Cachoeira da Aliança, trabalhando na extração da piaçaba. Trabalhavam por até seis meses para ganhar em troca uma espingarda. Naquele ano, chegaram a adquirir pelo menos 27 armas Rossi, calibres 16 e 20. O aumento da belicosidade do grupo implicou também no aumento da mortalidade das investidas guerreiras contra as comunidades inimigas na Venezuela, afetando a dinâmica das relações intercomunitárias na fronteira (CCPY 1982).

Outra marca deixada pelo extrativismo da piaçaba na região é o alto índice de casos de malária, o maior da TIY. Em 2015 foram constatados 551 casos para uma população de 997 pessoas (Sesai 2016).

Casa yanomami na região do Marari, com a Serra Aramamisi ao fundo



Edson Sato, 2010

### 2.4.3. A terceira onda migratória yanomami para a Bacia do Médio Rio Negro

49. Nome da região segundo o Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami e Ye'kwana (DSEI-YY).

A região de Padauri, embora tenha sido ponto de passagem de diferentes grupos yanomami desde a década de 1920, foi povoada recentemente por meio de duas ondas de migrações distintas. A primeira, oriunda da Venezuela no final dos anos 1980, que resultou no estabelecimento das comunidades no chamado Médio Padauri<sup>49</sup>, como Waharu, Lahaka e Pahana. E, a segunda leva, que ocorreu em 2000, quando várias aldeias yanomami decidiram se afastar do Alto Siapa, zona de numerosos conflitos. Originalmente agrupados em um número limitado de assentamentos, essas comunidades foram instaladas já na década de 2000, e estabeleceram-se na porção reconhecida pelo Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami e Ye'kwana (DSEI-YY) como Alto Padauri (Kata Kata, Hõaxi e Xihõ), e na região ocidental do Parawaú, na comunidade maxapapi (Le Tourneau 2010).

A região do Parawaú é formada por grupos com históricos diferentes, sendo uma parte mesclada com falantes de Yanomae, como os grupos de Wanapiú e Uxiximapiú, que já viviam na região do

Alto Rio Demini na década de 1940, época em que relatam encontros com a CBDL (Pereira 2008). Outros grupos que vivem hoje no Parawaú vieram da região do Siapa, na Venezuela, através de sucessivas levadas migratórias, sendo a chegada do grupo de Maxapapi, no ano 2000, a mais recente. As alianças de troca e matrimônio mantidas pelos *Parawau thëripë* se dão principalmente entre outros grupos yanomami da Venezuela, assim como comunidades do Toototopi e Novo Demini, em uma situação de bilinguismo simétrico entre Yanomami e Yanomam.

Apesar do contato regular dos Yanomami do Parawaú com os não indígenas ter se estabelecido mais tardiamente do que os das regiões vizinhas como Toototopi, Aracá e Ajuricaba, os grupos dessa região também sofreram com as epidemias de sarampo, que chegaram através da relação que mantinham com grupos yanomami aliados, e, ao final da década de 1980, sofreram sucessivas epidemias de malária, transmitidas através do contato com garimpeiros que trabalhavam em outras regiões no Brasil e na Venezuela.



Carlo Zacchini, 1990

Homens fazem diálogo cerimonial em interior de casa na região do Parawaú

### 2.5. Yaroamë

Em comparação às outras línguas Yanomami, existem muito poucos dados históricos sobre os Yaroamë, e por isso é difícil precisar as datas e sua trajetória de deslocamento. Alguns autores (Verdum 1994; Albert 1985), porém, com base em relatos coletados em campo, argumentam que os Yaroamë seriam representantes de uma das primeiras ondas migratórias em direção às Terras Baixas, e que teriam se deslocado margeando o Rio Catrimani. Esses relatos permitem identificar a presença desse grupo no interflúvio Mucajá-Catrimani pelo menos desde a década de 1920. Mas é possível que seu território, nesse período, se estendesse desde o Alto Catrimani até os Rios Ajarani e Apiaú, antigo território Pauxiana<sup>50</sup>.

Com base nos registros de exploradores<sup>51</sup> e nos relatos dos Yanomami, até a década de 1940 os Yaroamë constituíam um grupo bastante numeroso. O pioneiro Brás de Aguiar, ao viajar pela região em 1939, registrou, a partir da informação de outros grupos, a presença de pelo menos 28 núcleos "Jauri" ao longo do vale do Rio Catrimani, informação que se repete nos relatórios da CBDL de 1940-1941.

Em seu trabalho, Verdum (1994), com base na história de vida de anciãos yaroamë, sugere que a partir da década de 1920 conflitos intra e intergrupais teriam motivado diversos micromovimentos em direção aos grandes rios, que culminaram na aproximação das frentes de expansão da sociedade envolvente, período em que são realizados os primeiros contatos com balateiros, gateiros e pescadores. As décadas de 1940 e 1950 são marcadas, por conseguinte, por relatos de epidemias e "envenenamentos", que alteraram significativamente a demografia do grupo, estimulando novos arranjos e deslocamentos. Já na década de 1960, Verdum (1994) identificou a existência de dois blocos em relação à população que seria impactada diretamente pela construção da Perimetral Norte<sup>52</sup>, em 1973: um localizado entre o Médio

Repartimento e o Médio Ajarani, e outro localizado na região das cabeceiras dos Rios Ajarani, Arapari e Pacu. Somado a esses podemos incluir ainda os habitantes do Apiaú, *Irohutu thëripë*, e, provavelmente, os *Moxihatëtëa*<sup>53</sup>.

Há registros sobre o grupo do Apiaú nos relatos de viagem dos missionários da Consolata para a região na década de 1950. Em 1953, em uma primeira expedição, acompanhado por dois madeireiros que já tinham tido contatos com os indígenas, o padre Silvestri tentou estabelecer uma relação amistosa com o grupo. Após esse encontro, os missionários realizaram outras expedições pelo Rio Catrimani e também pelos rios Apiaú e Ajarani, onde tentaram abrir pequenas pistas de pouso. Os missionários permaneceram alguns meses nessas localidades.

Na década de 1960, com exceção dos *Moxihatëtëa*, os grupos yaroamë experimentaram diversas situações de troca e encontro com os brancos, chegando inclusive a fazer uma visita às obras da BR-174 em 1963 (Verdum 1994). Todavia, esses encontros se davam de maneira intermitente e parcial – isto é, mediada por uma parcela específica da população. Essa situação, porém, foi alterada de forma drástica com a construção da rodovia BR-210, cujo traçado avançava para dentro de seu território.

A Perimetral Norte significou uma verdadeira tragédia para os Yaroamë. A maciça invasão de trabalhadores empenhados no desmatamento e na mobilização dos enormes maquinários, investindo contra a área indígena sem nenhum controle de saúde, provocou duas epidemias de sarampo (1974 e 1976-1977), contínuos surtos de gripe, malária e outras patologias, que dizimaram algumas comunidades (Saffirio 1980). Em 1975, os antropólogos Kenneth Taylor e Alcida Ramos conduziram uma pesquisa, como parte do Plano Yanoama, cuja finalidade era orientar e controlar os contatos entre Yanomami e não indígenas na área de

50. O explorador Desmond Holdridge viaja pelo Catrimani em 1933 e depois de dez dias subindo o rio encontra uma comunidade pauxiana, que se refere ao Arapari e ao Apiaú como antigos locais de morada de seu grupo.

51. Salathé 1932; Holdridge 1933; Aguiar 1939; CBDL 1940-1941.

52. A Perimetral Norte (BR-210) fazia parte do PIN, desenvolvido pelo governo militar, e buscava cortar a Amazônia brasileira desde o Amapá até a Colômbia.

53. Grupo em isolamento voluntário que hoje vive na cabeceira do Rio Apiaú.

A construção da Perimetral Norte avançou pelo território yanomami, impactando seriamente a vida de diversos grupos isolados e de recente contato

Antropólogos conversam com grupos yanomami na Perimetral Norte, a fim de compreenderem os impactos da construção da estrada



Bruce Albert, 1975



Alicides Ramos, 1976

construção da Perimetral Norte, a fim de evitar conflitos e abusos por meio da supervisão constante de especialistas. Através desse estudo concluíram que:

**(a)** no primeiro ano de construção da Perimetral Norte, 22% da população de quatro aldeias, localizadas na região do Rio Ajarani, foi morta por causa de doenças infecciosas;

**(b)** dos cerca de 250 Yanomami que moravam nessa região, antes do começo dos trabalhos de abertura da estrada, sobreviveram somente 81, divididos em cinco comunidades no momento da interrupção dos trabalhos;

**(c)** 75% da população da região do Rio Apiaú, cerca de 100 pessoas, desapareceu nos primeiros dez meses de construção da rodovia (Ramos e Taylor 1979).

Os efeitos dessa tragédia persistem até hoje, refletidos na estrutura social das comunidades *ÿaroamë* atuais, composta por integrantes de diferentes regiões e diferentes grupos familiares.

São, portanto, sobreviventes de grupos que desapareceram em decorrência de epidemias ou do extermínio físico, por conflitos internos e ações violentas da população não indígena local.

## 2.6. Yãnoma

Assim como para os *ÿaroamë*, são raras as referências históricas que fazem menção direta aos Yãnoma, o que torna especialmente difícil precisar a trajetória migratória desse grupo.

Todavia, a partir de relatos de alguns anciãos é possível reconstituir parte dessa história até quase o início do século XX, localizando-os nas imediações do vale do Rio Demini.

De acordo com uma liderança de aproximadamente 60 anos, nascida no Catrimani, filho de um pai Yãnoma e uma mãe *ÿaroamë* do Apiaú, a família de seu pai, antes de viver na Bacia do Catrimani, habitava a nascente do Rio Ananaliú, onde vivem hoje os Yanomami da comunidade *watoriki*, região do Demini. Antes disso, esse mesmo grupo perambulava pelo vale do Rio Demini. O seu deslocamento para o Rio Catrimani teria sido resultado de conflitos com outros grupos Yanomami que migravam das Terras Altas, empurrando-os para leste. Este relato, por sua vez, vai ao encontro de registros organizados pela Missão Catrimani que mencionam locais de roças utilizados desde o começo do século XX<sup>54</sup>, e as datas aproximadas de utilização por parte de dois grupos que foram se estabelecendo no Baixo Rio Catrimani.

O professor J. Yanomami<sup>55</sup>, recolhendo depoimentos de anciãos moradores do Baixo Rio Catrimani, anota que estes informam sobre frequentes conflitos entre diversos grupos yanomami – que ele denomina “*Waiká*” – e desses com *napëpë* exploradores da região. Ele cita como lugar de primeiro contato a comunidade de Kuyuhuxi (cuja localização não foi possível identificar), onde teria ocorrido a distribuição de objetos: terçados, machados, panelas, sal, tabaco, etc. Outras localidades lembradas, onde ocorreram trocas e conflitos, são: *Weerei kiki* e *Hurahuraú*, áreas de ocupação em que o histórico registra a data de 1905 (Missão Catrimani 1978).

Em 1948, um grupo de balateiros se estabeleceu no médio curso do Rio Água Boa do Univini (tributário da margem direita do Rio Branco) e manteve contatos com grupos yãnoma recentemente chegados ao Baixo Catrimani. Nessa época, os Yãnoma estavam instalados no Baixo Rio Catrimani em localidade indicada como *Paraparahi* (1944-1960), onde teriam sido acometidos por epidemias que causaram numerosas mortes. Em consonância com as memórias registradas por J. Yanomami, em 2014, Albert (1985) registra que no fim dos anos 1950 uma das três comunidades localizada nessa região foi quase totalmente dizimada por uma epidemia de gripe. Instalados no Baixo Rio Catrimani, os Yãnoma teriam estabelecido relações com caçadores, trocando espingardas por peles de animais.

Desde o início do contato os Yãnoma mantiveram contínua relação com a comunidade não indígena do entorno, apoiada na criação de relações de trabalho ligada às redes extrativistas locais. Essas redes, por sua vez, alimentavam um grande sistema comercial que movimentava a economia no Baixo Rio Branco desde o início do século XX. Havia nessa época uma grande comercialização de produtos como sorva, balata, seringa, castanha, *pirarucu*, peixe-boi, tartarugas e peles de felinos, que eram vendidos legalmente até a década de 1960 (ICMBio 2018).

Os Yãnoma, habitantes da fronteira leste do território indígena yanomami, mantinham contato com exploradores e comerciantes não indígenas e trabalhavam na extração de muitos desses produtos, na grande maioria das vezes em situação de exploração laboral da mão de obra dos Yãnoma.

A presença das comunidades yãnoma no Baixo Rio Catrimani continuou sendo registada entre 1965 e 1973, com dois grupos denominados *Hawarihi-pi theri*, à altura do Igarapé Castanho, afluyente pela margem esquerda do Baixo Rio Catrimani. Nos anos entre 1974

54.

**Iº grupo:** *Haranariú*; *Hurahuraú* (1905), uma localidade que se encontra na margem de um igarapé no traçado da Perimetral Norte, em direção ao Demini; *Thomýheu* (1915); *Ahiþithaka* (1925); *Maraxipithaka* (1930-1936); *Waraythaka* (1936-1944); *Paraparahi-pë* (1944-1960); *Narahi uprao*; *Igarapé Castanho*.

**IIº grupo:** *Horemathaka*; *Hapakarahi uprao*; *Warëmokapi*; *Aramahu hateteopëu*; *Yãmanopiú*; *Wanapiú*; *Igarapé Castanho*.

55. Por respeito às regras yanomami, escolhemos não colocar na íntegra o nome do professor, falecido em 2016.

e 1985, um grupo se separou dos *Hawarihipi theri* e constituiu a comunidade dos *Wapokohipi theri*, na margem esquerda do Baixo Rio Pacú, onde permanecem até hoje. No início da década de 1990, esse grupo mudou seu nome para *Pookohipi theri*. Em 2012, alterou novamente para *Rasasipi theri*.

Registros sucessivos (1981, 1987, 1996) continuam confirmando a presença de dois grupos no Baixo Catrimani, denominados *Hawarihipi theri*. De 2006 a 2011 são registrados: os *Caju theri*, com

sua casa próxima à Perimetral Norte (BR-210), do PIN, e ao Posto de Saúde do Baixo Catrimani, e os *Curral theri*, próximos à Cachoeira Piranteira. Em 2010, parte das famílias desses dois grupos permaneceu perto ao posto de saúde, mantendo o nome de *Caju theri*, enquanto outras famílias construíram uma casa a montante, na margem direita do Rio Catrimani, denominando a localidade de *Macuxi*. Este grupo deslocou-se para a margem esquerda do Rio Catrimani em 2015, mantendo o nome de *Macuxi*.

## 2.7. Yanomam

Os Yanomam se concentram, em sua maioria, nas chamadas Terras Altas (*horepë hamí*), na Serra Parima e seus arredores, área de ocupação histórica dos Yanomami. No entanto, a partir do início do século XX alguns grupos yanomam iniciaram grandes movimentos migratórios em direção às Terras Baixas, ocupando, tanto o Alto Rio Uraricoera, como também os vales dos afluentes da margem direita do Rio Branco e do Rio Demini, tribu-

tário direto do Rio Negro. Essa expansão ocorreu devido a dois fatores principais. O primeiro seriam os recorrentes conflitos com grupos yanomami e, mesmo, inimigos yanomam que se movimentavam impulsionados pelo *boom* demográfico nas Terras Altas. O segundo motivo dessa expansão teria sido o desaparecimento de várias etnias que antes ocupavam as Baixadas, como os Aruak ao sul e grupos Karib asudeste e noroeste (Albert 1985).

### 2.7.1. Os primeiros grandes deslocamentos yanomam em direção às Terras Baixas

No início do século XX, enquanto parte dos Yanomami se afastava da atual fronteira brasileira, adentrando cada vez mais no território venezuelano, os Yanomam deixavam as cabeceiras do Rio Puuta para ocupar as montanhas do Xitei (*Hwëë maki*) e as serras de Surucucu (Ramirez

1994a). Foi a partir dessa ocupação das serras do Xitei e de Surucucu que os Yanomam seguiram para as demais regiões, a partir de grandes movimentos migratórios que ocorreram em três direções principais: Nordeste (Uraricoera), Leste (Catrimani) e Sudeste (Demini).



Lucas Lima/ISA, 2018

Casa coletiva na região do Xitei, local onde viveram muitos grupos yanomam antes de se dispersarem em várias ondas migratórias

## 2.7.2. Os Palimiu thëripë

Os Yanomam hoje conhecidos como *Palimiu thëripë* foram os primeiros a deixarem as serras, fazendo um movimento migratório mais amplo (Ramirez 1994a). Por volta de 1915, esse grupo yanomam teria cruzando todas as serras de Sururu-cu em direção às cabeceiras do Rio Uraricoera, nas imediações do Rio Aracaçá, e passaram a ocupar a Bacia do Uraricoera, se deslocando cada vez mais a jusante.

Por terem migrado para a Bacia do Uraricoera, os *Palimiu thëripë* passaram a estabelecer relações com os grupos que viviam na região: os Yanomami falantes de Ninam e Sanõma, os Ye'kwana, além de outras etnias já extintas. Apesar da longa distância que tomaram de seus parentes, por algumas décadas os *Palimiu thëripë* Oseguiram mantendo estreitas relações de aliança com os demais grupos yanomam em uma impressionante mobilidade, percorrendo longuíssimas

distâncias pela floresta, a fim de visitar aqueles que viviam em regiões como Papiú, Catrimani e Demini.

Em 1957, os *Palimiu thëripë* ocupavam a região conhecida como Waikás, onde atualmente vivem parte dos Ye'kwana brasileiros. Ali foram contatados pelos missionários Robert e Radder, da MEVA, que rapidamente construíram uma pista de pouso e edificações que permitiram fundar a missão na região. Por volta de 1966, os Ye'kwana negociaram com os Yanomam de Palimiú a troca da região onde viviam, incluindo a pista de pouso e os roçados que já havia na região. Com essa troca, os *Palimiu thëripë* mudaram-se então para ir viver a jusante, onde permanecem ainda hoje. Poucos anos depois os missionários da MEVA voltaram a atender os Yanomam de Palimiú, fundando uma nova missão no local (Leite 2016).

Comunidade yanomam na região de Palimiú



Moreno Sarativa Martins/ISA, 2018

## 2.7.3. Os Wakathau thëripë

Ainda no início do século XX, o grupo conhecido como *Wakathau thëripë*, do qual descende parte dos atuais moradores do Médio Rio Catrimani, desceu as serras no sentido do Rio Catrimani<sup>56</sup> iniciando assim a ocupação da região pelos Yanomam (Ramirez 1994a). Nas primeiras décadas do século XX, frentes pioneiras e expedições de exploração atingiram também a Bacia do Rio Catrimani. Salathé (1932), Meyer (1956) e Holdridge (1933), percorrendo o Catrimani entre 1929 e 1932, confirmam a presença de coletores de balata que exploravam o curso superior do rio e mantinham contato com os Yanomam, desde os anos 1920. Informam também que, em 1926, após conflitos entre balateiros e Yanomam, alguns exploradores foram mortos e os Yanomam da região foram acometidos pelas primeiras epidemias.

Entre 1929 e 1930, a expedição realizada pelo explorador suíço Salathé, na qual tomou parte o beneditino Alcuino Meyer, identificou a presença de grupos yanomam no Rio Jundiá (Kaxipiú, afluente pela margem direita do Médio Rio Catrimani). Os exploradores relatam que o “grupo do Tuxaua Simão” – conhecido como Canina (Kaniña ou Kaim) – mantinha boas relações com um grupo residual Pauxiana (Karib) no Baixo Catrimani. Esse grupo afastou-se do local por conflitos com Yaroamê, conhecidos como *Moxihatëtëa*, e por uma epidemia contraída após a expedição (Missão Catrimani 1978)<sup>57</sup>.

Sucessivamente, o grupo se estabeleceu em Korihana (entre os anos 1931 e 1938), próximo a um afluente do alto curso do Rio Lobo d'Almada, Uxiú, por sua vez, afluente pela margem direita do Rio Catrimani (Saffirio 1981). Essa localidade é lembrada por um ancião morador do Catrimani, que ali nasceu, e que conseguiu relatar deslocamentos posteriores, locais de moradia, epidemias, contatos com aventureiros e outros fatos históricos, até o presente.

Nas décadas seguintes, esse grupo se deslocou entre o Rio Lobo d'Almada e o Igarapé Pauxiana (Himarahamohipiú, afluente pela margem direita do Rio Catrimani), mudando dezenas vezes o lugar de moradia, enquanto – a partir das Terras Altas e atravessando a região dos Rios Lobo d'Almada e Jundiá – outros grupos realizavam migrações que os teriam levado até ao Médio Rio Catrimani.

Desde a década de 1960, por cisões, fusões e deslocamentos sucessivos, foram se constituindo os numerosos grupos locais yanomam que hoje habitam a região do Médio Rio Catrimani, e que – fazendo referência a origens e histórias diversas – prezam por se distinguir entre os que moram nas “proximidades da Missão” e os que moram a montante, os *Ora theri*.

Em 1965 os padres Meldolesi e Calleiri fundaram a Missão Catrimani, que continua ativa e realiza trabalhos de apoio aos Yanomam e Yaroamê da região<sup>58</sup>.



Carlo Zacchini, 1999

56. Conhecido como *Wakathau* na língua Yanomae.

57. Conforme Meyer (1956, p. 23-24) – com base nas informações recebidas do Tuxaua Simão –, no início da década de 1930, além dos grupos denominados uaiçá e yauarí, existiam, no Médio e Alto Rio Catrimani (incluindo suas cabeceiras), numerosos grupos pertencentes à mesma família: os Carimi do Médio Rio Jundiá (Salathé 1932) e Meyer (1956) divergem na transcrição do etnônimo desse grupo, encontrando-se os termos Karimé, Carimi, Carina, Calina, Kari:me, Cari:mé); os Parataribe (Parátiri, Paraytiribe, Paratariba) na região das cabeceiras ou do Alto Rio Catrimani; os Pacatais (Pacatái), num afluente do Alto Rio Catrimani, Rio Uarará; os Dotorissana, os Jamataribe, os Motostaribe, os Xipiátaribe, os Oconyêetaribe, os Cuencetaribe, os Puçaracautaribe, os Macáco (s) taribe e os Cuaimi [?], nas cabeceiras do Rio Catrimani, na Serra Parima.

58. Para maiores detalhes sobre a história dos grupos que hoje vivem na Missão Catrimani, ver Missão Catrimani (1978), Saffirio (1985) e Dalmonego (2015).

Casa coletiva na região da Missão Catrimani

#### 2.7.4. Os Watoriki thëripë

Uma terceira leva migratória é formada pelos Yanomam que hoje vivem na região do Demini e do Médio Rio Catrimani – grupo que a partir de 1994 se identifica como *Hawarihixapopëu theri*. Esses grupos yanomam teriam abandonado a região das serras do Xitei e de Surucucu na década de 1930 (Ramirez 1994a) e seguido para as cabeceiras do rio Mucajaí (comunidades de Xioma e Mrakapi). Posteriormente, teriam se deslocado para a região do Rio Lobo d’Almada, onde construíram diversas moradias até o início da década de 1970.

Parte desse conjunto teria então migrado para a Bacia do Rio Mapulaú (mais especificamente para o rio Werihisihipiú) a convite de um missionário da MNTB, que na época realizava trabalhos na região do Toototopi. O grupo mudou-se buscando ter acesso facilitado às mercadorias dos brancos, porém a estratégia de se aproximar dos missionários acabou sendo desastrosa ao serem acometidos por uma epidemia, em 1973, que custou a vida de grande parte de seus integrantes. Os sobreviventes decidiram assim retornar para a antiga casa Hapakara hi, no Alto Rio Lobo d’Almada, onde foram vítimas de uma epidemia de varíola em 1976, mais uma vez dizimando parte da população. Nesse mesmo ano, outra parte do grupo havia se instalado nas imediações do Rio Mapulaú, próximo a um posto da

Funai que foi fechado no ano seguinte, em 1977 (Kopenawa e Albert 2015).

Em 1978, com a notícia da abertura de um posto da Funai no quilômetro 211 da Perimetral Norte, parte do grupo migrou para o Rio Ananariú, onde construíram uma casa não muito distante de onde a construção da estrada havia sido interrompida. Garantiram portanto fácil acesso ao posto do Demini, mas ainda assim com certa distância dos brancos, já que se mantinham receosos após as duas traumáticas epidemias que os assolaram.

Outra parte desse conjunto populacional se deslocou progressivamente na região entre o Rio Lobo d’Almada e Jundiá. Na década de 1970, existiam três grupos que moravam em localidades distintas: um grupo em Marihipi, perto das nascentes do Jundiá; um segundo em Uxiú, às margens do Lobo d’Almada; e um terceiro que se estabeleceu na margem do Igarapé Hwayaú, afluente pela margem direita do baixo curso do mesmo Lobo d’Almada.

Esses grupos também sofreram os impactos da exploração do território yanomami, como a abertura da Perimetral Norte a partir de 1974 e a presença maciça de garimpeiros a partir da segunda metade da década de 1980. O parco acesso dessa população a serviços de saúde fez com que mais epidemias de sarampo e outras doenças provenientes do contato com os trabalhadores da estrada afetassem se-

veramente o grupo. Como exemplo, entre os meses de fevereiro e abril de 1978, 68 pessoas faleceram em consequência da segunda epidemia de sarampo que se alastrou na região<sup>59</sup>. Das três comunidades localizadas ao longo do Rio Lobo d’Almada, cujos habitantes ainda não haviam recebido cobertura de vacinas, a primeira per-

deu 51% de sua população, a segunda, 46%, e a terceira 30% (Saffirio e Hames 1983).

Os sobreviventes se deslocaram primeiro para a boca do Lobo d’Almada, depois para a boca do Jundiá, até que em 1994 se mudaram para a beira do Catrimani, onde ainda habitam, constituindo os *Hawarihixapopëu thëri*.

#### 2.7.5. Os Yanomam do Rio Toototopi

Os antepassados dos Yanomam que vivem hoje no Toototopi desceram para as Baixadas em fuga, após uma série de conflitos com outros grupos yanomam no alto da Serra Parima. Anciãos desse grupo contam que tiveram acesso à primeira ferramenta de metal através de uma guerra que ocorreu nas primeiras duas décadas do século XX, na região de Watatase (atual Xitei) (Smiljanic 1999). O grupo passou por detrás da serra do Xitei, cruzando o Orinoco, até chegar às serras do Toototopi por volta da década de 1940, onde se estabeleceu na comunidade de Yoyoropë, próxima às nascentes do Rio Toototopi. Já na década de 1950, os Yanomam de Yoyoropë se juntaram aos de Sinatha e passaram a viver em uma grande casa conhecida como Marakanã. Nesse período viviam em conflito com os Yanomam que habitavam o Mapulaú e Alto Rio Catrimani.

Em junho de 1958, os habitantes de

Marakanã foram contatados pela CBDL, e na sequência pelo SPI e integrantes da MNTB. No ano seguinte, uma forte epidemia de sarampo dizimou parte considerável do grupo do Toototopi<sup>60</sup>. Os Yanomam atribuíram essa epidemia a uma ação de retaliação de um funcionário do SPI, Oswaldo Leal, e o dramático evento ficou conhecido como “epidemia do Oswaldo”.

Em 1964 foi fundada a MNTB no Toototopi. Entre 1967 e 1969 uma nova epidemia de sarampo – transmitida pela filha de um dos missionários – atingiu os Yanomami da região, mais uma vez vitimando parte considerável do grupo. Em 1991 houve uma dissidência dos Yanomam do Toototopi, sendo que algumas famílias se mudaram a jusante do Rio Demini, na região hoje conhecida como Novo Demini. Os integrantes da Novas Tribos do Brasil seguiram o grupo e fundaram uma missão que segue ativa nessa região.



Casa coletiva de Watoriki, construída em 1993

Carlo Zacchini, 1999



Edson Sato, 2010

59. O vírus do sarampo chegou até a comunidade através de um jovem que, depois de ter sido internado para tratamento em um hospital de Boa Vista, foi devolvido para a sua comunidade sem que ninguém pudesse diagnosticar que fosse portador da doença contagiosa.

60. Em outubro de 1958, a população do Toototopi estimada por agentes do SPI era de 335 pessoas. Em 1981, esse grupo não passava de 230 indivíduos (Kopenawa e Albert 2015).

Interior de casa coletiva na região do Toototopi

### 2.7.6. Migração dos Yanomam das Serras Sul (Yanomama)

Os grupos yanomam que vivem hoje nas regiões de Haxiú, Homoxi, Yaritha, Papiú e Alto Catrimani são todos falantes da variante Yanomama, assim como os *Palimiu thëripë*, habitantes das mar-

gens do Uraricoera. Pouco sabemos das rotas de migração desses grupos anterior à ocupação da região sul da serra de Surucucu, o que sugere ser uma ocupação muito antiga.

### 2.7.7. Haxiú

No início do século XX, os Yanomam que hoje vivem nas regiões de Haxiú e Papiú (conhecidos também como *Maraxiu thëripë*) viviam ao sul da serra de Surucucu compartilhando o mesmo território. Após investidas de grupos inimigos, esses dois grupos acabaram se dividindo e se deslocando para leste.

Ainda no início do século XX, o atual grupo de Haxiú migrou para local próximo à grande formação rochosa *Arima*

*maki* – conhecida em português como Peito da Moça. Após uma série de pequenos movimentos migratórios, aproximaram-se das cabeceiras do Rio Mucajá, atraídos pelas mercadorias dos acampamentos garimpeiros da região (Pateo 2005).

Em seguida, mudaram-se para as margens do Rio Kuremaú, onde foram atacados pelos Yanomami do Haximu – grupo que, por sua vez, acabou massacrado por garimpeiros em 1993.

### 2.7.8. Papiú (*Maraxiu thëripë*)

Entre o final da década de 1940 e o início da de 1950, após se separarem dos Yanomam do atual Haxiú, o grupo dos *Maraxiu thëripë* migrou para a região do Rio Xopathaú, afluente do Rio Heroú (Couto de Magalhães), em uma área

já próxima ao território atual em que vivem. Nesse período, os Yanomami sofreram as primeiras epidemias, que dizimaram parte da população (Machado 2015).

Entre o final da década de 1980 e o início da de 1990, o território yanoma-



Bruce Albert, 1989

Pista de pouso na região do Papiú durante o auge da invasão garimpeira

mi foi cenário de uma das maiores febres do ouro já vistas no Brasil durante o século XX, sendo o Papiú o epicentro dessa invasão. Até janeiro de 1990, estima-se que a região havia sido invadida por cerca de 15.000 garimpeiros (Albert 1991). Após dois anos de intensa presença garimpeira, o quadro sanitário era desolador.

Antes da invasão viviam ali cerca de 400 Yanomami, reduzidos a cerca de apenas 250 pessoas em 1990 (Le Tourneau 2010), ou seja: aproximadamente 37% da população teria morrido ou fugido da

região em decorrência dos impactos socioambientais gerados pelo garimpo. Com a demarcação da TIY, em 1992, os garimpeiros foram paulatinamente sendo retirados do Papiú e o quadro epidemiológico e sanitário da região foi estabilizado.

Ao final da década de 1990, parte do grupo do Papiú migrou, descendo o Rio Heroú (Couto de Magalhães) e se instalando no ponto onde deságua no Rio Mucajá, formando a região conhecida como Kayanaú. Esse movimento migratório levou a intensificação de trocas e alianças entre os Yanomam e os Ninam do Mucajá.

### 2.7.9. *Xaatha thëri* (Alto Catrimani)

Apesar das poucas informações de que dispomos sobre o passado dos Yanomam que ocupam a região conhecida como Alto Catrimani (*xaatha thëripë*), sabemos que eles têm um passado em comum com o grupo do Papiú, com o quais mantêm relações de aliança, bem como com os Yanomam que vivem ao norte do Médio Catrimani (*Ora theri*). É possível

que esse seja o grupo ao qual Ramirez (1994) se refere como tendo saído da região do Xitei na década de 1970 para ocupar as cabeceiras do Rio Catrimani ou que tenha sido uma dissidência do grupo que vivia na atual região do Haxiú. Assim como no Papiú e Homoxi, a região do Alto Catrimani é muito afetada pela presença ilegal de garimpeiros.

### 2.7.10. Homoxi e Yaritha

Os Yanomam que ocupam hoje a região de Homoxi e Yaritha fazem parte de uma leva migratória relativamente recente, vindos em dois movimentos ocorridos nas imediações em meados do século XX (Le Tourneau e Albert 2005). O grupo de Yaritha ocupava a porção sul da região de Xitei, antes de se deslocar a sudeste do território, enquanto o grupo de Tirei vivia um pouco mais ao norte de Yaritha. Ambos os grupos, ocupantes de regiões relativamente próximas ao Xitei, fizeram movimentos migratórios a sudeste seguindo rotas quase paralelas, até chegarem nas atuais regiões conhecidas como Homoxi e Yaritha.



Estêvão Benfica Senra/ISA, 2016

Casa na região de Homoxi

### 2.7.11. Migrações na macrorregião de Surucucu

61. Ver Pateo (2005) para histórico mais detalhado de alguns grupos. Vários grupos da região não têm históricos documentados, portanto existem consideráveis lacunas ou ausência de relatos.

62. Maitha é nome de um grupo indígena já extinto, com quem os Yanomami mantinham relações até as primeiras décadas do século XX, na região da serra Takai makî (serra do Rio Melo Nunes). Através desses grupos, os Yanomami tinham acesso a ferramentas de metal (Kopenawa e Albert 2015).

Na macrorregião das serras de Surucucu, vivem os falantes das variações Yanomam das Serras Central e Yanomam das Serras Norte. E, apesar de ser esta uma das zonas mais habitadas da TIY, existem poucos estudos e informações sobre o histórico de suas populações<sup>61</sup>.

Os Yanomam que estão nessa região realizaram deslocamentos relativamente curtos, se comparado aos demais grupos yanomami. De acordo com Ramirez (1994a) e Pateo (2005), duas ondas migratórias seriam responsáveis pela formação dos atuais grupos de Surucucu. A primeira leva migratória que ocupou a área se deu pela fuga de conflitos dos

Yanomam com os Yanomami, que desceram a Serra Parima pelo norte, na atual região de Parafuri, sendo empurrados a nordeste por seus inimigos – parte do grupo que ocupa hoje o Kataroa e são falantes do Yanomami. Os Yanomam seguiram a nordeste, ocupando então a região conhecida como Maitha<sup>62</sup>, entre a margem direita do Rio Parima e as cabeceiras do Rio Uraricoera. Parte do grupo ficou nas imediações do Rio Mayepou, e em seguida se deslocaram para leste, já outra parte desse grupo se instalou no Rio Koniú, e ainda outros Yanomam seguiram ao sul pelo Rio Mucajá, até a região de Hakoma. Houve ainda ou-

tra dissidência desse grupo, que contornou a serra de Sucurucu pelo sul, chegando à região de Xarita makî e depois Hoko makî. Os Yanomam que viveram às margens do Rio Mayepou se aproximaram da área por volta do início da década de 1960 (Pateo 2005).

Já a segunda leva migratória vivia nas cabeceiras do Orinoquito e foram se deslocando aos poucos para a região das serras de Surucucu, local que ocupam até hoje. Esse grupo teria migrado da Serra Parima, contornando a atual região do Xitei, e entrou em contato com os Yanomam da primeira onda migratória na altura do Rahakapokou – afluente do Rio Parima.

Os Yanomam de Surucucu mantiveram contatos esporádicos com os não indígenas até a década de 1960. Um dos

encontros de que se tem registro se deu na década de 1940, com membros da CBDL que por lá passaram. Apenas em 1960 os Yanomam de Surucucu iniciaram o contato permanente com a sociedade nacional. Em 1961 o Exército brasileiro solicitou apoio da MEVA durante a abertura de uma nova pista de pouso no platô de Surucucu, visando à ocupação da região de fronteira com a Venezuela (Le Tourneau 2008). A MEVA acabou por instalar uma missão na região no início da década de 1960 e até 1964 o contato ficou restrito a equipes missionárias e a integrantes da FAB. Em 1986 foi construído o 4º Pelotão Especial de Fronteira na região, que conta com a presença permanente de aproximadamente 60 membros do Exército.



Junior Hekurari, 2019

Comunidade de Kori Yauopê na região de Surucucu



Moreno Saraiva Martins/ISA, 2010

Casa coletiva yanomami em formato cônico, na região de Surucucu

## 2.8. Considerações finais

63. E sobretudo nas regiões montanhosas de Papua-Nova Guiné, a área com maior diversidade linguística no mundo.

Como vimos, os grandes movimentos migratórios yanomami em direção às Terras Baixas transcorreram em aproximadamente 150 anos (1800-1950). Tempo talvez satisfatório para explicar algumas das variações dialetais, como é possivelmente o caso das transformações na língua Ninam e seus dialetos, mas insuficiente para compreender toda a diferenciação observada na família Yanomami, tal como se apresenta hoje, principalmente em nível linguístico. Assim, é bastante razoável supor que as distinções fundamentais que deram origem às seis línguas Yanomami contemporâneas não tenham tido na distância física o seu principal fator de produção de variação. Como ainda nos demonstra o caso yanomami<sup>63</sup>, proximidade territorial não é um fator necessariamente limitante da diversificação linguística.

Foi provavelmente em uma área pequena na Cordilheira do Parima (10.000 km<sup>2</sup>, ou menos de metade da área do Estado de Sergipe) que as seis línguas da família apareceram e possivelmente mantiveram algum nível de contato entre si durante seu longo processo de diferenciação (de pelo menos 700 anos).

É de se considerar que a Cordilheira do Parima é repleta de vales e montanhas, alguns de difícil transposição, oferecendo obstáculos que certamente propiciaram períodos de isolamento, mesmo que temporário, de alguns grupos yanomami ao longo de sua história. Entretanto, ainda que a geografia local tenha possivelmente exercido certa influência no processo de diferenciação interna da família, não acreditamos que ela por si só seja suficiente para explicá-lo. Os grupos yanomami são conhecidos por empreenderem longas expedições familiares pela floresta, sempre a pé, e muitas vezes transpondo terrenos bastante íngremes, seja para visitarem comunidades aliadas durante os festejos fúnebres *reahu*, seja para caçadas cerimoniais ou para residirem temporariamente na flo-

resta (Le Tourneau 2010; Albert 1985; Albert, Milliken e Gomez 2009). Em outras palavras, considerando as práticas de ocupação e mobilidade dos Yanomami, além de seu conhecimento sobre a floresta, é improvável que a diversidade da família Yanomami tenha nascido principalmente (muito menos exclusivamente) devido às condições geográficas desfavoráveis ao intercâmbio entre os grupos.

É possível que as barreiras que permitiram a diversificação das línguas Yanomami não fossem físicas; muitas das vezes elas nem são necessárias. O outro muitas vezes “está logo ali”, como sugere a teoria nativa que subjaz aos processos de autoidentificação e diferenciação identitária. Kelly (2005) discutiu a respeito das bases teóricas de tais processos – que se dão em cenários diversificados e complexificados pelo contato interétnico –, partindo da descrição do espaço sociopolítico yanomami (Albert 1985). Os processos de identificação e diferenciação, embora movimentando conceitos sempre relacionais entre os Yanomami, encontrariam nas relações supralocais de caráter político-ritual – mais do que no parentesco – a base para a definição do “local” (Kelly 2005). Podemos então supor que as relações entre conjuntos multicomunitários e os recursos simbólicos para a reprodução social de pessoas e grupos sejam mobilizados para afirmar uma identidade e um distanciamento de outros, que se preza sublinhar, também realçando diferenciações linguísticas.

Além disso, não podemos descartar o papel que a criatividade e a influência de indivíduos têm na diversificação linguística, sobretudo em comunidades pequenas (Trudgill 2011) como as yanomami. Alguns traços da cultura e pensamento yanomami parecem corroborar uma análise nesse sentido, como a valorização do improvisado e da performance individual nas diversas artes verbais (xamanismo, cantos e diálogos cerimoniais), além de um certo *ethos* multilíngue que se traduz

### Box 12 • Identificação e diferenciação na região da Missão Catrimani

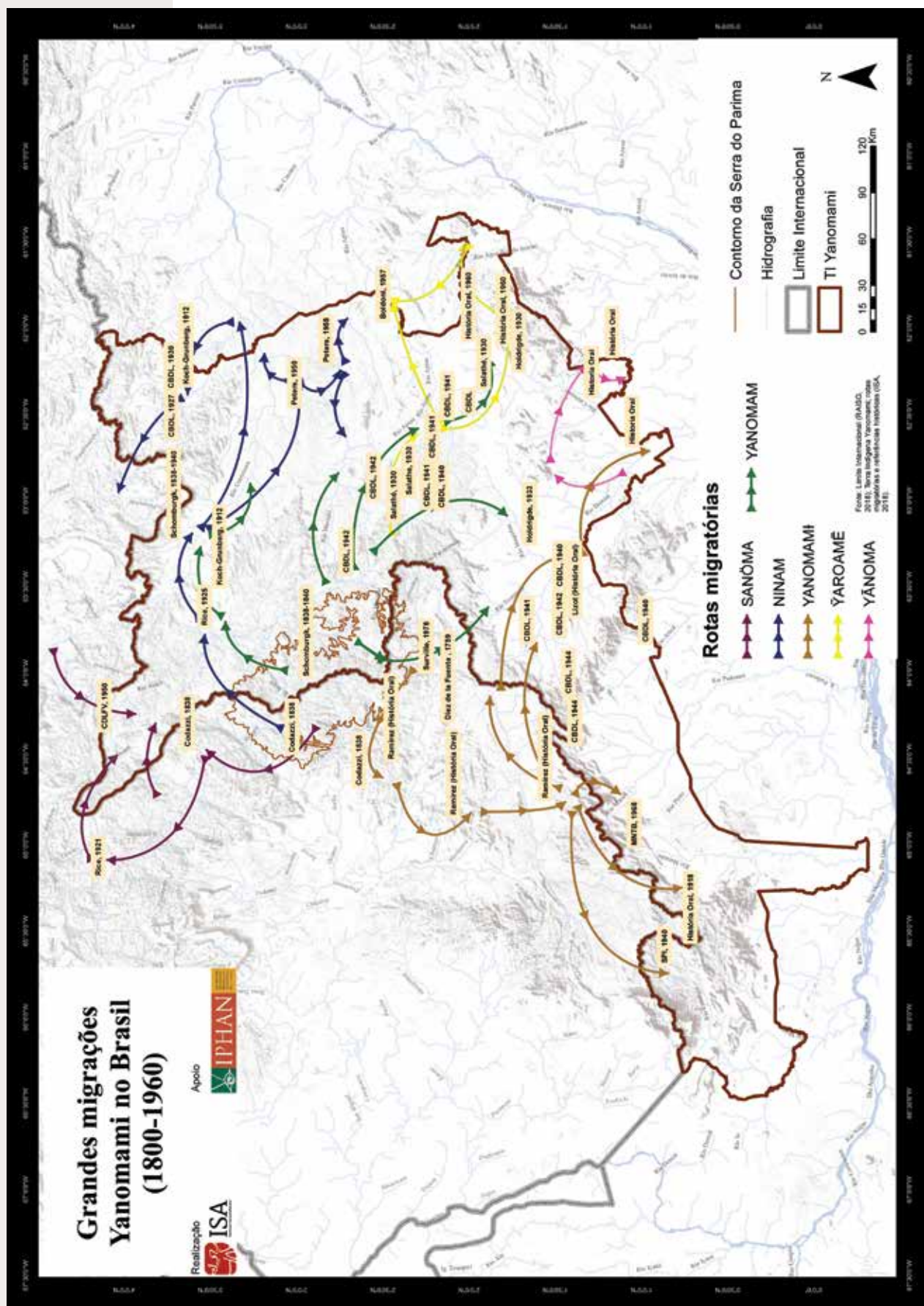
No contexto da região do Médio Catrimani – um conjunto de cerca de 20 comunidades –, os mesmos Yanomami recorrem a diversas formas de identificação e diferenciação (Dalmonego 2015). Os habitantes das comunidades localizadas a montante, em relação à Missão Catrimani, quando se referem aos que moram a jusante e nas proximidades da Missão, fazem questão de se distinguir destes – que consideram *Misao theri*, Moradores da Missão –, afirmando ser *Ora theri*, pessoas de montante, ou fazendo referência a uma anterior localização na Bacia do Rio Jundiá. Os moradores das comunidades mais próximas da missão se denominam pelo grupo local, entretanto,

em certas ocasiões, se reconhecem como o “pessoal da Missão” e costumam se distinguir do pessoal que habita rio acima, *Ora theri*, dos grupos falantes a língua *Yarôamë* – que denominam com o termo “Yawari” –, e dos que habitam mais a jusante, no Baixo Rio Catrimani, chamados de “Waiká”. Esses distanciamentos sociais são ressaltados fazendo referência a diferenças linguísticas. Embora não devamos desconhecer os impactos causados pelos postos não indígenas estabelecidos em território yanomami, não podemos atribuir a eles – neste caso a um posto de missão – os princípios subjacentes aos processos de identificação e diferenciação.

pelo gosto bastante difundido de aprender línguas e sotaques diferentes e criar e difundir neologismos, traço da subjetividade yanomami que constantemente chama a atenção de quem tem a oportunidade de conviver com eles<sup>64</sup>.

64. Nós nos deparamos frequentemente com Yanomami que solicitam com insistência aprender palavras de línguas estrangeiras, ou exibem seu domínio de outras línguas da família Yanomami; que acentuam sotaques que ouviram encontrando moradores de regiões diferentes; que criam novas palavras com base em onomatopeias ou fundindo termos, que acabam por se tornar de uso comum.

Mapa 2.3  
Grandes migrações yanomami no Brasil (1800-1960)



### 3. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NO LÉXICO E NA GRAMÁTICA DAS LÍNGUAS YANOMAMI (LY)

Nas próximas seções apresentaremos um panorama da diversidade das línguas Yanomami desde a perspectiva de seu acervo léxico-gramatical, mostrando algumas particularidades do vocabulário e das estruturas gramaticais de cada LY. Ainda que este trabalho não pretenda ser exaustivo em nenhum dos dois aspectos aqui abordados, acreditamos que, por um lado, proporciona subsídios elementares para uma discussão mais bem informada sobre a diversidade da família Yanomami e, por outro, lança as bases para novos caminhos de investigação linguística dentro da família, sobretudo no que diz respeito aos estudos do Proto-Yanomami.

“Diferenciação” (diferenças) e “conservação” (semelhanças) serão assim dois conceitos-chave transversalmente presentes no texto e que estão diretamente ligados ao passado linguístico comum das LY e o percurso histórico particular de cada uma dessas línguas.

Começaremos com um comentário sobre a literatura dos estudos compartivos do léxico das LY para depois, com base em dados coletados pela equipe multilíngue de pesquisadores do projeto, falantes de 11 variedades, apresentar algumas reflexões gerais sobre o nível de diversificação lexical interna na família Yanomami, além de análises sobre itens vocabulares específicos, explorando possíveis conexões com línguas de outras famílias. Nessa tarefa de comparação foram utilizadas as muitas listas de palavras recolhidas por Koch-Grünberg (1923), além de outras apresentadas por Ramirez (2001, 1994a), particularmente para as línguas Arawak.

Na segunda parte deste trabalho, discutimos as semelhanças e diferenças das LY em alguns domínios gramaticais selecionados. Começamos pelos níveis de análise sobre os quais existem mais dados sobre elas, ou seja, os níveis fonético e fonológico, apresentando comparativamente o inventário fonológico de cada LY e analisando a evolução de todos os fonemas consonantais na família. Este é, assim, o primeiro esforço, preliminar e tentativo, de reconstrução do Proto-Yanomami. Em seguida, percorreremos alguns pontos da morfossintaxe, sublinhando os traços comuns e divergentes entre as LY. Uma fonte importante de dados primários para este estudo foi o conjunto de 600 enunciados elicitados por nossa equipe em oito variedades da família.



Ana Maria Machado/ISA, 2011

Além das frases coletadas em primeira mão, foi utilizada intensamente a literatura descritiva já produzida sobre as LY, nomeadamente Borgman (1990) e Autuori (2013) para o Sanöma; Gomez (1990, 2011) para o Ninam; Ramirez (1994a) e Lizot (1996) para o Yanomami/Yanonami; Ferreira (2011) para o Ÿaroamê; e finalmente Ramirez (1994b, 1999) e Ferreira (2017) para o Yanomam/Yanomama. Infelizmente não foi possível incluir a língua Yãnoma em nossas análises sobre as estruturas gramaticais da família, dadas as escassas documentação e descrição disponíveis, como já apontamos nos capítulos anteriores.

### 3.1. O léxico das línguas Yanomami (LY)

As línguas da família Yanomami têm uma origem comum, supostamente em uma língua-mãe a que os linguistas históricos chamam de Proto-Yanomami, da qual todas as línguas Yanomami contemporâneas teriam se diferenciado. Migliazza (1982; ver também Migliazza 1972) sugere que a diferenciação interna da família, se comparada com a de outras famílias, é relativamente recente, com seu início situando-se por volta de 700 anos antes do presente, isto é: antes de 1950<sup>65</sup>. Migliazza utiliza o método glotocronológico de Swadesh (1952) em sua versão aperfeiçoada por Dyen (1956), e considera a substituição/preservação de itens lexicais cognatos em duas ou mais variedades linguísticas como índice válido para determinar a cronologia de diferenciação dessas variedades.

O método está baseado principalmente na história das línguas indo-europeias, em particular as neolatinas (português, espanhol, catalão, francês, sardo, romeno...) e germânicas (alemão, norueguês, islandês...), em que as mudanças linguísticas que vieram a caracterizar cada uma dessas línguas foram acompanhadas de registros escritos, que permitem uma datação mais ou menos precisa de sua ocorrência. Há dois pressupostos importantes nessa metodologia:

- 1) que existe um conjunto central de palavras nas línguas que são mais resistentes à mudança e assim preferencialmente consideradas para estudo; são, portanto, as palavras das listas de Swadesh; e
- 2) que as línguas se diferenciam universalmente a um ritmo mais ou menos constante, que se reflete na taxa de substituição de palavras naquele conjunto central. Para Swadesh, essa constante de substituição girava em torno de 14% por milênio (ou, em outras palavras, uma taxa de “retenção” de 86% do léxico por milênio). Essa taxa funciona bem para descrever a diversidade as línguas românicas, por exemplo, mas teve de ser corrigida ou

aperfeiçoada para ser utilizada com outras famílias de lugares e tempos históricos diferentes. Para a datação do tronco Tupi, por exemplo, Migliazza calibra a constante, utilizando a taxa de retenção de 75% nos primeiros 2.000 anos de evolução do tronco e 80,5% depois disso (Migliazza 1982, p. 500). Migliazza não deixa claro a taxa utilizada para calcular a idade da família Yanomami, mas está claro que utiliza uma taxa de retenção muito menor para essa família, considerando a densidade de cognatos apresentada em sua tese de 1972.

Ainda que muitas críticas tenham sido elaboradas ao método glotocronológico clássico (Bergsland e Vogt 1962; Haarmann 1990), e que seguramente poderiam ser estendidas ao estudo de Migliazza, os resultados gerais apresentados pelo linguista não parecem contradizer as informações históricas e arqueológicas de que dispomos – principalmente no tocante às migrações recentes dos grupos yanomami, como vimos no capítulo anterior – e nem destoam muito da impressão geral daqueles que conhecem e trabalham com a diversidade linguística da família Yanomami<sup>66</sup>. É talvez consenso entre essas pessoas que as línguas Yanomami são relativamente parecidas, certamente umas mais que as outras, mas todas compartilham muitas palavras cognatas e muitas estruturas gramaticais. Para quem é falante de uma língua Yanomami, aprender uma segunda não é uma tarefa muito difícil, pois não se começa do zero.

Diferenças importantes existem, sem dúvida, e são suficientes para comprometer a inteligibilidade imediata entre as diferentes línguas. Assim, mesmo que

65. Migliazza ainda sugere que uma variedade ancestral de Proto-Yanomami teria se diferenciado do Proto-Yanomami-Pano há muito tempo, algo entre 2.000 e 2.500 anos.

66. Exclui-se desse consenso a tentativa de agrupar a família Yanomami no grande tronco Pano-Yanomama-Tacana, proposta que ainda carece de maior fundamentação e dados.

**Tabela 3.1**  
**Taxa de cognatos entre as LY, segundo Migliazza (1972)**

	Yanomam	Yanomami	Sanöma
Ninam	75,6%	71,8%	63,0%
Yanomam		82,2%	70,8%
Yanomami			72,0%
Sanöma			

67. Existem grandes lacunas no estudo, entretanto, como a ausência de referência específica às línguas Yaroamë e Yãnoma, que então aparecem apenas como dialetos do Ninam.

68. Estojo para pontas de flechas.

69. Outra lista reduzida de 58 palavras também foi coletada e gravada paralelamente com falantes de cerca de 60 comunidades. As listas completas (tanto a reduzida como a estendida), bem como as gravações realizadas pelos pesquisadores, estão disponíveis no Portal das Línguas Yanomami (linguasyanomami.org).

não se tenham evidências independentes para confirmar essa proposta, parece plausível atribuir uma profundidade histórica de apenas 700 anos a esse processo de diferenciação interna da família<sup>67</sup>.

Ramirez (1994a), utilizando uma lista de 900 palavras, também faz um estudo comparativo entre o vocabulário básico de diferentes variedades para propor uma divisão interna da família. Nesse estudo, já citado no capítulo 1 (ver Box 5, p. 45), o autor alega que as diferenças entre Yanomamĩ e Yanomam são superestimadas e que as variedades dessas duas línguas fazem parte de um *continuum* dialetal que pode ser observado pelo *continuum* de cognatos observados entre as variedades ocidentais e orientais, para usar os termos de Ramirez. Segundo o autor, a taxa de cognatos pode variar de 84% entre os dialetos Yor-C (o Yanomae) e Yoc-sud (o Yanomamĩ do Leste), aumentando para 86% entre o Yor-x (o Yanomam das Serras Sul) e o Yoc-sud (o Yanomamĩ do Leste), chegando até 89% entre esta última variedade e o Yor-f (o Yanomam das Serras Central) (Ramirez 1994a, p. 31). Esse é um dos argumentos do autor, além da alegada alta inteligibilidade mútua para classificar o Yanomamĩ e o Yanomam não como duas línguas, mas como dois “superdialetos” de uma mesma língua (Ramirez 1994a, p. 35), um ocidental (o Yoc) e um oriental (o Yor). Por diversas razões, mas principalmente por se questionar a alta inteligibilidade entre as variedades atribuída por Ramirez, a proposta do autor nunca teve plena adesão, nem entre os pesquisadores que trabalham com as LY, nem entre os próprios Yanomami. No entanto, devemos sublinhar que Ramirez indicou em sua pesquisa algo que também nossa pesquisa pôde comprovar, como veremos mais à frente: que os diferentes dialetos das LY apresentam significativa variação entre si, fazendo com que, em alguns casos, o dialeto de uma língua se pareça mais com o dialeto de uma outra língua diferente. Na Tabela 3.2 apresentamos a taxa de cognatos encontrada por Ramirez entre as LY. Note-se que a língua Yanomami, nesse caso, representa as duas

**Tabela 3.2**  
**Taxa de cognatos entre as LY, segundo Ramirez (1994)**

	Ninam	Yaroamë	Sanõma
<b>Yanomami</b>	81%	80%	80%
<b>Ninam</b>		74%	76%
<b>Yaroamë</b>			68%

línguas (ou dois superdialetos) Yanomamĩ e Yanomam.

Sem o objetivo específico de revisar o estudo de Migliazza ou de Ramirez, ou propor uma datação alternativa utilizando algum outro método, nossa pesquisa também coletou listas de palavras. Acreditamos que essas listas ajudam a representar a diversidade (e unidade) das línguas Yanomami, além de fornecerem pistas importantes sobre a história do contato dos Yanomami com outros povos, como veremos mais adiante.

Entretanto, decidimos não utilizar as listas de Swadesh, mas uma lista menor de apenas 306 palavras elaborada pelos pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi para coleta de vocabulário básico de línguas na Amazônia, por considerá-la mais adequada ao contexto. A essa lista foram acrescentadas cerca de 40 palavras específicas do universo yanomami (como “festa funerária”, “aljava<sup>68</sup>” e “lança de pupunheira”), e algumas poucas suprimidas (como “amendoim”, “fava”, “ano”, “mão de pilão”, “pilão” e “tatuagem”) por não fazerem parte do vocabulário vernacular yanomami. A lista final elaborada por nossa equipe continha 340 palavras. O trabalho de coleta ficou a cargo principalmente dos pesquisadores yanomami, que, ao final da pesquisa, reuniram um total de 14 listas gravadas sobre diferentes variedades da família, correspondendo a 11 dos 16 dialetos identificados, e ao menos um dialeto de cada língua<sup>69</sup>. Na Tabela 3.3 apresentamos as variedades de língua em que foi coletada a lista de 340 palavras e o pesquisador responsável.

As listas coletadas pelos pesquisadores yanomami apresentaram alto grau de cognatos entre si. Mais de 30% dos conceitos são expressos com a mesma raiz em “todas” as 11 variedades estudadas. A tabela a seguir apresenta uma amostra dessas formas extremamente conservadoras da família Yanomami.

As listas ainda trazem formas que se conservaram em muitas das línguas Yanomami, mas que foram substituídas em apenas uma ou duas variedades. Aproximadamente metade das palavras da lista se encaixa nesse tipo. Essas diferenças algumas vezes são fruto da extensão do significado de outra palavra da língua para o atual significado, como é o caso de “caranguejo” e “abelha”, ambos se referindo ao termo genérico para esses ani-

mais. Quase todas as variedades de Yanomami apresentam a forma *oko*, com alguma pequena diferença na qualidade da vogal, para designar genericamente o “caranguejo”. Apenas o Yãnoma tem uma palavra com uma raiz diferente: *kotõmi*. Essa palavra, no entanto, é usada em outras línguas Yanomami para designar uma espécie determinada de caranguejo (um tipo de caranguejo grande). Em Yãnoma *oko* não designa nenhuma espécie de caranguejo. O mesmo pode ser observado com respeito ao termo para “abelha”. Na maioria das línguas o termo genérico tem

como raiz *puu na*, mas as variedades Ninam do Norte e Yaroamë apresentam uma palavra que em outras línguas se refere a uma abelha específica: *himothona* e *imorona*, respectivamente. Tanto em Ninam do Norte como em Yaroamë *puu na* também se refere a uma abelha específica. Note-se que o Ninam do Sul adotou *kastaliana* como termo genérico, possivelmente de *castelhana*, talvez em referência à abelha europeia (do gênero *Apis*) que se espalhou pela TIY durante o século XX, em especial nas áreas do limite leste, onde o Ninam do Sul é falado.

**Tabela 3.3 • Variedades de LY das quais se coletaram listas de palavras**

Língua	Dialeto	Abreviação	Localidade	Pesquisador
<b>Sanõma</b>	Sanõma do Brasil	san	Kolulu	Marinaldo Sanõma
<b>Ninam</b>	Ninam do Norte	nin_n	Ericó	Albino Xiriana
	Ninam do Sul	nin_s	Baixo Mucajá	Emerson Ninam
<b>Yãnoma</b>	Yãnoma	yno	Baixo Catrimani	Raimundo
<b>Yaroamë</b>	Yaroamë ( <i>Opikitheri</i> )	yrm	Serra do Pacu	Mana Yaroamë
<b>Yanomami</b>	Yanomamĩ ou Yanonami do Oeste	ymi_o	Maturacá	Armindo Góes
			Marauiá (Raita)	Roni Raitatëri
	Yanomami do Médio Negro	ymi_mn	Parawaú	Rafael
<b>Yanomam</b>	Yanomami das Serras	ymi_s	Ketaa	Armindo Góes
			Yanomama da Baixada	ymm_bx
	Yanomama das Serras Sul	ymm_ss	Demini	Ehuana Yaira
			Palimiú	Ricardo Yanomami
Yanomami das Serras Central	ymm_sc	Papiú	Alfredo Himotona	
			Surucucu	Xaporita Douglas

**Tabela 3.4 • Palavras conservadoras entre as LY**

Português	Sanõma	Ninam	Yaroamë	Yãnoma	Yanomami	Yanomam
veado	<i>hasa a</i>	<i>haya</i>	<i>aya a</i>	<i>aya</i>	<i>haya</i>	<i>haya a</i>
tabaco	<i>piini</i>	<i>piinahi</i>	<i>pinaiiki</i>	<i>paa ne</i>	<i>pëe</i>	<i>pëe nehe</i>
urucum	<i>nana a</i>	<i>nalãxiki</i>	<i>narãxiki</i>	<i>narã xi</i>	<i>nara xi ki</i>	<i>narã xi</i>
boca	<i>pilia kai</i>	<i>kahiki</i>	<i>kãhĩkĩ</i>	<i>kahiki</i>	<i>pei kahi ki</i>	<i>pei kahiki</i>
cabeça	<i>pilia hee</i>	<i>pelehe</i>	<i>he</i>	<i>pe he</i>	<i>pei ke he</i>	<i>pei he</i>
dente	<i>pilia nakõpõ</i>	<i>naku</i>	<i>na</i>	<i>naki</i>	<i>pei naki</i>	<i>pei naki</i>
fígado	<i>pilia amuku</i>	<i>amok</i>	<i>ãmoki</i>	<i>amuku</i>	<i>pei amo ki</i>	<i>pei amuku</i>
floresta	<i>uli tã uli</i>	<i>ilihi</i>	<i>urihi</i>	<i>urihi</i>	<i>urihi</i>	<i>urihi a</i>
trovão	<i>sanõtã</i>	<i>yãlũ</i>	<i>yãrũa</i>	<i>yãri</i>	<i>yãru</i>	<i>yãri a</i>
pedra	<i>maamaa</i>	<i>maama</i>	<i>maama</i>	<i>mama</i>	<i>maã këma</i>	<i>maama</i>

**Tabela 3.5 • Palavras específicas que se tornaram genéricas nas LY**

Português	Sanõma	Ninam	Yaroamë	Yãnoma	Yanomami	Yanomam
abelha	<i>puuna</i>	<i>kastaliana</i>	<i>imorona</i>	<i>puna</i>	<i>puu kë na</i>	<i>puu na</i>
caranguejo	<i>õko a</i>	<i>oko</i>	<i>oko</i>	<i>kotomi i</i>	<i>oko</i>	<i>oko a</i>

**Tabela 3.6 • Raízes cognatas usadas com referentes diferentes**

Português	Sanõma	Ninam	Yaroamë	Yãnoma	Yanomami	Yanomam
pium	potoma	kayõ	ukuxi	ukuxi	pareto	ukuxi
carapanã	ukusi	potoma	kaÿa	kãyo	ukuxi	riõ
mosca	motosila	rõo a	poroma	motote	mõo	prõo

**Tabela 3.7  
A palavra “arraia” nas LY**

Português	Arraia
Sanõma	samano
YMM (maioria)	yãmara aka
Yãnoma	yamaro
Yaroamë	yamara
Ninam do Norte	yãmãrõ
Ninam do Sul	xotali
Yanomam (Palimiú)	xotali
Yanomami	xipari

**Tabela 3.8  
Cognatos de jamara/samala/  
jamaro “arraia” em línguas  
de outras famílias**

Português	Arraia
Guináu (Arawak)	yama:lúí
Maku (isolada)	i:nemólo
Ye'kwana (Karib)	yá:mandu

**Tabela 3.9  
Cognatos de xipari  
“arraia” em línguas Karib**

Português	Arraia
Taurepang	dži pá:leg
Arekuná	dz(u)pa:lęí(d)
Yauarana	súpali, s(u)pali, (t)supáli
Sapará	z(u)pa:lí
Purukotó	ipa:lí
Wayumará	zuháli

**Tabela 3.10  
Cognatos de xipari “arraia”  
em línguas de outras famílias**

Português	Arraia
Awaké (Arutani-Sapé)	ž(u)pa:lí
Piaroa (Saliban)	tsibé:ri, dzibé:ri

A lista a seguir apresenta um exemplo de múltipla extensão de significado, onde as raízes *ukuxi/ukusi*, *kaÿa/kayõ* e *potoma/poroma* aparecem distribuídas entre os referentes “pium”, “carapanã” e “mosca” nas diferentes LY.

Há casos intrigantes em que a distribuição atual das palavras revela pistas de antigas relações de contato (e quem sabe glotogenéticas). Esse parece ser o caso da palavra “arraia”. Como mostra a Tabela 3.7, enquanto Sanõma, Yãnoma, Yaroamë, Ninam do Norte e a maioria das variedades de Yanomam apresentam cognatos da raiz *yãmara/yãmaro*, o Yanomami se vale da raiz *xipari*, ao passo que a variedade Yanomam do Palimiú e o Ninam do Sul usam a raiz *xotali*, possivelmente também relacionada com *xipari*.

Interessantemente essas duas (ou três) raízes são encontradas em línguas de outras famílias linguísticas vizinhas. A raiz *jamara/samala/jamaro*, por exemplo, é encontrada em diversas línguas Arawak do Rio Negro (Ramirez 2001, p. 32), como Baniwa-Curipaco *nama.u*, mas também em línguas de diversas outras famílias, como mostram as palavras na Tabela 3.8 retiradas de Koch-Grünberg (1923).

Por outro lado, em línguas Karib há muitos exemplos de cognatos a *xipari* com o mesmo significado referencial de “arraia”, como podemos inferir pela lista extraída ainda de Koch-Grünberg (1923).

A mesma raiz aparece ainda em línguas de outras famílias, indicando possivelmente uma antiga influência cultural karib sobre esses grupos. As palavras abaixo também são tiradas de Koch-Grünberg (1923).

A raiz *xotali*, usada no Ninam do Sul e em alguns dialetos do Yanomam (Yanomama falado em Palimiú), é possivelmente também cognata a *xipari*, e talvez tenha entrado nessas línguas via o Saporá (*zupa:lí > fotali*). Cabe mencionar que *\*inatu-li* é, no entanto, a raiz reconstruída por Ramirez (2001 p. 726) para a palavra “arraia” no Proto-Arawak da divi-

são Japurá-Colômbia. Na tabela abaixo apresentamos algumas ocorrências dessa raiz em línguas Arawak mais recentes ou contemporâneas. Não seria implausível que uma forma parecida com essas abaixo tenha sido a fonte da palavra em Ni-

nam do Sul e na variedade Yanomam do Palimiú (*\*jatúri/jaduli > fotali*).

Outro caso interessante é a palavra “buriti” nas LY. O buriti aparece em escassos lugares nas regiões montanhosas, lugar de origem dos Yanomami. Muitas comunidades das serras alegam desconhecer o fruto e a palmeira, apenas relacionando-o a uma espécie regional parecida e menor. De todos os modos, as três raízes encontradas para designar a fruta e a palmeira são encontradas também em línguas de outras famílias, sendo, possivelmente, empréstimos.

**Tabela 3.11 • A raiz  
“arraia” em línguas Arawak**

Português	Arraia
Achagua	jáduli
Kabiyari	jaturí
Mandawaka	ná:tuli
Piapoco	jadu:í
Warekena	inátuli

**Tabela 3.12 • A palavra “buriti” nas LY**

Português	Sanõma	Ninam	Yaroamë	Yãnoma	Yanomami	Yanomam
buriti	kui ã	kui ki	hio kôiki	hio kôiki	etewexi	kui si

O termo *etewexi* utilizado em Yanomami, por exemplo, é claramente de origem Arawak. Ramirez (2001 p. 708) consegue reconstruí-lo no Proto-Arawak da divisão Japurá-Colômbia como *\*iitewi*. Na Tabela 3.13 são apresentadas as formas para “buriti” em algumas línguas Arawak.

Por outro lado, a palavra *hio kosiki* encontrada em Yaroamë e Yãnoma (e também em algumas variedades de Yanomae, em especial da Missão Catrimani) é possivelmente cognata à forma *iyó* encontrada em Puinave. Por fim, a raiz *kui* que aparece em Sanõma, Ninam e Yanomam é nitidamente cognata às formas encontradas nas línguas Karib vizinhas, como mostra a Tabela 3.14. Note-se que a raiz aparece ainda em línguas isoladas como Awaké.

A influência karib ainda se faz sentir em muitas outras palavras e, por vezes, pontualmente em apenas uma ou duas línguas, ou apenas em alguns dialetos dessas línguas. Os casos de “jabuti” “ralador”, “estrela” e “cachorro” são ilustrativos dessa situação.

**Tabela 3.13 • A palavra  
“buriti” nas línguas Arawak**

Português	Buriti
Achagua	diwita
Baniwa-Curipaco	fitewi
Kabiyari	tewi
Mandawaka	itéwi
Piapoco	idewi
Resígaro	iteewi?
Warekena	itéwi

**Tabela 3.14 • A palavra  
“buriti” nas línguas Karib**

Português	Buriti
Taurepang	kuaí
Ingaricó	koaí
Arekuná	kamoĩ-ye(g)
Sapará	ku:áí
Purukotó	kkúai
Wayumará	kuí
Awaké (isolada)	koaié

**Tabela 3.15 • Algumas palavras Karib nas LY (em negrito)**

Português	Sanõma	Ninam	Yaroamë	Yãnoma	Yanomami	Yanomam
jaboti	totoli	<b>yãpohlpe</b>	korori	totori	Totori	totori
cachorro	pore a	<b>okoro</b>	pětaxi	pítasi	hiima	hiima
ralador	nãmônãmôrĩm ɸ	<b>xomari</b>	mamari	maama	<b>xamari</b>	<b>xamari</b>
estrela	<b>siticali</b>	plem áhu/xirika	pirima áhu	waxaoa áhu	puriwari/xitikari	pirima áhu/xitikari

Vemos pela Tabela 3.15 que a raiz *tori/korori* está presente em todas as línguas menos em Ninam, que apresenta uma forma completamente diferente. Note-se, no entanto, que essa forma é cognata à forma Taurepang *oya:molí* e Arekuna *wazá:moli*, segundo a lista de Koch-Grünberg (1923). O mesmo se pode dizer de “cachorro” *okoro* ainda em Ninam, forma muito parecida às registradas pelo autor alemão em algumas línguas Karib. O termo para ralador *xamari/xomari*, presente em alguns dialetos, também pode ter sua origem atribuída a línguas Karib, assim como a palavra para estrela, *sitikari/xirika(ri)*, usada em Sanõma (aparentemente em todos os dialetos), no Ninam do Norte (como sinônimo de *pirem ãhum*), e em alguns dialetos Yanomam (os dialetos das Serras Central, Norte e algumas variedades nas do Sul) e de Yanomami (dialeto das Serras).

**Tabela 3.16**  
**Os cognatos nas línguas Karib**

Português	Jaboti	Cachorro	Ralador	Estrela
purukoto		<i>kɛ:lɛ</i>	<i>dzuma:lí</i>	
wayumará		<i>ɛkɛ:lɛ</i>	<i>dzuma:lí</i>	
yauarana		<i>wé:lolo</i>		<i>žilike, šílike</i>
taurepang	<i>oya:molí</i>	<i>ueroro</i>	<i>dzima:lí</i>	<i>žilf:kɛ, ži:líkɛ, dzi:líkɛ</i>
macushi			<i>džɛma:lí</i>	
arekuná	<i>wazá:moli</i>		<i>džɛma:lí</i>	<i>žilike</i>
ingarikó				<i>dziliké</i>

**Tabela 3.17**  
**Cognatos entre Yanomam e Guinau (Arawak)**

	Guinau	Yanomam	Outras LY
timbó	<i>kuná:zi</i>	<i>kuna athëki</i>	
saúva	<i>ku:sé, kú:li</i>	<i>koye</i>	
queixada	<i>iwá:ra</i>	<i>warë</i>	
caititu	<i>weli:zi</i>	<i>poxe</i>	em Ninam e Ŷaroamë: <i>poxi hi</i>
remo	<i>wayú:lu</i>		em Yanomami do Oeste: <i>wayore</i>
aljava	<i>wanápi</i>	<i>wana</i>	
preguiça	<i>yawidzimá</i>	<i>yawere</i>	
esquilo	<i>kalí:yu</i>	<i>kari una</i>	
anta	<i>zé:ma</i>	<i>xama</i>	
capivara	<i>ké:yu</i>	<i>kayã</i>	
sangue	<i>né:a</i>	<i>Īyë [Īɲə]</i>	
milho	<i>yú:nu</i>	<i>yono mo</i>	
breu	<i>mani</i>	<i>mai koko</i>	em Ninam do Sul: <i>mani</i>
água	<i>ú:ne</i>	<i>u(pë)/mau u(pë)</i>	

Algumas dessas raízes aparecem ainda em línguas isoladas, como o Awaké, ou de outras famílias linguísticas, como o Guinau (Arawak), o que sugere que esses grupos compartilharam uma mesma área cultural em algum momento de suas histórias. Outras palavras que evidenciam essa história comum são *korata* “banana”, *kuna/kona* “timbó”, *koye* “saúva”, *mani* “breu”, entre outras palavras presentes em muitas línguas do maciço das Guianas (Ramirez 2001, p. 32) e também nas LY. Sobre a influência que as línguas Arawak exerceram na família Yanomami, e vice-versa, mencionemos a significativa convergência de cognatos entre as LY, o Baré e outras já extintas línguas Arawak da divisão Alto Negro, como o Guinau e Yabahana (Ramirez 2001, p. 475). A Tabela 0.17 apresenta alguns casos dessa convergência léxica, com exemplos do Guinau (Koch-Grünberg, 1923) e do Yanomam. Para uma lista ainda mais extensa e com mais línguas Arawak, ver Ramirez (1994a, p. 26). Deixamos mencionado ainda que Siapa, uma região hoje ocupada exclusivamente por grupos yanomami, é um termo de origem Arawak, provavelmente de uma língua irmã do Baré, em que *siyába* significa “montanha”. Em Guinau, a palavra cognata é *tsápa*.

As relações entre os Yanomami e outras etnias do entorno – algumas delas já extintas – foram apenas pinceladas no capítulo 2, ao buscarmos reconstruir as rotas de migração dos diferentes grupos linguísticos da família Yanomami. Vimos, nesta seção, que essas trocas e a convivência entre os diversos grupos, em especial aqueles de tronco Karib e Arawak, foram (e são) importantes, refletindo em trocas e empréstimos linguísticos que ajudam a contar a história particular de cada grupo yanomami em suas redes e relações de contato. Por outro lado, conhecemos aspectos do léxico das línguas Yanomami que ressaltam a herança linguística comum dessas línguas, o que se evidencia nos múltiplos exemplos de palavras cognatas. Iremos focar agora na família Yanomami para o estudo comparativo de algumas estruturas gramaticais de suas diferentes línguas.

## 3.2. A gramática das línguas Yanomami (LY)

Uma razão evidente para que se diga que duas ou mais variedades linguísticas são diferentes, sejam dialetos diversos de uma mesma língua ou línguas propriamente ditas, são diferenças estruturais que se observam entre essas variedades. Assim, estudar e descrever as gramáticas das diferentes línguas, enumerar suas semelhanças e diferenças é procedimento que sem dúvida auxilia a mostrar as particularidades de cada variedade e os traços que compartilham. No entanto, o trabalho objetivo de descrição das línguas não deve dar a falsa impressão de que é suficiente para determinar uma divisão linguística ou mesmo dialetal. Em outras palavras, não se deve acreditar que seja possível quantificar ou mensurar o quanto uma variedade precisa ser estruturalmente diferente de outra para ser considerada uma língua ou dialeto. Esses conceitos, como já mencionamos, não pertencem apenas aos linguistas, são construções sociais sob a influência de múltiplos fatores, sendo apenas alguns desses propriamente linguísticos, como a inteligibilidade, o léxico e as estruturas gramaticais comuns.

Certamente não serão as gramáticas que decidirão a questão. No entanto, acreditamos que elas podem, sim, dar argumentos – não definitivos – que alimentem um bom debate, baseado em dados objetivos.

Para o estudo que apresentaremos a seguir, fizemos uso de toda a literatura já produzida sobre cada uma das variedades da família (mencionada ao longo do texto e listada na bibliografia), mas nos valem sobretudo do árduo trabalho de coleta de dados realizado pelos pesquisadores yanomami de nossa equipe, que traduziram para sua variedade de língua uma extensa lista com mais de 600 frases<sup>70</sup>. Vale dizer que muitas vezes os pesquisadores elaboraram mais de uma possibilidade de tradução para o enunciado oferecido, o que resultou num conjunto final ainda maior de frases traduzidas. Os enunciados foram ainda gravados e transcritos, e podem ser consultados no Portal das Línguas Yanomami ([linguasyanomami.org](http://linguasyanomami.org)).

Na tabela abaixo, apresentamos o nome desses pesquisadores, sua região de origem, língua e dialeto. Grande parte dos exemplos apresentados ao longo do texto foi extraída das listas produzidas por esses pesquisadores.

É importante deixar sublinhado que não estamos considerando a língua Yãoma nesse esboço comparativo das LY. Isso se deve ao simples fato de ainda não termos os dados necessários para tanto. Considerando o grau de ameaça a essa língua Yanomami, são bem-vindos quaisquer esforços de descrição e documentação do Yãoma, e sobretudo ações que visem ao seu fortalecimento e ao de suas comunidades.

**Tabela 3.18 • Variedades de LY das quais se coletaram listas de frases**

Língua	Dialeto	Localidade	Abreviação	Pesquisador
<b>Sanõma</b>	Sanõma do Brasil	Kolulu	san	Marinaldo Sanõma
<b>Ninam</b>	Ninam do Norte	Ericó	nin_n	Albino Xiriana
	Ninam do Sul	Baixo Mucajá	nin_s	Emerson Ninam
<b>Ŷaroamë</b>	Ŷaroamë ( <i>Opikitheri</i> )	Serra do Pacu	yrm	Mana Ŷaroamë
<b>Yanomami</b>	Yanonami do Oeste	Maturacá	ymi_o_m	Armindo Góes
		Marauaiá (Raita)	ymi_o_r	Roni Raitatëri
<b>Yanomam</b>	Yanomae	Demini	ymm_bx	Ehuana Yaira
		Missão Catrimani		Mozarildo Yanomami
	Yanomam das Serras Sul	Papiú	ymm_ss	Alfredo Himotona

<sup>70</sup>. Lista baseada no questionário elaborado por Yonne de Freitas Leite (1980) para coleta de dados gramaticais elementares.

### 3.2.1. Inventário fonológico

Três línguas Yanomami têm sete vogais em seu inventário fonêmico: Sanõma, Yanomamĩ, Yanomam (Ramirez 1994a; Autuori 2015; Ferreira 2017).

Ninam e Yaroamẽ apresentam sete vogais apenas em nível fonético. Do ponto de vista fonêmico, linguistas que têm estudado essas línguas afir-

mam que existem apenas seis vogais (Gomez 1990; Ferreira 2011). Os quadros vocálicos do Ninam do Norte e do Ninam do Sul são diferentes. Yaroamẽ e Ninam do Sul têm quadros similares: Ninam do Norte tem a particularidade de não apresentar a vogal /u/ como fonêmica (Gomez 1990).

	Anterior	Central	Posterior
<b>Tabela 3.19</b> <b>Inventário vocálico do Sanõma, Yanomamĩ e Yanomam</b>	Alta <i>i</i>	<i>i</i>	<i>u</i>
	Média <i>e</i>	<i>ə</i>	<i>o</i>
	Baixa	<i>a</i>	
<b>Tabela 3.20</b> <b>Inventário vocálico do Yaroamẽ e do Ninam do Sul</b>	Alta <i>i</i>		<i>u</i>
	Média <i>e</i>	<i>ə</i>	<i>o</i>
	Baixa	<i>a</i>	
<b>Tabela 3.21</b> <b>Inventário vocálico do Ninam do Norte</b>	Alta <i>i</i>	<i>i</i>	
	Média <i>e</i>	<i>ə</i>	<i>o</i>
	Baixa	<i>a</i>	

Em todas as variedades da família Yanomami, as vogais podem ser fonemicamente orais ou nasais, e as vogais orais fonêmicas podem ainda ser nasalizadas por processos fonológicos.

Observa-se também que em todas as línguas existe algum contraste entre vogais longas ou breves, às vezes limitado a apenas duas ou três vogais do inventário (Autuori 2015, p. 38; Ferreira, 2017, p. 42), mas há evidências de que se trata menos de um fenômeno fonêmico (da qualidade da vogal fonêmica) do que de estrutura silábica (Ramirez 1994a, p. 58). Deixa-se sublinhado que muito trabalho ainda há por fazer na fonologia das LY em geral, e no estudo das qualidades acústicas das vogais, em particular. Poucos estudos se dedicaram a esse assunto (Ramirez, 1994a; Autuori 2015) e com abrangência relativamente limitada (i.e., número de falantes considerados no estudo e tamanho do *corpus* analisado). Assim, faltam-nos descrições acústicas mais amplas e precisas para que possamos estudar comparativamente a evolução das vogais nas LY.

Quanto às consoantes, o número de membros dos inventários fonêmicos das LY varia entre dez (Sanõma) (Autuori 2015, p. 56), 11 (Yanomamĩ) (Ramirez 1994a, p. 47); 12 (Yanomam e Yá-

roamẽ) (Ferreira, 2017, p. 42; Ferreira 2011, p. 42) e 13 (Ninam) (Gomez 2011). Do ponto de vista fonético, entretanto, a diversidade de sons é muito maior. Autuori (2015) fala em 24 fones consonantais para o Sanõma enquanto Ramirez (1994a, p. 48-50) menciona 28 para a língua Yãnomamĩ/Yanomam<sup>71</sup>.

Uma particularidade interessante de todas as línguas da família Yanomami é não fazer contraste significativo entre consoantes surdas e sonoras. Em muitos casos, não só não existe oposição, como esses sons são intercambiáveis em muitas situações. Na maioria das LY, o par [b] e [p] e o par [t] e [d], por exemplo, são alófonos em variação livre em muitos contextos.

Em todas as LY, o inventário de consoantes oclusivas é o mesmo: {p, t, k}. As línguas da família ainda têm as seguintes consoantes em comum {/h/, /m/, /n/ e /w/}. Os múltiplos cognatos que preservam esses sons nas diferentes línguas Yanomami evidenciam que são formas conservadoras na família, provavelmente também presentes no Proto-Yanomami, como inferimos pela Tabela 3.22. Mencione-se que os dialetos Yanomam das Serras Central e Norte apresentam o som /f/ em lugar da aspirada /h/, som que aparentemente é apenas um fone. No dialeto Ya-

Tabela 3.22 • Consoantes conservadoras nas LY

Fonema	Português	Sanõma	Ninam	Yaroamẽ	Yanomamĩ	Yanomam
/p/	macaco aranha	<i>paso</i>	<i>pafo</i>	<i>paxo</i>	<i>pafo</i>	<i>pafo</i>
	cupim	<i>ãnepo</i>	<i>ãlem koxi</i>	<i>arepo ko</i>	<i>ãrepo keko</i>	<i>ãlepa koko</i>
	abelha (gen)	<i>puuna</i>			<i>puukana</i>	<i>puuna</i>
	vespa (gen)	<i>kopina</i>	<i>kopina</i>		<i>kopina</i>	<i>kopena</i>
	tamanduá	<i>təpə</i>	<i>təpə</i>	<i>rəpə</i>	<i>təpə</i>	<i>Təpə</i>
/t/	beija-flor	<i>təso</i>	<i>təfo</i>	<i>rixo</i>	<i>təfo</i>	<i>tifo/tifori</i>
	saber	<i>ta</i>	<i>ta</i>	<i>ra</i>	<i>ta</i>	<i>ta</i>
	embaúba	<i>tokoli</i>	<i>tokolihi</i>	<i>rikoli</i>	<i>tokori</i>	<i>tokoli</i>
	paca	<i>amotha</i>	<i>amotha</i>	<i>amota</i>	<i>amota</i>	<i>amatha</i>
	cotia	<i>thomi</i>	<i>thomi</i>	<i>toma</i>	<i>tomi</i>	<i>thomi</i>
/k/	tatu-canastra	<i>waka</i>	<i>waka</i>	<i>waka</i>	<i>waka</i>	<i>waka</i>
	caranguejo	<i>oko</i>	<i>oko</i>	<i>oko</i>	<i>oko</i>	<i>oko</i>
/h/	rato	<i>pəho</i>	<i>pəho</i>	<i>pəho</i>	<i>pəho</i>	<i>pəho</i>
	visitante	<i>hama</i>	<i>hama</i>	<i>hama</i>	<i>hama</i>	<i>hama</i>
/m/	tucano	<i>masupi</i>	<i>matjopi</i>	<i>matjopə</i>	<i>majəpi</i>	<i>majapa/majopa</i>
	água	<i>maatu</i>	<i>maup</i>	<i>maupə</i>	<i>maupə</i>	<i>maupə</i>
/n/	abelha (sp)	<i>himoto</i>	<i>himothona</i>	<i>imorona</i>	<i>himoto</i>	<i>himotona</i>
	mucura		<i>nalo</i>		<i>nalo</i>	<i>nala</i>
	erg (caso)	<i>=ni</i>	<i>=ni/=n</i>	<i>=nə</i>	<i>=nə</i>	<i>=ni/=nə</i>
/w/	aturá	<i>wii</i>			<i>wii</i>	<i>wii</i>
	homem	<i>wāno</i>		<i>warō</i>	<i>wāro</i>	<i>wālo</i>
	jacaré	<i>lwat<sup>h</sup>ami</i>	<i>weli</i>	<i>wiri</i>	<i>iwa</i>	<i>iwa</i>
	cuxiú	<i>wisa</i>	<i>wisāhena</i>		<i>wija</i>	<i>wija</i>

nomae do Yanomam /h/ pode se realizar ainda em alófono [h<sup>w</sup>], o que não ocorre nos demais dialetos. Esse é um dos parâmetros formais mais evidentes para a caracterização dialetológica do Yanomam.

Note-se que o Yaroamẽ, ainda que apresente o som /t/ como fonêmico, não o preservou nas formas cognatas da família que possuem esse som. Nesse contexto, o Yaroamẽ abrandou o /t/ no tap alveolar /r/, de maneira similar ao que inglês norte-americano faz em nível fonético com as palavras *water* e *letter*, onde o /t/ é pronunciado como um [r]. Sanõma apresenta processo idêntico em alguns contextos também no nível fônico (Autuori 2015), como nas palavras *totoli* [toroli] “jabuti” ou *sātānapi* [sərənapi] “pessoa não indígena”. Voltando agora ao Yaroamẽ, o fonema /t/ nessa língua parece ser fruto exclusivamente do processo histórico de perda da aspiração do fonema /t<sup>h</sup>/ do Proto-Yanomami, som que as línguas Sanõma, Yanomam e Ninam ainda preservam. Em Yanomamĩ, ocorreu um processo similar de lenição de /t<sup>h</sup>/ em

/t/, como vemos nas Tabelas 3.22 e 3.23, mas podemos deduzir que esse processo foi independente do observado em Yaroamẽ porque em Yanomamĩ o proto-/t/ foi preservado em palavras como “beija-flor”, “embaúba”, “saber” e “tamanduá”.

Esse processo de neutralização parece ser relativamente recente em ambas as línguas (Yaroamẽ e Yanomamĩ). Pelo menos mais recente que outro processo de mudança fonológica que envolveu o /t<sup>h</sup>/ ainda no Proto-Yanomami. Alguns linguistas (Migliazza 1972, p. 39; ver também Ferreira 2017, p. 49) sugerem que Proto-Yanomami (PY) não tinha o /s/ como fonema de seu inventário. Este som começou a aparecer no PY como alófono

Tabela 3.23 • A perda da aspiração de /t<sup>h</sup>/ em Yaroamẽ e Yanomamĩ

[port]	[san]	[nin]	[yrm]	[ymi]	[ymm]
fazer	<i>t<sup>h</sup>ai</i>	<i>t<sup>h</sup>ai</i>	<i>tai</i>	<i>tai</i>	<i>t<sup>h</sup>ai</i>
cotia	<i>t<sup>h</sup>omi</i>	<i>t<sup>h</sup>omi</i>	<i>t<sup>h</sup>omə</i>	<i>t<sup>h</sup>omə</i>	<i>t<sup>h</sup>omi</i>
filha	<i>t<sup>h</sup>ee</i>	<i>t<sup>h</sup>ee</i>	<i>tee</i>	<i>təə</i>	<i>t<sup>h</sup>ee/t<sup>h</sup>əə</i>

71. Ramirez (1994a) considera essas duas variedades “superdialetos” de uma mesma língua.

**Tabela 3.24**  
**Mudança de /t<sup>h</sup>u/ para /su/ em Sanõma, Yanomami e Yanomam**

[port]	[san]	[nin]	[yrm]	[ymi]	[ymm]
mulher	<i>suə</i>	<i>t<sup>h</sup>uə</i>	<i>tuə</i>	<i>suə</i>	<i>t<sup>h</sup>uə<sup>9</sup></i>
vomitar	<i>suaɪ</i>	<i>t<sup>h</sup>ilai</i>	<i>turai</i>	<i>suhai</i>	<i>suhrai</i>
leite	<i>suitu</i>	<i>t<sup>h</sup>uup</i>	<i>tuhu upə</i>	<i>suhe upə</i>	<i>su(h)u upə</i>
escorpião		<i>t<sup>h</sup>õhi</i>	<i>tühū</i>	<i>sūhi</i>	<i>sīhi</i>
grosso, grande	<i>supe</i>	<i>t<sup>h</sup>ila</i>	<i>tupe</i>	<i>supre</i>	

**Tabela 3.25**  
**Fricativização e africativização da aproximante /j/ em algumas LY**

[port]	[san]	[nin]	[yrm]	[ymi]	[ymm]
casa	<i>sai</i>	-	-	<i>jahi</i>	<i>jahi</i>
1PL	<i>samaki</i>	<i>ʈamak</i>	<i>ʈamaki</i>	<i>jamaki</i>	<i>jamaki</i>
animal (gen)	<i>salo</i>	<i>ʈalo</i>	<i>ʈalo</i>	<i>jalo</i>	<i>jalo</i>
veado	<i>hasa</i>	<i>hatʃa</i>	<i>atʃa</i>	<i>haja</i>	<i>haja</i>
voar	-	<i>ʈiɪ</i>	<i>ʈəi</i>	<i>jəi</i>	<i>jəi</i>
saúva	<i>kusi aka</i>	<i>koʈfe</i>	<i>koʈfe</i>	<i>koje</i>	<i>kojo/koe</i>
quati	<i>salusi</i>	<i>ʈalafəna</i>	<i>ʈaluxe</i>	<i>jalufe</i>	<i>jalufə</i>
tucano	<i>masupi</i>	<i>matʃopi</i>	<i>matʃopə</i>	<i>majepi</i>	<i>majopa</i>

**Tabela 3.26**  
**Anteriorização e posteriorização da pós-alveolar /ʃ/ em algumas LY**

[port]	[san]	[nin]	[yrm]	[ymi]	[ymm]
anta	<i>sama</i>	<i>fama</i>	<i>xama</i>	<i>fama</i>	<i>fama</i>
macaco-aranha	<i>paso</i>	<i>pafo</i>	<i>paxo</i>	<i>pafo</i>	<i>pafo</i>
bater	<i>səi</i>	<i>ʃəi</i>	<i>xəi</i>	<i>ʃəi</i>	<i>ʃəi</i>
ADD (caso)	<i>=solo</i>	<i>=f</i>	<i>=xo</i>	<i>=fə</i>	<i>=fə/=fo</i>

72. Existem no Ninam de fato palavras como *wait<sup>h</sup>ili* “bravo”, “destemido” ou *ahet<sup>h</sup>i* “perto”, mas essas formas são cognatas a *wait<sup>h</sup>əli* ou *wait<sup>h</sup>eli*, e *ahete* ou *ahate* em outras LY. Quer dizer, o som /t<sup>h</sup>i/ em Ninam parece ser uma forma inovadora na língua, resultado de mudanças históricas em seu inventário vocálico.

73. Aparentemente esta parece ser a única palavra Yanomam em que o /t<sup>h</sup>/ não se tornou /s/. Além disso, a não ser por poucas palavras formadas a partir da palavra *t<sup>h</sup>uə* “mulher”, não foram encontradas outras raízes lexicais com a sílaba <t<sup>h</sup>u> no extenso banco de dados do Yanomama, uma variedade do Yanomam. É possível que, especificamente, o conservadorismo fonológico da palavra *t<sup>h</sup>uə* “mulher” em Yanomam possa ser explicado sociolinguisticamente, mas muita pesquisa ainda deve ser feita sobre o assunto.

de /t<sup>h</sup>/ no contexto de proximidade com a vogal alta /i/. Essa alofonia específica se difundiu por todo o PY. Note-se que a sílaba <t<sup>h</sup>i> não existe em nenhuma língua Yanomami contemporânea como forma retida ou conservadora<sup>72</sup>. Em algumas variedades de Proto-Yanomami, essa alofonia se estendeu a todas as demais vogais altas de seu inventário, ou seja, a /i/ e /u/ também. Num estágio seguinte, essa alofonia se fonologizou nessas variedades antigas de Proto-Yanomami. Essas variedades em que esse processo teria ocorrido são as variedades ancestrais do Sanõma, Yanomami e Yanomam, línguas que então faziam parte do mesmo grupo de dialetos do Proto-Yanomami, como podemos deduzir pela Tabela 3.24.

O fonema consonantal /s/ nas línguas Yanomami e Yanomam provém desse processo, com exceção de poucos exemplos de palavras emprestadas (como *sapa* “enxada”, do italiano *zappa*) ou de origem onomatopeica (como *wisawisama si* “saíra-sete-cores”). Nessas duas línguas, a frequência da sílaba <si> é em muito superior às demais sílabas com /s/ inicial (Ferreira 2017; Ramirez 1994a). Em Ninam, além de alguns neologismos por empréstimo, como *lakapsa* “espingarda”, a consoante /s/ ocorre quase exclusivamente antes de /i/ ou em contextos em que historicamente havia um /i/, como é caso de *sehema* “borduna”, que tem *sihema* como forma cognata em Yanomami e Yanomam, ou de *namhis* “unha”, onde o /s/ em coda é fruto da elisão do /i/ final, ainda observado em outras variedades da família, como em Yanomam *nahasi*. Yaroamë é a única língua da família que não apresenta sincronicamente o /s/ entre suas consoantes.

Em Sanõma, o fonema /s/ é muito mais frequente no léxico do que nas demais LY e sua origem não está relacionada apenas ao processo de fonologização do contraste alofônico entre [t<sup>h</sup>] e [s] em variedades tardias do Proto-Yanomami. Em Sanõma, processos de evolução de variados sons resultaram em sua neutralização em /s/. A aproximante palatal /j/, presente no Proto-Yanomami, por exemplo, se fricativizou em /s/ em Sanõma, em todos os contextos em que a protoconsoante ocorria, inclusive nos contextos nasais em que aparecia como [ɲ], como mostram a Tabela 3.25 e a Tabela 3.26. Note-se que nos contextos orais o Ninam e o Yaroamë

africativizaram o som em /tʃ/, o que será discutido mais à frente.

Sanõma também alveolarizou (anteriorizou) em /s/ a pós-alveolar /ʃ/, som que provavelmente fazia parte do inventário consonantal do PY, conservado ainda em Ninam, Yanomam e Yanomami, como mostra a lista abaixo. Note-se que o Yaroamë velariou (posteriorizou) essa fricativa pós-alveolar /ʃ/ em /x/, sendo a única língua da família a apresentar esse som, seja como fonema ou fone.

Em Yaroamë e Sanõma, o som [ʃ] aparece somente como alofone de /x/ e /s/, respectivamente, sempre no contexto de vizinhança com /i/. Em Yaroamë, /x/ muda em [ʃ] apenas quando a consoante antecede /i/ (Ferreira 2011), enquanto em Sanõma esse processo fonológico é tanto regressivo como progressivo (Autuori 2015).

Yaroamë e Ninam são as únicas línguas que têm a africada /tʃ/ entre as consoantes fonêmicas. Essas duas línguas também são as únicas que apresentam /ɲ/ como fonema, som que aparece apenas como alofone em Yanomami e Yanomam e inexistente em Sanõma. A origem desses dois sons nas línguas Yaroamë e Ninam é comum, e se caracterizou por um processo de fonologização de uma anteriormente simples oposição alofônica. Como mencionamos anteriormente, em Proto-Yanomami [j] e [ɲ] eram alofones de /j/ em distribuição complementar: [j] ocorria em contextos orais e [ɲ] em contextos nasais. Essa mesma distribuição alofônica ainda é observada em Yanomami e Yanomam, que retiveram conservadoramente esse processo fonológico, enquanto Sanõma neutralizou esse passar de sons em /s/, como mostra a Tabela 3.26 acima. No entanto, algumas variedades de Proto-Yanomami, justamente as que vieram a dar origem às atuais línguas Ninam e Yaroamë, passaram a africativizar a versão oral do alofone [j] > [tʃ]. Nesse processo, a identidade alofônica entre [tʃ] e [ɲ] se perdeu e ambos os sons acabaram se fonologizando em Yaroamë e Ninam. Ainda que se observe sincronicamente no léxico dessas línguas uma distribuição dos sons [tʃ] e [ɲ] (Gomez 2011, ms; Ferreira 2011), tal distribuição já não é mais verificada em processos morfofonológicos. Tanto em Ninam como em Yaroamë é possível encontrar, por exemplo, casos em que /tʃ/ é segui-

do de uma vogal nasalizada, que adquiriu o traço nasal pelo contato com outro morfema nasal, o que sugere que o processo fonológico que permitiu aquela distribuição alofônica está agora dormente em Ninam e Yaroamë. A Tabela 3.25 apresentou algumas palavras dessas duas línguas com o som /tʃ/. A Tabela 3.27 abaixo traz alguns exemplos com o som /ɲ/. Note-se mais uma vez que esse som é apenas um alófono em Yanomami e Yanomam.

**Tabela 3.27 • O correspondente ao fonema /ɲ/ do Ninam nas demais LY**

[port]	[san]	[nin]	[yrm]	[ymi]	[ymm]
casa	-	<i>ɲano</i>	-	<i>jāno [ɲāno]</i>	<i>jāno [ɲāno]</i>
milho	<i>sini mo</i>	<i>ɲono mok</i>	<i>ɲulu moki</i>	<i>jōno moki</i>	<i>jāno muku</i>
				<i>[ɲōno moki]</i>	<i>[ɲāno muku]</i>
pouco	<i>sami (“um”)</i>	<i>ɲami</i>	<i>ɲami</i>	<i>jāmi [ɲāmi]</i>	<i>jāmi [ɲāmi]</i>
arraia	<i>samano</i>	<i>ɲamalo</i>	<i>ɲamaro</i>	-	<i>jāmala aka</i>
					<i>[ɲamala aka]</i>

Por fim, todas as LY ainda apresentam ou o som /l/ ou o som /r/. Em Yanomami (Ramirez 1994a) e Yanomam (Ferreira 2017) esses sons são alófonos, com alguma distribuição complementar identificável, mas em variação livre em muitos contextos. Entretanto, Ramirez atribui /r/ ao fonema subjacente enquanto Ferreira o identifica como /l/. Em Ninam, a distribuição desse par de sons parece se relacionar a diferenças. Enquanto o Ninam do Norte teria /r/ em seu inventário, o Ninam do Sul teria /l/ (Gomez 2011). Em Sanõma, [r] não é alófono de /l/, mas de /t/ (Autuori 2015), como vimos anteriormente. Note-se que Sanõma nasalizou em /n/ alguns /r/ que ocorrem em alguns cognatos de outras LY, assim lexicalizando algo que em todas as outras LY aparece como processo fonológico sincronicamente ativo. Em Yaroamë tem /r/ como fonema subjacente que pode ser realizar como [r] ou [l] dependendo do contexto.

São duas as fontes desse som na língua: uma é por conservação do /r/~l/ nos contextos em que presumivelmente esse som existia no Proto-Yanomami, como indica a Tabela 3.28, e outra é a lenição do proto-/t/ em /r/, como vemos na Tabela 3.22 e também na Tabela 3.28. A Tabela 3.29 apresenta o inventário das consoantes fonêmicas nas LY.

Tabela 3.28 • A aproximante lateral /l/ e o tap alveolar /r/ nas LY

Fonema	[port]	[san]	[nin]	[yrm]	[ymɨ]	[ymm]
/l/~r/	guariba	ilo	ilo/iro	iro~[ilo]	iro ~ [ilo]	llo~[iro]
	pupunha	lasa	laʃa/raʃa	rixa~[lixa]	raʃa~[laʃa]	laʃa~[raʃa]
	arara	ala	ala/ara	araxi~ [alaʃi]	ara~ [ala]	ala~ [ara]
cobra	olikiki	oliki/oriki	oriki~[oliki]	oriki~ [oliki]	olukiki~[orukiki]	
cujubim	manasi	malasi/ marasi	marasi~ [malasi]	marasi~ [malasi]	malasi~ [marasi]	
cogumelo	anaamopi		araamoki~ [alaamoki]		araamoku~ [araamoku]	
urucum	nana	nalafi/ nalafi	marasi~ [nalafi]	naraʃi~ [nalafi]	nalafi~ [naraʃi]	
onça		tuhu	rii	tihi		
ancião	pata	pata	para	pata	pata	

Tabela 3.29 • Os fonemas consonantais da família Yanomami

	Fonema	Sanöma	Ninam	Yaroamë	Yanomami	Yanomam
oclusivas	/p/	✓	✓	✓	✓	✓
	/t/	✓	✓	✓	✓	✓
	/k/	✓	✓	✓	✓	✓
afric.	/tʰ/	✓	✓	✗	✗	✓
	/tʃ/	✗	✓	✓	✗	✗
fricativas	/s/	✓	✓	✓	✗	✓
	/ʃ/	✗	✓	✗	✓	✓
	/x/	✗	✗	✓	✗	✗
	/h/ ~ /f/	✓	✓	✓	✓	✓
nasais	/m/	✓	✓	✓	✓	✓
	/n/	✓	✓	✓	✓	✓
	/ɲ/	✗	✓	✓	✗	✗
aprox.	/l/ ~ /r/	✓	✓	✓	✓	✓
	/w/	✓	✓	✓	✓	✓
	/j/	✗	✗	✗	✓	✓

### 3.2.2. Padrões silábicos

Sem dúvida, o padrão silábico mais comum na família Yanomami é o CV (consoante e vogal), ainda que os padrões V (vogal) e CVV (consoante, vogal e vogal) também sejam encontrados em todas as línguas, seja por ditongação, seja por alongamento da vogal, como indicam os exemplos abaixo.

O Yanomami, Yanomam e Ninam são as únicas LY que têm sílabas com ataque complexo, isto é, sílabas que são iniciadas pelos encontros consonantais /pl/~pr/ /

tl/~tr/, /kl/~kr/, /ml/~mr/ ou /hl/~hr/. Em Ninam, esses encontros têm produtividade bastante limitada, encontrada em poucas palavras (Gomez, 1990). Como indica Ramirez (1994a p. 34), esses grupos de consoantes desapareceram de algumas palavras em Yanomami, o que limitou bastante sua ocorrência nessa língua. Em Yanomam esses grupos estão plenamente representados e são uma das diferenças marcantes entre Yanomam e Yanomami, segundo Ramirez (1994a p. 34).

Tabela 3.30 • Os principais padrões silábicos das LY

Padrão	Português	Sanöma	Ninam	Yaroamë	Yanomami	Yanomam
CV	veado	hasa	haʃa	aʃa	haja	haja
	tatu-canastra	waka	waka	waka	waka	waka
V	arara	ala a	arasi	ara xi	ara	ala a
	guariba	ilo	iro	iro	iro	ilo
	tatu	opo	oposi	marëa	opo	opo
CVV	calango	wajma kiki	maj at <sup>h</sup> o	majma	farajma äto	wajma aka
	cana-de-acúcar	puu ösö	tʃakoj	puu uxu	puu ke si	puu usi
	cabaco	pii ni	pii nahi	pii naiki	pëe nahe	pëe nehe

Tabela 3.31 • Perda dos encontros consonantais nas LY

[port]	[san]	[nin]	[yrm]	[ymɨ]	[ymm]
mosca	-	rõo	poroma	mõo	plõo
grande	pee	rewe	-	-	plee
distante	paha	rahai	paha	-	plaha
areia	makamaka ti	rakaki	maka	makatahua	mlakamlaka
apresentar-se (dançando)	paiai	raiai	paiai	praiai	plaiiai
DERV (morfema)	=pa	=ra	=pa	=pra	=pla

Tabela 3.32 • Coda consonantal em Ninam e seus cognatos nas demais LY

[port]	[san]	[nin]	[yrm]	[ymɨ]	[ymm]
terra	masita tã	maf.t <sup>h</sup> ak	mafita	mafita	mafita
caçar	namɨ.huu	nam.huu	nami.u	ramɨ.hui	lama huu
aranha	walotiki	waftehek	parea koxiki	-	warea kojiki
cupim	ãnepo	ãlem.koxi	arepoko	ãrepokeko	ãlepakoko

Presume-se que esses encontros consonantais sejam formas conservadoras em Yanomam e que provavelmente existiam no Proto-Yanomami. Uma evidência importante disso é que as diferentes línguas preservaram pedaços diferentes desses encontros, como o Sanöma e Yaroamë, que preservaram o primeiro elemento do ataque (/p/, /t/, /k/, /m/ e /h/), ao passo que as variedades de Ninam, de maneira geral, retiveram o segundo elemento (/l/ ~r/).

Entre as línguas da família, somente o Ninam tem consoantes em posição de coda fonêmica, isto é, é a única língua em que encontramos uma consoante terminando uma sílaba.

Pela comparação com as demais LY, considerando que todas elas silabificam essa consoante em coda, inferimos que esse padrão é inovador e fruto da elisão do núcleo vocálico da sílaba pós-tônica da palavra em Proto-Yanomami.

### 3.2.3. Ordem de palavras e correlações tipológicas

(1)

[port]	Yuririno <b>matou</b> o cachorro.
[san]	Yuririno anō <i>pole</i> a <i>sāpalike</i> .
[nin_s]	Yuririroni <i>okolo</i> apē <i>xelalihe</i> .
[nin_n]	Yuririron <i>okoro</i> <i>xērarem</i> .
[yrm]	Yuririonē <i>pētaxi</i> a <i>xēpari</i> .
[ymi_o_r]	Yuririonē <i>hiima</i> a <i>xēprarema</i> .
[ymi_o_m]	Yuririroni <i>hiimā</i> a <i>xēprarema</i> .
[ymm_bx]	Yuririno nē <i>hiima</i> a <i>xēprarema</i> .
[ymm_ss]	Yuririno ani <i>hiima</i> a <i>xēprarema</i> .

(2)

[port]	<b>Embaixo</b> da cesta.
[san]	Wāā a komo naha.
[nin_s]	Thalosi <i>pepihē</i> .
[nin_n]	Tharosi <i>pepiha</i> .
[yrm]	Yaru xi <i>xioa</i> .
[ymi_o_r]	Wiī a <b>posiha</b> .
[ymi_o_m]	Wiī a <i>kōhōmōhā</i> .
[ymm_bx]	Wiī a <i>komosiha</i> .
[ymm_ss]	Wiī a <i>komosiha</i> .

(3)

[port]	<b>Quando</b> você for caçar (...).
[san]	Wa namō huu <i>tāhā</i> (...).
[nin_s]	Wa lam hu <i>thehe</i> (...).
[nin_n]	Kāhōwā ram hi <i>tēha</i> (...).
[yrm]	Wa nami u <i>tēē</i> (...).
[ymi_o_r]	Wa ramī huī <i>tēhē</i> (...).
[ymi_o_m]	Kahēwa rāmthui <i>tēhē</i> (...).
[ymm_bx]	Wa rāma huu <i>tēhē</i> (...).
[ymm_ss]	Kahowa rāma huu <i>tēhē</i> (...).

(4)

[port]	Você quer catar meu piolho?
[san]	Kawanō ipa noma wa tā tae pii topa kule <b>hōō?</b>
[nin_s]	Ipa noma wa taa ximo <b>ha?</b>
[nin_n]	Ipa wa noma wa pik hotxowa pexmo <b>o?</b>
[yrm]	Ipa noma wa ki mē raapē rē <b>kē?</b>
[ymi_o_r]	Nomayē wa pē ikokai xi totihi <b>tawē?</b>
[ymi_o_m]	Kahēni nōmāyē wapē ikokai xi totihi <b>tawē?</b>
[ymm_bx]	Ipa noma wapē taai pihio <b>tha?</b>
[ymm_ss]	Kaho wani ipa noma wapē hētēi pihio <b>tha?</b>

Em todas as línguas da família a ordem básica das palavras em predicados transitivos é Sujeito-Objeto-Verbo (SOV), sendo que OVS (Objeto-Verbo-Sujeito) também é possível. Os exemplos em (1) ilustram essa preferência. Note-se que a sentença, em todas as línguas, se inicia com o sujeito (*Yuririno*), seguido pelo objeto (o *cachorro*, palavra grifada nas traduções), e só depois finalizada com o verbo.

As línguas Yanomami não somente são línguas SOV como também são línguas SOV “muito bem-comportadas”, no sentido de que apresentam em sua morfosintaxe muitas das correlações tipológicas que caracterizam esse tipo de língua (Greenberg 1963; Dryer 1992).

Todas as LY, por exemplo, tem posições em vez de preposições, ilustradas pelos exemplos em (2).

Além disso, em todas as LY, os subordinadores adverbiais (conjunções de modo, tempo, causa...) ocorrem no final da oração, depois do verbo, como mostram os exemplos em (3). O morfema =*tāhā* nas suas diversas formas cognatas pode ser glosado como uma conjunção de tempo funcionando também como conjunção concessiva, com o significado de “quando” ou “se”.

A posição final da partícula interrogativa nas orações interrogativas polares (do tipo que tem “sim” ou “não” como respostas) também se confirma nas LY, como mostram os exemplos em (4). O português não apresenta uma partícula similar para esse tipo de pergunta, desse modo dependendo somente da prosódia para sua formulação.

Igualmente podem ser entendidos como característicos de línguas SOV os enclíticos que fazem parte do sistema de casos nominais presentes em todas as LY, que serão estudados a seguir.

### 3.2.4. Sistema de casos

Todas as variedades apresentam um sistema de marcação de caso nominal com pelo menos quatro casos marcados. Esse sistema apresenta alinhamento ergativo-absolutivo para todas as pessoas gramaticais, sem cisão na marcação intransitiva de nenhuma ordem: não existe, por exemplo, diferença de marcação de verbos inacusativos e inergativos. O argumento absoluto é geralmente não marcado enquanto o argumento ergativo sempre recebe marcação. Comum a todas as línguas ainda são os casos instrumental, aditivo e oblíquo, sendo para esse último caso as LY apresentam relativa diversidade, com algumas línguas apresentando até quatro formas diferentes.

O caso ergativo é marcado nas LY com alguma forma cognata a *ni* (*nī, nā, nou ni*), em negrito em (5).

Em todas as línguas o morfema de instrumental é homófono do morfema de ergativo. Os exemplos em (6) parecem indicar existir diferenças entre as línguas Yanomami quanto ao lugar preferencial do argumento instrumental na sentença (em negrito). Note-se que em Ninam do Norte e em Yāroamē o argumento instrumental inicia a oração, ao passo que em Sanōma, Ninam do Sul, Yanomami e no Yanomama do Papiú ele aparece depois do sujeito (*Yuririno*). Na variedade Yanomae do Catrimani, o instrumento aparece como último elemento da sentença.

Segundo nosso conhecimento, todas essas posições são gramaticais em todas as línguas Yanomami, ainda que possam ter valores pragmáticos, discursivos e estilísticos diferentes em cada uma delas.

Todas as línguas Yanomami também apresentam marcação para o caso aditivo com formas cognatas: =*solo*, =*fo*, =*fā*, =*xo*, =*f*. Cabe mencionar que existem diferenças quanto às propriedades formais e possibilidades sintáticas desses morfemas nas diferentes línguas. Ferreira (2011) menciona, por exemplo, que em Yāroamē o aditivo pode se combinar com o ergativo, instrumental ou locativo quando o argumento adicionado não é absoluto. Isso não é possível em nenhuma outra língua Yanomami. Ferreira (2017) também indica que em Yanomama o caso aditivo pode adicionar todos os tipos de argumento menos oblíquos, res-

trição que parece não existir em Sanōma, ver exemplo em (7), e em Yāroamē.

O caso oblíquo é marcado em todas as LY e indica argumentos não centrais que podem estar exercendo funções variadas, dependendo da semântica lexical do verbo e do contexto. Entre as funções possíveis do argumento oblíquo em LY estão locação, meta, meio de transporte, beneficiário, tema, estímulo, além de marcar o argumento *causer* da derivação causativa de um verbo transitivo (Ferreira 2017 p. 416). Em (8) temos um exemplo em que

(5)

[port]	Harurita está tecendo a <b>rede</b> .
[san]	Harurita anō <i>sitoto</i> tiā kule.
[nin_s]	Haruritani <i>naka thoki</i> apē tiipole.
[nin_n]	Haruritanē <i>rākām thok pesi</i> tiīi.
[yrm]	Haruritanē <i>kamo toki</i> rē riēpora.
[ymi_o_r]	Haruritanī <i>yīi ki</i> tuyēi.
[ymi_o_m]	Haruritanī <i>yīi ki</i> tiei.
[ymm_bx]	Haruritanē <i>rakama thoku</i> tiyēi.
[ymm_ss]	Harurita ani <i>rākama thuku</i> tiyēi.

(6)

[port]	Yuririno pesca <b>com flecha</b> .
[san]	Yuririno anō <i>makaasōnō</i> salaka nia sinomoō.
[nin_s]	<b>Xakaheni</b> Yuririno apē hule yalaka hēm.
[nin_n]	Yuririonē <b>xakawēnē</b> txaropik nīāi.
[yrm]	<b>Sikawēnē</b> Yuririonē xuruka pē rē niapora.
[ymi_o_r]	Yuririroni <b>xerekakini</b> maroha pē niai.
[ymi_o_m]	Yuririroni <b>xerekakini</b> mārōhā pē nīyāf.
[ymm_bx]	Yuririno nē yuripē niaai, <b>xaraka kinē</b> .
[ymm_ss]	Yuririno ani <b>xaraka kinē</b> yuripē niaf.

(7)

[port]	Yuririno brigou com Poporino e Hainayoma.
[san]	Poporinoa <b>solo</b> Hainayomaa <b>solo</b> ī. na kui tōpō naha Yuririno a waitilimo ke.
[nin_s]	Yuririnoxo <b>Poporinoxo</b> Hainayomaxo pēku apē xiyohē.
[nin_n]	Yuririron <b>Poporinox</b> Hainayomax pik xērem.
[yrm]	Yuririonē <b>Poporinoxo</b> Hainayomaxo ki pēyēri.
[ymi_o_r]	Yuririroni <b>Poporino xo</b> Hainayoma <b>xo</b> ki xēpima.
[ymi_o_m]	Yuririroni <b>Poporino xo</b> Hainayomaxo kipi xēpīrema.
[ymm_bx]	<b>Poporinoxē</b> Hainayoma <b>axē</b> Yuririno a pee prapuma.
[ymm_ss]	Yuririno ani <b>Poporino axo</b> Hainayoma <b>axo</b> kipē peeprama.

(8)

[port]	Yuririno foi <b>para</b> a roça.
[san]	Hikalia <b>hamö</b> Yuririno a hulasoke.
[nin_s]	Hutu <b>hèm</b> Yuririno apè kuké lihe.
[nin_n]	Yuririno hìti <b>ham</b> atxohirima.
[yrm]	Huru <b>amë</b> Yuririno a uhuri.
[ymi_o_r]	Hikari tèka <b>hami</b> Yuririno a hurayoma.
[ymi_o_m]	Yuririno hikari <b>hamɣ</b> a hurayoma.
[ymm_bx]	Hutu kana <b>hamë</b> Yuririno a ayoma.
[ymm_ss]	Hutu kana <b>hami</b> Yuririno a arayoma.

Tabela 3.33 • Os casos nominais nas LY

Caso	Sanöma	Ninam	Yaroamë	Yanomamɨ	Yanomam
Absolutivo	∅	∅	∅	∅	∅
Ergativo	=ni	=n ~ =ni	=nə [ni]	=ni	=nə ~ =ni
Instrumental	=ni	=n ~ =ni	=nə [ni]	=ni	=nə ~ =ni
Aditivo	=solo	=fo	=xo	=fo	=fə ~ =fo
Oblíquo 1	=ha	=ha ~ =hə	=a	=ha	=ha
Oblíquo 2	=hami	=ham ~ =həm	=amə [ami]	=hami	=hami
Oblíquo 3	=naha	=eliha	=ea	=iha	=eriha ~ =eha

(9)

[port]	Eu vou dar flecha para você.
[san]	Kamisa nõ kawa <b>naha</b> silaka sa totoa kota kikitã.
[nin_s]	Kayeni kaho <b>elihè</b> xakaweo ya hipi kei the.
[nin_n]	Xakaw txa hipkeithè kãhõ <b>iriha</b> .
[yrm]	Aha wa <b>ea</b> xikawë ya a upëapëri.
[ymi_o_r]	Xerekahë ya hipëapë.
[ymi_o_m]	Kama wamaki <b>iha</b> xereka yaki hipëapë.
[ymm_bx]	Kaho <b>eriha</b> xaraka ya hipiaí.
[ymm_ss]	Kami yani kaho wa <b>eha</b> xaraka yaa hipiaí.

o argumento oblíquo desempenha o papel semântico de meta.

Todas as LY dispõem de mais de uma marca de oblíquo, sendo que uma delas é usada exclusivamente com referentes humanos ou humanizados. Nos exemplos em (9) são apresentadas essas marcas especializadas (em negrito).

A Tabela 3.33 apresenta um sumário da morfologia de casos das línguas da família Yanomami.

### 3.2.5. Pronomes pessoais e pessoas gramaticais

Com exceção do Sanöma, todas as LY apresentam pronomes pessoais para 1ª e 2ª dual/paucal, além dos pronomes de 1ª e 2ª singular e plural. A acepção paucal parece ter se preservado mais nitidamente na variedade Ninam do Norte, onde o uso é vigoroso ainda entre os jovens. A situação de Ninam contrasta com Yanomamɨ e Yanomam, línguas em que parece ter havido uma mudança geracional que limitou o sentido do morfema a dual;

seu uso como paucal nessas línguas está restrito aos falantes mais velhos.

Na Tabela 3.34 apresentamos os pronomes de 1ª pessoa das línguas Yanomami. É de se notar que Yanomamɨ é a única entre as línguas da família que faz distinção entre a 1ª pessoa inclusiva e exclusiva, tanto no plural como dual. Considerando sua inexistência em todas as demais LY (ou de qualquer cognato ou estrutura vestigial), é plausível afirmar que se tra-

Tabela 3.34 • Os pronomes pessoais de 1ª pessoa nas LY

[port]	eu	nós dois (eu + você)	(eu + ele)	nós (eu + vocês)	(eu + eles)
[san]	kamisa	kami samakõ			
[nin_n]	kamatxa	kama txehék		kama txamak	
[yrm]	ipa ya	ipa yahaki		ipa yamaki	
[ymi_o_m]	kamiyë	kama pëhëki	kamiyë yahëki	kama pëmaki	kamiyë yamaki
[ymm_bx]	kami ya	kami yahaki		kami yamaki	

Tabela 3.35 • Os pronomes pessoais de 2ª pessoa nas LY

[port]	você	vocês dois	vocês
[san]	kawa	kamakõ	
[nin_n]	kãhõ wa	kãhõ wehek	kãhõ wamak
[yrm]	aha wa	aha wahaki	aha wamaki
[ymi_o_m]	kahë	kahë wahëki	kahë wamaki
[ymm_bx]	kaho wa	kaho wahaki	kaho wamaki

Tabela 3.36 • A 3ª pessoa nas LY

[port]	ele	eles dois	eles
[san]	hii <b>a</b>	hii <b>töpö</b>	
[nin_n]	ihĩ /kama	ihĩ <b>kíp/kama kíp</b>	ihĩ <b>pík/kama pík</b>
[yrm]	mëkë <b>a/të</b>	mëkë <b>ki</b>	mëkë <b>(të)pë</b>
[ymi_o_m]	kama <b>a</b>	kama <b>kípí</b>	kama <b>(thë)pë</b>
[ymm_bx]	kama <b>a</b>	kama <b>kupë</b>	kama <b>(thë)pë</b>

ta de um traço inovador do Yanomamɨ e que provavelmente o Proto-Yanomami não o apresentava.

A Tabela 3.35 mostra os pronomes de 2ª pessoa entre as LY. Note-se que, assim como as de 1ª pessoa, as formas de 2ª pessoa são muito conservadoras entre as línguas Yanomami, apresentando poucas dessemelhanças de maneira geral. Ainda de maneira similar ao paradigma de 1ª pessoa, todas as LY, à exceção mais uma vez do Sanöma, fazem distinção entre 2ª pessoa plural e dual/paucal.

Os pronomes de 3ª pessoa são equivalentes formais aos pronomes demons-

trativos em todas as LY. Além disso, demonstrativos sempre podem desempenhar o papel típico dos pronomes de 3ª pessoa. As formas *hii* “aquele” em Sanöma e *ihĩ* “esse” (anafórico) em Ninam, que aparecem na Tabela 3.36, são indícios dessa equivalência. O contraste entre singular, plural e dual, observado nas 1ª e 2ª pessoas, também se encontra na 3ª pessoa em Ninam, Yaroamë, Yanomamɨ e Yanomam. Formalmente, essa oposição se manifesta pelos morfemas de número (clíticos) que se ligam à raiz livre com valor demonstrativo. Na tabela 3.36, os morfemas de número estão em negrito.

### 3.2.6. Os três tipos de substantivos

Todas as línguas Yanomami parecem distinguir dois tipos básicos de substantivos (Ramirez 1994a; Ferreira 2009, 2011), agrupados de acordo com suas características formais e semânticas:

1) os substantivos que se referem a entidades completas e independentes (os holônimos),

2) substantivos que indicam as partes dessas entidades (os merônimos). Esses dois tipos de substantivos são tratados distintamente pelas LY, apresentando propriedades morfossintáticas particulares.

A Tabela 3.37 compara alguns merônimos (substantivos que indicam as partes das entidades completas) entre as línguas da família Yanomami. Nessa lista podemos observar em muitos itens a presença do pronome indefinido em suas formas cognatas *pei*, *pili*, *pëi*, *pi*. A utilização desses pronomes nessa lista se relaciona com um dos traços caracterizantes dos termos que indicam partes nas LY. Esses substantivos são morfologicamente dependentes de uma forma livre que os hospede, seja um substantivo do primeiro tipo, um pronome pessoal ou o indefinido *pei*, *pili*, *pëi*, *pi*. Em outras palavras, os substantivos do segundo tipo (merônimos) não podem aparecer, ou melhor, “tendem” a não aparecer isolada-

mente nas LY, solicitando frequentemente o suporte de uma forma livre para que ocorra em um enunciado.

Outra propriedade característica dos substantivos que indicam partes é sua incorporação ao predicado sem a necessidade de morfologia extra. Essa incorporação é obrigatória, na verdade, no contexto em que esse substantivo ocorre como argumento absoluto da oração, seja como sujeito de uma intransitiva ou objeto de uma transitiva. Na lista

de exemplos em (10), vemos que o substantivo “perna” nas LY (em negrito) sempre aparece depois do índice verbal de 1ª pessoa singular (sublinhado), uma forte evidência de que o substantivo está de fato incorporado ao verbo. Note-se ainda que a construção em Ninam do Sul é a única que permite opcionalmente que o substantivo não seja incorporado.

Existem dois tipos de substantivos que designam entidades completas (holônimos), os holônimos classificados e os

holônimos não classificados. A principal diferença formal entre esses dois tipos de holônimos é que os substantivos não classificados são morfologicamente simples, no sentido de serem formados por apenas uma raiz livre, enquanto os substantivos classificados são palavras morfologicamente complexas, formadas por uma raiz livre e um morfema ligado (o classificador nominal) que indica a categoria nomi-

nal sob a qual está classificado na língua. A lista de substantivos não classificados é bastante heterogênea entre as LY, isso porque algumas línguas deixam de classificar alguns substantivos. De maneira geral, entretanto, entre os não classificados incluem-se todos os nomes próprios (também de lugares), a maioria dos nomes de animais, os nomes de alguns objetos, construções e fenômenos naturais

Tabela 3.37 • Os termos de partes (merônimos) nas LY

port	san_kol	xam_rai	ymm_ppu	nin_erc	yrm_pcu
lábio	<i>pili a kasō</i>	<i>pei huxo</i>	<i>pei husipē</i>	<i>pi kasiki</i>	<i>pēi kaxi</i>
boca	<i>pili a kai</i>	<i>pei kahi ki</i>	<i>pei kahiki</i>	<i>pi kahiki</i>	<i>pēi kâhîkî</i>
cabeça	<i>pili a hee</i>	<i>pei ke he</i>	<i>pei he</i>	<i>pere he</i>	<i>pēi he</i>
cabelo	<i>pili a henuku</i>	<i>pei hena ki</i>	<i>pei hwâitaki</i>	<i>pi hîithaki</i>	<i>pēi hēi taki</i>
coração	<i>pili a koso</i>	<i>pei tēko</i>	<i>pei maxokopē</i>	<i>pi maxiap</i>	<i>pēi maxikopē</i>
costas	<i>pili a hōo</i>	<i>pei yaipē</i>	<i>pei yāēpiki</i>	<i>pi txaip</i>	<i>pēi yaupē</i>
dente	<i>pili a nakōpō</i>	<i>pei naki</i>	<i>pei naki</i>	<i>pi naki</i>	<i>pēi na</i>
fígado	<i>pili a amuku</i>	<i>pei amoki</i>	<i>pei amuku</i>	<i>pi amoki</i>	<i>pēi amoki</i>
joelho	<i>pili a maikoko</i>	<i>pei maheko</i>	<i>pei maheko</i>	<i>pi mah koki</i>	<i>pēi maheko</i>
língua	<i>pili a āka</i>	<i>pei aka</i>	<i>pei aka</i>	<i>pi aka</i>	<i>pēi aka</i>
mão	<i>pili a ami</i>	<i>pei imiki</i>	<i>pei imi</i>	<i>pi hî haki</i>	<i>pēi imēki</i>
nariz	<i>pili a hisoka</i>	<i>pei huxipē</i>	<i>pei hūkā</i>	<i>pi hî haki</i>	<i>pēi hūxiki</i>
olho	<i>pili a mamō</i>	<i>pei mamō</i>	<i>pei mamō</i>	<i>pi mamō</i>	<i>pēi mamō</i>
ombro	<i>pili a hāko</i>	<i>pei hako</i>	<i>pei hakarakî</i>	<i>pi hakkraki</i>	<i>pēi hasi</i>
orelha	<i>pili a sōmōka</i>	<i>pei yimikaki</i>	<i>pei yāmaka</i>	<i>pi yomkaki</i>	<i>pēi yēmēka</i>
ovo	<i>pili tete</i>	<i>pei nateki</i>	<i>pei nathē</i>	<i>pi thethe</i>	<i>pēi tē nate</i>
pé	<i>pili a mata</i>	<i>pei mamiki</i>	<i>pei mahū p</i>	<i>pi mahi</i>	<i>pēi mahūku</i>
pele	<i>pili a ōsō</i>	<i>pei tesiki</i>	<i>pei siki</i>	<i>pirisi</i>	<i>pēi xi</i>
perna	<i>pili a tisina</i>	<i>pei mata</i>	<i>pei matha</i>	<i>pi mahkos p</i>	<i>pēi wako</i>
pescoço	<i>pili a olai</i>	<i>pei orahitē</i>	<i>pei uremēsi</i>	<i>pi ōrāmihî</i>	<i>pēi orokopē</i>
queixo	<i>pili a wōlōsō</i>	<i>pei wērīna</i>	<i>pei kutupē</i>	<i>pi nārī</i>	<i>pēi kahikipēpi</i>
seio	<i>pili a paluku</i>	<i>suhe upē</i>	<i>pei suhu upē</i>	<i>thi ipē</i>	<i>pēi tuhuupē</i>
testa	<i>pili a hūko</i>	<i>pei huko</i>	<i>pei huko</i>	<i>pi hî kōm</i>	<i>pēi heko</i>
tripa	<i>pili a isiki</i>	<i>pei xiki</i>	<i>pei xitohapē</i>	<i>pi xiki</i>	<i>pēi xiki</i>
unha	<i>pili a nasō</i>	<i>pei imisi ki</i>	<i>pei nahasi</i>	<i>pi namhîš</i>	<i>pēi tamoxi</i>

(10)

[port]	Estou coçando a <b>perna</b> de Harurita.
[san]	Harurita <i>sa konuna</i> sululu tikoka kule.
[nin_s]	Harurita ( <b>mahkosi</b> ) <i>ya (mahkosi)</i> apē tikoka pole.
[nin_n]	Harurita <i>txa mahkosi</i> tikokai.
[yrm]	Harurita <i>ya mata</i> rē rokokapora.
[ymi_o_m]	Harurita <i>ya mata</i> hukēkai.
[ymm_bx]	Harurita <i>ya matha</i> natixi tisikai.

Tabela 3.38 • Animais não-classificados nas LY

[port]	Sanōma	Ninam do Sul	Yaroamē	Yanomami	Yanomam
anta	<i>sama</i>	<i>xama</i>	<i>xama</i>	<i>xamā</i>	<i>xama</i>
beija-flor	<i>teso</i>	<i>texo</i>	<i>rixo</i>	<i>tēxō</i>	<i>tixo</i>
pium	<i>potoma</i>	<i>kayō</i>	<i>ukuxi</i>	<i>pareto</i>	<i>ukuxi</i>
cachorro	<i>pole</i>	<i>okolo</i>	<i>pētaxi</i>	<i>hīimā</i>	<i>hiima</i>
capivara	<i>kasu</i>	<i>kayu</i>	<i>kāya</i>	<i>kayuri</i>	<i>kāi</i>
caranguejo	<i>ōko</i>	<i>oko</i>	<i>oko</i>	<i>oko</i>	<i>oko</i>
cotia	<i>thomō</i>	<i>thomi</i>	<i>tomē</i>	<i>tomi</i>	<i>thomi</i>
cujubim	<i>manasi</i>	<i>malāxi</i>	<i>maraxi</i>	<i>maraxi</i>	<i>maraxi</i>
saúva	<i>kusiāka</i>	<i>koyi</i>	<i>koye</i>	<i>koye</i>	<i>koyo</i>
tucandeira	<i>sio</i>	<i>xio</i>	<i>xio</i>	<i>xihō</i>	<i>xiho</i>
galinha	<i>kalakaa</i>	<i>kalaka</i>	<i>karaka</i>	<i>kakara</i>	<i>karaka</i>
gavião	<i>kokoi</i>	<i>kokoyōma</i>	<i>wakawē</i>	<i>Moxi</i>	<i>wakoa</i>
guariba	<i>llo</i>	<i>llo</i>	<i>lro</i>	<i>lro</i>	<i>lro</i>
irara	<i>wali</i>	<i>hoali</i>	<i>owari</i>	<i>howari</i>	<i>hoari</i>
jacu	<i>kulemō</i>	<i>kulemi</i>	<i>kuremē</i>	<i>kuremi</i>	<i>kurema</i>
cairara	<i>wasi</i>	<i>yalimi</i>	<i>yārimē</i>	<i>howaxi</i>	<i>yarima</i>
macaco-aranha	<i>paso</i>	<i>paxo</i>	<i>paxo</i>	<i>paxo</i>	<i>paxo</i>
mosca	<i>motosila</i>	<i>lōo</i>	<i>poroma</i>	<i>mōomoō</i>	<i>motoxiri</i>
mutum	<i>paluli</i>	<i>paali</i>	<i>paaru</i>	<i>paruri</i>	<i>paari</i>
japu	<i>kolia</i>	<i>koli</i>	<i>kori</i>	<i>xiāpo</i>	<i>koria</i>
nambu	<i>hāsimo</i>	<i>haximo</i>	<i>hāximo</i>	<i>haximo</i>	<i>haxima</i>
onça	<i>Ōla</i>	<i>tuhu</i>	<i>rii</i>	<i>ira</i>	<i>tihî</i>
preguiça	<i>simō</i>	<i>xumu</i>	<i>yawere</i>	<i>ihama</i>	<i>ximi</i>
paca	<i>amotha</i>	<i>amotha</i>	<i>amota</i>	<i>amota</i>	<i>amatha</i>
pacu	<i>pokosi</i>	<i>waitau</i>	<i>paki</i>	<i>mārōhā</i>	<i>paku</i>
piolho	<i>noma</i>	<i>noma</i>	<i>noma</i>	<i>noma</i>	<i>noma</i>
carapanã	<i>ukusili</i>	<i>potoma</i>	<i>kāya</i>	<i>ukuxi</i>	<i>rēa</i>
queixada	<i>walā</i>	<i>wale</i>	<i>warē</i>	<i>warē</i>	<i>warē</i>
rato	<i>tholopo</i>	<i>tholopo</i>	<i>pahō</i>	<i>toropo</i>	<i>paho</i>
sapo	<i>soso</i>	<i>poplamo</i>	<i>poromoko</i>	<i>yoyo</i>	<i>yoyo</i>
tm.-bandeira	<i>tāpā</i>	<i>tepe</i>	<i>rēpē</i>	<i>tēpē</i>	<i>tēpē</i>
tatu	<i>opo</i>	<i>oposi</i>	<i>marēa</i>	<i>opo</i>	<i>opo</i>
tatu-canastra	<i>waka</i>	<i>waka</i>	<i>waka</i>	<i>waka</i>	<i>waka</i>
tucano	<i>masupō</i>	<i>mayopi</i>	<i>mayopē</i>	<i>mayepi</i>	<i>mayapa</i>
urubu	<i>watupa</i>	<i>watupa</i>	<i>warupa</i>	<i>watupa</i>	<i>watupa</i>
veado-mateiro	<i>hasa</i>	<i>haya</i>	<i>aya</i>	<i>haya</i>	<i>haya</i>

e os de alguns poucos vegetais. Na Tabela 3.38 apresentamos uma pequena lista com alguns nomes de animais não classificados nas diferentes LY.

Por outro lado, os substantivos holônimos classificados são morfologicamente complexos, são nomes compostos de uma raiz livre e pelo menos um classificador nominal. O classificador nominal indica a categoria em que o substantivo está classificado na língua, podendo estas ser baseadas em propriedades físicas dos referentes, tais como matéria, forma, consistência e cor. A Tabela 3.39 apresenta alguns exemplos desse tipo de substantivo com classificador nominal (em negrito) nas LY.

Em todas as LY, o campo léxico das plantas é significativamente rico

em substantivos classificados. Quase todos os nomes de vegetais estão classificados sob uma das muitas categorias existentes para esse campo, como “árvores” =*hi/=ti*, “palmeiras” =*si/=sô/=xi*, “arbustos” =*hanak(i)*, “lianas (cipós)” =*tho-tho/=toto*, “cogumelo” =*amo* e “tabaco” =*nêhe/=nâhe/=ni*, entre outras encontradas em toda a família.

Ferreira (2009) elenca mais de 70 classificadores para o Yanomama falado no Papiú, uma variedade do dialeto Yanomam das Serras Sul. O número de classificadores e categorias do sistema de classificação varia entre as LY assim como a classificação de determinado substantivo no sistema das diversas línguas, como os espaços em branco nas tabelas acima sugerem.

Tabela 3.39 • Substantivos com classificadores nominais nas LY

Classificador	Significado	Exemplo	Sanõma	Ninam	Yaroamë	Yanomami	Yanomam
=(t)u/=uku/=up(ə)	líquido	água	<i>maa tu</i>	<i>ma up</i>	<i>maa u</i>	<i>mau u</i>	<i>mau u</i>
		mingau de banana	<i>tate tu</i>	<i>katha uku</i>	<i>koata uku</i>	<i>kurata ukí</i>	<i>koraha u</i>
=ki/=kiki/=ki	serpentina	cobra	<i>olu kōkō</i>	<i>ori kī</i>	<i>ori kī</i>	<i>oru kē kī</i>	<i>olu kuku</i>
		minhoca	<i>oolema kōkō</i>	<i>Ikoroma Xikí</i>	<i>Horema ki</i>	<i>oorema kē kī</i>	
=ma	pedra, matéria dura	pedra	<i>maa ma</i>	<i>maa ma</i>	<i>maa ma</i>	<i>maa kē ma</i>	<i>maa ma</i>
		açaí		<i>mai ma</i>			<i>mai ma</i>
=mo	redondo e pequeno	açaí	<i>mai mo</i>			<i>mai ke mo</i>	<i>mai mo</i>
		taioba	<i>oina mo</i>	<i>ula mo</i>	<i>arua mo</i>	<i>ohina ke mo</i>	<i>aria mo</i>
		milho	<i>Sini mo</i>	<i>lulu mo</i>	<i>yurū mo</i>	<i>yono ke mo</i>	<i>yāno mo</i>
=koko	redondo, escuro e grande	macaxeira	<i>walāmo ko</i>	<i>hakla koki</i>	<i>naxi ko</i>	<i>naxi ke ko</i>	<i>naxo koko</i>
		cupim	<i>ānepo</i>	<i>ālem koxi</i>	<i>arepo ko</i>	<i>ārepo keko</i>	<i>ālepa koko</i>
		breu	<i>mai kosi</i>	<i>mani</i>	<i>mai koki</i>	<i>mai kē ko</i>	<i>mai koko</i>
		castanha (ourico)	<i>hawali koko</i>		<i>owarī koki</i>	<i>hawari kē ko</i>	<i>hawari koko</i>

Tabela 3.40 • Vegetais com classificadores nominais nas LY

Classificador	Significado	Exemplo	Sanõma	Ninam	Yaroamë	Yanomami	Yanomam
=hi/=ti	árvore	cacaueiro	<i>masa unai ti</i>	<i>lolo nahi</i>	<i>poro nahi</i>	<i>pohoroa hi</i>	<i>poroa unahi</i>
		cajueiro	<i>olusi ti</i>	<i>oroxi hi</i>	<i>purumē hi</i>	<i>wito hi</i>	<i>oruxi hi</i>
		árvore (gen)	<i>Hii ti</i>	<i>wi tih</i>	<i>hii tēhi</i>	<i>hii hi</i>	<i>huu tih</i>
=si/=fi/=si	palmeira, planta não lenhosa	pupunheira	<i>lasa sō</i>	<i>raxa si</i>	<i>rixa xi</i>	<i>raxa si</i>	<i>rasa si</i>
		buritizeiro	<i>kui sō</i>	<i>kui si</i>	<i>hiō koixi</i>		<i>kui si</i>
		cana para flechas	<i>silaka ōsō</i>	<i>xakawe si</i>	<i>xikawē xi</i>	<i>xereka ke si</i>	<i>xaraka si</i>
=nêhe/=nâhe/=ni	tabaco	tabaco	<i>pīi ni</i>	<i>pīi nahi</i>	<i>pī nai</i>	<i>pēe ke nahe</i>	<i>pēe nehe</i>

### 3.2.7. Construções de posse e pronomes possessivos

As LY fazem uma distinção básica entre substantivos alienáveis e inalienáveis. Do último grupo em geral fazem parte nomes que designam as partes do corpo de seres vivos (braço, cabelo, folha, barbatana...) e das coisas (tampa, porta, lateral...), enquanto do primeiro grupo fazem partes as entidades, animadas e inanimadas, tidas como independentes.

Interessantemente, esses dois tipos de substantivos têm propriedades morfossintáticas características, e isso é observado uniformemente entre as LY. A principal diferença diz respeito à estrutura da construção de posse e esses substantivos estão na posição de possuídos. A construção com um substantivo inalienável como possuído é feita prototipicamente em todas as línguas pela simples justaposição do substantivo ou do pronome pessoal referente ao possuidor com o substantivo possuído, como mostram os exemplos em (11).

Nas línguas da família, há pronomes possessivos para possuidores de 1ª e 2ª pessoas singular, *ipa* e *aha/aho/ēhē*, respectivamente. Não há um legítimo pronome possessivo de 3ª pessoa singular, mas todas as línguas possuem a construção com o clítico =*e/e*= glossado. Os pronomes possessivos e o morfema =*e/e*= são usados exclusivamente com substantivos concebidos pelos Yanomami como alienáveis. Em todas as LY “arco”, “casa” e “canoa” são alienáveis, como se observa pelos exemplos em (12).

Apenas os Yanomami apresentam pronomes possessivos específicos para possuidores de 1ª e 2ª pessoas no plural (o equivalente a “nosso” e “vosso”), ainda que *ipa* e *aha/aho/ēhē* possam ser usados de maneira estendida às pessoas do plural, em todas as variedades. O Yanomami, no entanto, tem pronomes especializados para algumas pessoas do plural, como mostra (13). Note-se na 1ª pessoa que apenas o dual e o plural inclusivos dispõem de um pronome possessivo dedicado.

Nas outras LY, para expressar tais relações de posse independentemente de legítimos pronomes, foram desenvolvidas estratégias variadas e diversas. Todas as línguas, no entanto, inclusive Yanomami, possuem a construção que deriva o objeto possuído em um verbo intransitivo cujo sujeito é o possuidor. Em to-

das as variedades essa derivação é realizada por um cognato da forma =*pə*, em negrito nos exemplos em (14). As versões em LY podem literalmente ser trazidas como “Eles ‘encasados’”, onde “encasar” seria um tipo particular de verbo com o significado de “possuir (uma) casa” (ver Ferreira 2017).

Existem ainda muitas outras estruturas morfossintáticas, nas diversas línguas Yanomami, que expressam relações de posse e que não puderam ser mencionadas nesse breve panorama, como os sufixos possessivos muito frequentes em Yanomami ou as construções de relativa presentes em todas as línguas (ver Ramirez 1994, e Ferreira 2009, para uma discussão mais ampla sobre o assunto).

(11)

[port]	meu pé	tua cabeça	dentes dele
[san]	<i>kamisa ami</i>	<i>kawa he</i>	<i>hia nakō</i>
[nin_s]	<i>kaye mahu</i>	<i>kaho wa he</i>	<i>kama naku</i>
[nin_n]	<i>kamatxa mahʔ</i>	<i>kāhō wa he</i>	<i>kama naki</i>
[yrm]	<i>ipa ya mahuku</i>	<i>aha wa he</i>	<i>mēkē naki</i>
[ymi_o_r]	<i>kamiyē ya mamiki</i>	<i>kahē wa he</i>	<i>kama naki</i>
[ymm_ss]	<i>kami ya mahu</i>	<i>kaho wa he</i>	<i>kama naki</i>

(12)

[port]	meu arco	tua casa	canoa dele
[san]	<i>ipa nai</i>	<i>ao sai a</i>	<i>hia hai ī ōsō</i>
[nin_s]	<i>ipa xak nahí</i>	<i>aho yāno</i>	<i>kama e kanawē</i>
[nin_n]	<i>ipa nāhī</i>	<i>aho yānō</i>	<i>kama e kānāw</i>
[yrm]	<i>ipa nara xii</i>	<i>aha kotahi a</i>	<i>mikē kanau e ahika</i>
[ymi_o_m]	<i>ipa nāhī hātō</i>	<i>ēhē kē a yahi</i>	<i>kama esi ara</i>
[ymm_bx]	<i>ipa raha sihi</i>	<i>aho yano</i>	<i>kama kanāa e ahi</i>
[ymm_ss]	<i>ipa raa sihi</i>	<i>aho yāno a</i>	<i>kama kāna e</i>

(13)

[port]	[ymi]
minha casa (SG)	<i>ipa kē a yahi</i>
nossa casa (DL incl.)	<i>pehei kē a yahi</i>
nossa casa (DL excl.)	<i>ipa kē a yahi</i>
nossa casa (PL excl.)	<i>pemai kē a yahi</i>
nossa casa (PL incl.)	<i>ipa kē a yahi</i>
a casa de você (SG)	<i>ēhē kē a yahi</i>
a casa de vocês (DL)	<i>wahei kē a yahi</i>
a casa de vocês (PL)	<i>wamai kē a yahi</i>

(14)

[port]	casa deles
[san]	<i>hitōpō saipō</i>
[nin_s]	<i>kama pēku yanope</i>
[nin_n]	<i>kama pik yānōp</i>
[yrm]	<i>mēkē tēpē kotahipē</i>
[ymi_o_r]	<i>kama pē yahipī</i>
[ymi_o_m]	<i>kama pē yahipī</i>
[ymm_bx]	<i>kama pē yano pē</i>
[ymm_ss]	<i>kama thēpē yānopē</i>

### 3.2.8. A morfossintaxe verbal

Sem dúvida, a morfologia e a morfossintaxe verbais são os mais complexos domínios gramaticais das LY. Os verbos, nessas línguas, apresentem até 31 *slots* morfológicos potenciais (Ferreira 2017), que podem hospedar mais de uma centena de morfemas, que podem expressar noções de tempo, aspecto, modo, locação estática, direção, movimento associado, causação, reflexividade, reciprocidade, estrutura argumental, entre outras. Obviamente não será tarefa deste breve estudo comparativo percorrer toda essa riqueza morfológica em cinco línguas diferentes, mesmo porque não temos uma descrição completa, ou mesmo suficiente, da morfologia de todas as línguas da família. Apresentaremos assim apenas alguns poucos e incompletos paradigmas da morfologia para ilustrar algumas semelhanças e diferenças na família Yanomami.

Começamos pelos pontos de convergência, por aqueles paradigmas verbais que são equivalentes em toda a família, tanto na forma cognata de seus membros como na similaridade das categorias gramaticais que expressam. Um desses paradigmas é o dos morfemas de aspecto, em

particular o de aspecto perfectivo. Todas as LY possuem pelo menos dois morfemas nesse paradigma =*ki* e =*li*/*ri*, cada um deles usado prototipicamente com uma subclasse de verbos diferente. De maneira geral, o morfema =*ki*, em seu uso mais básico, está associado aos verbos posicionais, como nos exemplos em (15).

Por outro lado, o morfema =*li*/*ri*/*ni* se liga canonicamente aos verbos dinâmicos, como mostra (16). Em todas as LY, entretanto, o uso não prototípico de uma marca de perfectivo é possível (i.e., usar =*ri*/*li* como verbos posicionais, por exemplo), mas isso implica alguma modulação no sentido léxico do verbo.

À exceção de Yaroamê, todas as demais LY apresentam ainda um alomorfo de =*li*/*ri*/*ni* em distribuição complementar, a forma =*laso*, =(la)tfó/=(ra)tfó ou =*lajo*/*rajo*. Este é um morfema de perfectivo especializado em enunciados intransitivos dinâmicos, como ilustram os exemplos em (17). Note-se que Yaroamê utiliza =*ri*, forma idêntica à usada em enunciados transitivos, como os de (16).

Os exemplos em (17) são úteis também para indicar alguns traços da marcação de tempo nas LY. Em Sanöma e Ninam

as marcas de tempo são as formas cognatas =*ke* e =*he*, respectivamente. Essas marcas indicam nas duas línguas “passado recente” ou “passado hodierno”, isto é, um passado que ocorreu há pouco, ou ainda, ocorrido no mesmo dia da enunciação. Esse tipo de passado contrasta com o passado distante ou “passado não hodierno”, isto é, um passado que ocorreu pelo menos no dia anterior da enunciação. Todas as LY apresentam essa distinção, tanto nos enunciados independentes como nos subordinados. No entanto, todas as línguas ainda permitem que a hodiernalidade não seja marca, isto é, nas línguas da família ainda existe uma marca de passado que não especifica se o evento ocorreu há pouco ou muito tempo. Os pesquisadores de Yanomam e Yanomami escolheram essa marca (=ma)

para construir a sentença em suas línguas. A escolha de um ou de outro tipo de morfema se dá por razões estilísticas, mas sobretudo por uma razão pragmático-discursiva relacionada à expressão das categorias de evidencialidade. A indicação de hodiernalidade é obrigatória quando o enunciado está marcado para evidencialidade (como seja testemunhado ou não), ao passo que o morfema =*ma* (e suas variações nas LY) é usado em contextos não marcados. Yaroamê também faz a distinção entre passado hodierno e não hodierno nos enunciados marcados como (não) testemunhados, mas é a única língua da família em que, por *default*, a regra é não marcar morfologicamente o tempo no verbo em enunciados neutros com respeito à evidencialidade.

Outro paradigma que apresenta muita similaridade entre as línguas da família é o de morfemas direcionais e locativos. Esses morfemas se ligam às raízes verbais indicando a locação ou direção do evento narrado em relação ao próprio falante. Todas as línguas distinguem ao menos quatro lugares relativos morfologicamente marcados: rio abaixo, rio acima (um pouco distante, na outra margem do rio), um pouco distante (na mesma margem do rio) e perto.

Igualmente, todas as variedades da família dispõem de ao menos dois morfemas direcionais básicos, o andativo (se afastando do falante) e o venitivo (em direção ao falante). Os exemplos em (18) apresentam as marcas de venitivo nas LY.

### 3.2.9. Índices pessoais no verbo

Observa-se grande diversidade nos sistemas de marcação de pessoa no verbo entre as LY. Essa diversidade não se restringe a diferenças apenas entre línguas, mas inclui também diferenças entre dialetos de uma mesma língua. Quer dizer, as línguas e os dialetos das línguas conjugam os verbos de maneira diferente, com respeito à indicação de pessoa. As línguas Yanomam, Yanomami e Ninam, por exemplo, apresentam pelo menos dois sistemas de marcação distintos, cada um característico de um dialeto ou com uma função discursiva específica. É possível que existam ainda outros sistemas não documentados. Não será possível descrever todos os sistemas com detalhes. Neste panorama, vamos indicar apenas alguns traços que caracterizam esses diferentes sistemas, sem entrar em muitas minúcias ou aprofundar a discussão dialetal. Começamos pelos aspectos que são mais comuns a todas as línguas e dialetos.

A maioria das variedades de LY apresentam índices de pessoa no verbo intransitivo, em referência com o argumento sujeito da oração. Em outras palavras, em todas as LY o verbo intransitivo “concorda”<sup>74</sup> com o sujeito da frase. Abaixo, em (19), apresentamos alguns exemplos dessa marcação (em negrito está o índice de pessoa). Existem boas razões para

se afirmar que as marcas em negrito estão dentro do predicado verbal e não estão morfologicamente ligadas ao substantivo que a antecede (ver Ramirez 1994a; Ferreira 2017).

Menciona-se que a construção do Ninam do Sul é a construção marcada como testemunhada pelo falante, e contrasta com a construção apresentada pelo Ninam do Norte, que é neutra nesse sentido. Ambas as construções coexistem nos dois dialetos. As orações em Sanöma e em Yaroamê também estão na sua versão marcada como testemunhada, ao passo que as frases em Yanomami e Yanomam estão na sua versão neutra.

Apenas Ninam não dispõe de uma marca de 3ª pessoa singular para os substantivos não classificados. Os nomes próprios (como Yuririno) não recebem classificadores nas LY. Todas as demais utilizam o singularativo *a=*. Abaixo, em (20), vemos exemplos nas línguas da família de uma construção intransitiva. O índice de 3ª pessoa está em negrito.

Em todas as LY, há marcas no verbo intransitivo indicando um sujeito de 1ª ou 2ª pessoa, não im-

74. Ferreira (2009) argumenta que não se trata estritamente de concordância, mas de correferencialidade.

(15)

[port]	Yuririno sentou.
[san]	<i>Yuririno alokōma.</i>
[nin_s]	<i>Yuririno apè lokihe.</i>
[nin_n]	<i>Yuririno rokema.</i>
[yrm]	<i>Yuririno a rēkēiki.</i>
[ymi_o_r]	<i>Yuririno a rokema.</i>
[ymi_o_m]	<i>Yuririno a rokema.</i>
[ymm_bx]	<i>Yuririno a rokema.</i>
[ymm_ss]	<i>Yuririno a rokema.</i>

(16)

[port]	Ele rasgou a rede.
[san]	<i>Hia nō sitoto kakapamani ke.</i>
[nin_s]	<i>Kamani nakamthoki apè ēkēkēlāli he.</i>
[nin_n]	<i>ihī ññ ē rākām thoki ekekeramarema.</i>
[yrm]	<i>Mikēñ kamo toki kakapari kē.</i>
[ymi_o_r]	<i>Kamani yīi a kakaparema.</i>
[ymi_o_m]	<i>Heini makira a kakaparema.</i>
[ymm_bx]	<i>Kihinē, rakama e thoku ēkēkēparema.</i>
[ymm_ss]	<i>Kihi anī rākāma thuku ēēkēpramarēma.</i>

(17)

[port]	A cuia caiu.
[san]	<i>Mokota a <b>kelaso</b> ke.</i>
[nin_n]	<i>Hesi pih <b>ketxo</b> he.</i>
[yrm]	<i>Here axi <b>keri</b>.</i>
[ymi_o_m]	<i>Mārāka a <b>kerayomā</b>.</i>
[ymm_bx]	<i>Mau husi <b>kerayoma</b>.</i>

(18)

[port]	Quem vem vindo?
[san]	<i>Witi pili a huu <b>kimi</b>?</i>
[nin_s]	<i>Hati <b>huimāi</b> the?</i>
[nin_n]	<i>Haati <b>hūimāi</b>?</i>
[yrm]	<i>Uru pēi a <b>uumai</b>?</i>
[ymi_o_r]	<i>Weti a <b>huimāi</b>?</i>
[ymi_o_m]	<i>Weti a <b>hui kuimī</b>?</i>
[ymm_bx]	<i>Witi a <b>huimāi</b> tha?</i>
[ymm_ss]	<i>Uti a <b>huimāi</b> tha?</i>

(19)

[port]	As mulheres estão cantando.
[san]	<i>Suō <b>tōpō</b> amamopia kule.</i>
[nin_s]	<i>Thuwe <b>pēku</b> apè heile.</i>
[nin_n]	<i>Thiwē <b>pik</b> amōwāmōi.</i>
[yrm]	<i>Tuē <b>tēpē</b> erira.</i>
[ymi_o_r]	<i>Suwē <b>pē</b> amoamou.</i>
[ymi_o_m]	<i>Suwē <b>pē</b> amōwāmōi.</i>
[ymm_bx]	<i>Thuwē <b>pē</b> amōamu.</i>
[ymm_ss]	<i>Thuwē <b>thēpē</b> heri.</i>

(20)

[port]	Yuririno saiu.
[san]	Yuririno <b>a</b> konasolöke.
[nin_s]	Yuririno apè ayoh lihe.
[nin_n]	Yuririno atxohrîma.
[yrm]	Yuririno <b>a</b> uhuri.
[ymi_o_r]	Yuririno <b>a</b> hurayoma.
[ymi_o_m]	Yuririno <b>a</b> harayohêrîma.
[ymm_bx]	Yuririno <b>a</b> ayoma.
[ymm_ss]	Yuririno <b>a</b> arayoma.

(21)

[port]	Nós vamos dançar agora.
[san]	Huki kami <b>samakö</b> paõa pia kule.
[nin_s]	Hoi thehe <b>yamaku</b> heli ithe.
[yrm]	Kêi tēē <b>yamaki</b> eriperi.
[ymi_o_r]	Kuikē <b>pēmaki</b> praiiai.
[ymi_o_m]	Kuikē kamiyē <b>yamakî</b> praiiai.
[ymm_ss]	Hei tēhē <b>yamaki</b> praiiai kuki.

(22)

[port]	Ele amarrou o jacaré.
[san]	Hia nõ iwathamö <b>a</b> ôkapalike.
[nin_s]	Ûhuni weli apè okakihe.
[nin_n]	hĩ ĩĩ weri ôkākem.
[yrm]	Wiri <b>a</b> okapari.
[ymi_o_r]	Iwa <b>a</b> ôkaprarefa.
[ymi_o_m]	Heinfiwa <b>a</b> ôkapraröhe.
[ymm_bx]	Iyowa <b>a</b> ôkākema.
[ymm_ss]	Kihi anî iwa <b>a</b> ôkâprarefa.

**Tabela 3.41**  
Índices pessoais  
no verbo intransitivo

Caso	Sanõma	Ninam	Ûaroamê	Yanomami	Yanomam
1SG	sa=	tʃa=	tʃa=	ja=	ja=
1DL.EXC	samakö=	tʃehək=	tʃahaki=	jahaki=	jahaki=
1DL.INC				pəhəki	
1PL.EXC		tʃamak=	tʃamaki=	jamaki=	jamaki=
1PL.INC				pēmaki	
2SG	wa=	wa=	wa=	wa=	wa=
2DL	Maki=	wehek=	wahaki=	wahaki=	wahaki=
2PL		wamak=	wamaki=	wamaki=	wamaki=
3SG	a=	∅=	a=	a=	a=
3DL	pî=	kip=	ki=	kupə=	kipî=
3PL		pîk=	pə=	pə	pə

porta seu número. Esses índices de pessoa têm origem nos pronomes pessoais que, como mencionamos anteriormente, são formas polimorfêmicas, compostas de uma raiz livre e um ou dois enclíticos com informação de pessoa e número. Quando esses pronomes ocupam uma posição absoluta na oração (sujeito de intransitiva), esses enclíticos se procliticizam em todas as LY, ligando-se morfológicamente ao verbo, onde funcionam como índice de pessoa. Em (21) apresentamos exemplos que mostram as marcas de sujeito para 1ª pessoa plural. Note-se que o pesquisador de variedade de Yanomami usou a 1ª pessoa inclusiva (*pe-maki=*), enquanto outro empregou a forma exclusiva (*yamaki=*).

A Tabela 3.41 a seguir apresenta os morfemas pessoais usados para marcar o sujeito nos verbos intransitivos.

Já nos enunciados transitivos, o objeto/paciente de 3ª pessoa é quase sempre marcado nos verbos transitivos com os mesmos morfemas que indicam sujeito nos verbos intransitivos, quando esse morfema existir. Isso é evidência do alinhamento absoluto que os diferentes sistemas exibem nesse contexto. Por outro lado, nenhuma LY dispõe de uma marca no verbo indicando sujeito/ agente de 3ª pessoa singular. Informalmente, pode-se dizer que, quando um verbo transitivo tem um agente/sujeito de 3ª pessoa singular e um objeto/paciente também de 3ª pessoa, esse verbo “concorda” com o objeto e não com o sujeito/agente (como faz o português), isto é, só existem marcas de objeto no verbo. As variedades de Ninam são as únicas que não dispõem de uma marca propriamente verbal para 3ª pessoa singular na posição de objeto/paciente (assim como não dispõem de uma marca no verbo intransitivo). Em (22) temos exemplos desse tipo de predicado.

As línguas Sanõma, Yanomam, Yanomami e Ûaroamê, além de indicarem o paciente de 3ª pessoa, também apresentam índices verbais de 3ª pessoa plural na função de sujeito/agente de transitiva, marcando assim os dois argumentos no verbo. As formas de agente são cognatas: *=he* ou *=e*, em negrito nos exemplos em (23). Menciona-se que a marca está claramente em desuso entre muitos falantes jovens de Sanõma. As variedades de Ninam não parecem tê-la conservado. A forma *he* que aparece em Ninam do Sul indica passado

(e não 3ª pessoa agente) e é cognata com a forma *=he* em Yanomami e *=ke* do Sanõma, nos exemplos (23) abaixo.

Apenas Yanomam, Yanomami e Ûaroamê exibem ainda uma marca verbal exclusiva para indicar agente de 3ª pessoa dual/paucal, em negrito nos exemplos em (24) abaixo. Como não faz distinção entre plural e dual, Sanõma utiliza a forma *=(h)e* nesse caso. Em Ûaroamê, a forma de dual *=pu* está bastante desprestigiada e sendo substituída pela 3ª pessoa de plural *=e* em muitos contextos. Note-se que a marca de dual ocupa uma posição diferente da marca de plural, ambas em uma posição ainda distinta de todas as demais marcas de pessoa no verbo, que em geral ocorrem em uma posição inicial no predicado (verbo).

O agente é sempre marcado quando este for a 1ª ou a 2ª pessoa e o objeto uma 3ª pessoa. Em todas as LY as formas de 1ª e 2ª pessoas singular são idênticas às formas usadas para o sujeito de intransitivo. Essas pessoas gramaticais apresentam, portanto, alinhamento morfológico neutro de seus índices verbais. Nos exemplos em (25) as marcas de agente de 1ª pessoa singular estão em negrito e as marcas de objeto de 3ª pessoa plural, sublinhadas.

As marcas verbais para 1ª e 2ª pessoas não singular (dual e plural) agente são formas também similares às de sujeito de intransitivo, mas são encurtadas nesse caso, provocando um alinhamento ergativo-absolutivo para a morfologia verbal dessas pessoas. Em (26) temos a forma encurtada de 1ª pessoa plural *sama=/yama=* cuja forma longa (a usada nos verbos intransitivos) é *samakö=/yamaki=/yamak=/yamaki=*.

Os sistemas de indexação verbal das LY variam bastante quando o sujeito/agente é uma 1ª pessoa e o objeto/paciente é de 2ª pessoa, ou vice-versa. Esta é a chamada construção local, em que ambos os argumentos centrais do verbo transitivo (sujeito e objeto) são os participantes do ato de fala, quer dizer, quando são o “eu” e o “você/tu” de uma conversa. “Você me chamou” ou “Eu te vi na floresta” são exemplos de construções locais. Começamos pelo caso em que a 1ª pessoa é o agente e a 2ª pessoa o paciente, como no exemplo em (27). Em negrito estão as marcas de objeto (2ª pessoa) enquanto as marcas de agente estão sublinhadas.

(23)

[port]	Eles amarraram o jacaré.
[san]	Hi tōpō nõ iwathamö <b>a</b> ôkapalike( <b>h</b> )e.
[nin_s]	Ûhu pékukni weli apè okakihe.
[nin_n]	hĩ ĩĩ pikn weri ôkākem.
[yrm]	Wiri <b>a</b> okapari <b>he</b> .
[ymi_o_r]	Iwa <b>a</b> ôkaprarefa <b>he</b> .
[ymi_o_m]	Hei pēñiwa <b>a</b> ôkapraröhe <b>he</b> .
[ymm_bx]	Iyowa <b>a</b> ôkākema <b>he</b> .
[ymm_ss]	Kihi thēpēni iwa <b>a</b> ôkâprarefa <b>he</b> .

(24)

[port]	Eles (dois) amarraram o jacaré.
[san]	Hi tōpō nõ iwathamö <b>a</b> ôkapalike( <b>h</b> )e.
[nin_s]	Ûhu pékukni weli apè okakihe.
[nin_n]	hĩ ĩĩ pikn weri ôkākem.
[yrm]	Wiri <b>a</b> okapari.
[ymi_o_r]	Iwa <b>a</b> ôkaprapurema.
[ymi_o_m]	Hei pēñiwa <b>a</b> ôkaprapurohe.
[ymm_bx]	Iyowa <b>a</b> ôkâpîkema.
[ymm_ss]	Kihi kipēni iwa <b>a</b> ôkâprapîrema.

(25)

[port]	Eu vi uns jacarés no rio.
[san]	Maatu naha iwathamö <b>sa</b> tãpã taali ke.
[nin_s]	Pata ú hē weli <b>ya</b> pē pēh tali he.
[yrm]	Para ua wiri <b>ya</b> tēpē raari.
[ymi_o_r]	Mau u ha iwa <b>ya</b> pē taarema.
[ymm_bx]	Pata uha iyowa <b>ya</b> pē taarema.

(26)

[port]	Nós vimos uns jacarés no rio.
[san]	Maatu naha iwathamö <b>sama</b> tãpã taali ke.
[nin_s]	Pata ú hē weli <b>yama</b> pē pēh tali he.
[yrm]	Para ua wiri <b>yama</b> tēpē raari.
[ymi_o_r]	Mau u ha iwa <b>yama</b> pē taarema.
[ymm_bx]	Pata uha iyowa <b>yama</b> pē taarema.

Note que a marca *pē=* em Yanomami está tanto sublinhada como em negrito. Isso porque nessa língua a marca *pē=* nesse contexto é um *portmanteau*, ou seja, uma marca que fundiu duas categorias de pessoa (1ª e 2ª pessoas) de maneira que sua segmentação não é possível. Essa marca é usada apenas na configuração 1ª pessoa → 2ª pessoa, não funcionando no sentido inverso, como veremos mais à frente. Observam-se *portmanteaus* em todas as

(27)

[port]	Eu empurrei você.
[san]	<i>Kamisanō wa helulupakike.</i>
[nin_s]	<i>Kayeni wa apè hiililihe.</i>
[nin_n]	<i>Kamatxën weh pih hiirireh.</i>
[yrm]	<i>Ipa yanē aha ya a ururape.</i>
[ymi_o_r]	<b>Pĕ</b> hiruruparema.
[ymi_o_m]	<i>Kami yēni kahē pĕ hirururei kuhe.</i>
[ymm_bx]	<i>Kami yanē wa hāirema.</i>
[ymm_ss]	<i>Kami yanī wa hāirema.</i>

(28)

[port]	Vocês me chamaram.
[san]	<i>Kamakōnō sa nakalike.</i>
[nin_s]	<i>Kāho wamakuni ya apè nakalihe.</i>
[nin_n]	<i>Kāhō wāmkīn txeem pih nakalihe.</i>
[yrm]	<i>Aha wamakīnē ya mē ururape.</i>
[ymi_o_r]	<b>Ware</b> a nakarema.
[ymi_o_m]	<i>Kama wamakīnī kamīyē warē wama a nakari kuhe.</i>
[ymm_bx]	<i>Kaho wamakīnē ware nakarema.</i>
[ymm_ss]	<i>Kaho wama kinī kami ya hāirema.</i>

configurações similares (1ª pessoa → 2ª pessoa), mas a marca não é sensível à variação de número da 1ª pessoa, apenas da 2ª pessoa (o objeto). Pelos exemplos em (27), notamos ainda que, além do Yanomamĩ, apenas o Ŷaroamē também marca o agente no verbo, no caso Ŷaroamē, com a típica forma de primeira pessoa *ya=* (*tfa=*). Nessa língua, o objeto de 2ª pessoa também é marcado na construção local, mas nesse contexto a 2ª pessoa é rebaixada a 3ª pessoa, adquirindo suas marcas. Note-se que a marca de objeto em Ŷaroamē é *a=*, similar à marca de singulativo. Se o objeto fosse uma 2ª pessoa plural, a marca usada seria *pĕ=*, e se fosse de 2ª dual, a marca seria *ki=*; essas três marcas (*a=*, *ki=* e *pĕ=*) são exatamente as prototípicas marcas de 3ª pessoa em Ŷaroamē. Os exemplos em (27) ainda indicam que todas as demais LY marcam apenas o objeto, a maioria delas com a forma canônica de 2ª pessoa singular *wa=*. Apenas no Ninam do Norte essa forma é diferente daquela usada para marcar o sujeito de um verbo intransitivo, isto é, nessa variedade de Ninam há um índice especializado de objeto para 2ª pessoa singular (Gomez, 1990). Essa marca se observa não somente na construção local, mas em todos os contextos em que a 2ª pessoa singular é

objeto (incluindo os casos em que o agente é uma 3ª pessoa). Não existe variação similar com as marcas de 2ª pessoa dual e plural em Ninam, quer dizer, as mesmas marcas que indicam o sujeito nos verbos intransitivos também indicam o paciente de verbos transitivos.

Diversidade similar se observa quando o paciente da construção local é a 1ª pessoa. Nesse contexto, Sanōma, Ninam do Sul e a maioria das variedades de Yanomam marcam apenas o paciente no verbo, não indicando o agente de 2ª pessoa. Essas línguas usam a forma canônica de 1ª pessoa em todos os números, isto é, a mesma marca de sujeito de intransitivo da Tabela 3.41. No entanto, em Ninam do Norte a 1ª pessoa singular objeto é tratada diferentemente do sujeito da intransitiva. E de maneira análoga ao que ocorre com a 2ª pessoa nessa língua, apenas no singular se observa um índice específico para a posição de paciente, sendo que nos demais números o alinhamento permanece absoluto. Em Yanomae, apenas o objeto de 1ª pessoa é marcado nesse contexto, mas para tanto se utiliza a morfologia de 2ª pessoa (*wa=*, no caso), mais uma marca de inverso *re=*, indicando que o morfema não deve ser lido com seu significado prototípico. Esse rebaixamento morfológico da 1ª pessoa em 2ª é observado em todos os contextos em que a 1ª pessoa é paciente, inclusive nas construções em que o agente é uma 3ª pessoa. Nas duas sentenças do Yanomamĩ do Oeste podemos constatar dois sistemas de indexação coexistindo no mesmo dialeto. Em um primeiro sistema, o agente de 2ª pessoa é marcado *wama=* enquanto no outro ele não é indexado no verbo. Nos dois sistemas, o paciente de 1ª pessoa é marcado duas vezes no verbo. Uma vez o indexa com a morfologia de 2ª pessoa *wa=*, mais a marca de inverso *re=*, de maneira muito similar ao Yanomae, e uma segunda vez o marca agora com a morfologia típica de 3ª pessoa *a=*, sem marca de inverso. Em outras palavras, na construção local, a 1ª pessoa é o paciente/objeto que tem suas marcas duplicadas no verbo com um duplo rebaixamento morfológico. Note-se que o rebaixamento morfológico está presente em diversas variedades da família, ocorrendo em contextos diversos e afetando pessoas diferentes.

### 3.2.10. Imperativo

A diversidade dos sistemas de indexação verbal das LY pode ser apreciada não somente nos enunciados declarativos, como os que apresentamos até agora, mas também em atos manipulativos de fala, como no imperativo. Em todas as línguas da família, os morfemas de perfeito *=li* e *=ki* e seus cognatos *=lei* e *=kei* são utilizados nas construções de imperativo.

Note-se que estão presentes ao final de todas as sentenças em (29).

Sanōma e Yanomamĩ compartilham ainda o rebaixamento morfológico da 2ª a 3ª pessoa, isto é, a 2ª pessoa é indexada com os morfemas de 3ª pessoa. Assim, no imperativo dessas duas línguas os índices pessoais no verbo são os mesmos observados para 3ª pessoa em orações declarativas. Nas orações imperativas em que o núcleo do predicado é um verbo intransitivo, a marca verbal de pessoa é o morfema de singular *a=* para a 2ª pessoa singular, e o morfema de plural *pĕ=*/*pō=* para 2ª pessoa plural, e *kupĕ=* para 2ª dual apenas no caso do Yanomamĩ, já que Sanōma não apresenta essa pessoa gramatical. De todas as maneiras, essas são marcas características de 3ª pessoa nessas línguas. Nas demais LY não ocorre rebaixamento de pessoa, isto é, os morfemas pessoais encontrados na construção de imperativo são os típicos de 2ª pessoa: *wa=* para singular, *waha=*/*wehek=* para dual/paucal e *wamakī=*/*wamaku=* para plural. Nos exemplos em (30), as marcas de pessoa estão em negrito.

No caso de verbos transitivos, as línguas Sanōma e Yanomamĩ também rebaixam a 2ª pessoa. Como 3ª pessoa singular agente não é abertamente marcada, a 2ª pessoa singular acaba não sendo marcada no verbo também. Já a 2ª pessoa do plural agente é indicada pelo morfema *=he* em Yanomamĩ e pelo morfema *=e*/*=he* em

Sanōma. Note-se que em diversos dialetos de Sanōma tem-se observado a elisão ou apagamento da marca de 3ª pessoa plural agente, isto é, assim como a 3ª pessoa singular agente, nessas variedades, a 3ª pessoa plural agente também não é marcada em orações declarativas, levando à consequente não marcação da 2ª pessoa plural agente em construções de imperativo. Diferentemente de Sanōma, Yanomamĩ apresenta ainda a possibilidade de marcar a 2ª pessoa dual agente em imperativos, utilizando o morfema de 3ª pessoa dual agente (de orações declarativas) *=pu*/*=pi*. Yanomamĩ ainda faz uso obrigatório do focalizador *ta=* nas construções de imperativo, morfema que nenhuma outra língua utiliza nesse contexto. Nas demais línguas da família, a construção de imperativo se vale apenas da morfologia de imperativo e da entonação.

(29)

[port]	Estica o arco!
[san]	<i>Silaka nai pōtōmani!</i>
[nin_s]	<i>Xaknahi Wa hathōlei!</i>
[nin_n]	<i>Wa nāhī hāthōrii!</i>
[yrm]	<i>Nara wa xiita pērimari.</i>
[ymi_o_r]	<i>Hāto nahi ta pētīmarī!</i>
[ymi_o_m]	<i>Hātō nāhita haorē!</i>
[ymm_bx]	<i>Raha wa sihitha pītīamari!</i>
[ymm_ss]	<i>Raa wa sihitha pītīamari!</i>

(30)

[port]	Sente-se!	Sentem-se! (2ª DL)	Sentem-se! (2ª PL)
[san]	<i>A loki!</i>		<b>Pō</b> loki!
[nin]	<b>Wa</b> rokēi!	<b>Weheku</b> rokēi!	<b>Wamaku</b> rokēi!
[yrm]	<b>Wa</b> mo rokei!	<b>Wahaki</b> mo rokei!	<b>Wamaki</b> mo rokei!
[ymi]	<i>A ta rokui!</i>	<b>Kupĕ</b> ta rokui!	<b>Pĕ</b> ta rokui!
[ymm]	<b>Wa</b> roki!	<b>Wamakī</b> roki!	<b>Wamakī</b> roki!

(31)

[port]	Coma isso! (2ª SG)	Comam isso! (2ª DL)	Comam isso! (2ª PL)
[san]	<i>A oali!</i>		<i>A oali(e)!</i>
[nin]	<i>Wamaku walei!</i>	<i>Wamaku walei!</i>	<i>Wama walei!</i>
[yrm]	<i>Wa mo rokei!</i>	<i>Waha tē warei</i>	<i>Wama tē warei!</i>
[ymi]	<i>A ta rokui!</i>	<i>A ta wapirei!</i>	<i>A ta warehei!</i>
[ymm]	<i>Wa roki!</i>	<i>Waha thē wari!</i>	<i>Wama thē wari!</i>

### 3.2.11. Proibitivo

(32)

[port]	Não se sente!	Não comam isto!
[san]	<i>A lotihi!</i>	<i>A ootihie!</i>
[nin]	<i>Wa roopi xiha!</i>	<i>Wama waapi xiha!</i>
[yrm]	<i>Wa morokei maku!</i>	<i>Wama tē warei maku!</i>
[ymĩ]	<i>A ta rokuitihē!</i>	<i>A waritihēhe!</i>
[ymm]	<i>Wa rono mai!</i>	<i>Wama thē waano mai!</i>

Observa-se diversidade similar na construção proibitiva (“Não faça isso!”) entre as LY.

Apenas em Sanöma e Yanomami essa construção apresenta similaridades formais. Nessas línguas, assim como

acontece no imperativo, a 2ª pessoa é tratada com os morfemas de 3ª pessoa: note-se o morfema de 3ª pessoa *a=* no enunciado intransitivo (“Não se sente”) e a marca de 3ª plural agente *=he* em Yanomami e *=e* em Sanöma. Além disso, o verbo é seguido do morfema proibitivo *=tihil* em Sanöma e *=tihē* em Yanomami. O Yanomami ainda conserva do imperativo o focalizador *ta=* inexistente em Sanöma. Nas demais línguas, a 2ª pessoa não é rebaixada (note-se o morfema *wa=* característico de 2ª pessoa em todas as demais línguas, em ambos os tipos de predicado) e os morfemas marcam a construção como proibitiva são diferentes em cada uma delas: *=pi fiha* em Ninam, *=maku* em Yaroamē e *=no mai* nas variedades de Yanomam.



Moreno Saraiwa Martins/ISA, 2013

Interior de casa coletiva durante um encontro de xamãs na região da Missão Catrimani

### 3.3. Comentários finais

O panorama aqui apresentado mostrou que as LY compartilham um grande número de palavras cognatas e diversos traços comuns em sua fonologia e morfosintaxe. Esses dados corroboram a interpretação de que a diferenciação interna da família Yanomami tenha tido seu início em um passado relativamente recente (cerca de 700 anos, na proposta de Migliazza), pelo menos se comparado com a de outras famílias de línguas, como os 4.500-5.000 anos da família Arawak (Noble 1965) ou mesmo os 4.000-4.500 da família Karib (Migliazza 1982).

Há de se fazer um esclarecimento importante sobre essa análise histórica e o esforço de datação dela resultante. Ao se afirmar que as línguas da família Yanomami se diferenciaram do Proto-Yanomami há cerca de 700 anos, não se afirma que os Yanomami chegaram à Serra Parima ou que existem como povo há cerca de apenas 700 anos. A dificuldade de se demonstrar qualquer relação filogenética com as línguas do entorno, ou mesmo distantes, impede uma descrição precisa, baseada na linguística, sobre as movimentações migratórias dos povos falantes de Proto-Yanomami. Essa mesma dificuldade, no entanto, nos permite pensar que, qualquer que seja a relação filogenética com outra família linguística, ela é muito distante no tempo. Migliazza propõe que esse antigo parentesco seja com a família Pano, perdido há 2.500 anos (Migliazza 1982, p. 510-513). Nesse sentido, os dados e análises aqui apresentadas não são incompatíveis com a ideia de que ancestrais dos atuais Yanomami tenham se abrigado, possivelmente há milênios, nas regiões serranas do Parima.

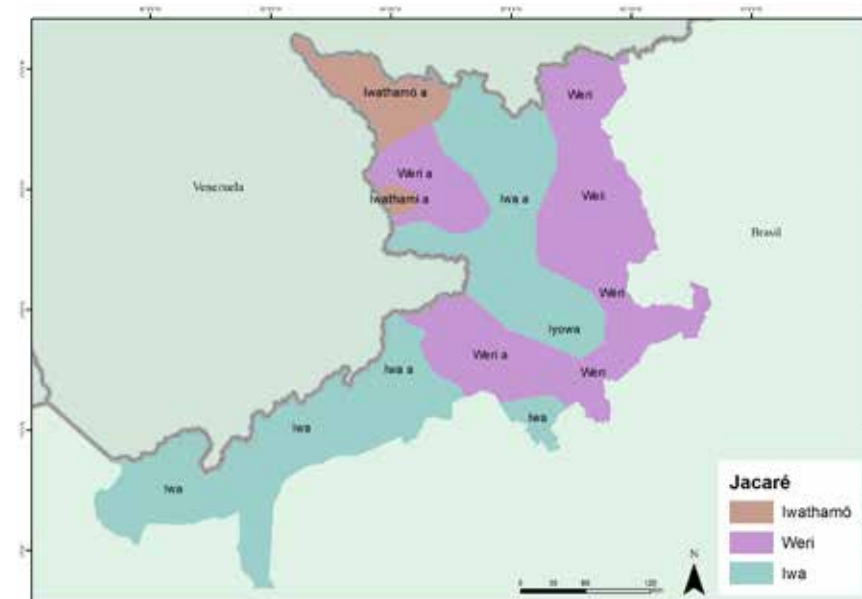
Mas uma dúvida pode ainda persistir, fruto de uma aparente contradição no exposto acima. Como então compatibilizar a baixa diferenciação interna da família, que aponta para um início em torno de 700 anos, e a afirmação de que família Yanomami é muito antiga e deve ter se diferenciado de outra família linguística há muito tempo? As línguas da família Yanomami não deveriam ser assim muito mais diversas e diferentes entre si, e na verdade não deveria haver mais línguas Yanomami?

É difícil oferecer mais do que hipóteses para essas perguntas. Uma delas seria a de que o Proto-Yanomami foi uma língua sobrevivente e falada por sobreviventes, no sentido de outras línguas irmãs do Proto-Yanomami terem possivelmente coexistido na região e deixado de existir quando seus últimos falantes simplesmente morreram ou deixaram de falar sua língua por algum motivo. Considerando a idade proposta por Migliazza para a família Yanomami (cerca de 700 anos), poderíamos ainda especular, muito tentativamente, que o eventual desaparecimento das últimas irmãs do Proto-Yanomami tenha ocorrido nas primeiras crises sanitárias e sociais provocadas pelas diversas frentes do contato, a espanhola, a portuguesa, a holandesa e a inglesa, que avançaram pelos diversos flancos da Serra Parima e arredores desde o século XVI.

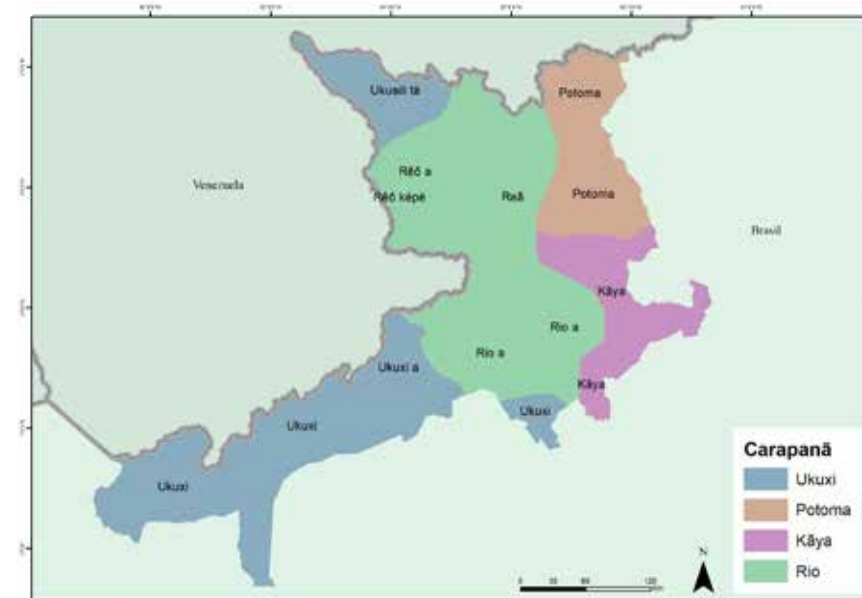
Obviamente esta e outras hipóteses para explicar o isolamento da família Yanomami carecem de dados, análises e interpretações, tanto sobre as LY como comparativamente com línguas de outras famílias linguísticas.

# Anexo I

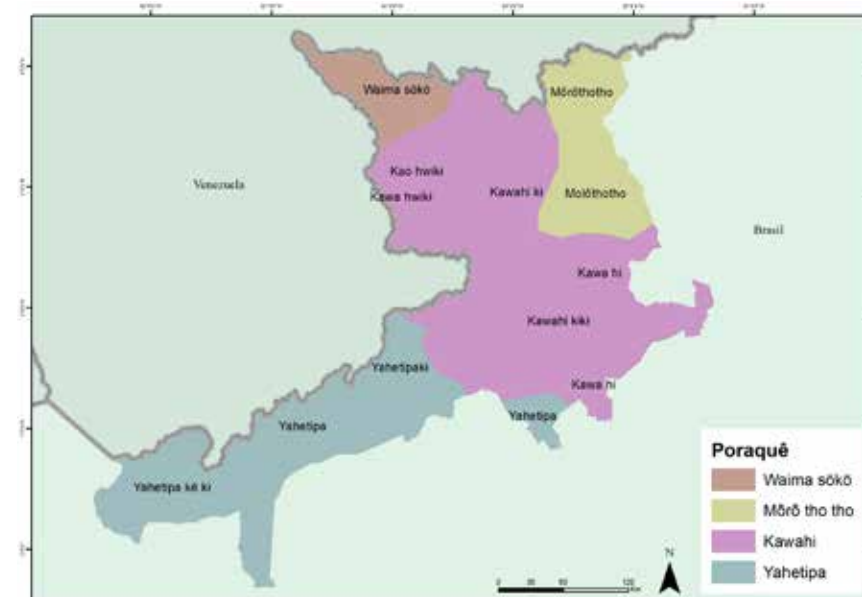
## Mapas da distribuição de algumas raízes lexicais na Terra Indígena Yanomami (TIY)



Mapa Anexo I.1  
Como se diz "jacaré" nas diferentes línguas Yanomami (LY)

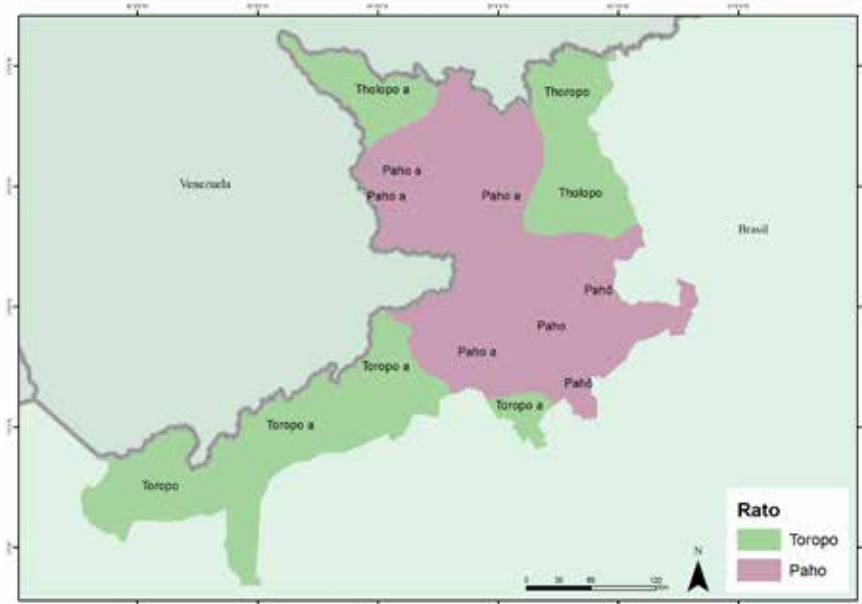


Mapa Anexo I.2  
Como se diz "carapanã" nas diferentes LY

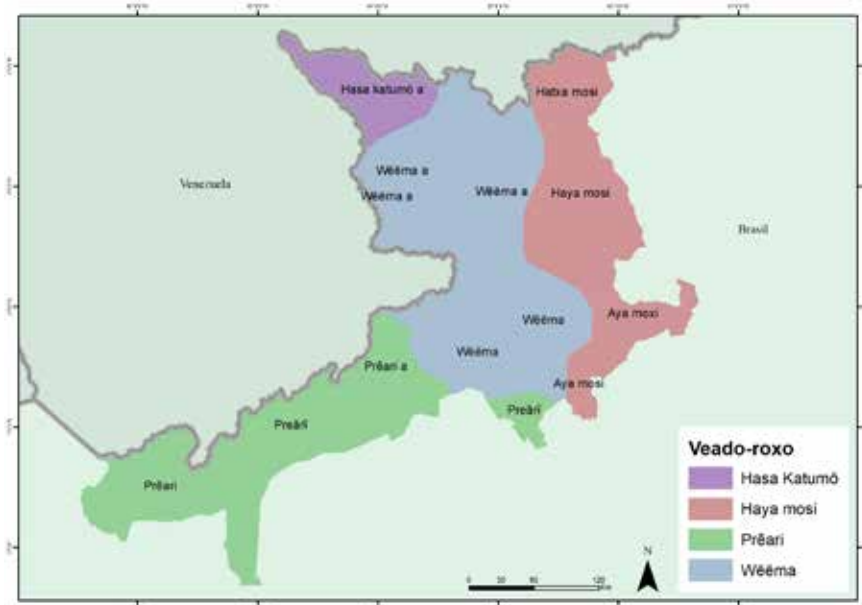


Mapa Anexo I.3  
Como se diz "poraquê" nas diferentes LY

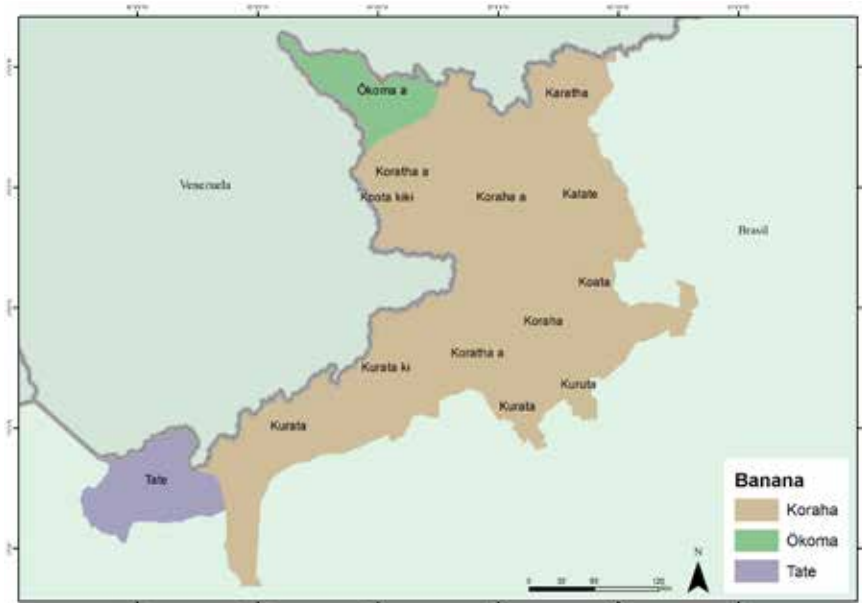
Mapa Anexo I.4  
Como se diz "rato" nas diferentes LY



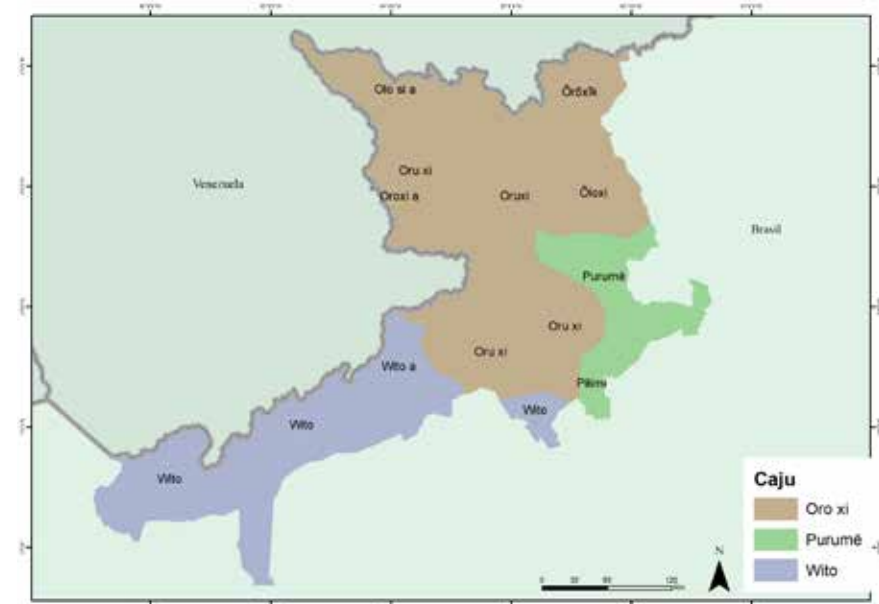
Mapa Anexo I.5  
Como se diz "veado-roxo" nas diferentes LY



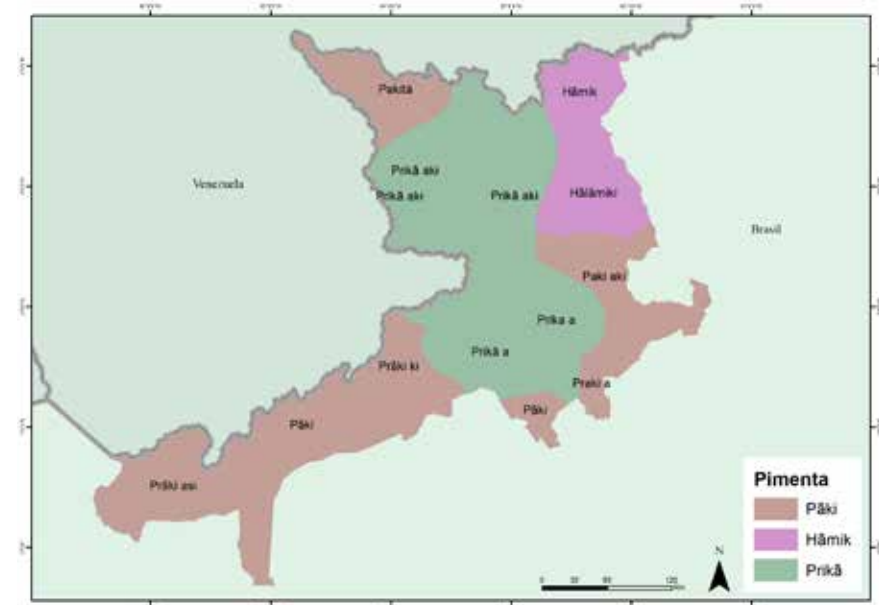
Mapa Anexo I.6  
Como se diz "banana" nas diferentes LY



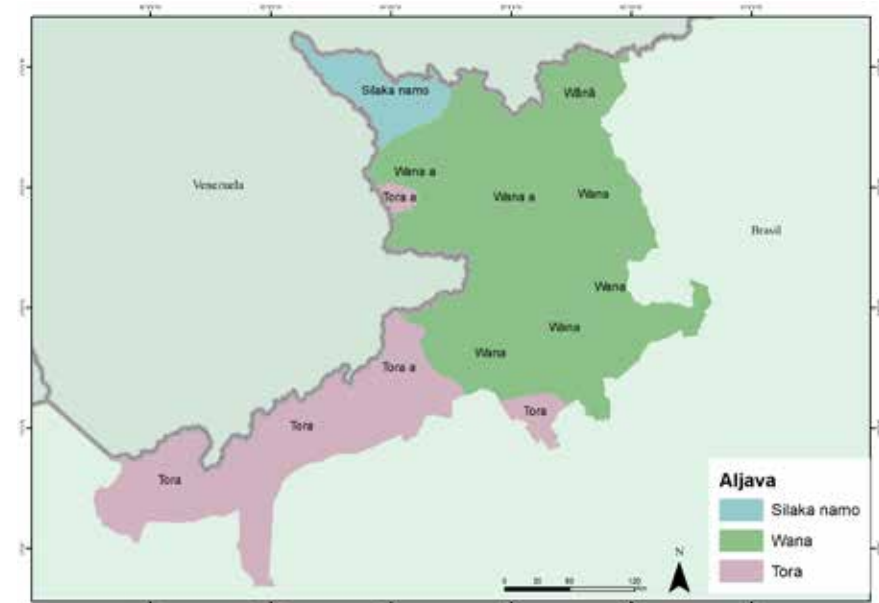
Mapa Anexo I.7  
Como se diz "caju" nas diferentes LY



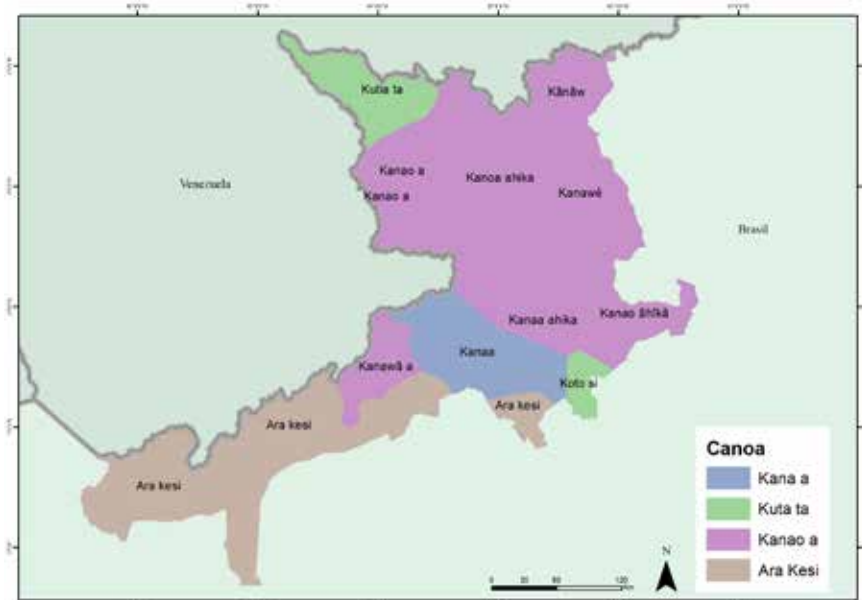
Mapa Anexo I.8  
Como se diz "pimenta" nas diferentes LY



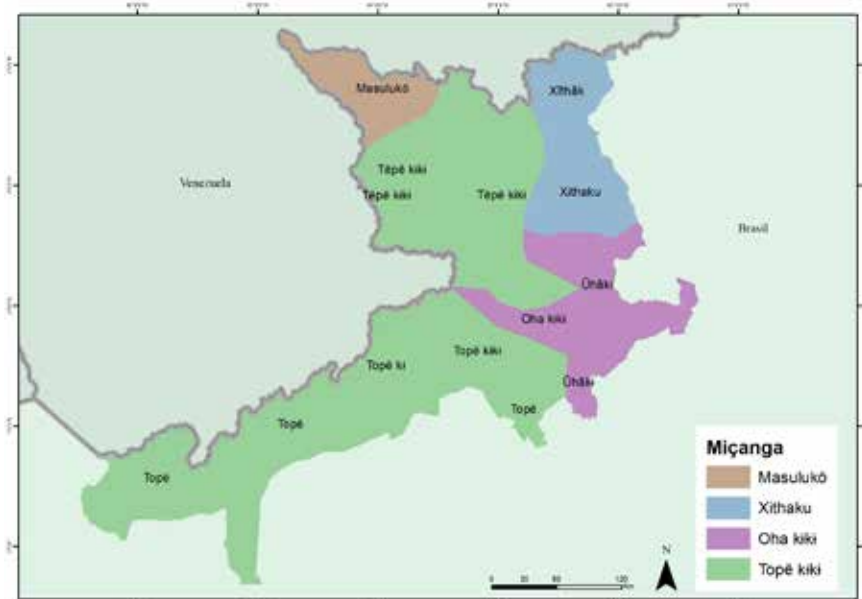
Mapa Anexo I.9  
Como se diz "aljava" nas diferentes LY



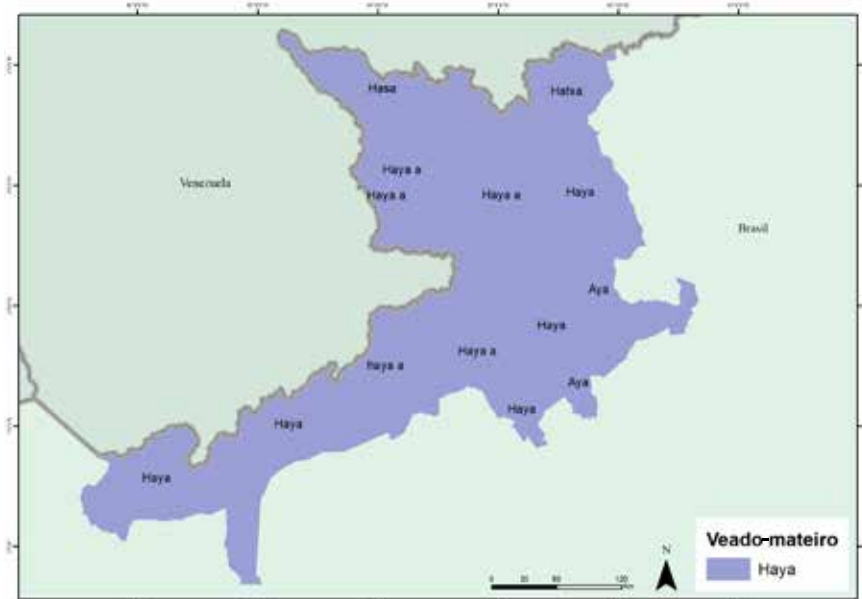
Mapa Anexo I.10  
Como se diz  
"canoa" nas  
diferentes LY



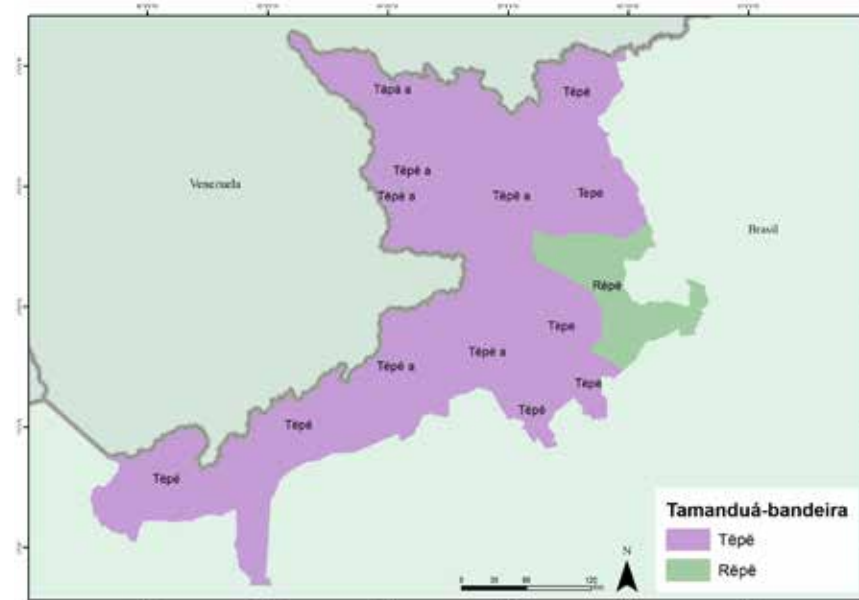
Mapa Anexo I.11  
Como se diz  
"miçanga" nas  
diferentes LY



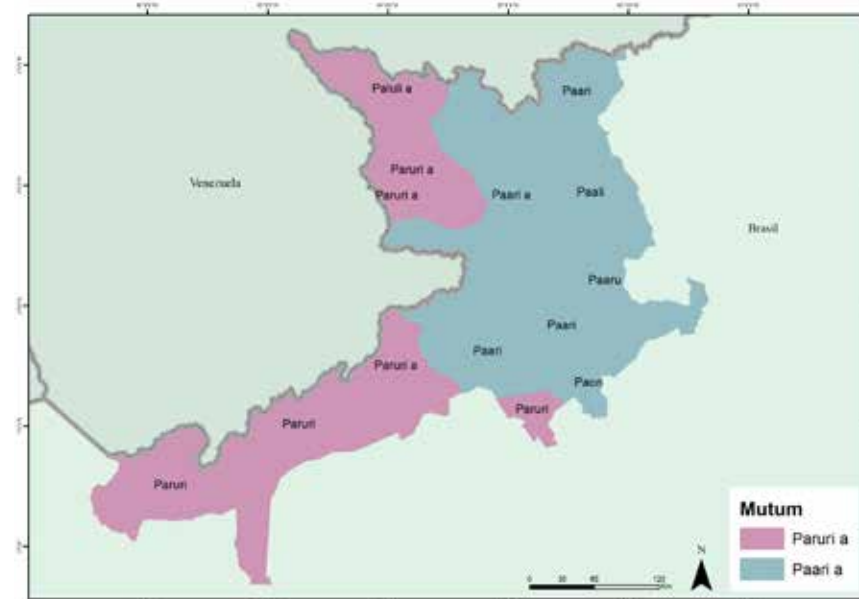
Mapa Anexo I.12  
Como se diz  
"veado-mateiro"  
nas diferentes LY



Mapa Anexo I.13  
Como se diz  
"tamanduá-  
bandeira" nas  
diferentes LY



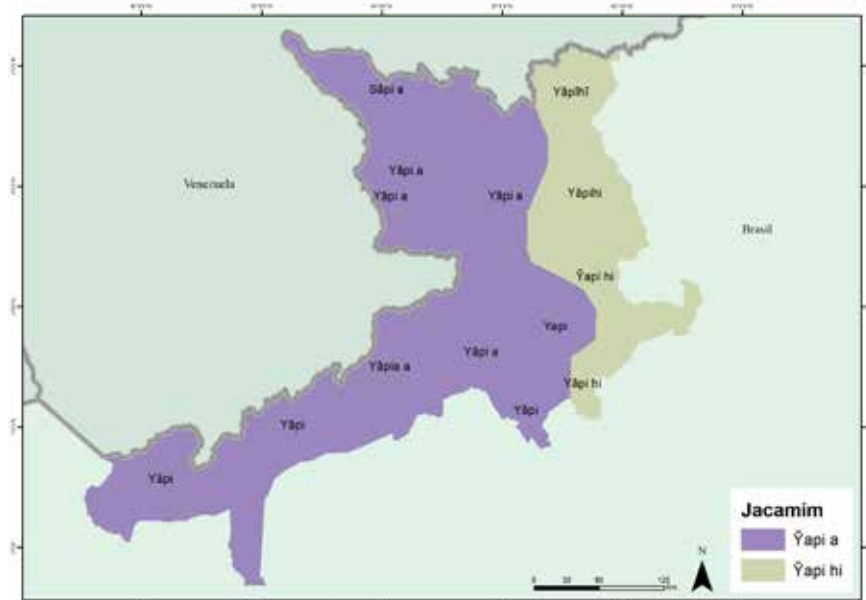
Mapa Anexo I.14  
Como se diz  
"mutum" nas  
diferentes LY



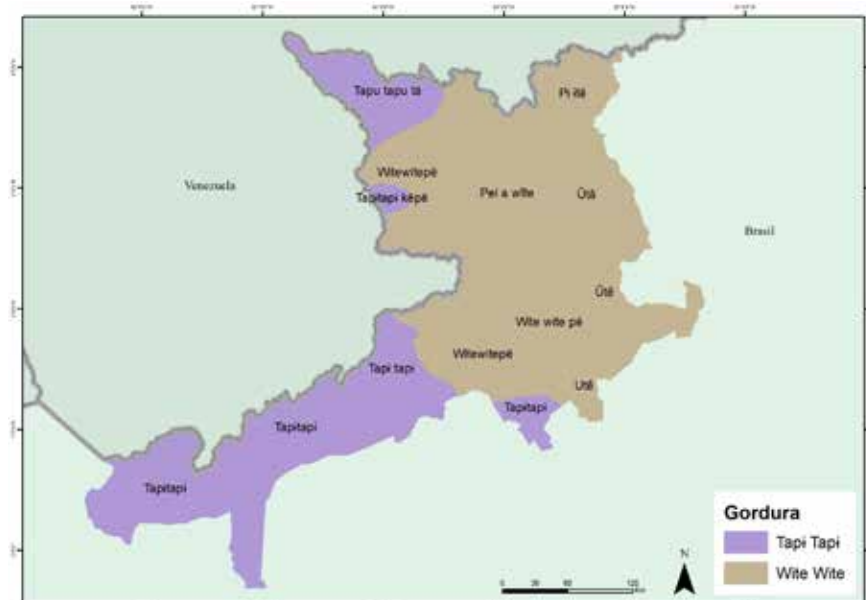
Mapa Anexo I.15  
Como se diz "jacu"  
nas diferentes LY



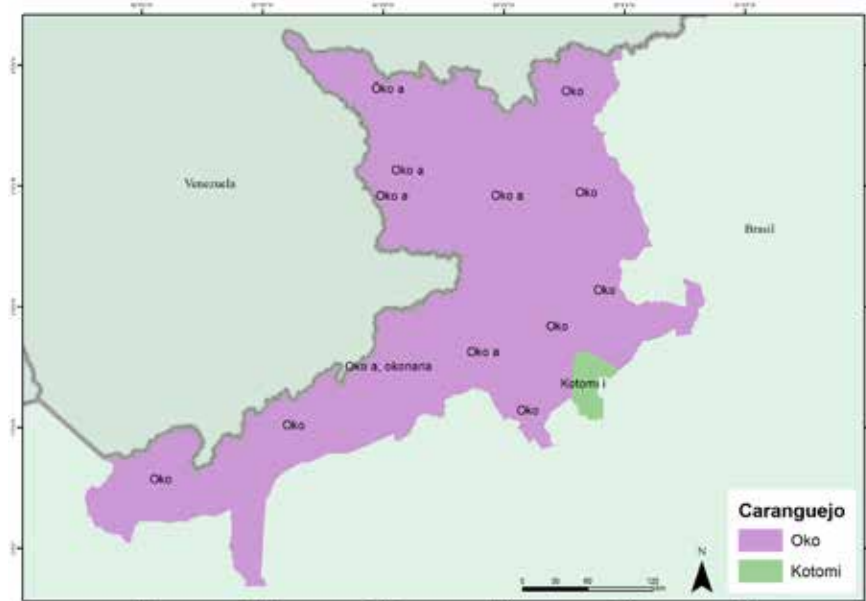
Mapa Anexo I.16  
Como se diz  
"jacamim" nas  
diferentes LY



Mapa Anexo I.17  
Como se diz  
"gordura" nas  
diferentes LY

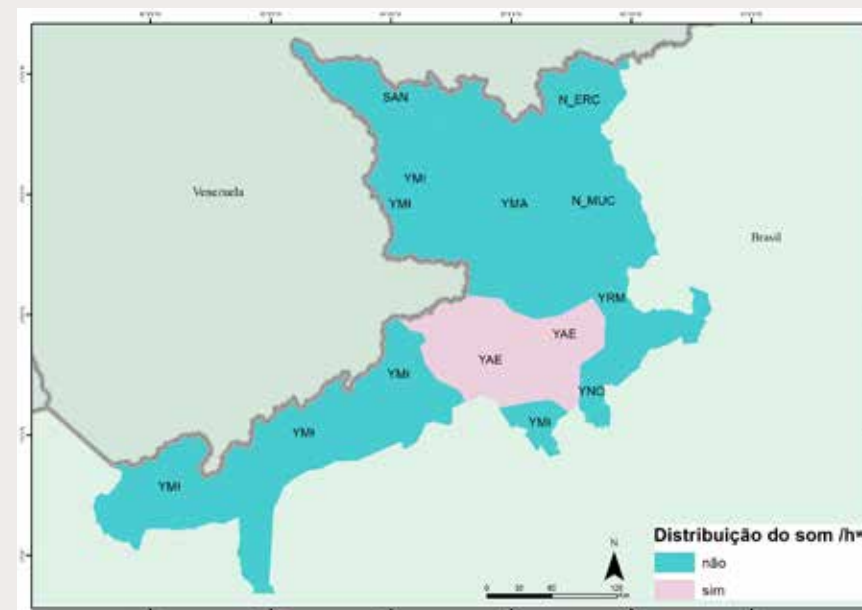


Mapa Anexo I.18  
Como se diz  
"caranguejo" nas  
diferentes LY



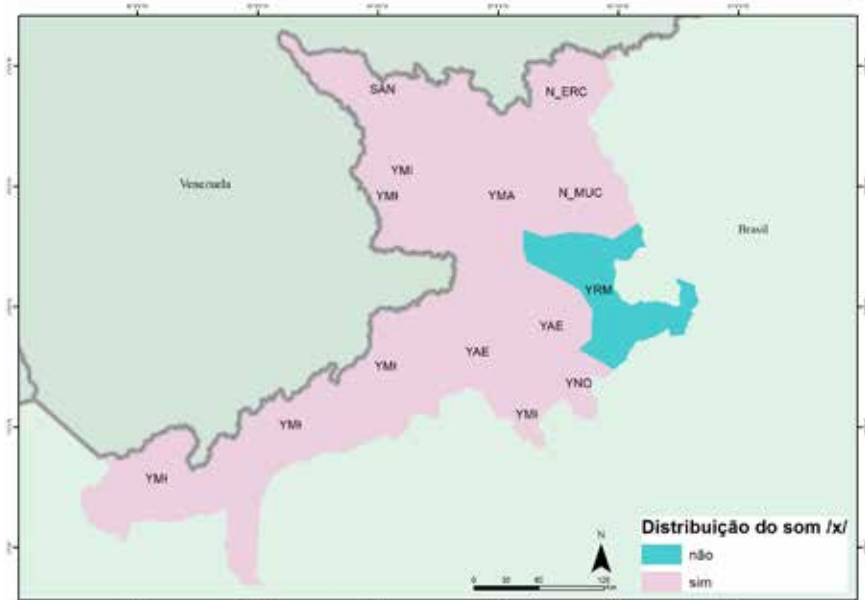
## Anexo II

### Mapas da distribuição de alguns fonemas na Terra Indígena Yanomami (TIY)

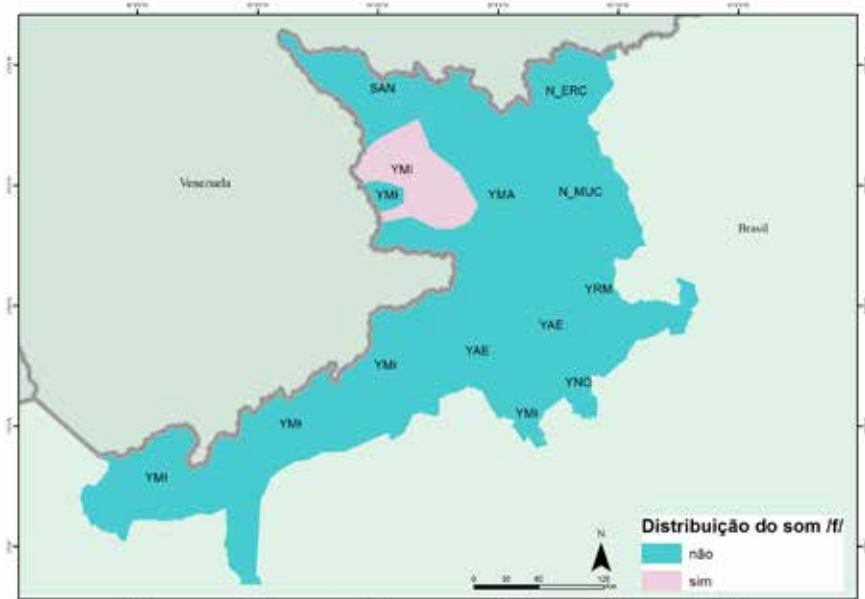


Mapa Anexo II.19  
Distribuição  
do som /h<sup>w</sup>/ na  
família Yanomami

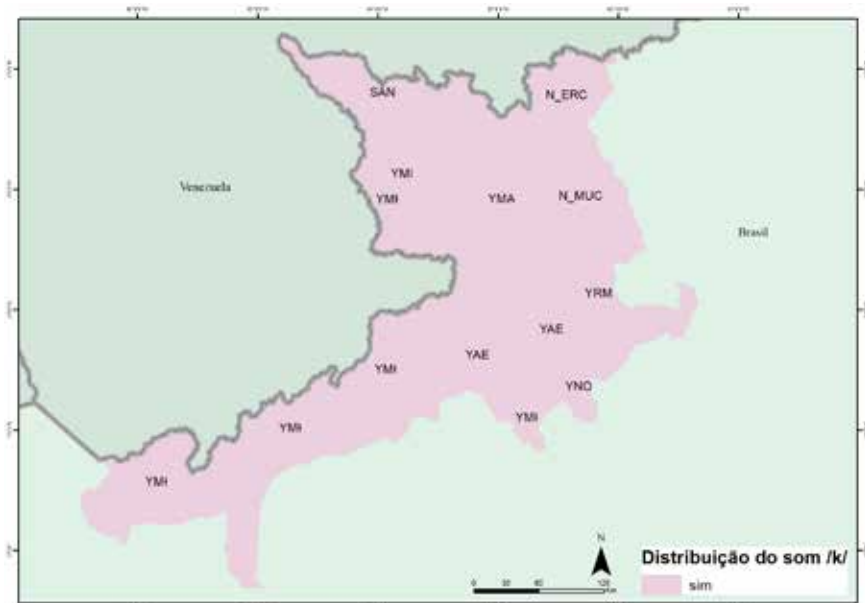
Mapa Anexo II.20  
Distribuição do som /x/ na família Yanomami



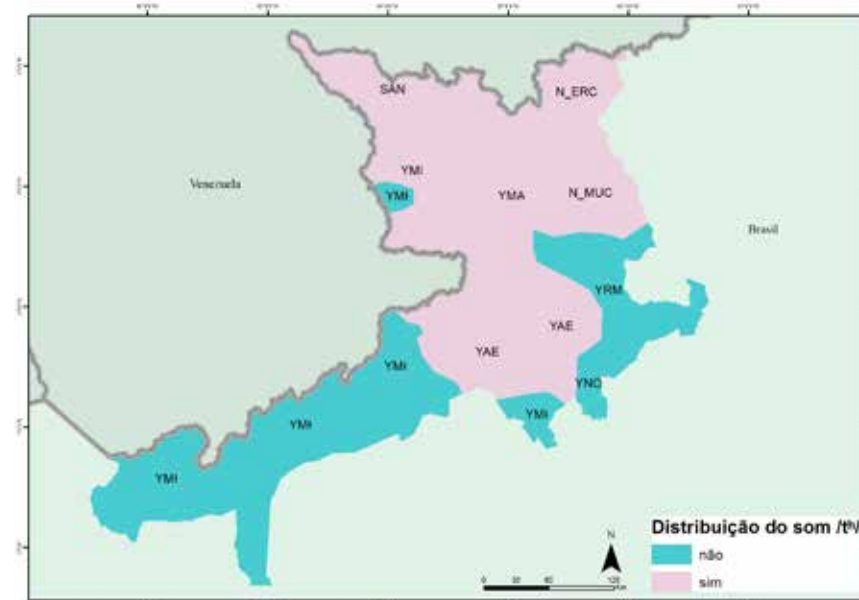
Mapa Anexo II.21  
Distribuição do som /f/ na família Yanomami



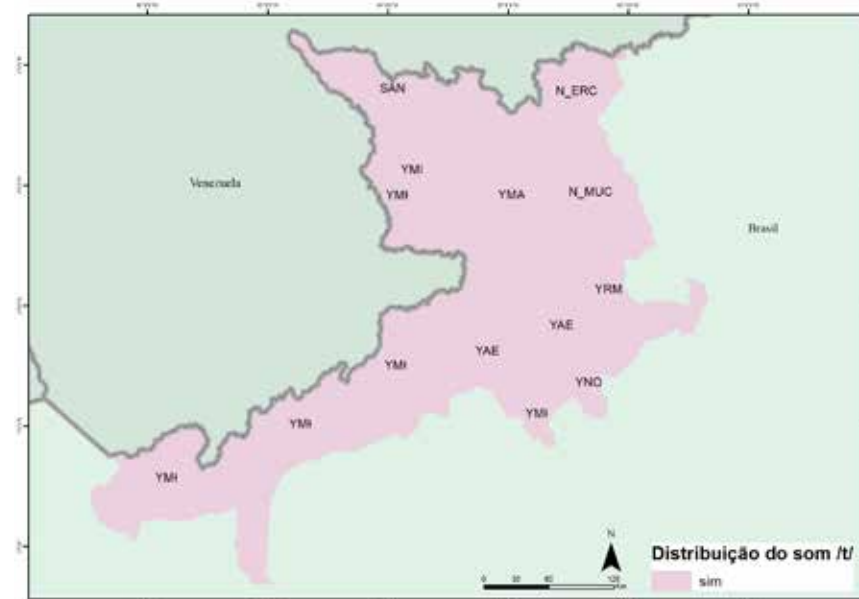
Mapa Anexo II.22  
Distribuição do som /k/ na família Yanomami



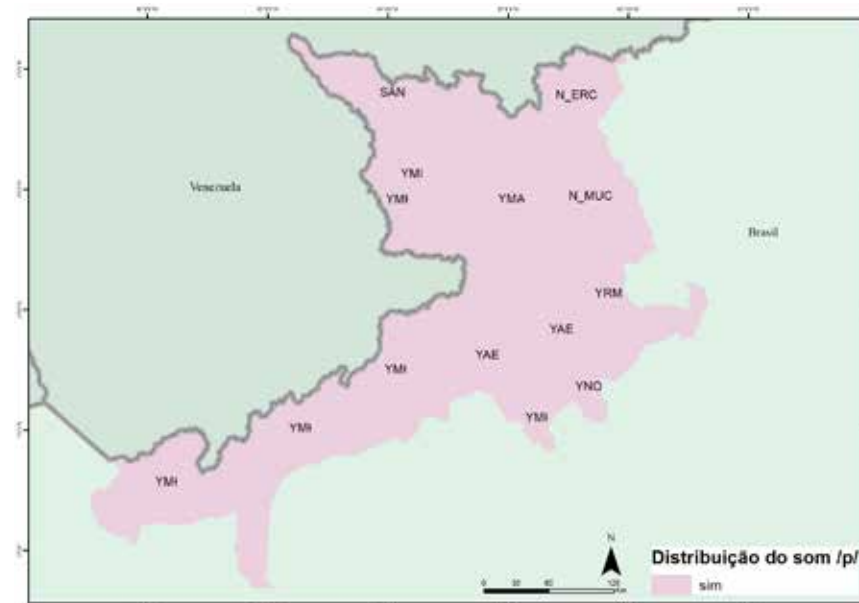
Mapa Anexo II.23  
Distribuição do som /tʰ/ na família Yanomami



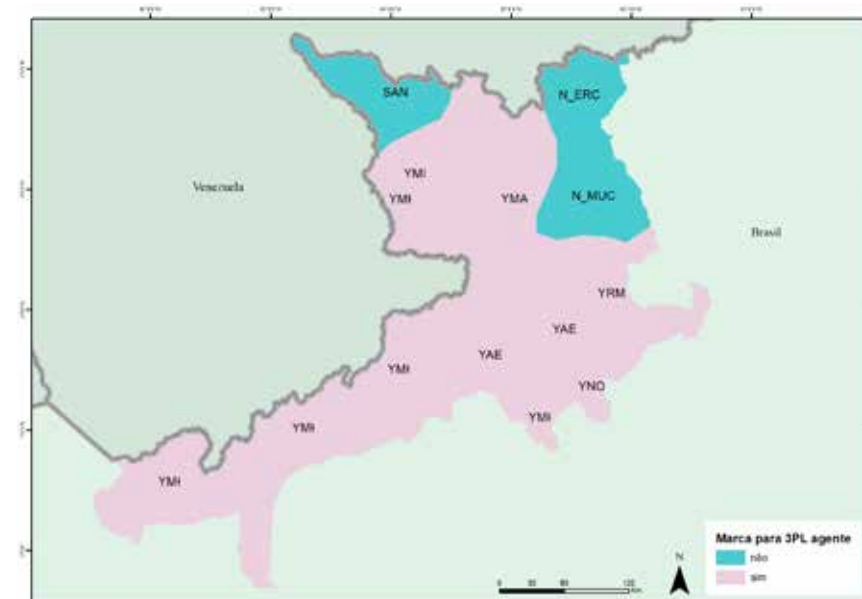
Mapa Anexo II.24  
Distribuição do som /t/ na família Yanomami



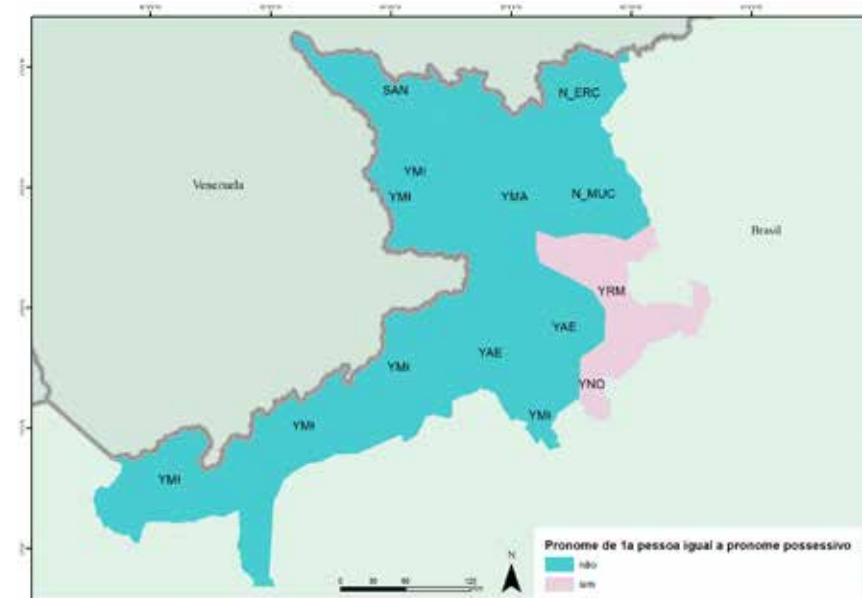
Mapa Anexo II.25  
Distribuição do som /p/ na família Yanomami



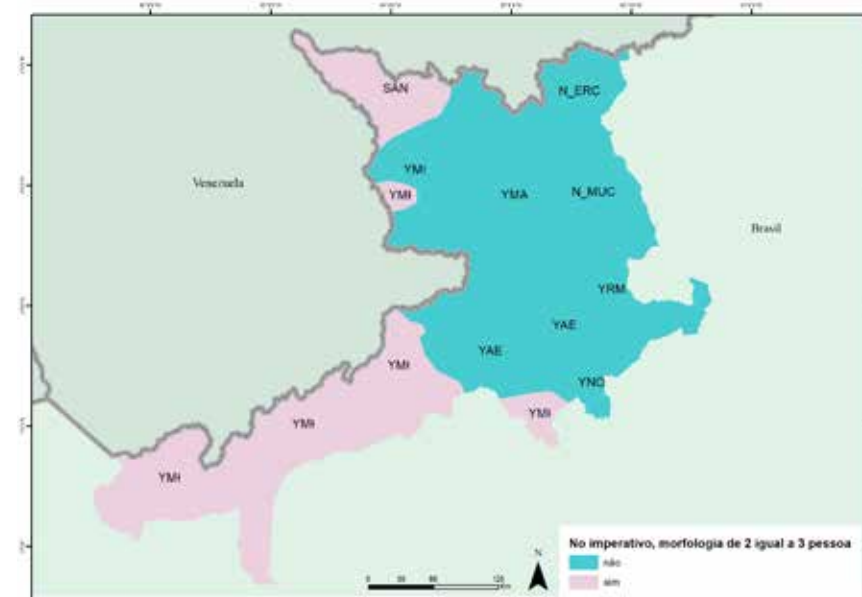
**Anexo III**  
**Mapas da distribuição de**  
**alguns traços gramaticais na**  
**Terra Indígena Yanomami (TIY)**



**Mapa Anexo III.26**  
**Existe uma marca**  
**para "eles dois"**  
**no verbo?**

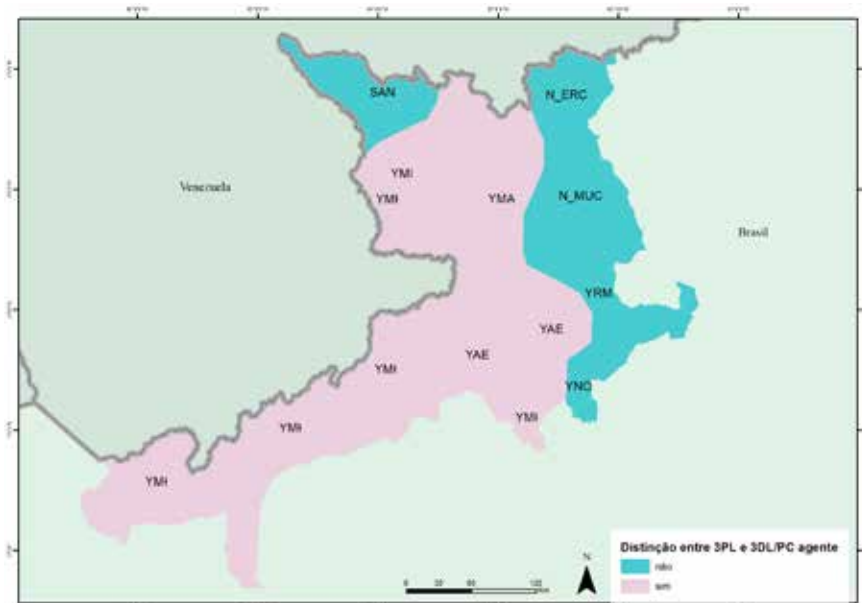


**Mapa Anexo III.27**  
**O pronome**  
**possessivo é**  
**igual ao**  
**pronome**  
**pessoal?**

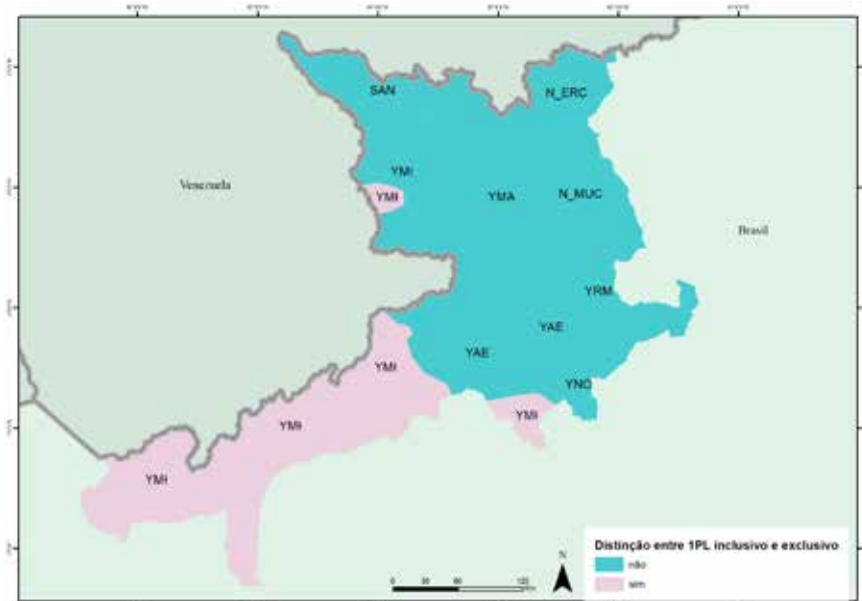


**Mapa Anexo III.28**  
**No imperativo**  
**(ordem), o**  
**"você" é tratado**  
**como "ele"?**

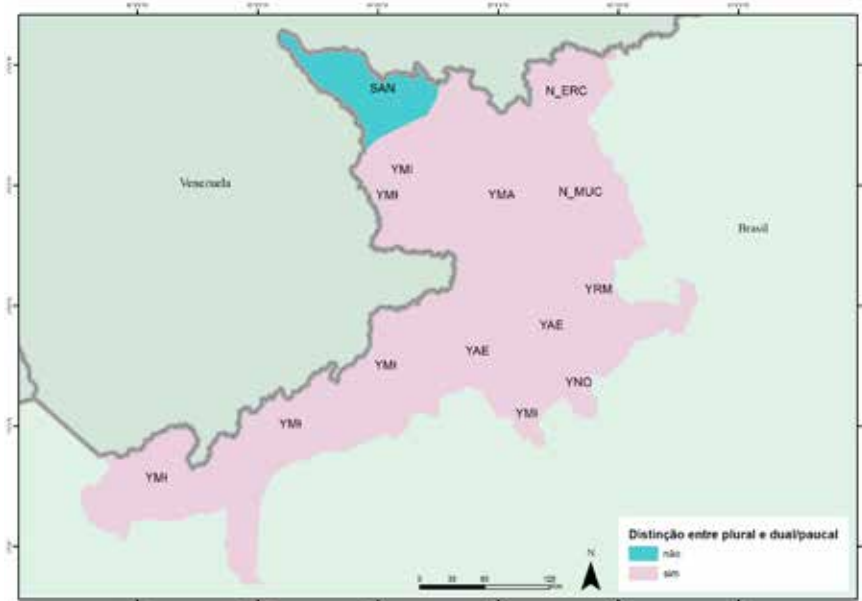
Mapa Anexo III.29  
O verbo tem marcas diferentes para "eles" e "eles dois"?



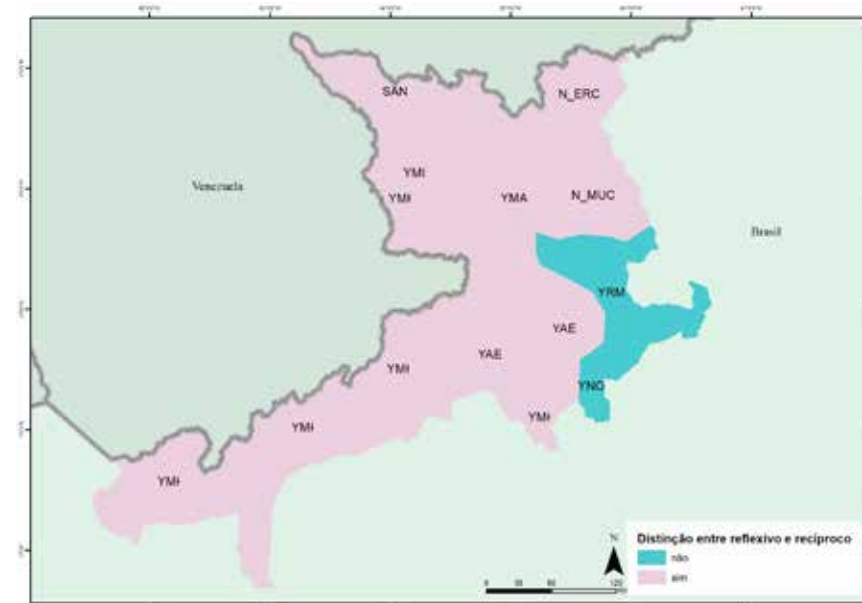
Mapa Anexo III.30  
Existe diferença entre "nós" (excluindo a pessoa com quem fala) e "nós" (incluindo essa pessoa)?



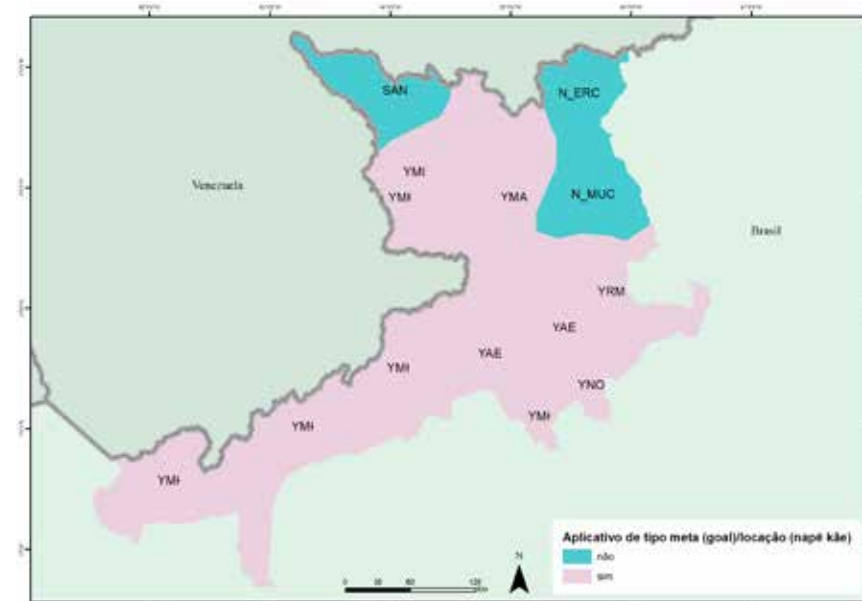
Mapa Anexo III.31  
Existem pronomes diferentes para "nós" e "nós dois", "vocês" e "vocês dois"?



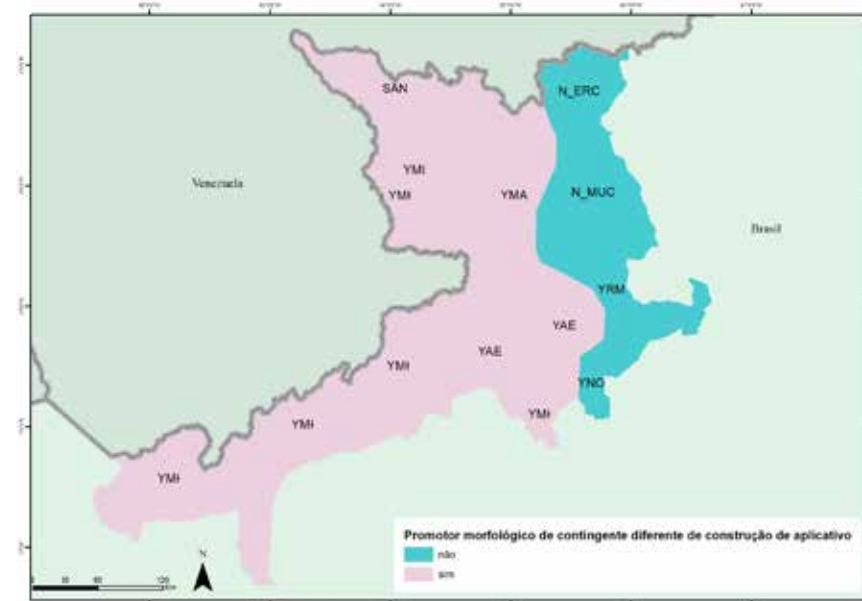
Mapa Anexo III.32  
Existe a construção com "napë kãe", "napë kãyo", "namo kãyo"?



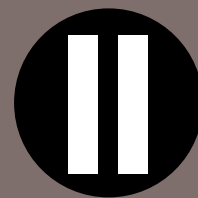
Mapa Anexo III.33  
Existe a construção com "pihi kãe", "pihi kãyo", "pii"?



Mapa Anexo III.34  
Existe diferença entre "nós nos vimos no espelho" (cada um se viu no espelho sozinho) e "nós nos vimos um ao outro no espelho"?







# DIAGNÓSTICO DA VITALIDADE DAS LÍNGUAS YANOMAMI



## PRÓLOGO II

O PORTUGUÊS É DOCE  
COMO CALDO DE CANA

DAVI KOPENAWA

**A**s línguas indígenas começaram a ficar ameaçadas há muito tempo. Antigamente os antepassados dos *napëpë* chamaram as crianças e os jovens indígenas para torná-los *napëpë*. Eles ensinaram aos jovens índios o que ensinavam aos *napëpë*: os escolarizaram e os proibiam, então diziam assim para essas crianças e jovens: *“Aprenda minha língua! Aprenda minha língua napëpë, pegue a de verdade, para você falar! Vamos fazer sua língua acabar!”* – Foi isso que os brancos disseram. – *“Eu só entendo mesmo a minha língua, então se você aprendê-la será bom! Vocês não falem mais suas línguas! Deixem de falá-las, vamos fazer sua língua acabar! Aprendam só nossa língua de branco, então quando vocês aprenderem mesmo a nossa língua, vai se tornar uma língua só!”* – Assim que os brancos disseram e ainda dizem para nós. Dizem sempre! Os brancos não pensam que sabemos pensar.

Se nós não cuidarmos da nossa língua, daqui a muito tempo ela vai acabar! Daqui a muito tempo nossas línguas vão acabar! O português já entrou lá na região de Ajuricaba. Já mordeu primeiro lá em Ajuricaba. Pelo fato dos *napëpë* terem chegado lá e dito para os Yanomami: *“Não fale a sua língua! Fale a minha língua! Só assim vou entender! Se você falar sua língua eu não entendo”*. Por terem dito isso para os Yanomami, na terra dos *Kepropë thëri* (grupo yanomami de Ajuricaba), a língua dos brancos grudou ali, as palavras dos brancos já grudaram no pensamento dos Yanomami. *“Hoo... a língua dos brancos é muito boa! A língua dos brancos soa muito bonito! Nós, agindo como Yanomami vamos fazer acabar nossa língua”*. Então foi assim que acabou. Faz muito tempo que isso também aconteceu com a língua dos Macuxi e Wapichana. Já fizeram acabar as línguas desses povos!

A língua portuguesa é doce como o caldo da cana, eu já sonhei isso: *“Fique esperto! O português é doce como o caldo de cana!”*. Por que é doce? Por ter a intenção de fazer sua língua acabar. Quando você a engolir, quando você a coloca para dentro de si, você se apaixona por ela. Ao se apaixonar pelo português, você para de agir como Yanomami. Vocês dizem que *“nós vamos virar napë”*, mas eu digo que nós não nos tornamos brancos. As crianças apenas pegam a língua portuguesa à toa, nossa pele não se torna *napë*, nossos olhos não se tornam *napë*, é isso que eu digo para os jovens.

Nossos diálogos cerimoniais, nossos cantos, nossas palavras resistem. Porém, os Yanomami das próximas gerações, aqueles que



Claudio Tavares/ISA, 2017

irão crescer no futuro, se eles não ficarem espertos, essas palavras irão sumir. Nossas palavras serão levadas por completo. Os políticos *napëpë* irão levar nossas línguas por completo! É assim que eu penso. Eu não apenas penso isso, eu digo! Se nossa língua for levada nós iremos apenas ficar falando assim: “É! Bom dia, vamos almoçar, vamos tomar banho, vamos trabalhar, vamos viajar”. Só vamos falar isso. Vai sobrar apenas a língua Yanomami mais grosseira, acho que vai acontecer isso daqui 100 anos, 200 anos, mas eu estou lutando contra isso, eu estou lutando para que nossos jovens aprendam a pensar e proteger nossa língua. É isso que eu estou pensando.

Encontro de xamãs yanomami realizado na comunidade de Watoriki



Beto Ricardo/ISA, 2011

## 4. O FUTURO DAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA YANOMAMI – VITALIDADE E AMEAÇAS

### 4.1. Um mundo cada vez menos diverso

A cada língua que se vai, a humanidade perde uma maneira de perceber o mundo e um modo de falar sobre ele. A extinção de uma língua é também a extinção de toda uma gama de conhecimentos culturais, ecológicos, artísticos e históricos, muitas vezes codificados unicamente por aquela linguagem. **Quando morre uma língua, morre também uma maneira de ser humano.**

Diferentes projetos de pesquisa e instituições têm se dedicado a catalogar as línguas faladas no mundo e indicam a existência de cerca de 7.000 línguas atualmente<sup>75</sup>. Em 2018, o projeto *Glottolog*<sup>76</sup> registrava 7.395 línguas sendo aprendidas como primeira língua (L1). Já o *Ethnologue*<sup>77</sup>, em sua 21ª edição (2018), registrou um número ligeiramente menor: 7.097 línguas vivas. De todo modo, ainda estamos conhecendo e documentando as diversas línguas naturais no mundo, ao mesmo tempo em que assistimos a um dramático movimento de desaparecimento de muitas delas.

O dinamismo sempre foi uma característica das línguas humanas. Sabemos que elas vão se modificando por diversos fatores ao longo do tempo, e assim algumas delas desaparecem por completo e outras tantas novas surgem. Assemelham-se aos seres-vivos em seu processo natural de evolução. Assim como a diversidade biológica, a diversidade atual das

línguas humanas é fruto basicamente desse longo processo histórico.

Algo extremamente preocupante no contexto contemporâneo, no entanto, é que os processos de geração de novas línguas estão nitidamente menos vigorosos que os processos de perda linguística. Em outras palavras, mais línguas morrem do que novas são criadas. Sendo assim, a diversidade linguística da humanidade tem diminuído significativamente nos últimos 500 anos. Essa afirmação pode soar óbvia e trivial, mas devemos lembrar que antes disso, desde que o ser humano começou a usar a linguagem falada entre 100.000 e 200.000 anos atrás (MacLarnon 2012, p. 234) até as grandes navegações europeias, a tendência sempre foi a inversa, isto é, de aumento global da diversidade (Nichols 2012, p. 561), ainda que em uma ou outra região se observasse algum decaimento em determinado momento.

No entanto, o prognóstico preciso sobre a diversidade linguística humana é variado. Há desde os que predizem que 50% das línguas atualmente faladas serão substituídas por línguas dominantes em 100 anos (Campbell *et al.* 2013), até os mais catastróficos que elevam esse número para 90% de mortalidade linguística até o final do século XXI (Krauss 1992; Unesco 2003). Entretanto, nenhum dos dois cenários pode ser descrito como “otimista”.

75. A diferença de números apresentada pelas duas plataformas se deve basicamente a dois fatores:

1) algumas diferenças metodológicas entre os dois projetos, como, por exemplo, a definição do que seja uma língua ou um dialeto, e como identificá-los

2) aos processos de reconhecimento da nossa diversidade linguística e de seu perecimento, processos que são registrados por esses dois “contadores de línguas” em velocidades diferentes.

76. O *Glottolog* contabiliza em seu banco de dados as línguas que são faladas tradicionalmente, ou usadas por uma comunidade de falantes como primeira língua. Para mais informações, consultar <https://glottolog.org/>.

77. Ver <https://www.ethnologue.com/about/problem-language-identification>.

## 4.2. Verificando a saúde das línguas Yanomami – Metodologia e fonte de dados

É com esta perspectiva um tanto distópica, porém realista, sobre o futuro das línguas no mundo, que voltamos nossa atenção neste estudo à vitalidade das seis línguas Yanomami e às ameaças que enfrentam. O crescente contato dos Yanomami com a língua portuguesa e a intensificação de suas relações com os *napëpë* nos permitem fazer a pergunta: Será que as línguas Yanomami sobreviverão com plena força por mais 50 ou 100 anos?

Essa é uma pergunta impossível de ser respondida com segurança hoje. Há muitos fatores que entram em jogo nessa dinâmica e não é tarefa simples combiná-los em uma análise confiável de longo prazo. Acrescente-se ainda que muitos desses fatores são de difícil medida, envolvendo posturas e decisões de indivíduos, além de outros elementos que se relacionam com variados aspectos da sociedade, como política, economia e cultura de um povo. É com a língua, afinal, que codificamos nossos pensamentos, construímos nossa identidade e desfrutamos da vida em sociedade, nos mais variados níveis.

O traço multifatorial da vitalidade das línguas foi levado fortemente em conta na elaboração deste diagnóstico sobre as línguas Yanomami. O aparato metodológico descrito no guia da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) *Language Vitality and Endangerment (LVE)*<sup>78</sup> pareceu-nos o que mais se esforçava para cap-

turar esses múltiplos aspectos da vitalidade das línguas e foi assim o preferido para orientar nossa pesquisa. Essa metodologia elenca nove parâmetros a serem analisados num diagnóstico de vitalidade. Discutiremos mais adiante, nas próximas seções, cada um desses parâmetros e como eles foram verificados no contexto yanomami. Esses parâmetros estão listados na tabela abaixo.

Seguindo a metodologia proposta no guia da Unesco, para cada um desses parâmetros, foi elaborado um indicador parcial de vitalidade e ameaça, numa escala de 0 a 5, onde 5 indica uma situação segura, de vigor linguístico ou sem ameaça à língua, enquanto 0 expressa uma situação de extrema vulnerabilidade da língua, grande ou total perda linguística, ou ainda extrema ameaça à língua, segundo o parâmetro analisado.

Esses índices parciais foram usados na elaboração de um indicador global, também numa escala de 0 a 5, sendo que a cada indicador parcial foi atribuído um peso diferente na ponderação da média, conforme sua importância na dinâmica de perda e manutenção linguística. A tabela a seguir apresenta os pesos atribuídos a cada parâmetro.

Nas seções seguintes, veremos que os índices parciais relativos a cada um dos parâmetros também tiveram uma elaboração complexa, no sentido de serem resultado de uma média ponderada

Parâmetro	Peso
P1 Transmissão intergeracional	34
P2 Número absoluto de falantes	6
P3 Porporção de falantes em relação à população total	4
P4 Perda de domínios de uso da língua	4
P5 Resposta a novos domínios e meios de comunicação	4
P6 Material para educação e alfabetização na língua	5
P7 Políticas governamentais e institucionais, incluindo status e usos oficiais	5
P8 Atitudes de membros da comunidade em relação à sua língua	3
P9 Quantidade e qualidade da documentação e descrição da língua	3

de outros subíndices. Em outras palavras, nossa pesquisa subdividiu em subparâmetros cada um dos parâmetros sugeridos pela metodologia da Unesco, para assim melhor avaliar alguns aspectos específicos da situação sociolinguística da família Yanomami. A matemática por trás da composição de cada índice parcial, considerando os subparâmetros investigados, será explicada nas próximas seções.

De todas as formas, o indicador geral de vitalidade produzido por este diagnóstico é um valor em uma escala de 0 a 5 composto pela média ponderada de nove indicadores parciais (estes formados por subindicadores), conforme a seguinte fórmula:

$$[(34 \times P1) + (6 \times P2) + (4 \times P3) + (4 \times P4) + (4 \times P5) + (5 \times P6) + (5 \times P7) + (3 \times P8) + (3 \times P9)] / 68$$

A grande diversidade histórica e social que caracteriza os Yanomami no Brasil nos levou também a considerar não apenas a vitalidade de cada língua em si, mas sim apresentar um diagnóstico sobre a situação dessas línguas em cada região da TIY, para que possamos analisar sua singularidade dentro de um recorte histórico e social específico, já que uma mesma língua encontra-se em situações distintas dentro da TIY, como a língua Yanomami, por exemplo, que está severamente amea-

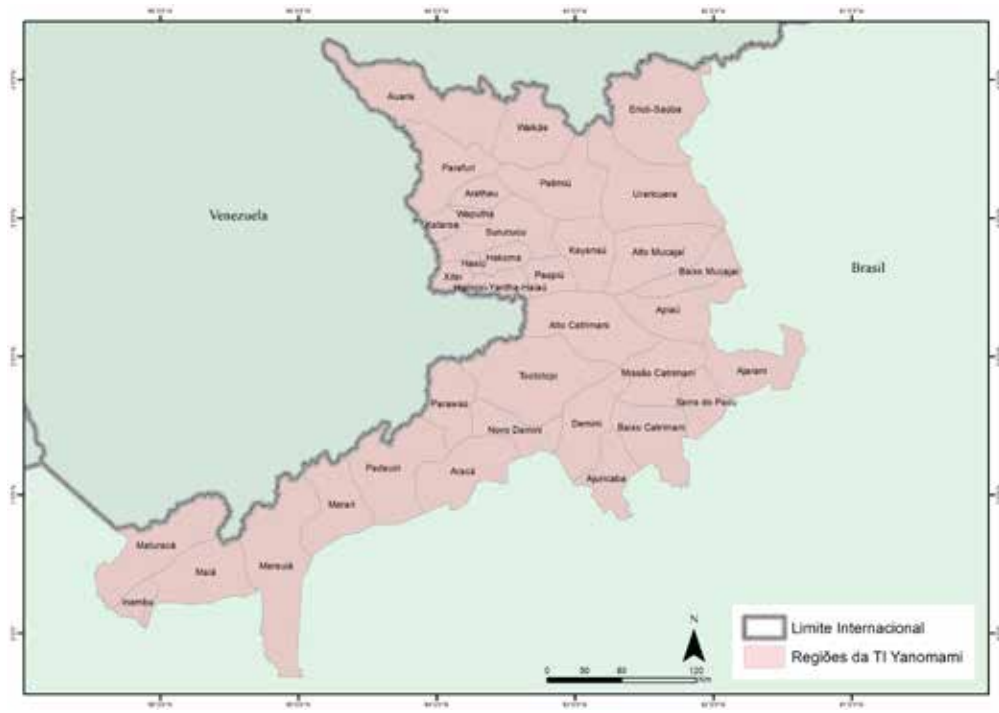
çada na região de Ajuricaba, mas com relativo vigor em regiões como Simoko ou Parawaú. No mapa abaixo apresentamos as divisões regionais da TIY adotada em nosso estudo.

As fontes de dados para a construção dos subindicadores de vitalidade, segundo cada parâmetro, foram principalmente cinco:

- questionários digitais aplicados a membros de diversas comunidades da TIY<sup>79</sup>;
- informações levantadas pelos pesquisadores indígenas que compõem o projeto;
- informações fornecidas pelos falantes em diferentes contextos da pesquisa;
- informações obtidas pela rede de pesquisadores *napëpë* que têm amplo conhecimento de diversas regiões da TIY;
- informações públicas obtidas junto a órgãos do governo.

Iremos, a partir de agora, apresentar aqui cada um desses indicadores através de pequenos textos e mapas ilustrativos, discutindo as perguntas norteadoras e apresentando os resultados de nossas investigações. Apresentaremos ainda tabelas que mostram os resultados obtidos sobre cada parâmetro. Em Anexo, segue a tabela com o resultado de cada uma das 35 regiões.

79. Os dados fornecidos por membros das comunidades nos questionários digitais foram complementados e confrontados com análises, observações e informações de pesquisadores e trabalhadores de campo que conhecem a realidade sociolinguística das regiões. A eventual incompatibilidade entre os dois tipos de dados obrigou nossa equipe a aprofundar a pesquisa nas regiões em questão, para validar ou refutar dados originais obtidos pelos questionários digitais.



Mapa 4.1  
As regiões da Terra Indígena Yanomami (TIY)

78. Lançado originalmente em 2003 e revisto em 2011.

### 4.2.1. Transmissão intergeracional (Parâmetro 1 - P1)



Ana Maria Machado/ISA, 2011

Mulher yanomami pintando o rosto com copaíba e pigmentos naturais

A transmissão da língua para as novas gerações é um parâmetro fundamental, se não o principal, para analisar sua vitalidade. Todas as metodologias que buscam analisar o índice de vitalidade linguística consideram esse fator como o mais importante (como as escalas GIDS<sup>80</sup> e EGIDS<sup>81</sup>), e às vezes o único (como o índice de *Index of Linguistic Diversity*<sup>82</sup>). Nosso estudo não foi diferente ao dar peso significativo a esse indicador na composição do indicador global de vitalidade (peso 34, ou seja, metade do peso total).

Entretanto, o parâmetro de transmissão intergeracional da língua não foi analisado como um parâmetro simples, com apenas um único indicador. Levamos em conta em nossa pesquisa não somente a aquisição da língua indígena pelas crian-

ças como primeira língua (L1), mas também verificamos a aquisição simultânea do português pelas crianças, identificando essa situação como uma ameaça potencial às línguas Yanomami. Procuramos ainda avaliar, mesmo que de maneira indireta, a transmissão intergeracional de gêneros sofisticados da arte verbal, como os diálogos cerimoniais, o xamanismo e o conhecimento mitológico.

#### Metodologia

Para a composição do índice de transmissão intergeracional (P1) foram considerados os três subparâmetros abaixo, com as seguintes perguntas orientadoras:

O Índice P1 para cada região da TIY foi composto a partir da média ponderada dos três subparâmetros representados pelas questões A, B e C. Na ponderação da média, foi atribuído um peso significativamente maior (peso 16) ao subparâmetro A ("Aquisição da língua indígena como L1"), enquanto aos parâmetros B ("Bilinguismo precoce") e C ("Transmissão da arte verbal") tiveram ambas o peso 4. A composição do Índice P1 pode assim ser representada pela fórmula:

$$\text{Índice P1} = (16A + 4B + 4C)/24$$

A Tabela 4.1 apresenta os índices obtidos pela análise do parâmetro da transmissão intergeracional das línguas Yanomami em cada uma das regiões da TIY.

### Nossas análises

Como podemos ver pelos dados da tabela acima, todas as línguas Yanomami estão bem e seguras do ponto de vista do subparâmetro A, da aquisição da língua indígena como L1. A região do Ajuricaba, onde se fala o Yanomami, é o único caso de possível descontinuidade completa ou generalizada na aquisição da língua indígena pelas crianças.

Por outro lado, constatamos que a aprendizagem do português pelas crianças ainda é algo pouco frequente na TIY, com exceção mais uma vez de Ajuricaba. Nas demais regiões onde há número expressivo de falantes de português, a língua é geralmente aprendida na adolescência ou juventude, como indicam os trabalhos de pesquisa local nas regiões de Maturacá, Baixo Mucajaí e Papiú, realizados pelos pesquisadores indígenas.

O único dado verificado no subparâmetro C ("Transmissão da arte verbal") foi a proporção de jovens do sexo masculino que sabem e praticam os diálogos cerimoniais. Em diversas regiões foi relatado significativo declínio na transmissão desse conhecimento, situação que também foi identificada pelas lideranças participantes da elaboração do PGTA da TIY<sup>83</sup> e incluída no texto final do plano. Lá está indicado e sugerido que sejam promovidos eventos com a juventude yanomami visando à difusão dos diálogos cerimoniais, além de outros conteúdos, para essa faixa etária da população yanomami. Esse subparâmetro foi responsável por algumas regiões da TIY não obterem nota máxima (5) no Índice P1 de transmissão intergeracional da língua.

De maneira geral, o Índice P1 aponta uma situação segura para as variedades faladas principalmente nas comunidades mais distantes do limite da TIY dentro do território brasileiro, em particular nas regiões serranas, de difícil acesso, onde vivem os Yanomami que mantêm menor relação com os *napëpë*, como sugere o Mapa 4.2.

Nos extremos leste e oeste da TIY a transmissão permanece viva ainda que significativamente menos vigorosa que na porção central, requerendo assim precaução e atenção extras sobre sua evolu-

ção. A região de Ajuricaba é a única em que a transmissão parece estar interrompida, deixando a língua em situação de extrema vulnerabilidade e ameaça, para a qual é necessário pensar políticas e ações de revitalização em caráter emergencial.

83. O Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TIY foi elaborado entre 2016 e 2018 através de diversos encontros reunindo membros de todas as associações indígenas da TIY, várias lideranças Yanomami e Ye'kwana de quase todas as regiões do território, organizações governamentais e não governamentais com atuação ligada aos Yanomami.

**Tabela 4.1**  
**Índice P1 de vitalidade segundo o parâmetro da transmissão intergeracional - resultados por língua, região e subparâmetro**

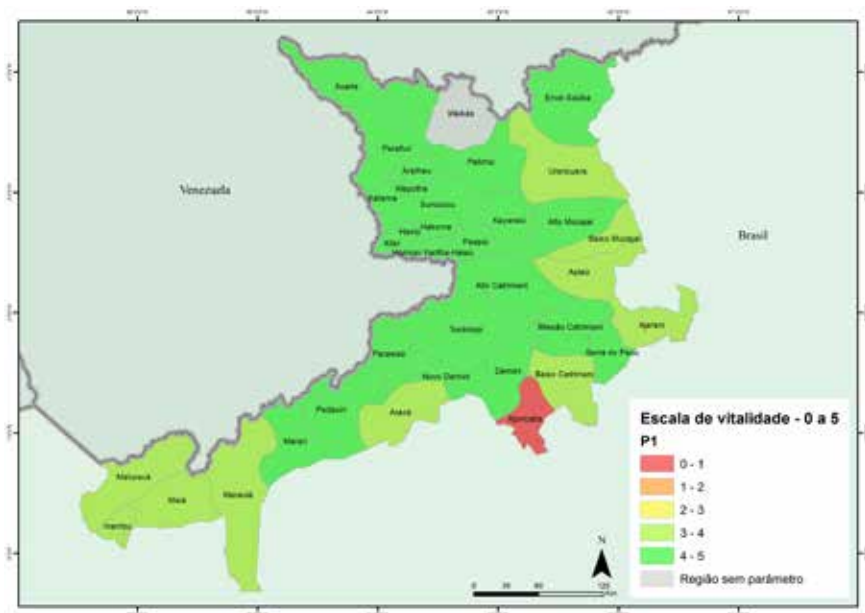
Língua	Região	Índice			
		A	B	C	P1
<b>Yãnoma</b>	Baixo Catrimani	4,5	3	2	3,8
<b>Yaroamë</b>	Ajarani	5	4	0	4
	Apiáú	5	2	0	3,7
	Serra do Pacu	5	5	4	4,8
<b>Sanõma</b>	Awaris	5	5	2	4,5
<b>Ninam</b>	Alto Mucajaí	5	5	3	4,7
	Baixo Mucajaí	5	3	0	3,8
	Ericó-Saúba	5	5	3,5	4,8
	Uraricuera	4	5	0	3,5
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	5	5	4	4,8
	Aratháú	5	5	4	4,8
	Demini	5	5	2	4,5
	Hakoma	5	5	4	4,8
	Haxiú	5	5	4	4,8
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	5	5	4	4,8
	Kayanaú	5	4	3	4,5
	Missão Catrimani	5	5	1	4,3
	Novo Demini	5	5	2	4,5
	Palimiú	5	4	4	4,7
	Papiú	5	5	3	4,7
	Parafuri	5	5	4	4,8
	Surucucu	5	5	4	4,8
	Toototopi	5	5	2	4,5
Waputha	5	5	4	4,8	
Xitei	5	5	4	4,8	
<b>Yanomami Yanomami</b>	Ajuricaba	0	0	0	0
	Aracá	5	1	1	3,7
	Inambu	5	1	0	3,5
	Kataroa	5	5	4	4,8
	Maiá	5	1	2	3,8
	Marari	5	2	3	4,2
	Marauiá	5	2	1	3,8
	Maturacá	5	0	0	3,3
Padauri	5	3	4	4,5	
Parawaú	5	5	2	4,5	

80. Ver Fishman 1991.

81. Ver Lewis e Simons 2010.

82. Ver Harmon e Loh 2010.

**Mapa 4.2**  
A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da transmissão intergeracional (P1)



#### 4.2.2. Número de falantes (Parâmetro 2 – P2)

A ideia de considerar o número absoluto de falantes como um dos parâmetros para avaliar a ameaça ou vulnerabilidade geral de uma língua está ligada ao fato evidente de que pequenas populações são mais vulneráveis e suscetíveis a desaparecer. Uma crise epidemiológica ou um único surto de uma doença infecciosa mais perigosa (como H1N1 ou de qualquer cepa mais letal de *influenza*), algum desastre natural, um grave problema socioeconômico, um único evento de violência extrema que ocorra na região (seja uma guerra entre nações, seja um conflito por terras ou com invasores) ou grande movimento migratório poderia impactar decisivamente essa população e conseqüentemente sua língua, podendo levá-la inclusive ao desaparecimento.

A história recente dos Yanomami (e a história dos povos indígenas em geral) é um sonoro recordatório dessa ameaça. O contato de vários grupos yanomami com extrativistas, membros da comissão de fronteira e missionários durante o século XX acarretaram em dramáticas epidemias que quase acabaram com comunidades inteiras. As doenças e a violência trazidas pela aproximação da fronteira extrativista na Bacia do Rio Negro, por exemplo, foram provavelmente as grandes responsáveis pelo imenso declínio populacional que a população yãno-

ma sofreu no século passado, quase desaparecendo por completo.

Histórias dramáticas similares foram experimentadas em todo o território yanomami no início do contato, antes da chegada das vacinas e dos medicamentos. Como vimos, a construção da Perimetral Norte (BR-210), iniciada em 1973, e depois os projetos de assentamento agrário no limite leste da TIY, também quase dizimaram a população falante de Yãroamë. Da mesma forma, a violência e as epidemias da invasão garimpeira – que segue ainda como uma ameaça real sem solução – provocaram, em seu auge no final da década de 1980, a morte de aproximadamente 15% da população yanomami no Brasil (Le Tourneau 2008) e fizeram com que comunidades inteiras fossem exterminadas, sendo o caso do genocídio na comunidade de Haximu<sup>84</sup> o mais notório.

Apenas muito recentemente pudemos ter um panorama mais preciso sobre a diversidade linguística da família Yanomami, com o reconhecimento e a documentação das línguas Yãroamë em 2011 e da língua Yãnoma em 2017. Considerando este fato, é bem possível, se não lastimavelmente provável, que durante os momentos dramáticos da história dos Yanomami no século passado variedades únicas da família Yanomami, tanto dialetais como de língua, possam ter



Ana Maria Machado/ISA, 2010

Festival funerário na região do Papiú

desaparecido inteiramente antes mesmo que qualquer registro histórico ou documental tenha sido feito, especialmente aquelas variedades que eram faladas em apenas uma ou poucas comunidades e por um número reduzido de pessoas.

#### Metodologia

Mas então quantos falantes de uma língua são necessários para mantê-la saudável ou garantir sua continuidade? A Unesco, seguindo Krauss (1992), sugere que todas as línguas com menos de 100.000 falantes estão vulneráveis ou sob risco de desaparecimento nas próximas décadas. Ainda que alguns estudos apontem que os números de Krauss sejam não apenas arbitrários como demasiado otimistas (Ravindranath e Cohn 2014), decidimos tomá-los como referência em nome da comparabilidade deste diagnóstico, dada a popularidade dos números de Krauss em estudos similares. Nossa pesquisa elaborou assim uma escala de pontuação que vai de 0 a 5, segundo a qual recebem pontuação máxima (5) as línguas que contam com 100.000 falantes ou mais, enquanto as línguas mortas ou moribundas, isto é, sem falantes nativos ou com menos de dez falantes, recebem pontuação mínima (0). Línguas com população da ordem de 101 (isto é, entre dez e 99 falantes) pontuam 1; a pontuação das línguas cujo número de falantes está entre 100 e 999 (da ordem 102) é 2;

da mesma maneira, atribuíram-se 3 pontos às variedades que têm falantes entre 1.000 e 9.999 (ordem 103) e 4 pontos às línguas cujo número de falantes é da ordem de 104 (isto é, entre 10.000 e 99.999). A tabela abaixo resume a escala proposta.

Diferentemente da maioria dos demais índices desta pesquisa<sup>85</sup>, o Índice P2 é simples, no sentido de não ser fruto da média simples ou ponderada de outros índices. Em outras palavras, para a composição do Índice P2 não foram considerados outros (sub)parâmetros além do número absoluto de falantes e a esca-

Número de falantes	Pontuação
Mais de 100.000 (10 <sup>5</sup> )	5
De 10.000 a 99.999 (10 <sup>4</sup> )	4
De 1.000 a 9.999 (10 <sup>3</sup> )	3
De 100 a 999 (10 <sup>2</sup> )	2
De 10 a 99 (10 <sup>1</sup> )	1
De 1 a 9 (10 <sup>0</sup> )	0

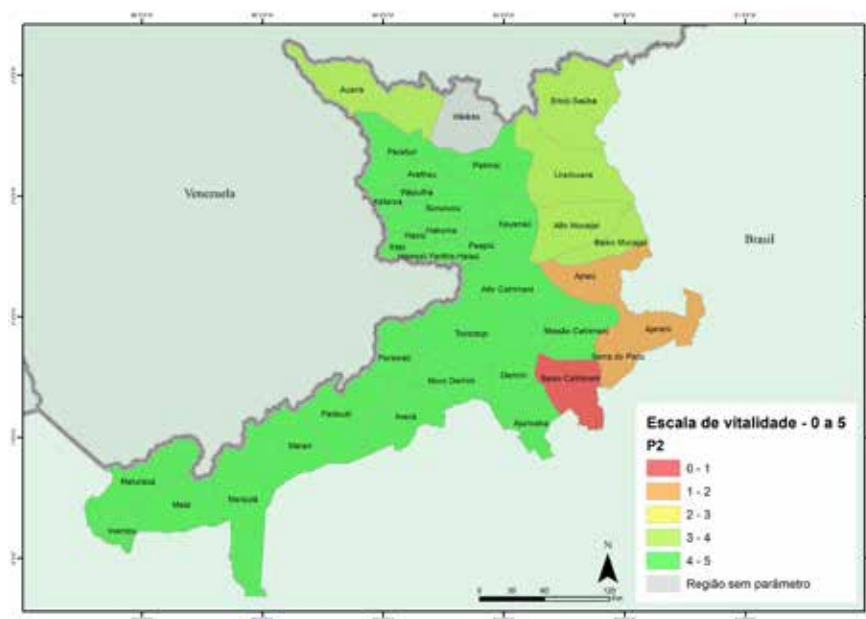
85. Apenas o índice P3 também é simples nesse sentido.

**Tabela 4.2**  
Índice P2 de vitalidade segundo o parâmetro do número absoluto de falantes - total de falantes por língua e país

Língua	Falantes			Índice P2
	Brasil	Venezuela	Total	
Yãnoma	178	0	178	1,2
Yãroamë	359	0	359	1,4
Sanõma	3.164	1.444	4.608	3,4
Ninam	1.674	418	2.092	3,2
Yanomam Yanomae Yanomama	11.921	584	12.505	4,1
Yanomami Yanomami	8.511	8.895	17.406	4,2
<b>Total</b>	<b>25.807</b>	<b>11.341</b>	<b>37.148</b>	

84. Em agosto de 1993 um grupo de garimpeiros matou todos os 16 Yanomami da comunidade Haximu que encontraram na casa coletiva, em sua maioria mulheres e crianças, já que quase todos os homens estavam em visita a outra maloca. Poucos conseguiram fugir. O caso foi qualificado como genocídio pela Justiça brasileira, pela ação e intenção em exterminar todo o grupo (CCPY 2001).

**Mapa 4.3**  
A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro do número absoluto de falantes (P2)



la de pontuação, segundo a tabela acima.

O Índice P2 também é diferente dos demais por não ter um recorte fundamentalmente regional, mas sobretudo linguístico, uma vez que o índice se refere à população total de falantes da língua e não à população de falantes em cada região individualmente. As regiões com situações socioculturais distintas, mas falantes de uma mesma língua, apresentam, assim, valores idênticos.

Cabe ainda mencionar que em todos os casos foi considerada a população total que se identifica com a língua, incluindo seus filhos em estágio pré-verbal (0-3 anos), tanto no Brasil como na Venezuela, ainda que os dados demográficos sobre os Yanomami daquele país sejam um tanto escassos e imprecisos.

### Nossas análises

Sob a perspectiva do total absoluto de falantes, nenhuma língua da família Yanomami está plenamente segura. Muito pelo contrário, estão vulneráveis e algumas até mesmo extremamente vulneráveis.

Yanomami é a língua Yanomami com o maior número de falantes, com 7.731 falantes no Brasil e aproximadamente 9.000 na Venezuela. O Yanomami tem um número similar de falantes, com aproximadamente 10.700 falantes no Brasil (é a língua Yanomami mais falada no país) e cerca de 580 na Venezuela. Esses números colocam essas duas línguas no nível 4 da escala

de vitalidade. Deve ser notado, entretanto, que ambas as línguas estão nos patamares mais baixos desse nível (4,2 e 4,1) e precisariam multiplicar o número de falantes por 6 (ou 7) para ascenderem ao nível de segurança 5 na escala. As línguas Sanõma e Ninam estão no nível 3 da escala, estando o Ninam também num patamar baixo nesse nível, mas os índices sugerem uma situação de alta vulnerabilidade para ambas as línguas segundo esse parâmetro.

As duas línguas da família Yanomami que são faladas exclusivamente no Brasil são as que estão em situação mais crítica a esse respeito. A história do contato dos grupos falantes de Yãroamë e Yãnoma com a sociedade nacional ajuda a explicar as razões do baixo número de falantes que apresentam hoje. De todos os modos, o Yãroamë, que conta atualmente com 427 falantes, e o Yãnoma, com apenas 122, pontuaram 1 na escala de vitalidade (o Yãnoma no patamar mais baixo: 1,1). Essas duas línguas encontram-se extremamente vulnerabilizadas do ponto de vista populacional, requerendo atenção emergencial.

Qualquer intenção de melhoria no índice de vitalidade das línguas Yanomami segundo esse parâmetro passa necessariamente por ações de garantia da integridade da TIY, livre dos invasores que desequilibram social e ambientalmente as regiões que exploram, de garantia da saúde da população yanomami, e por ações voltadas a estimular a permanência da juventude yanomami dentro da TIY.

### 4.2.3. Proporção de falantes em relação à população total (Parâmetro 3 - P3)

A não ser por desastres naturais ou epidemias, como nos exemplos históricos e hipotéticos mencionados na seção anterior, uma língua não morre de um dia para o outro. Esse é um processo geralmente lento, que pode levar três ou mais gerações para se completar. E quando esse processo está em curso, a demografia da comunidade inevitavelmente se divide entre os que são falantes (nativos ou não) da língua e os não falantes. Com frequência, esse recorte linguístico coincide com algum recorte etário, como, por exemplo, situações em que apenas as pessoas mais velhas de determinada comunidade falam a língua, seguida pela segunda geração, a qual as pessoas compreendem, mas não falam, e a geração mais nova, que já não fala nem compreende a língua materna de seus avós.

### Metodologia

Para a formação desse índice em particular, além dos questionários eletrônicos com membros das comunidades, foram entrevistados diversos pesquisadores e trabalhadores de campo das diversas regiões da TIY. Foram também consultadas as sete associações yanomami que forneceram informações atualizadas e de primeira mão sobre esse aspecto da situação sociolinguística das regiões que representam. A proporção de falantes nas diferentes regiões da TIY foi avaliada segundo a escala apresentada na Tabela 4.3 abaixo.

### Nossas análises

Este é sem dúvida o parâmetro de vitalidade linguística em que as línguas Yanomami melhor pontuam. Com exceção de Ajuricaba, em todas as regiões da TIY 100% das pessoas que se identificam como Yanomami (ou Yanomami, Yanonami, Sanõma, Ninam, Yãroamë, Yãnoma, Ya-

nomae, Yanomami...) são também falantes de uma variedade Yanomami. Além disso, todos são falantes nativos, conforme as investigações regionais dos pesquisadores indígenas. Há registros de comunidades com uma ou duas pessoas não Yanomami como moradoras e que não são

Assim como P2, o Índice P3 é simples, no sentido de ser formado por apenas uma pontuação. Diferentemente de P2, no entanto, o Índice P3 tem um recorte regional, assim como os demais índices.

**Tabela 4.3**  
Avaliação da proporção de falantes na comunidade numa escala de 0 a 5

Proporção de falantes	Pontuação	
Todos	90% a 100%	5
Quase todos	70% a 90%	4
Pouco mais da metade	50% a 70%	3
Pouco menos da metade	30% a 50%	2
Muito poucos	10% a 30%	1
Ninguém ou quase ninguém	0% a 10%	0

nomae, Yanomami...) são também falantes de uma variedade Yanomami. Além disso, todos são falantes nativos, conforme as investigações regionais dos pesquisadores indígenas. Há registros de comunidades com uma ou duas pessoas não Yanomami como moradoras e que não são

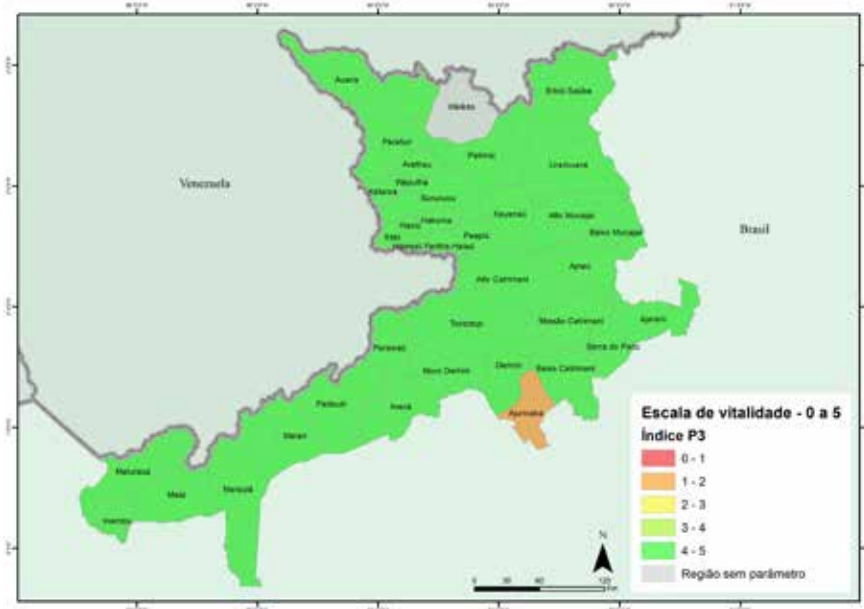
Língua	Região	Índice P3
Yãnoma	Baixo Catrimani	5
Yãroamë	Ajarani	5
	Apiáú	5
	Serra do Pacu	5
Sanõma	Awaris	5
Ninam	Alto Mucajá	5
	Baixo Mucajá	5
	Ericó-Saúba	5
	Uraricuera	5
Yanomami Yanomae Yanomama	Alto Catrimani	5
	Aratháú	5
	Demini	5
	Hakoma	5
	Haxiú	5
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	5
	Kayanaú	5
	Missão Catrimani	5
	Novo Demini	5
	Palimiú	5
	Papiú	5
	Parafuri	5
	Surucucu	5
	Toototopi	5
	Waputha	5
Xitei	5	
Yanonami Yanomami	Ajuricaba	2
	Aracá	5
	Inambu	5
	Kataroa	5
	Maiá	5
	Marari	5
	Marauiá	5
	Maturacá	5
	Padauri	5
	Parawaú	5

**Tabela 4.4**  
**Índice P3 de vitalidade segundo o parâmetro do número relativo de falantes na comunidade - resultados por língua e região**

falantes da língua, como no Baixo Catrimani ou Maturacá, mas sua presença não chega a impactar na porcentagem final de falantes e não falantes.

A única região que não obteve nota máxima, Ajuricaba, apresenta na verdade um índice bastante alarmante segundo esse parâmetro, em que menos da metade da população identificada como Yanomami é falante da língua. Essa situação é fruto de uma interrupção continuada e já temporalmente relevante na transmissão intergeracional da língua. Ajuricaba é, portanto, a única zona alaranjada no Mapa 4.4, relativo ao Parâmetro 3 (P3).

**Mapa 4.4**  
**A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da proporção de falantes na comunidade (P3)**



#### 4.2.4. Perda de domínios de uso da língua (Parâmetro 4 - P4)

O português é sem dúvida a principal (e na maioria das regiões da TIY a única) língua com a qual as línguas Yanomami disputam espaço. A maneira pela qual a língua portuguesa se faz presente em cada uma das centenas de comunidades da TIY varia em razão dos diferentes contextos históricos, sociais e geográficos em que se inserem, incluindo as diferentes dinâmicas de relação com os *napëpë* e variadas escolhas dos membros das comunidades sobre o nível de interação que querem ter com a sociedade nacional. Em outras palavras, as razões pelas quais a língua perde um domínio de uso são variadas e somente podem ser compreendidas completamente se consideradas as especificidades locais.

#### Metodologia

A avaliação da vitalidade das línguas Yanomami segundo o Parâmetro 4, da perda de domínios de uso, requereu segmentá-lo em três subparâmetros:

**1. Subparâmetro D** → Substituição de itens lexicais: Sob esse subparâmetro buscou-se medir a substituição de palavras Yanomami pelas do português. Foi investigado o uso na fala das crianças de seis palavras do português, tanto que indicam objetos do contato (“terçado”), como de conteúdo gramatical (“não”, “dois” e “cadê”) e palavras de grande conteúdo afetivo (“pai” e “mãe”), obviamente atribuindo um peso diferente para a substituição de um ou outro tipo de palavra.

**2. Subparâmetro E** → Consumo de materiais culturais em português: Esse indicador foi obtido de maneira bastante indireta, apenas por meio da verificação da quantidade de aparelhos de reprodução de material audiovisual (celular, tocador de DVD e MP3, TV, aparelho de som...). Foi considerado que, dado o baixíssimo número de produtos audiovisuais em línguas Yanomami, a presença e o uso de equipamento eletrônico na comunidade implicava necessariamente consumo de produtos culturais em português. O indicador aqui produzido, como alguns outros deste diagnóstico, deve assim ser encarado como um esforço de mensurar e avaliar uma situação que,

De toda maneira, uma língua morre ou pode começar a morrer por não ter mais espaço social e físico para ser utilizada. Esse processo não é imediato e homogêneo em todos os domínios de uso da língua, ficando às vezes restrito ao consumo de produtos culturais (escritos e audiovisuais) ou a um único espaço social, como eventos políticos, escola, posto de saúde, festas e mesmo práticas tradicionais, mas outras vezes se generalizado para todas as situações de uso da língua. Assim, identificar precisa e precocemente possíveis espaços de perda é fundamental para se pensar adequadamente, e a tempo, ações de proteção e fortalecimento da língua.

na realidade, é muito difícil de ser avaliada e medida com confiança numa área tão grande como a TIY. Um indicador indireto é muitas vezes a única ferramenta disponível para uma avaliação desse tipo.

**3. Subparâmetro F** → Continuidade/descontinuidade de práticas culturais: Sob esse subparâmetro procurou-se averiguar a vitalidade e a transmissão de práticas culturais que estão profundamente entrelaçadas com a língua, como o festival funerário *reahu*, os diálogos cerimoniais *wâyamu* e as práticas xamânicas.

A seguir, apresentamos as perguntas que orientaram nossa avaliação, de acordo com cada um dos subparâmetro listados acima, e a metodologia de composição dos subindicadores.

#### Subparâmetro D: Substituição de itens lexicais

	Respostas possíveis e pontuação	
	Não	Sim
<b>D1)</b> As crianças usam na comunidade a palavra “mãe” em português?	1	0
<b>D2)</b> As crianças usam na comunidade a palavra “pai” em português?	1	0
<b>D3)</b> As crianças usam na comunidade a palavra “não” em português?	1	0
<b>D4)</b> As crianças usam na comunidade a palavra “dois” em português?	1	0
<b>D5)</b> As crianças usam na comunidade a palavra “cadê” em português?	1	0
<b>D6)</b> As crianças usam na comunidade a palavra “terçado” em português?	1	0

Na composição do indicador desse subparâmetro foram atribuídos pesos diferentes a cada tipo de item lexical substituído. À substituição das palavras Yanomami pelas correspondentes em português “mãe” e “pai” foi atribuído peso 3, enquanto à substituição de palavras gramaticais como “não”, “cadê” e “dois” foi dado peso 2. O uso da palavra em português “terçado” pela correspondente yanomami foi avaliado com peso 1. Os diferentes pesos procuram refletir a importância geralmente atribuída aos campos lexicais

a que pertencem essas palavras. A fórmula que representa a composição do indicador pode ser expressa como abaixo. O valor 0,83, que multiplica a média ponderada, serve para adequá-la à escala usada no diagnóstico (0 a 5).

$$\text{Índice D} = (3D1 + 3D2 + 2D3 + 2D4 + 2D5 + D6)/13 * 0,83$$

A Tabela 4.5 apresenta os índices obtidos segundo o subparâmetro D em cada região da TIY.

**Tabela 4.5**  
Subparâmetro D da substituição de itens lexicais - resultados por língua, região e item lexical

Língua	Região	Mãe	Pai	Não	Dois	Cadê	Terçado	Índice D
Yãnoma	Baixo Catrimani	0	0	0	0	0	0	0
Yaroamë	Ajarani	0	0	0	0	0	0	0
	Apiáú	0	0	0	0	0	0	0
	Serra do Pacu	0	0	0	1	1	1	1,9
Sanõma	Awaris	0,8	0,8	0,8	0,1	0,8	0,8	3,6
Ninam	Alto Mucajáí	0	0	0	0	0	0,5	0,2
	Baixo Mucajáí	0	0	0	0	0	1	0,4
	Ericó-Saúba	1	1	1	1	1	1	5
	Uraricuera	0	0	1	1	1	1	2,7
Yanomam Yanomae Yanomama	Alto Catrimani	1	1	0	0,3	0,3	1	3,2
	Aratháú	1	1	0	0	1	1	3,5
	Demini	0,5	0,5	0	0	0,5	1	1,9
	Hakoma	1	1	0	0	0	1	2,7
	Haxiú	1	1	0	1	1	1	4,2
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	1	1	0	1	1	1	4,2
	Kayanaú	1	1	0,5	0	1	1	3,8
	Missão Catrimani	0,7	0,7	0,8	0,5	0,9	0,9	3,6
	Novo Demini	0,5	0,5	0,3	0	0,3	0,5	1,7
	Palimiú	1	1	0,5	0	0	1	2,3
	Papiú	0,7	0,7	0,7	0,3	0,7	0,7	3,1
	Parafuri	0,5	0,5	0	0,5	0,5	0,5	2,1
	Surucucu	1	1	0	0,1	0,4	0,8	3
	Toototopi	0,7	0,7	0,3	0,5	0,5	0,7	2,8
	Waputha	1	1	0	0	1	1	3,5
Xitei	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,7	1,8	
Yanonami Yanomami	Ajuricaba	0	0	0	0	0	0	0
	Aracá	0	0	0	0	0	0	0
	Inambu	0	0	0	0	0	0	0
	Kataroa	1	1	0	1	1	1	4,2
	Maiá	0	0	0	0	0	1	0,4
	Marari	0	0	0	1	1	1	1,9
	Marauiá	0,2	0,1	0,1	0,3	0,5	0,4	1,2
	Maturacá	0	0,2	0,3	0,3	0,5	0,5	1,3
	Padauri	1	1	1	1	1	0,5	4,8
	Parawaú	1	1	0	0	0	0,5	2,5

**Subparâmetro E: Consumo de materiais culturais em português**

	Respostas possíveis e pontuação	
	Não	Sim
E1) Existem celulares na comunidade?	1	0
E2) Existem tocadores de DVD na comunidade?	1	0
E3) Existem aparelhos de som na comunidade?	1	0
E4) Existem televisores (TV) na comunidade?	1	0

$$\text{Índice E} = (E1+E2+E3+E4) \times 1,25$$

Língua	Região	E1 (Cel)	E2 (DVD)	E3 (Som)	E4 (TV)	Pontuação (0 a 4)	Índice E (0 a 5)
Yãnoma	Baixo Catrimani	0	1	0,5	1	2,5	3,1
Yaroamë	Ajarani	0	1	1	1	3	3,8
	Apiáú	0	0	0	0	0	0
	Serra do Pacu	1	1	1	1	4	5
Sanõma	Awaris	0,7	0,9	0,9	0,8	3,3	4,1
Ninam	Alto Mucajáí	0,5	1	0,5	0,5	2,5	3,1
	Baixo Mucajáí	0	0	0	0	0	0
	Ericó-Saúba	0	0	0	1	1	1,3
	Uraricuera	0	0	0	0	0	0
Yanomam Yanomae Yanomama	Alto Catrimani	0,5	0,5	0,5	1	2,5	3,1
	Aratháú	0	1	0	1	2	2,5
	Demini	0,3	1	1	1	3,3	4,1
	Hakoma	0	1	1	1	3	3,8
	Haxiú	0	1	1	1	3	3,8
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	0	1	1	1	3	3,8
	Kayanaú	0	0	0	1	1	1,3
	Missão Catrimani	0,6	1	0,8	1	3,3	4,2
	Novo Demini	0	1	0,7	0,7	2,3	2,9
	Palimiú	0,5	0,5	0,7	1	2,7	3,4
	Papiú	0,5	1	0,5	1	3	3,8
	Parafuri	0,7	1	1	0,9	3,5	4,4
	Surucucu	0,4	1	0,9	1	3,3	4,1
	Toototopi	0,1	0,9	0,9	0,9	2,7	3,4
	Waputha	0,5	1	1	1	3,5	4,4
Xitei	0,3	0,8	0,9	1	3	3,8	
Yanonami Yanomami	Ajuricaba	0	0	0	0	0	0
	Aracá	1	1	1	1	4	5
	Inambu	0	0	0,5	0	0,5	0,6
	Kataroa	0,8	1	0,8	1	3,6	4,5
	Maiá	0	0	0	0	0	0
	Marari	0	1	0,7	0,7	2,3	2,9
	Marauiá	0	0,6	0,7	0,5	1,8	2,2
	Maturacá	0,2	0,2	0,2	0	0,5	0,6
	Padauri	0,6	0,8	0,8	1	3,2	4
	Parawaú	0,6	0,8	0,8	1	3,2	4

**Tabela 4.6**  
Subparâmetro E do consumo de materiais culturais em português (via presença de equipamento de reprodução audiovisual) - resultados por língua, região e equipamento eletrônico

**Subparâmetro F: Continuidade/descontinuidade de práticas culturais**

	Respostas possíveis e pontuação	
	Sim	Não
F1) Na comunidade fazem festa funerária <i>reahu</i> ?	1	0
F2) Na comunidade as pessoas praticam os diálogos cerimoniais <i>wayamu</i> ?	1	0
F3) Os jovens da comunidade praticam os diálogos cerimoniais <i>wayamu</i> ?	1	0
F4) Existem xamãs na comunidade?	1	0
F5) Existem jovens na comunidade aprendendo ou que aprenderam xamanismo?	1	0

$$\text{Índice F} = (F1+F2+F3+F4+F5)$$

**Tabela 4.7 Subparâmetro F da continuidade/descontinuidade de práticas culturais tradicionais - resultados por língua, região e questão**

Língua	Região	F1	F2	F3	F4	F5	Índice F
<b>Yãnoma</b>	Baixo Catrimani	1	1	0,5	1	0	3,5
<b>Yaroamẽ</b>	Ajarani	1	1	0	0	0	2
	Apiáú	0	1	0	1	0	2
	Serra do Pacu	0,4	0,2	0,2	0,4	0,4	1,6
<b>Sanõma</b>	Awaris	0,9	0,9	0,9	0,9	0,7	4,3
<b>Ninam</b>	Alto Mucajáí	0,5	1	0	1	0	2,5
	Baixo Mucajáí	0,5	0,5	0	1	0	2
	Ericó-Saúba	1	1	0	1	1	4
	Uraricuera	1	0	0	0	0	1
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	1	0,8	0,5	1	0,1	3,4
	Aratháú	1	1	1	1	1	5
	Demini	1	1	0,5	1	0,8	4,3
	Hakoma	1	1	1	1	0	4
	Haxiú	1	1	1	1	1	5
	Homoxi-Yaritha-Haiáú	1	1	1	1	1	5
	Kayanaú	1	1	0,5	0	0	2,5
	Missão Catrimani	1	0,9	0,9	0,9	0,2	3,9
	Novo Demini	1	0,8	1	1	0,5	4,3
	Palimiú	1	1	1	1	0	4
	Papiú	1	1	1	1	0,2	4,2
	Parafuri	1	1	1	1	0,7	4,7
	Surucucu	1	1	1	0,6	0,3	3,9
	Toototopi	1	1	1	1	0,9	4,9
	Waputha	1	1	1	0,5	1	4,5
Xitei	1	1	1	1	0,9	4,9	
<b>Yanonami Yanomami</b>	Ajuricaba	0,5	0,5	0	0	0	1
	Aracá	1	1	1	1	0	4
	Kataroa	1	1	1	1	0,5	4,5
	Inambu	1	1	0,5	0,5	0,5	3,5
	Maiá	1	1	1	1	1	5
	Marari	1	1	1	1	0	4
	Marauiá	1	0,9	0,8	1	0,8	4,5
	Maturacá	0,8	0,7	0,2	0,7	0,3	2,7
	Padauri	1	1	1	1	0	4
	Parawaú	1	1	1	1	1	5

O Índice F foi obtido pelo somatório simples da pontuação obtida em cada questão (F1, F2, F3, F4 e F5) do Subparâmetro F da transmissão de práticas culturais tradicionais, conforme a expressão abaixo. Os valores de cada região são apresentados na Tabela 4.7.

Para a composição do Índice P4 de vitalidade foi feita uma média ponderada dos Índices D, E e F, atribuindo peso 3 aos dois últimos e peso 1 ao primeiro, conforme a fórmula a seguir.

$$\text{Índice P4} = (D+3E+3F)/7$$

**Tabela 4.8 • Índice P4 de vitalidade segundo o parâmetro da perda de domínios de uso - resultados por língua, região e subparâmetro**

Língua	Região	Índice D	Índice E	Índice F	Índice P4
<b>Yãnoma</b>	Baixo Catrimani	0	3,1	3,5	2,8
<b>Yaroamẽ</b>	Ajarani	0	3,8	2	2,5
	Apiáú	0	0	2	0,9
	Serra do Pacu	1,9	5	1,6	3,1
<b>Sanõma</b>	Awaris	3,6	4,1	4,3	4,1
<b>Ninam</b>	Alto Mucajáí	0,2	3,1	2,5	2,4
	Baixo Mucajáí	0,4	0	2	0,9
	Ericó-Saúba	5	1,3	4	3
	Uraricuera	2,7	0	1	0,8
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	3,2	3,1	3,4	3,2
	Aratháú	3,5	2,5	5	3,7
	Demini	1,9	4,1	4,3	3,9
	Hakoma	2,7	3,8	4	3,7
	Haxiú	4,2	3,8	5	4,4
	Homoxi-Yaritha-Haiáú	4,2	3,8	5	4,4
	Kayanaú	3,8	1,3	2,5	2,2
	Missão Catrimani	3,6	4,2	3,9	4
	Novo Demini	1,7	2,9	4,3	3,3
	Palimiú	2,3	3,4	4	3,5
	Papiú	3,1	3,8	4,2	3,9
	Parafuri	2,1	4,4	4,7	4,2
	Surucucu	3	4,1	3,9	3,9
	Toototopi	2,8	3,4	4,9	4
	Waputha	3,5	4,4	4,5	4,3
Xitei	1,8	3,8	4,9	4	
<b>Yanonami Yanomami</b>	Ajuricaba	0	0	1	0,4
	Aracá	0	5	4	3,9
	Inambu	0	0,6	4,5	2,2
	Kataroa	4,2	4,5	3,5	3,7
	Maiá	0,4	0	5	2,2
	Marari	1,9	2,9	4	3,2
	Marauiá	1,2	2,2	4,5	3
	Maturacá	1,3	0,6	2,7	1,6
	Padauri	4,8	4	4	4,1
	Parawaú	2,5	4	5	4,2



Encontro de xamãs yanomami na casa coletiva de Watoriki

Beto Ricardo/ISA, 2011

### Nossas análises

Como mostra o Mapa 4.5, as regiões que obtiveram os maiores valores do Índice P4 foram as regiões, distantes do limite da TIY. A região do Ajuricaba e todas as regiões próximas ao limite leste da TIY parecem ser as mais ameaçadas e vulneráveis sob o parâmetro da perda de domínio. A proximidade de acampamentos, vilas e cidades, que caracteriza as comunidades dessa porção da TIY, parece mais uma vez exercer um papel importante no processo de perda linguística.

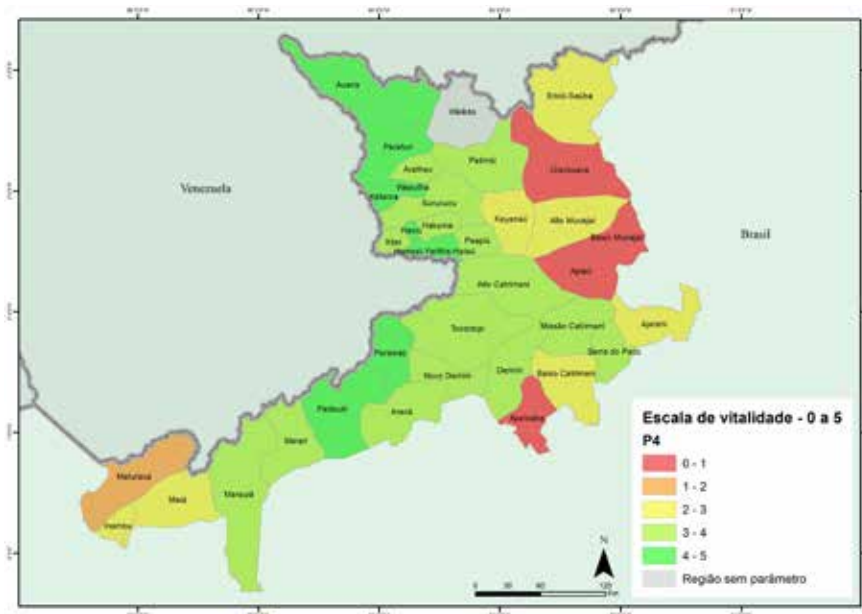
Em regiões próximas à fronteira da TIY, como Uraricoera, Maturacá, Ajarani e Apiaú, nossa pesquisa verificou o maior

grau de descontinuidade das práticas tradicionais e/ou sua transmissão.

Note que as regiões de Alto Mucajaí, Palimiú, Kayanaú e Papiú lidam há tempo com a presença garimpeira, o que possivelmente explica o baixo valor obtido por elas, ainda que estejam relativamente distantes dos limites da TIY. A alta quantidade de aparelhos eletrônicos nesses lugares talvez seja resultado direto dessa presença. O baixo índice de transmissão intergeracional de algumas práticas tradicionais, como o xamanismo, os festivais funerários e os diálogos cerimoniais, que vêm perdendo força em regiões como o Alto Mucajaí, Baixo Mucajaí, Uraricoera, Palimiú, Marari, Padauri e Novo Demini, possivelmente reflete o resultado da ação missionária bem-sucedida da MEVA e da MNTB.

As regiões do limite oeste da TIY, mais especificamente Maturacá, Marauíá e Inambu, também lidaram com um longo processo de evangelização e de escolarização, principalmente em português, ambos os processos levados a cabo por missionários salesianos. Essas regiões também apresentam valores baixos de vitalidade sob esse parâmetro.

Maturacá, Surucucu e Awaris são regiões que abrigam pelotões de fronteira do Exército brasileiro, instituições que são, com as atuais políticas linguísticas, inevitáveis fontes de dispersão não planejada do português na TIY, ajudando a impactar negativamente o Índice P4 nessas comunidades.



Mapa 4.5  
A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da perda de domínios de uso da língua (P4)

### 4.2.5. Resposta a novos domínios e mídias (Parâmetro 5 - P5)

Uma língua se mantém viva e forte se ela acompanha os processos de mudanças sociais e está presente nos novos espaços da vida da comunidade falante. A história de muitos povos mostra o papel que a introdução da escola baseada somente na língua portuguesa, por exemplo, teve no processo de perda ou enfraquecimento de suas línguas originais, como o Macuxi e outras línguas do lavrado roraimense. Por outro lado, é sinal de vigor e relevância social a língua que circula pelos meios de comunicação que são efetivamente usados pela comunidade linguística, tanto os escritos como livros, revistas, jornais, como os audiovisuais, como radiofonia, rádio e TV. Além disso, ante a rápida expansão da internet e dispositivos eletrônicos em todo o mundo – inclusive entre a juventude ya-

nomami –, novos desafios são colocados para a sobrevivência a longo prazo das línguas minoritárias, que são assim chamadas a se “modernizar”, no sentido de passarem a ser utilizadas em meios e contextos não exclusivamente tradicionais. O Parâmetro 5 (P5) deste diagnóstico pretende avaliar precisamente a força com que as línguas Yanomami estão ocupando esses novos espaços sociais e de mídia, e assim se preparando para o futuro.



Ana Maria Machado/ISA, 2014

### Metodologia

Neste diagnóstico, o parâmetro da resposta a novos domínios e mídias foi dividido em três subparâmetros:

- 1. Subparâmetro G** → Uso da língua em novos espaços sociais: Dedicado a analisar a resposta das línguas Yanomami a espaços como a escola e o posto de saúde.
- 2. Subparâmetro H** → A língua e os meios de comunicação não tradicionais: Preocupado em como as línguas Yanomami ocuparam novos meios de comunicação, seja escritos ou audiovisuais.
- 3. Subparâmetro I** → A língua e os meios digitais: Com preocupação similar ao parâmetro anterior, porém mais focado nos meios de comunicação e suportes digitais, como o computador e a internet.

O Índice P5 foi elaborado a partir da média simples dos índices obtidos segundo os três subparâmetros acima. A função abaixo expressa a composição do Índice P5 de vitalidade, segundo o parâmetro da resposta a novos domínios e mídias.

$$\text{Índice P5} = (G+H+I)/3$$

A seguir, apresentamos as perguntas orientadoras de cada subparâmetro, bem como os resultados obtidos nas diferentes regiões da TIY.

O Índice G foi formado a partir da média simples da pontuação obtida em cada resposta, valor posteriormente corrigido (multiplicado por 2,5) para que se adequasse à escala de 0 a 5, conforme a fórmula:

$$\text{Índice G} = ((G1+G2+G3)/3) \times 2,5$$

**Subparâmetro G: Uso da língua em novos espaços sociais**

Respostas possíveis e pontuação			
	Sim, em todos os contextos, o português não é usado ou muito pouco	Sim, mas não em todos os contextos, o português também é usado em muitos contextos	Não, a língua indígena não é usada em nenhum ou poucos contextos
<b>G1)</b> Na escola, a língua indígena é a primeira e principal língua usada?	2	1	0
<b>G2)</b> No posto de saúde, a língua indígena é a primeira e principal língua usada?	2	1	0
<b>G3)</b> Na radiofonia, a língua indígena é a primeira e principal língua usada?	2	1	0

**Tabela 4.9**  
**Subparâmetro G:**  
**Uso da língua em novos espaços sociais - resultados por língua, região e questão**

Língua	Região	G1	G2	G3	Total	Índice G
<b>Yãnoma</b>	Baixo Catrimani	2	0	1	3	2,5
<b>Yaroamë</b>	Ajarani	2	0	1	3	2,5
	Apiáú	0	0	1	1	0,8
	Serra do Pacu	2	0	1	3	2,5
<b>Sanõma</b>	Awaris	2	0	1	3	2,5
<b>Ninam</b>	Alto Mucajá	2	0	1	3	2,5
	Baixo Mucajá	1	0	1	2	1,7
	Ericó-Saúba	2	0	1	3	2,5
	Uraricuera	2	0	1	3	2,5
<b>Yanomam</b> <b>Yanomae</b> <b>Yanomama</b>	Alto Catrimani	2	0	1	3	2,5
	Aratháú	2	0	1	3	2,5
	Demini	2	0	1	3	2,5
	Hakoma	2	0	1	3	2,5
	Haxiú	2	0	1	3	2,5
	Homoxi-Yaritha-Haiáú	2	0	1	3	2,5
	Kayanaú	2	0	1	3	2,5
	Missão Catrimani	2	0	1	3	2,5
	Novo Demini	2	0	1	3	2,5
	Palimiú	2	0	1	3	2,5
	Papiú	2	0	1	3	2,5
	Parafuri	2	0	1	3	2,5
	Surucucu	2	0	1	3	2,5
	Toototopi	2	0	1	3	2,5
	Waputha	2	0	1	3	2,5
	Xitei	2	0	1	3	2,5
<b>Yanonami</b> <b>Yanomami</b>	Ajuricaba	0	0	1	1	0,8
	Aracá	2	0	1	3	2,5
	Inambu	1	0	1	3	1,7
	Kataroa	2	0	1	3	2,5
	Maiá	1	0	1	2	1,7
	Marari	2	0	1	3	2,5
	Maraiúá	2	0	1	3	2,5
	Maturacá	1	0	1	2	1,7
	Padauri	2	0	1	3	2,5
	Parawaú	2	0	1	3	2,5

**Subparâmetro H: A língua e os meios de comunicação não tradicionais**

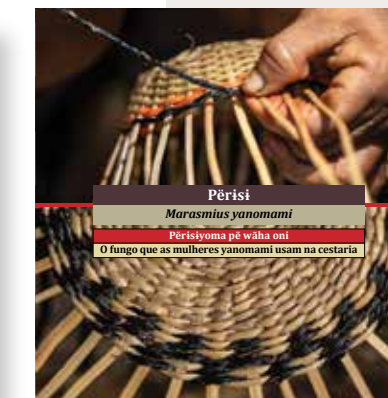
Respostas possíveis e pontuação		
<b>H1)</b> Existe (ou existiu nos últimos cinco anos) publicação jornalística (jornal ou revista) na língua? Quantos números?	Mais de 2.000 números	5
	301 a 2.000 números	4
	51 a 300 números	3
	11 a 50 números	2
	1 a 10 números	1
	Nenhum	0
<b>H2)</b> Existe (ou existiu nos últimos cinco anos) algum material em vídeo (DVD, filme, documentário, reportagem) feito na língua ou traduzido para ela? De quantas horas no total?	Mais de 100 horas	5
	51 a 100 horas	4
	21 a 50 horas	3
	6 a 20 horas	2
	1 a 5 horas	1
	Nenhum	0
<b>H3)</b> Existe (ou existiu nos últimos 5 anos) algum material em áudio (CD, programa de rádio, reportagem) produzido na língua? De quantas horas no total?	Mais de 100 horas	5
	51 a 100 horas	4
	21 a 50 horas	3
	6 a 20 horas	2
	1 a 5 horas	1
	Nenhum	0
<b>H4)</b> Quantos livros já foram escritos na língua?	Mais de 2.000 livros	5
	301 a 2.000 livros	4
	31 a 300 livros	3
	6 a 30 livros	2
	1 a 5 livros	1
	Nenhum	0

A média simples dos subindicadores H1, H2, H3 e H4 gerou o Índice H de vitalidade, que buscou avaliar as respostas das línguas Yanomami aos novos meios de comunicação. A composição desse índice tem a seguinte expressão:

$$\text{Índice H} = (\text{H1} + \text{H2} + \text{H3} + \text{H4}) / 4$$

Livros bilíngues produzidos por pesquisadores yanomami. Da esquerda para a direita:

- 1) livro sobre cogumelos sanõma (2016)
- 2) livro sobre peixes, crustáceos e moluscos sanõma (2016)
- 3) livro sobre o fungo usado nas cestarias yanomami (2019)



**Tabela 4.10**  
Subparâmetro H:  
A língua e os meios  
de comunicação  
não tradicionais -  
resultados por  
língua e região

Língua	Região	H1	H2	H3	H4	Índice H	
Yãnoma	Baixo Catrimani	0	0	0	0	0	
Yaroamë	Ajarani	0	0	0	0	0	
	Apiáú	0	0	0	0	0	
	Serra do Pacu	0	0	0	0	0	
Sanõma	Awaris	1	1	1	2	1,3	
Ninam	Alto Mucajaí	0	0	0	1	0,3	
	Baixo Mucajaí	0	0	0	0	0	
	Ericó-Saúba	0	0	0	0	0	
	Uraricuera	0	0	0	0	0	
Yanomam	Alto Catrimani	0	0	0	0	0	
Yanomae	Aratháú	0	0	0	0	0	
Yanomama	Demini	1	1	1	1	1	
	Hakoma	0	0	0	0	0	
	Haxiú	0	0	0	0	0	
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	0	0	0	0	0	
	Kayanaú	0	0	0	0	0	
	Missão Catrimani	1	0	0	2	0,8	
	Novo Demini	0	0	0	0	0	
	Palimiú	1	1	1	1	1	
	Papiú	0	0	0	0	0	
	Parafuri	0	0	0	0	0	
	Surucucu	0	0	0	0	0	
	Toototopi	1	1	1	2	1,3	
	Waputha	0	0	0	0	0	
	Xitei	0	0	0	0	0	
	Yanonami	Ajuricaba	0	0	0	1	0,3
	Yanomami	Aracá	0	0	0	0	0
Inambu		0	0	0	0	0	
Kataroa		0	0	0	1	0,3	
Maiá		0	0	0	0	0	
Marari		0	0	0	0	0	
Maraiúá		0	0	0	2	0,5	
Maturacá		0	0	0	2	0,5	
Padauri		0	0	0	0	0	
Parawaú		0	0	0	0	0	

**Subparâmetro I:**  
A língua e os  
meios digitais

	Respostas possíveis e pontuação	
	Sim	Não
<b>I1)</b> Existe uma versão da wikipedia (ou similar) na língua?	1	0
<b>I2)</b> Existe uma versão do Windows, Office ou navegador de internet na língua?	1	0
<b>I3)</b> Existe dicionário digital/corretor ortográfico (para ser usado em editores de texto) na língua?	1	0
<b>I4)</b> Existe teclado para se escrever a língua no computador de acordo com sua ortografia vigente?	1	0
<b>I5)</b> Existe programa de reconhecimento de voz para a língua?	1	0

O índice do subparâmetro I é a somatória simples da pontuação obtida em cada pergunta (I1, I2, I3, I4, I5), como representado abaixo.

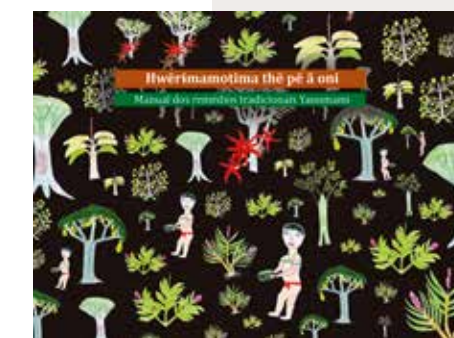
$$\text{Índice I} = (I1+I2+I3+I4+I5)$$

**Tabela 4.11 • Subparâmetro I: A língua e os meios digitais - resultados por língua e região**

Língua	Região	I1	I2	I3	I4	I5	Índice I	
Yãnoma	Baixo Catrimani	0	0	0	1	0	1	
Yaroamë	Ajarani	0	0	0	1	0	1	
	Apiáú	0	0	0	1	0	1	
	Serra do Pacu	0	0	0	1	0	1	
Sanõma	Awaris	0	0	0	1	0	1	
Ninam	Alto Mucajaí	0	0	0	1	0	1	
	Baixo Mucajaí	0	0	0	1	0	1	
	Ericó-Saúba	0	0	0	1	0	1	
	Uraricuera	0	0	0	1	0	1	
Yanomam	Alto Catrimani	0	0	0	1	0	1	
Yanomae	Aratháú	0	0	0	1	0	1	
Yanomama	Demini	0	0	0	1	0	1	
	Hakoma	0	0	0	1	0	1	
	Haxiú	0	0	0	1	0	1	
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	0	0	0	1	0	1	
	Kayanaú	0	0	0	1	0	1	
	Missão Catrimani	0	0	0	1	0	1	
	Novo Demini	0	0	0	1	0	1	
	Palimiú	0	0	0	1	0	1	
	Papiú	0	0	0	1	0	1	
	Parafuri	0	0	0	1	0	1	
	Surucucu	0	0	0	1	0	1	
	Toototopi	0	0	0	1	0	1	
	Waputha	0	0	0	1	0	1	
	Xitei	0	0	0	1	0	1	
	Yanonami	Ajuricaba	0	0	0	1	0	1
	Yanomami	Aracá	0	0	0	1	0	1
Kataroa		0	0	0	1	0	1	
Inambu		0	0	0	1	0	1	
Maiá		0	0	0	1	0	1	
Marari		0	0	0	1	0	1	
Maraiúá		0	0	0	1	0	1	
Maturacá		0	0	0	1	0	1	
Padauri		0	0	0	1	0	1	
Parawaú		0	0	0	1	0	1	

O índice do Parâmetro 5 (P5), da resposta a novos domínios e mídias, foi elaborado a partir da média simples dos índices dos Subparâmetros G, H e I, conforme a função abaixo.

$$\text{Índice P5} = (G+H+I)/3$$

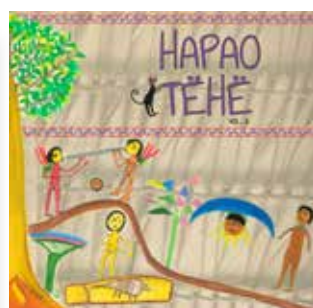


Manual dos remédios tradicionais Yanomami (2015). Livro bilíngue Yanomae e português

**Tabela 4.12 • Índice P5 de vitalidade segundo o parâmetro da resposta a novos domínios e mídias - resultados por língua e região**

Língua	Região	Índice G	Índice H	Índice I	Índice P5
Yänoma	Baixo Catrimani	2,5	0	1	1,2
Yaroamê	Ajarani	2,5	0	1	1,2
	Apiaú	0,8	0	1	0,6
	Serra do Pacu	2,5	0	1	1,2
Sanõma	Awaris	2,5	1,3	1	1,6
Ninam	Alto Mucajaí	2,5	0,3	1	1,3
	Baixo Mucajaí	1,7	0	1	0,9
	Ericó-Saúba	2,5	0	1	1,2
	Uraricuera	2,5	0	1	1,2
Yanomami Yanomae Yanomama	Alto Catrimani	2,5	0	1	1,2
	Aratháú	2,5	0	1	1,2
	Demini	2,5	1	1	1,5
	Hakoma	2,5	0	1	1,2
	Haxiú	2,5	0	1	1,2
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	2,5	0	1	1,2
	Kayanaú	2,5	0	1	1,2
	Missão Catrimani	2,5	0,8	1	1,4
	Novo Demini	2,5	0	1	1,2
	Palimiú	2,5	1	1	1,5
	Papiú	2,5	0	1	1,2
	Parafuri	2,5	0	1	1,2
	Surucucu	2,5	0	1	1,2
	Toototopi	2,5	1,3	1	1,6
	Waputha	2,5	0	1	1,2
	Xitei	2,5	0	1	1,2
	Yanonami Yanomami	Ajuricaba	0,8	0,3	1
Aracá		2,5	0	1	1,2
Inambu		2,5	0	1	1,2
Kataroa		2,5	0,3	1	1,3
Maiá		1,7	0	1	0,9
Marari		2,5	0	1	1,2
Marauiá		2,5	0,5	1	1,3
Maturacá		1,7	0,5	1	1,1
Padauri		2,5	0	1	1,2
Parawaú	2,5	0	1	1,2	

Livros em língua Yanomae sobre mitos da região da Missão Catrimani (2019)



**Nossas análises**

Como nos mostram as tabelas desse indicador, bem como o mapa abaixo, a vitalidade de todas as línguas Yanomami está fragilizada se considerarmos sua presença em novos domínios e mídias.

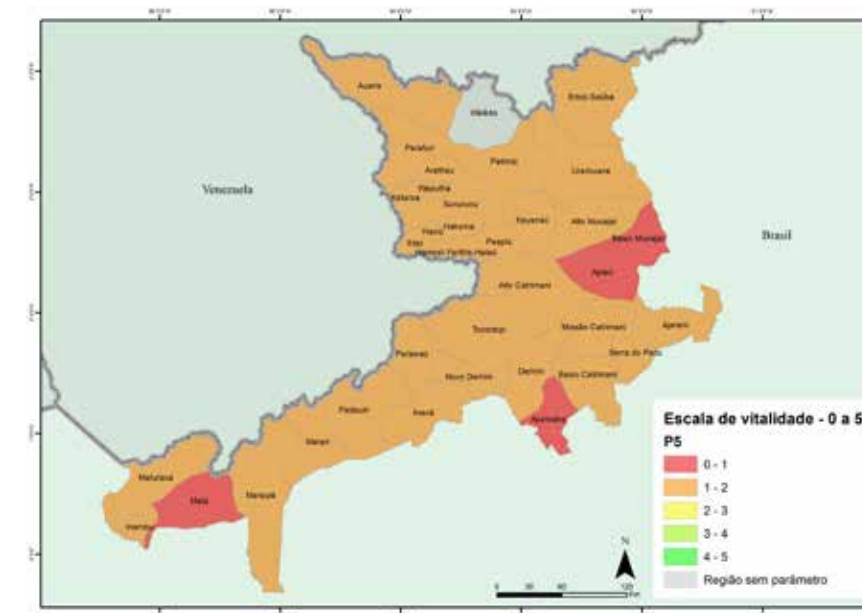
Ao analisarmos a presença das línguas Yanomami em novos domínios e mídias, vimos que o indicador mais positivo, segundo a resposta dos Yanomami entrevistados, foi a **predominância das línguas Yanomami como principal língua de instrução em quase todas as escolas yanomami**, exceto nas das regiões do Ajuricaba e Apiaú, onde apenas o português é utilizado, e nas de Maturacá, Maiá, Inambu e Baixo Mucajaí, onde ambos, português e língua Yanomami, são usados na escola. É interessante notar que, segundo nosso levantamento, todos os professores atuantes na TIY falam uma variedade de língua Yanomami (ver Subparâmetro M, abaixo) e que falar a língua indígena é requisito para admissão como professor nas comunidades yanomami, critério usado pelas Secretarias Estaduais de Educação em Roraima e no Amazonas, e pelas Secretarias Municipais de Educação que administram algumas escolas yanomami.

Se nas escolas as línguas Yanomami predominam, não podemos dizer o mesmo dos postos de saúde, onde o português é a principal língua de circulação – por

vezes a única. São raros os funcionários de saúde que falam ao menos um pouco das línguas Yanomami – a maioria depende da existência (nem sempre possível) de intérpretes no posto para travar uma conversa básica com os pacientes yanomami. Em muitas ocasiões, os pacientes yanomami, mesmo sendo falantes muito incipientes de português, se submetem a consultas conduzidas inteiramente em português. Essa situação representa não só um grande risco para a saúde yanomami, mas também uma grande ameaça para as línguas Yanomami. O posto de saúde, afinal, é o principal espaço físico e social de contato entre os grupos yanomami e a sociedade nacional. Nos postos de saúde, que estão por toda a TIY (são atualmente 72 postos ativos), há uma equipe de dois a até 15 profissionais de saúde, dependendo do tamanho da população atendida, prestando assistência à saúde e residindo todos os dias do ano, sendo que cada profissional fica em média um mês seguido em área. A quase totalidade desses profissionais não domina o vocabulário básico e as estruturas sintáticas elementares das línguas Yanomami.

Algumas organizações de apoio aos Yanomami – tanto ONGs como missões – trabalham com a produção de materiais escritos e audiovisuais nas línguas Yano-

**Mapa 4.6 • A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da resposta a novos domínios e mídias (P5)**

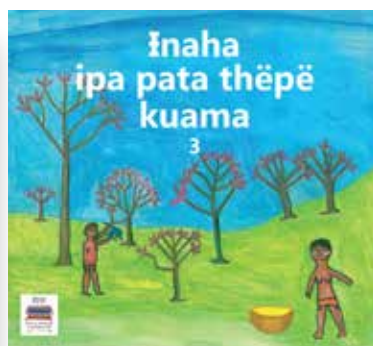
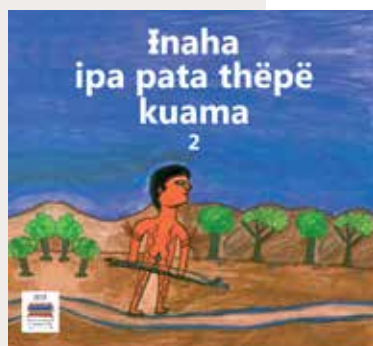




Ana Maria Machado/ISA, 2017

Pesquisador yanomami produz lista de palavras na língua Yaroamê usando aplicativo

Livros em língua Yanomama sobre mitos da região do Papiú (2019)



mami. Este é um fator significativo para manter a vitalidade dessas línguas e foi critério de análise deste diagnóstico.

Ao analisarmos a quantidade de material produzido, constatamos que essas ações são ainda pequenas ante o desafio de fortalecer as seis línguas Yanomami. Há um claro desequilíbrio entre a quantidade de material audiovisual em português, cada vez mais acessível aos Yanomami, e a pequena produção do tipo em suas línguas maternas. Mais uma vez, os postos de saúde têm tido um papel importante na distribuição desse material em língua portuguesa.

Ainda assim, é importante destacar o trabalho de produção de materiais escritos feitos por organizações como ISA, Hutukara, Diocese de Roraima, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Secoya, Rios Profundos, MEVA e MNTB. As regiões de Awaris, Demini, Missão Catrimani (Yanomam) e Papiú destacam-se por maior presença de livros, filmes e jornais produzidos nas línguas locais. Por outro lado, nunca nada foi produzido na língua Yãnoma até o momento.

A expansão de *smartphones* e outros aparelhos tecnológicos entre os Yanomami fez com que, nos últimos anos, as organizações de apoio aos Yanomami passasse a produzir conteúdos digitais junto aos indígenas ou direcionado a eles, como dicionários digitais, aplicativos, filmes, portais. Já as missões proselitistas têm distribuído Bíblias em audiolivros, reproduzidas em pequenos aparelhos alimentados por placas solares, e feito

a tradução de filmes bíblicos para algumas línguas Yanomami.

Embora dezenas de livros, jornais e filmes tenham sido feitos nas línguas Yanomami, a maioria é de difícil acesso aos indígenas, tanto por dificuldades logísticas para envio para a TIY, quanto pela perenidade desses materiais e equipamentos na floresta. Dessa forma, as poucas mídias e materiais existentes nas línguas Yanomami nem sempre estão disponíveis para os falantes dessas línguas, mas as apostas em novas mídias digitais que tenham os *smartphones* como suporte têm se tornado cada vez mais o foco das ações com esse objetivo, visto o aumento da presença desses aparelhos nas comunidades. Ocupar esses novos espaços sociais e de mídias que se apresentam deve ser encarado como estratégico para o futuro das línguas Yanomami.

Entretanto, o meio de comunicação no qual as línguas Yanomami ainda circulam cotidianamente com mais força é sem dúvida o sistema de radiofonia, que conta hoje com 73 rádios em toda a TIY, a maioria instalada pela HAY, mantendo assim um sistema de comunicação diário entre comunidades de diferentes regiões, e entre as comunidades e os Yanomami que estão nas cidades. Vale ainda mencionar que a forte presença das variadas línguas Yanomami na radiofonia tem gerado intercâmbios interessantes entre os falantes, já que alguns aprendem a falar ou mesmo passam a entender melhor outra língua da família Yanomami pelo hábito de escutá-las no rádio.

#### 4.2.6. Material para educação e alfabetização na língua (Parâmetro 6 - P6)

A educação escolar nunca esteve presente homogeneamente em todo o território yanomami. Nas diversas regiões onde existe ou já existiu algum processo escolar, eles se diferem em seus históricos, na forma de implantação, execução e linhas pedagógicas seguidas.

Para dar alguns exemplos, na região de Maturacá a escola foi implementada pelos missionários salesianos em 1964, com alfabetização acontecendo exclusivamente na língua portuguesa. Já nas regiões de Demini e Toototopi as escolas foram apoiadas pelo Projeto de Educação Intercultural (CCPY/ISA) por aproximadamente 16 anos com ensino e produção de materiais em língua Yanomae. Há um processo similar de escolarização – também na língua Yanomae – na região de Missão Catrimani, que é assessorado ainda hoje pela equipe da Diocese de Roraima. Na região do Baixo Mucajá, a escola foi implantada pelos próprios Ninam, em um processo conduzido por pessoas da região que já haviam morado e estudado em Boa Vista. Em muitas regiões das serras como Surucucu, Homoxi, Aratháú, Hakoma e Waputha as ações de educação ou foram muito incipientes no início dos anos 2000 ou nunca existiram. Em regiões como Palimiú, Alto Mucajá, Novo Demini e Marari as escolas tem apoio dos missionários, portanto apresentam um caráter proselitista, visando à formação de leitores para os textos bíblicos escritos nas línguas Yanomami.



Ana Maria Machado/ISA, 2010

Refletir sobre a vitalidade das línguas Yanomami é também pensar na escola como um espaço possível para o fortalecimento das línguas indígenas, nos casos em que a língua indígena é a língua escrita e a primeira língua usada na escola. É nesse sentido que a produção de livros, materiais didáticos e paradidáticos nas línguas Yanomami mostra-se como um importante aliado para a vitalidade dessas línguas, dando aos alunos yanomami a possibilidade de ampliar seus conhecimentos em suas línguas maternas, como acontece com a grande maioria dos alunos em escolas do mundo inteiro.

Pensar a produção de materiais de educação nas línguas Yanomami é um elemento importante para a formação de novos leitores nas línguas indígenas, possibilitando dar continuidade ao acesso a muitas plataformas de informações como livros, jornais, celulares, etc.

#### Subparâmetro J: Disponibilidade de material de alfabetização, escrita e leitura na língua

#### Metodologia

Para quantificar a produção dos materiais didáticos e de leitura que foram produzidos nas línguas indígenas, fizemos os seguintes levantamentos sobre os livros já produzidos nas línguas Yanomami:

O Índice J foi obtido pelo somatório da pontuação obtida nas questões J1 e J2, valor que foi multiplicado por 1,25 para que se adequasse à escala de cinco níveis, segundo a função abaixo:

$$\text{Índice J} = (J1+J2) \times 1,25$$

Respostas possíveis e pontuação		
J1) Existe material de alfabetização na língua da comunidade?	Cartilha de alfabetização + livro de desenvolvimento de habilidades de escrita e leitura	2
	Cartilha de alfabetização	1
	Não	0
J2) Existem livros de mitos e histórias tradicionais na língua?	Sim, completo/extenso	2
	Sim, mas conciso	1
	Não	0

**Tabela 4.13**  
Subparâmetro J  
da disponibilidade  
de material de  
alfabetização,  
escrita e leitura na  
língua - resultados  
por língua e região

Língua	Região	J1	J2	Pontuação total	Índice J
Yãnoma	Baixo Catrimani	0	0	0	0
Yaroamë	Ajarani	0	0	0	0
	Apiaú	0	0	0	0
	Serra do Pacu	1	0	1	1,3
Sanõma	Awaris	2	0	2	2,5
Ninam	Alto Mucajaí	2	0	2	2,5
	Baixo Mucajaí	1	0	1	1,3
	Ericó-Saúba	0	0	0	0
	Uraricuera	0	0	0	0
Yanomam	Alto Catrimani	0	0	0	0
Yanomae	Aratháú	0	0	0	0
Yanomama	Demini	2	1	3	3,8
	Hakoma	0	0	0	0
	Haxiú	0	0	0	0
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	0	0	0	0
	Kayanaú	1	0	1	1,3
	Missão Catrimani	2	1	3	3,8
	Novo Demini	1	0	1	1,3
	Palimiú	1	1	2	2,5
	Papiú	1	2	3	3,8
	Parafuri	0	0	0	0
	Surucucu	0	0	0	0
	Toototopi	2	1	3	3,8
	Waputha	0	0	0	0
	Xitei	1	0	1	1,3
Yanonami	Ajuricaba	1	0	1	1,3
Yanomami	Aracá	2	0	2	2,5
	Inambu	2	0	2	2,5
	Kataroa	0	0	0	0
	Maiá	1	0	1	1,3
	Marari	2	0	2	2,5
	Maraiú	1	1	2	2,5
	Maturacá	1	1	2	2,5
	Padauiri	2	0	2	2,5
	Parawaú	2	0	2	2,5

**Subparâmetro K:**  
Disponibilidade  
de material de  
matemática  
na língua

	Respostas possíveis e pontuação		
	Sim, completo/ extenso	Sim, mas conciso	Não
<b>K1)</b> Há materiais para aprender matemática elementar (quatro operações) na língua indígena da comunidade?	2	1	0
<b>K2)</b> Há materiais para aprender matemática avançada (regra de três, juros, porcentagem...) na língua indígena da comunidade?	2	1	0

De maneira similar à composição do Índice J, o Índice K foi obtido pela soma da pontuação das questões K1 e K2, adequada à escala de 0 a 5 pela taxa de 1,25.

$$\text{Índice K} = (\text{K1} + \text{K2}) \times 1,25$$

Assim como os indicadores J e K, o Índice L, do Subparâmetro L, da disponibilidade de material de Ciências Humanas e de Ciências da Natureza, é o somatório dos valores de L1 e L2 multiplicado por 1,25.

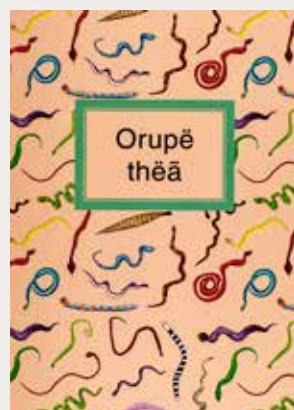
$$\text{Índice L} = (\text{L1} + \text{L2}) \times 1,25$$

	Respostas possíveis e pontuação		
	Sim, completo/ extenso	Sim, mas conciso	Não
<b>L1)</b> Há materiais didáticos na língua para ensino de Ciências Sociais, História local, ou História do Brasil?	2	1	0
<b>L2)</b> Há materiais didáticos na língua para ensino de Ciências da Natureza?	2	1	0

**Tabela 4.14**  
Subparâmetro K  
da disponibilidade  
de material de  
matemática na  
língua - resultados  
por língua e região

Língua	Região	K1	K2	(K1+K2)	Índice K
Yãnoma	Baixo Catrimani	0	0	0	0
Yaroamë	Ajarani	0	0	0	0
	Apiaú	0	0	0	0
	Serra do Pacu	0	0	0	0
Sanõma	Awaris	1	0	1	1,3
Ninam	Alto Mucajaí	2	0	2	2,5
	Baixo Mucajaí	0	0	0	0
	Ericó-Saúba	0	0	0	0
	Uraricuera	0	0	0	0
Yanomam	Alto Catrimani	0	0	0	0
Yanomae	Aratháú	0	0	0	0
Yanomama	Demini	2	1	2	2,5
	Hakoma	0	0	0	0
	Haxiú	0	0	0	0
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	0	0	0	0
	Kayanaú	0	0	0	0
	Missão Catrimani	2	0	2	2,5
	Novo Demini	0	0	0	0
	Palimiú	1	0	1	1,3
	Papiú	1	0	1	1,3
	Parafuri	0	0	0	0
	Surucucu	0	0	0	0
	Toototopi	2	1	2	2,5
	Waputha	0	0	0	0
	Xitei	0	0	0	0
Yanonami	Ajuricaba	0	0	0	0
Yanomami	Aracá	1	1	2	2,5
	Inambu	1	0	0	0
	Kataroa	0	0	0	0
	Maiá	0	0	0	0
	Marari	1	1	2	2,5
	Maraiú	1	0	1	1,3
	Maturacá	1	0	1	1,3
	Padauiri	1	1	2	2,5
	Parawaú	1	0	1	1,3

**Subparâmetro L:**  
Disponibilidade  
de material  
de Ciências  
Humanas e da  
Natureza na língua



Livro bilíngue sobre os peixes (acima) e livro em língua Yanomae sobre as cobras da região da Missão Catrimani (abaixo), publicados em 2017

Tabela 4.15 • Subparâmetro L da disponibilidade de material de Ciências Humanas e de Ciências da Natureza na língua - resultados por língua e região

Língua	Região	L1	L2	(L1+L2)	Índice L
<b>Yānoma</b>	Baixo Catrimani	0	0	0	0
<b>Yaroamë</b>	Ajarani	0	0	0	0
	Apiáú	0	0	0	0
	Serra do Pacu	0	0	0	0
<b>Sanōma</b>	Awaris	0	1	1,3	1,3
<b>Ninam</b>	Alto Mucajáí	0	0	0	0
	Baixo Mucajáí	0	0	0	0
	Ericó-Saúba	0	0	0	0
	Uraricuera	0	0	0	0
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	0	0	0	0
	Aratháú	0	0	0	0
	Demini	1	1	2	2,5
	Hakoma	0	0	0	0
	Haxiú	0	0	0	0
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	0	0	0	0
	Kayanaú	1	0	1	1,3
	Missão Catrimani	1	1	2	2,5
	Novo Demini	1	0	0	0
	Palimiú	0	0	0	0
	Papiú	1	0	1	1,3
	Parafuri	0	0	0	0
	Surucucu	0	0	0	0
	Toototopi	1	1	2	2,5
	Waputha	0	0	0	0
	Xitei	1	0	1	1,3
<b>Yanonami Yanomami</b>	Ajuricaba	0	0	0	0
	Aracá	1	0	1	1,3
	Inambu	1	0	0	0
	Kataroa	0	0	0	0
	Maiá	0	0	0	0
	Marari	1	0	1	1,3
	Marauiá	1	0	1	1,3
	Maturacá	1	0	1	1,3
	Padauiri	1	0	1	1,3
	Parawaú	1	0	1	1,3

O Índice P6 de vitalidade segundo o parâmetro da disponibilidade de material de educação e alfabetização na língua foi composto pela média ponderada dos Índices J, K e L. O Índice J, do Subparâmetro J, recebeu peso 4, o Índice K peso 3 e, finalmente, o indicador do Subparâme-

tro L teve peso 2 na ponderação da média, como mostra a expressão abaixo. Na Tabela 4.16 apresentamos os valores do Índice P6 para cada região da TIY.

$$\text{Índice P6} = (4J + 3K + 2L)/9$$

Tabela 4.16 • Índice P6 de vitalidade segundo o parâmetro da disponibilidade de material de educação e alfabetização na língua - resultados por língua e região

Língua	Região	Índice J	Índice K	Índice L	Índice P6
<b>Yānoma</b>	Baixo Catrimani	0	0	0	0
<b>Yaroamë</b>	Ajarani	0	0	0	0
	Apiáú	0	0	0	0
	Serra do Pacu	1,3	0	0	0,6
<b>Sanōma</b>	Awaris	2,5	1,3	1,3	1,8
<b>Ninam</b>	Alto Mucajáí	2,5	2,5	0	1,9
	Baixo Mucajáí	1,3	0	0	0,6
	Ericó-Saúba	0	0	0	0
	Uraricuera	0	0	0	0
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	0	0	0	0
	Aratháú	0	0	0	0
	Demini	3,8	2,5	2,5	3,1
	Hakoma	0	0	0	0
	Haxiú	0	0	0	0
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	0	0	0	0
	Kayanaú	1,3	0	1,3	0,9
	Missão Catrimani	3,8	2,5	2,5	3,1
	Novo Demini	1,3	0	0	0,6
	Palimiú	2,5	1,3	0	1,5
	Papiú	3,8	1,3	1,3	2,4
	Parafuri	0	0	0	0
	Surucucu	0	0	0	0
	Toototopi	3,8	2,5	2,5	3,1
	Waputha	0	0	0	0
	Xitei	1,3	0	1,3	0,9
<b>Yanonami Yanomami</b>	Ajuricaba	1,3	0	0	0,6
	Aracá	2,5	2,5	1,3	2,2
	Inambu	0	0	1,3	0,3
	Kataroa	2,5	0	0	1,1
	Maiá	1,3	0	0	0,6
	Marari	2,5	2,5	1,3	2,2
	Marauiá	2,5	1,3	1,3	1,8
	Maturacá	2,5	1,3	1,3	1,8
	Padauiri	2,5	2,5	1,3	2,2
Parawaú	2,5	1,3	1,3	1,8	

Livro de alfabetização em língua Yanomae (acima) e em língua Yanomama (abaixo), publicados em 2019





Ana Maria Machado/ISA, 2010

## Nossas análises

O mapa abaixo apresenta os dados consolidados da avaliação da produção de material escolar e de leitura nas línguas Yanomami. A Tabela 4.16 mostra que existem carências básicas na TIY em relação aos materiais de educação e alfabetização nas línguas locais. Na língua Yãnoma, por exemplo, nada foi publicado até hoje. Apenas em 2016 o primeiro livro na língua Yaroamë – um livro de alfabetização – chegou às comunidades da região.

Diversas regiões não dispõem, assim, de nenhum material, nem mesmo de alfabetização. O Mapa 4.7 indica a localização total de material didático linguisticamente adequado.

As regiões que melhor pontuaram nesse parâmetro foram aquelas que recebem ou em algum momento de sua história recente receberam projetos educacionais locais, conduzidos principalmente (quase exclusivamente) pela sociedade civil organizada. Em particular, deve ser notada a zona do dialeto Yanomae (a melhor pontuada), que inclui as regiões do Demini, Toototopi e Missão Catrimani, regiões que há muito recebem apoio de organizações não governamentais, como o ISA e a extinta CCPY, ou religiosas, como a Diocese de Roraima.

Deve-se mencionar aqui, entretanto, o recente apoio dado pela ação Saberes Indígenas nas Escolas (SIE-Yanomami), conduzido pela Faculdade de Educação (FaE

da Universidade Federal de Minas Gerais, em parceria com o ISA, a Hutukara e a Diocese de Roraima, que possibilitou a elaboração, finalização e publicação de diversos materiais didáticos e de leitura. Este é, de fato, o único projeto governamental voltado à produção de material didático que teve alguma relevância na história da educação escolar yanomami, com um resultado, após cinco anos de parceria, de 12 livros publicados em três variedades diferentes da família Yanomami (Yanomae, Yanomam das Serras Sul e Sanõma).

As variedades dialetais faladas nas regiões do Novo Demini, Palimiú, Alto e Baixo Mucajaí, Marari, Padauri e Aracá também têm mais material escolar disponível devido à presença de missões religiosas, no caso evangélicas (MEVA e MNTB). Ambas as instituições têm o objetivo declarado de educar/alfabetizar visando à formação de tradutores e leitores dos textos bíblicos nas línguas indígenas.

A Secoya e a Associação Rios Profundos foram responsáveis pela produção de materiais diáticos existentes nas regiões oeste da TIY, como Maturacá, Marauí e Maiá. Em nenhuma das regiões da TIY foram produzidos materiais de matemática avançada, história ou geografia nas línguas Yanomami. Os livros que existem nas línguas são geralmente de alfabetização e quatro operações matemáticas, ainda que tenham existido esforços louváveis, por parte da CCPY, do ISA e

também da Diocese de Roraima, no sentido de diversificar a literatura disponível em línguas Yanomami, incluindo livros sobre xamanismo yanomami, conhecimentos etnobotânico e etnozoológico, narrativas mitológicas, ou ainda sobre práticas tradicionais ligadas à mulher yanomami.

Por fim, menciona-se que, uma vez publicados os livros, não acabam os obstáculos para o acesso dos Yanomami a eles, dado o alto custo de sua distribuição nas comunidades, além do desafio de conservá-los por longos períodos nas casas e escolas yanomami.

## Box 13 • As escolas yanomami em números

Apesar de as escolas yanomami existentes nas diversas regiões da TIY terem aparecido em tempos e contextos históricos variados, elas tiveram maior expansão a partir dos anos 2000. De acordo com o censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em 2016 foram contabilizadas 45 escolas públicas yanomami, sendo 15 no estado do Amazonas e 30 em Roraima.

Dessas 45 escolas, 14 são municipais e 31 estaduais. As escolas municipais encontram-se quase todas no estado do Amazonas, sendo 13 escolas sob responsabilidade dos municípios de Santa Isabel do Rio Negro, Barcelos e São Gabriel da Cachoeira. O Governo do Estado de Roraima é o principal órgão público responsável pela educação escolar yanomami hoje, sendo encarregado pela administração de 29 escolas, ou seja, 66% das escolas yanomami.

Segundo o censo de 2016, havia 3.050 alunos matriculados nas escolas yanomami nos três seguimentos da Educação Básica, sendo 194 na Educação Infantil, 2.551 no Ensino Fundamental (2.150 nas séries iniciais e 401 nas séries finais); 99 alunos no Ensino Médio e 206 alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O Ensino Fundamental é sem dúvida o principal seguimento presente nas escolas yanomami, representando 70,5% dos alunos matriculados.

Ainda segundo o censo do Inep, em 2016 havia no total 256 professores yanomami.

O censo indica que todas as escolas adotam a língua portuguesa, o que deve ser visto com ressalva, considerando que por ser a língua oficial do Brasil, é portanto obrigatória a todas as escolas do país. Consta no censo que quatro escolas na TIY usam “apenas” a língua portuguesa (nas comunidades

Jutaí, Tamaquaré, Maiá e Baixo Mucajaí), o que parece ser uma ameaça para as línguas Yanomami, embora não seja possível conhecermos empiricamente o funcionamento dessas escolas para qualificarmos melhor essa informação.

Em relação à diversidade linguística, o censo de 2016 mostra que o número de escolas, alunos matriculados e professores, quando organizado por língua, acompanha os índices do censo populacional, no sentido de que as línguas mais faladas são também aquelas que têm maior número de escolas, professores e alunos, e aquelas com menor número de falantes têm também menor representatividade no sistema escolar público, como mostra a tabela abaixo. Como temos visto ao longo deste livro, a maior parte das escolas yanomami são locais importantes para suas línguas, considerando que muitas delas são responsáveis pela difusão da escrita nas línguas Yanomami. Nessa linha, as línguas com menor número de falantes e com poucas escolas e professores perdem a possibilidade de ter a escola como local de fortalecimento de suas línguas, como é o caso da língua Yãnoma e da língua Yãnoma, ambas com uma escola apenas e em situação de maior vulnerabilidade dentro da família Yanomami, como vem sendo discutido.

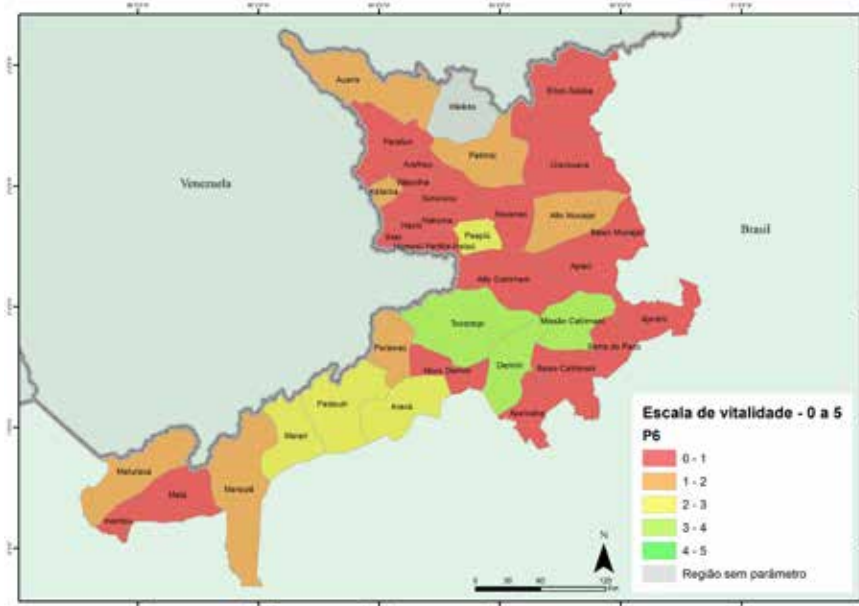
Em relação à infraestrutura, há uma considerável variedade em relação aos espaços físicos das escolas. Segundo o censo, dez escolas declararam ter prédios escolares – quase todos no Estado do Amazonas. Algumas escolas foram construídas com o apoio de missões, ONGs ou pelo governo. A grande maioria das

escolas yanomami foi construída pelas comunidades. São geralmente pequenas casas de palha ou barro e, em alguns casos, as aulas acontecem dentro da casa coletiva.

Ainda segundo o Inep, dentre as 45 escolas três são abastecidas por poço artesiano, três delas não têm acesso a água e as demais 40 usam igarapés ou rios. Dessas escolas, 38 não têm energia elétrica, sendo que quatro delas possuem motor gerador e outras três desfrutam de outras fontes energéticas não especificadas. Apenas a escola de Maturacá têm acesso à internet e duas delas disponibilizam computadores aos alunos.

Embora este seja o quadro oficial das escolas yanomami, é difícil dimensionar na prática como as atividades escolares acontecem nas comunidades, embora seja conhecido que há anos algumas escolas têm tido pouca ou nenhuma atividade. Elas encontram diversos desafios para seguir em funcionamento, sendo talvez os principais motivos a falta de assessoria e apoio do Estado, falta de formação de professores, falta de material escolar e material didático específico para os contextos yanomami. Além disso, há também pouca compreensão do Estado em relação às especificidades das escolas yanomami. Já por parte de alguns professores yanomami, há falta de compromisso ou falta de orientação sobre o trabalho na escola, falta de formação e apoio por parte dos órgãos responsáveis.

Língua	Escolas	Alunos	Professores
Yãnoma	1	5	1
Yaroamë	1	26	2
Sanõma	3	121	8
Ninam	5	241	16
Yanomam	19	747	56
Yanomami	9	675	40



Mapa 4.7  
A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da disponibilidade de material para educação e alfabetização na língua (P6)

#### 4.2.7. Políticas governamentais e institucionais de promoção e fortalecimento da língua, incluindo status e uso oficiais (Parâmetro 7 - P7)

As políticas linguísticas são ações pensadas e implementadas por órgãos governamentais e organizações da sociedade civil, com o propósito de fortalecer, promover, proteger ou revitalizar uma língua (ou uma prática linguística) em um espaço social específico, como a escola ou o posto de saúde, ou amplo, como a oficialidade de uma língua em uma região, município, estado ou país. Foi somente a partir da década de 1960 que as políticas linguísticas passaram a ser uma área de estudo, tendo em seu princípio de reflexão a relação entre língua e poder, em particular considerando as ações dos estados em relação às suas línguas e seus usos na sociedade. As políticas linguísticas como campo de ação reconhecem a existência das línguas minoritárias e a necessidade de criar condições legais

e contextos específicos para a manutenção dessas línguas.

Para averiguar a vitalidade das seis línguas Yanomami sob esse parâmetro foi preciso, portanto, avaliar as ações que têm sido feitas (ou não) pelo governo e organizações de apoio para sua manutenção e vitalidade, levando em consideração, por um lado, a legitimidade cultural das línguas Yanomami em todos os espaços da TIY e, por outro, a crescente pressão da língua portuguesa na disputa de espaço social dentro da TIY, nesse contexto de expansão das relações entre Yanomami e *napëpë*. Em outras palavras, é preciso considerar que o ônus da adequação linguística na situação de contato não pode recair apenas nos ombros dos falantes nativos de língua Yanomami, ainda mais quando se trata de contextos dentro da TIY.

#### Metodologia

##### Subparâmetro M: Oficialidade da língua na escola

Respostas possíveis e pontuação		
<b>M1)</b> Os professores na comunidade falam a língua indígena?	Todos	3
	A maioria	2
	A minoria	1
	Nenhum	0
<b>M2)</b> Falar a língua indígena é um requisito para ser professor?	Requisito importante	2
	Requisito pouco importante	1
	Não	0

##### Subparâmetro N: Oficialidade e uso da língua

Respostas possíveis e pontuação		
<b>N)</b> A língua tem algum status ou uso <i>de facto</i> como língua franca ou língua oficial, seja em nível regional, nacional ou internacional?	Língua internacional	5
	Língua oficial ou nacional	4
	Língua franca nacional (não reconhecida)	3
	Língua regional reconhecida	2
	Língua franca regional (não reconhecida)	1
Não	0	

Tabela 4.17 • Subparâmetro M da oficialidade da língua na escola - resultados por língua, região e questão

Língua	Região	M1	M2	Índice M
<b>Yänoma</b>	Baixo Catrimani	3	2	5
<b>Yaroamë</b>	Ajarani	3	2	5
	Apiáú	3	2	5
	Serra do Pacu	3	2	5
<b>Sanõma</b>	Awaris	3	2	5
<b>Ninam</b>	Alto Mucajaí	3	2	5
	Baixo Mucajaí	3	2	5
	Ericó-Saúba	3	2	5
	Uraricuera	3	2	5
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	3	2	5
	Aratháú	3	2	5
	Demini	3	2	5
	Hakoma	3	2	5
	Haxiú	3	2	5
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	3	2	5
	Kayanaú	3	2	5
	Missão Catrimani	3	2	5
	Novo Demini	3	2	5
	Palimiú	3	2	5
	Papiú	3	2	5
	Parafuri	3	2	5
	Surucucu	2	2	4
	Toototopi	3	2	5
	Waputha	3	2	5
Xitei	3	2	5	
<b>Yanonami Yanomami</b>	Ajuricaba	3	2	5
	Aracá	3	2	5
	Inambu	3	2	5
	Kataroa	3	2	5
	Maiá	3	2	5
	Marari	3	2	5
	Maraiá	2,9	2	4,9
	Maturacá	3	2	5
	Padauiri	3	2	5
Parawaú	3	2	5	

##### Subparâmetro O: Bilinguismo reverso

Respostas possíveis e pontuação		
<b>O)</b> Existem pessoas não yanomami que trabalham na sua comunidade e falam língua indígena? Quantas?	Mais de 1.000 pessoas	5
	100 a 1.000 pessoas	4
	15 a 100 pessoas	3
	5 a 15 pessoas	2
	1 a 5 pessoas	1
	Nenhuma	0

**Tabela 4.18**  
Subparâmetros da oficialidade e uso da língua (N) e do bilinguismo reverso (O) - resultados por língua e região

Língua	Região	Índice N	Índice O
Yãnoma	Baixo Catrimani	0	0
Yaroamë	Ajarani	0	0
	Apiaú	0	0
	Serra do Pacu	0	0
Sanõma	Awaris	0	2
Ninam	Alto Mucajaí	0	2
	Baixo Mucajaí	0	0
	Ericó-Saúba	0	0
	Uraricuera	0	0
Yanomam	Alto Catrimani	0	0
Yanomae	Arathaú	0	0
Yanomama	Demini	1	2
	Hakoma	0	0
	Haxiú	0	0
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	0	0
	Kayanaú	0	0
	Missão Catrimani	1	2
	Novo Demini	0	1
	Palimiú	0	1
	Papiú	0	1
	Parafuri	0	0
	Surucucu	0	1
	Toototopi	1	2
	Waputha	0	0
	Xitei	0	0
	Yanonami	Ajuricaba	0
Yanomami	Aracá	0	2
	Inambu	0	0
	Kataroa	0	0
	Maiá	0	0
	Marari	0	2
	Marauiá	0	1
	Maturacá	0	0
	Padauri	0	2
	Parawaú	0	0

	Respostas possíveis e pontuação	
	Sim	Não
<b>Q1)</b> Existe alguma instituição de ensino da língua para não falantes?	1	0
<b>Q2)</b> Além dos agentes indígenas de saúde (AIS), os demais profissionais de saúde que lidam diretamente com falantes de yanomami falam a língua indígena? (técnicos de saúde, enfermeiros, médicos, dentistas)	1	0
<b>Q3)</b> Em órgãos e instituições governamentais, existe alguma política de incentivo ao aprendizado da língua indígena por profissionais que lidam diretamente com falantes de yanomami?	1	0
<b>Q4)</b> Caso haja ONGs ou outras missões que trabalham na comunidade, existe alguma política de incentivo ao aprendizado da língua indígena por profissionais que lidam diretamente com falantes de yanomami?	1	0

**Subparâmetro Q:**  
Incentivo à difusão e à promoção da língua entre não nativos

O Índice Q, que mede o incentivo à difusão e à promoção da língua entre não nativos, é fruto da soma dos pontos das questões Q1, Q2, Q3 e Q4, corrigida para a escala de 0 a 5 pela taxa de 1,25, conforme expressão abaixo:

$$\text{Índice Q} = (Q1+Q2+Q3+Q4) \times 1,25$$

**Tabela 4.19 • Subparâmetro Q do incentivo à difusão e à promoção da língua entre não nativos - resultados por língua, região e questão**

Língua	Região	Q1	Q2	Q3	Q4	Índice Q
Yãnoma	Baixo Catrimani	0	0	0	0	0
Yaroamë	Ajarani	0	0	0	0	0
	Apiaú	0	0	0	0	0
	Serra do Pacu	0	0	0	0	0
Sanõma	Awaris	0	0	0	1	1,3
Ninam	Alto Mucajaí	0	0	0	1	1,3
	Baixo Mucajaí	0	0	0	0	0
	Ericó-Saúba	0	0	0	0	0
	Uraricuera	0	0	0	0	0
Yanomam	Alto Catrimani	0	0	0	0	0
Yanomae	Arathaú	0	0	0	0	0
Yanomama	Demini	0	0	0	1	1,3
	Hakoma	0	0	0	0	0
	Haxiú	0	0	0	0	0
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	0	0	0	0	0
	Kayanaú	0	0	0	0	0
	Missão Catrimani	0	0	0	1	1,3
	Novo Demini	0	0	0	1	1,3
	Palimiú	0	0	0	1	1,3
	Papiú	0	0	0	1	1,3
	Parafuri	0	0	0	0	0
	Surucucu	0	0	0	0	0
	Toototopi	0	0	0	1	1,3
	Waputha	0	0	0	0	0
	Xitei	0	0	0	0	0
	Yanonami	Ajuricaba	0	0	0	0
Yanomami	Aracá	0	0	0	1	1,3
	Kataroa	0	0	0	0	0
	Inambu	0	0	0	0	0
	Maiá	0	0	0	0	0
	Marari	0	0	0	1	1,3
	Marauiá	0	0	0	1	1,3
	Maturacá	0	0	0	1	1,3
	Padauri	0	0	0	1	1,3
	Parawaú	0	0	0	0	0

A avaliação do parâmetro da perda de domínios de uso gerou o Índice P7, a partir da média ponderada dos subindicadores M, N, O e Q, onde apenas o indicador N recebeu peso 2, enquanto os demais peso 1.

$$\text{Índice P7} = (M + 2N + O + Q)/5$$

**Tabela 4.20 • Índice P7 de vitalidade segundo o parâmetro das políticas governamentais e institucionais de promoção e fortalecimento da língua, incluindo status e uso oficiais - resultados por língua, região e subparâmetro**

Língua	Região	Índice M	Índice N	Índice O	Índice Q	Índice P7
<b>Yãnoma</b>	Baixo Catrimani	5	0	0	0	1
<b>Yaroamë</b>	Ajarani	5	0	0	0	1
	Apiáú	5	0	0	0	1
	Serra do Pacu	5	0	0	0	1
<b>Sanõma</b>	Awaris	5	0	2	1,3	1,7
<b>Ninam</b>	Alto Mucajá	5	0	2	1,3	1,7
	Baixo Mucajá	5	0	0	0	1
	Ericó-Saúba	5	0	0	0	1
	Uraricuera	5	0	0	0	1
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	5	0	0	0	1
	Aratháú	5	0	0	0	1
	Demini	5	1	2	1,3	2,1
	Hakoma	5	0	0	0	1
	Haxiú	5	0	0	0	1
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	0	0	0	0	
	Kayanaú	5	0	0	0	1
	Missão Catrimani	5	1	2	1,3	2,1
	Novo Demini	5	0	1	1,3	1,5
	Palimiú	5	0	1	1,3	1,5
	Papiú	5	0	1	1,3	1,5
	Parafuri	5	0	0	0	1
	Surucucu	4	0	1	0	1
	Toototopi	5	1	2	1,3	2,1
	Waputha	5	0	0	0	1
	Xitei	5	0	0	0	1
	<b>Yanonami Yanomami</b>	Ajuricaba	5	0	0	0
Aracá		5	0	2	1,3	1,7
Inambu		5	0	0	0	1
Kataroa		5	0	0	0	1
Maiá		5	0	0	0	1
Marari		5	0	2	1,3	1,7
Marauiá		4,9	0	1	1,3	1,4
Maturacá		5	0	0	1,3	1,3
Padauri		5	0	2	1,3	1,7
Parawaú		5	0	0	0	1

## Nossas análises

O principal indicador positivo levantado por esse diagnóstico com respeito às políticas governamentais de fortalecimento das línguas Yanomami é sem dúvida aquele encontrado nas escolas da TIY. Ali, não somente a totalidade dos professores contratados pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação são falantes de língua Yanomami, como o fato de sê-lo é um requisito necessário para sua contratação. Esse é um dado que sem dúvida deve ser comemorado, sobretudo se considerarmos que nem sempre a situação foi essa, particularmente em algumas regiões como Maturacá e Marauiá, que vivenciaram um longo processo de escolarização não diferenciada, apenas com professores não yanomami (missionários salesianos), tendo o português como principal língua de instrução. A história da escolarização nessas regiões, assim como a de tantos outros povos indígenas no Brasil, deve ser sempre revisitada quando surgem novos projetos de escolarização dentro da TIY pensados exclusiva ou principalmente em português.

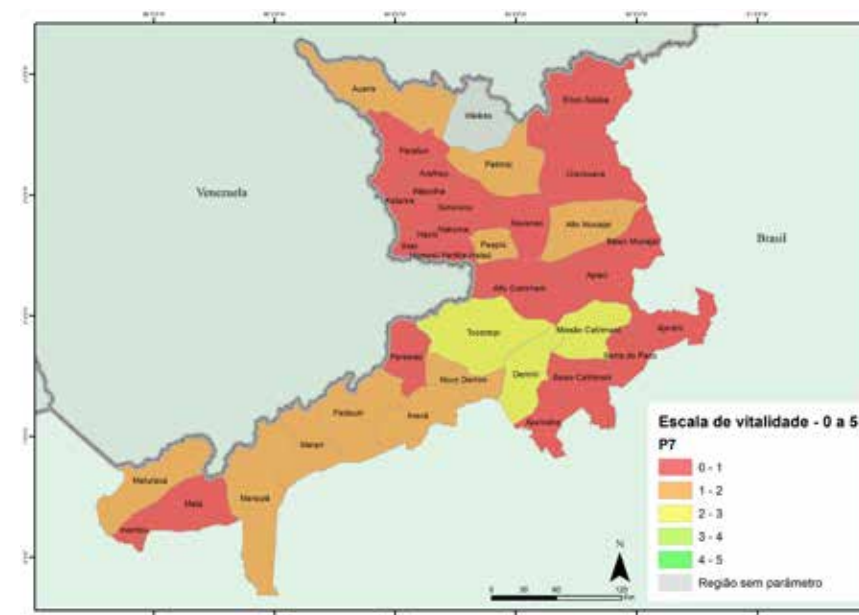
Pudemos notar que não há qualquer política linguística por parte do governo brasileiro voltada para o fortalecimento de nenhuma das seis línguas Yanomami, mesmo lidando com tantas comunidades monolíngues. Os professores, assim, são os únicos profissionais contratados pelo Estado e responsáveis pela prestação di-

reta de serviço à comunidade, na qual lhes é exigido falar uma língua Yanomami.

Na estrutura de atendimento da Sesai, não é requerido aos profissionais diretamente responsáveis pelo atendimento de saúde (médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem) que sejam falantes de alguma língua Yanomami, assim como não existe nenhum incentivo para seu aprendizado<sup>86</sup>. Apenas aos agentes indígenas de saúde (AIS) lhes é exigida fluência em línguas Yanomami, mas é preciso deixar registrado aqui que não são capacitados para prestar o atendimento de saúde direto, atuando somente como auxiliares dos profissionais não indígenas. Como já foi dito, atualmente a Sesai é a organização governamental mais atuante na TIY, contando com cerca de 200 funcionários presentes de forma permanente durante todo o ano em todas as regiões. Pensar políticas linguísticas específicas para esse grupo de profissionais e para o atendimento de saúde como um todo é fundamental para o futuro das línguas Yanomami. Afinal, a necessária estrutura física e humana para o atendimento à saúde yanomami não pode continuar sendo uma fonte de ameaça para a saúde de suas línguas.

Na esfera legislativa, não há também registros de esforços bem-sucedidos ou em estágio avançado para a oficialização de alguma língua Yanomami em qualquer esfera ou instância governamental.

<sup>86</sup> Importante destacar que houve uma relevante produção de materiais ao final da década de 1990 que foram usados por funcionários de saúde da ONG Urihi Saúde Yanomami e se mostraram ser excelentes subsídios para os trabalhos dos profissionais de saúde que atuam na TIY. Ver: Albert, Bruce; Gomez, Gale Goodwin. 1997. *Saúde Yanomami: Um manual etnolinguístico*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Ramirez, Henri. 1999. *A prática Yanomami*. Boa Vista: Comissão Pró-Yanomami (CCPY)/Diocese de Roraima. Manual prático.



**Mapa 4.8**  
A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro das políticas governamentais e institucionais de promoção e fortalecimento da língua, incluindo status e uso oficiais (P7)



Lucas Lima/ISA, 2017

Nossa pesquisa ainda indica a existência de políticas linguísticas planejadas e executadas em contextos de atuação de ONGs e missões, visto que em quase todas essas regiões há a presença de *napëpë* falantes das línguas Yanomami. As iniciativas de incentivar o bilinguismo entre os não Yanomami têm hoje, assim, ficado a cargo das missões religiosas e ONGs que, embora com objetivos diferentes, acabam mantendo em suas equipes pessoas falantes dessas

#### 4.2.8. Atitudes de membros da comunidade em relação à sua própria língua (Parâmetro 8 – P8)

A percepção sobre a própria língua e as atitudes de seus falantes em relação a ela são fatores-chave para a sua manutenção ao longo do tempo. Isso é especialmente válido para línguas faladas por um número pequeno de pessoas, em que decisões e opiniões de um grupo às vezes reduzido de indivíduos podem ter grande al-

#### Metodologia

Este parâmetro foi subdividido em dois subparâmetros, um buscando avaliar a percepção dos falantes sobre suas línguas e outro buscando avaliar sua atitude linguística. Para avaliarmos a percepção dos Yanomami sobre suas línguas, baseamos-nos em respostas a algumas pergun-

línguas e produtoras de materiais escritos ou audiovisuais nas línguas indígenas. Essa situação é exceção na TIY, entretanto, são muito poucos os não indígenas falantes de alguma das línguas Yanomami e há ainda muito trabalho a ser feito nesse sentido se considerarmos o tamanho e a diversidade linguística da população yanomami.

O mapa do Índice P7 apresentado na página anterior ilustra a situação crítica de falta de políticas linguísticas na TIY.

cance e influência em toda a comunidade.

A opinião de que a língua indígena deve ter espaço na escola, ou ainda que não falantes devam aprendê-la para trabalhar em suas comunidades, por exemplo, mostra percepções positivas dos falantes, contribuindo assim para que a língua se mantenha viva.

tas de opinião apresentadas nas tabelas dos subparâmetros R e S a seguir.

O Índice R do subparâmetro das percepções êmicas sobre a língua foi obtido pela soma dos pontos das questões R1, R2, R3, R4 e R5, como abaixo:

$$\text{Índice R} = (\text{R1} + \text{R2} + \text{R3} + \text{R4} + \text{R5})$$

#### Subparâmetro R: Percepções êmicas sobre a língua

	Respostas possíveis e pontuação	
	Sim	Não
<b>R1)</b> Você acha que a língua indígena deve ser ensinada na escola?	1	0
<b>R2)</b> Na sua opinião, qual língua as crianças devem aprender primeiro?	1	0
<b>R3)</b> Você acha que a sua língua está acabando?	1	0
<b>R4)</b> Você acha que os filhos das crianças de hoje vão falar esta língua?	1	0
<b>R5)</b> Você acha que os não indígenas que trabalham em sua comunidade devem aprender a língua indígena?	1	0

Tabela 4.21 • Subparâmetro R das percepções êmicas sobre a língua - resultados por língua, região e questão

Língua	Região	R1	R2	R3	R4	R5	Índice R
<b>Yänoma</b>	Baixo Catrimani	1	0	0,5	0,5	0,5	2,5
<b>Yaroamë</b>	Ajarani	1	1	1	1	0	4
	Apiáú	0	1	0	1	0	2
	Serra do Pacu	1	1	0,5	1	1	4,5
<b>Sanõma</b>	Awaris	0,9	1	0,9	0,9	0,7	4,5
<b>Ninam</b>	Alto Mucajaí	1	1	1	0,5	0,5	4
	Baixo Mucajaí	1	1	1	1	1	5
	Ericó-Saúba	1	1	1	1	1	5
	Uraricuera	0	1	1	0	0,5	2,5
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	1	1	0,8	1	0,8	4,5
	Aratháú	1	1	1	1	1	5
	Demini	1	1	1	0,5	0,9	4,4
	Hakoma	1	1	1	1	1	5
	Haxiú	1	1	1	1	1	5
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	1	0	1	1	1	4
	Kayanaú	1	0,5	1	1	1	4,5
	Missão Catrimani	0,9	0,6	0,8	1	1	4,4
	Novo Demini	1	1	0,5	0,5	1	4
	Palimiú	1	1	0,5	0,5	0,5	3,5
	Papiú	0	0	0	1	0	1
	Parafuri	1	1	1	1	1	5
	Surucucu	0,9	0,8	1	1	1	4,7
	Toototopi	0,9	1	0,6	0,9	0,5	3,8
	Waputha	1	1	1	1	1	5
Xitei	1	1	1	1	0,8	4,8	
<b>Yanonami Yanomami</b>	Ajuricaba	1	1	0	1	1	4
	Aracá	1	1	1	1	1	5
	Kataroa	0	0	0	1	0	1
	Inambu	1	1	1	1	0,8	4,8
	Maiá	1	1	1	1	1	5
	Marari	1	1	0,7	1	0,8	4,5
	Maraiá	0,8	0,8	0,7	0,6	0,7	3,6
	Maturacá	1	1	0,8	0,8	1	4,7
	Padauri	1	1	0,7	1	0,8	4,5
Parawaú	1	1	1	1	0,9	4,9	

#### Subparâmetro S: Fidelidade linguística na interação entre membros da comunidade

	Respostas possíveis e pontuação	
<b>S1)</b> O português é usado na comunidade na interação entre Yanomami?	Nunca	4
	Muito raramente (nem todos os dias), por poucas pessoas	3
	Com frequência, por poucas pessoas e em interações específicas	2
	Com muita frequência (todos os dias), por muitas pessoas, na maioria das interações	1
	Sempre, em todas as interações	0

O Índice S é a pontuação obtida na questão S1 multiplicada por 1,25 para adequar o valor à escala de cinco níveis. Abaixo representamos a composição do índice e na Tabela 4.22 apresentamos os resultados de cada região da TIY.

$$\text{Índice S} = \text{S1} \times 1,25$$

**Tabela 4.22 • Subparâmetro S das percepçõesêmicas sobre a língua - resultados por língua e região**

Língua	Região	S1 (0 a 4)	Índice S (0 a 5)
<b>Yãnoma</b>	Baixo Catrimani	2,5	3,1
<b>Yaroamë</b>	Ajarani	4	5
	Apiáú	2	2,5
	Serra do Pacu	4	5
<b>Sanõma</b>	Awaris	4	5
<b>Ninam</b>	Alto Mucajá	4	5
	Baixo Mucajá	4	5
	Ericó-Saúba	4	5
	Uraricuera	3,5	4,4
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	4	5
	Aratháú	4	5
	Demini	4	5
	Hakoma	4	5
	Haxiú	4	5
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	4	5
	Kayanaú	4	5
	Missão Catrimani	4	5
	Novo Demini	4	5
	Palimiú	4	5
	Papiú	4	5
	Parafuri	4	5
	Surucucu	4	5
	Toototopi	4	5
	Waputha	4	5
	Xitei	4	5
	<b>Yanonami Yanomami</b>	Ajuricaba	0
Aracá		2	2,5
Inambu		2	2,5
Kataroa		2	2,5
Maiá		2	2,5
Marari		2	2,5
Maraiú		2	2,5
Maturacá		2	2,5
Padauri		3	3,8
Parawaú		4	5

O indicador de vitalidade P8, cujo propósito é avaliar as atitudes e opiniões dos próprios falantes a respeito de suas línguas, foi obtido a partir da média simples dos subindicadores R e S, conforme abaixo. A Tabela 4.23 apresenta os valores do Índice P8 para cada região da TIY.

$$\text{Índice P8} = (\text{R} + \text{S}) / 2$$

**Tabela 4.23 • Índice P8 de vitalidade segundo o parâmetro das atitudes de membros da comunidade em relação à sua própria língua - resultados por língua, região e subparâmetro**

Língua	Região	Índice R	Índice S	Índice P8
<b>Yãnoma</b>	Baixo Catrimani	2,5	3,1	2,8
<b>Yaroamë</b>	Ajarani	4	5	4,5
	Apiáú	2	2,5	2,3
	Serra do Pacu	4,5	5	4,8
<b>Sanõma</b>	Awaris	4,5	5	4,5
<b>Ninam</b>	Alto Mucajá	4	5	4,8
	Baixo Mucajá	5	5	5
	Ericó-Saúba	5	5	5
	Uraricuera	3	2	5
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	3	2	5
	Aratháú	5	5	5
	Demini	4,4	5	4,7
	Hakoma	5	5	5
	Haxiú	5	5	5
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	4	5	4,5
	Kayanaú	4,5	5	4,5
	Missão Catrimani	4,4	5	4,7
	Novo Demini	4	5	4,7
	Palimiú	3,5	5	4,7
	Papiú	4,4	5	4,5
	Parafuri	5	5	5
	Surucucu	4,7	5	4,9
	Toototopi	3,8	5	4,4
	Waputha	5	5	5
	Xitei	4,8	5	4,9
	<b>Yanonami Yanomami</b>	Ajuricaba	4	0
Aracá		5	2,5	3,8
Inambu		4,8	2,5	3,7
Kataroa		4	5	4,8
Maiá		5	2,5	3,8
Marari		4,5	2,5	3,5
Maraiú		3,6	2,5	3,1
Maturacá		4,7	2,5	3,6
Padauri		4,5	3,8	4,2
Parawaú		4,9	5	5



Noite na casa coletiva de Xihopi

Lucas Lima/ISA, 2018

### Nossas análises

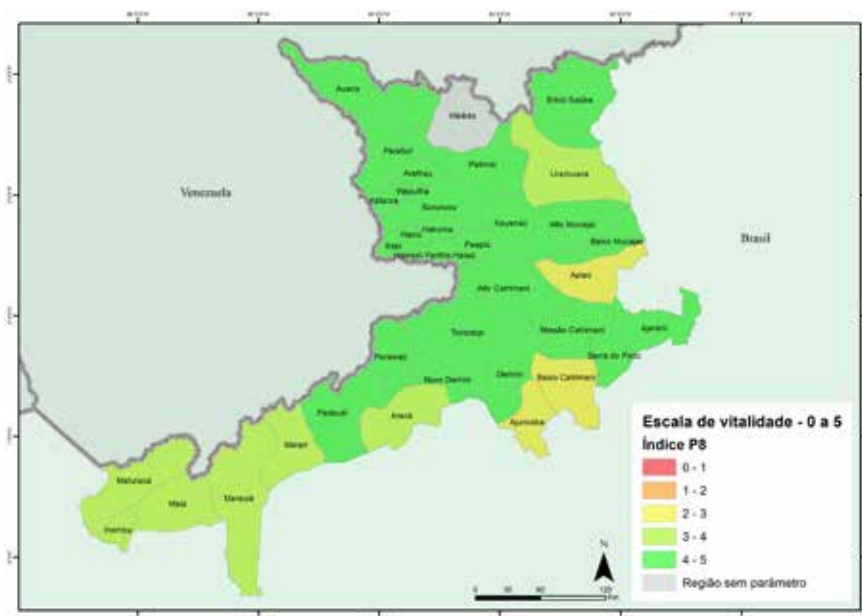
Os dados obtidos neste diagnóstico (ver tabela na página anterior) mostraram que a maioria dos Yanomami entrevistados tem uma percepção bastante positiva e otimista sobre a própria língua, como ilustra também o mapa abaixo.

Quase todos os entrevistados responderam que a língua indígena deve

ser ensinada nas escolas, assim como a grande maioria acha que as crianças devem aprender primeiro a língua indígena para depois aprender o português como segunda língua. A maioria dos entrevistados Yanomami acha que a língua não está acabando e considera que ela continuará sendo aprendida na geração subsequente à de seus filhos. A maior parte deles também respondeu que os *napëpë* que trabalham na TIY deveriam aprender a língua indígena.

Em nossas análises pudemos evidenciar que as atitudes e visões mais positivas em relação à própria língua foram dadas pelos Yanomami entrevistados das regiões centrais das serras (Surucucu, Parafuri, Waputha, Homoxi, Xitei), mas as regiões Saúba-Ericó, Awaris, Missão Catrimani, Alto Catrimani e Parawaú também pontuaram alto sob esse parâmetro.

Em algumas regiões, o português é usado com certa frequência entre alguns Yanomami para se comunicarem, como é o caso de Apiaú, Aracá, Baixo Catrimani e regiões no Estado do Amazonas, como Maiá, Marari, Maraiú, Inambu e Maturacá. Durante as sessões de caxiri que ocorrem em regiões como Papiú, Kayanaú, Alto Mucajaí e Baixo Mucajaí, há entre os Yanomami uma predominância (ou ao menos tentativa) de se expressarem em português (ver Leite 2016).



Mapa 4.9 A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro das atitudes de membros da comunidade em relação à sua própria língua (P8)

## 4.2.9. Quantidade e qualidade da documentação e descrição (Parâmetro 9 – P9)

A princípio, o espaço mais adequado para se “guardar” uma língua é o próprio espaço social em que esta tradicionalmente é falada, além dos novos que surgem com as dinâmicas sociais e eventualmente são ocupados por ela. Ou seja: os melhores depositários do patrimônio linguístico de um povo são seus próprios falantes, usando a língua nos diferentes contextos da vida em sociedade, nas relações afetivas e familiares, no trabalho, nas festas, no xamanismo, na medicina, nas artes, na escola e na ciência. Essa situação ideal, infelizmente, está longe de ser a regra concreta para muitas línguas minoritárias no mundo, que testemunham uma crescente perda seja no número absoluto de falantes, seja na transmissão intergeracional, ou ainda nos domínios de uso. Essas perdas são resultado das pressões geradas, em sua maioria, por línguas nacionais majoritárias, como o português, o espanhol, o francês e o inglês, no caso sul-americano.

Nas situações agravadas de vulnerabilidade e perdas linguísticas em que houve, por exemplo, severo obscurecimento de práticas linguísticas elaboradas – como artes verbais, narrativas mitológicas e cantos tradicionais –, os projetos de revitalização direta dessas práticas são frequentemente sugeridos pelos Yanomami e seus apoiadores como uma possível ação de fortalecimento linguístico. Para que esse tipo de projeto tenha viabilidade é preciso existir ao menos uma de duas condições: a primeira delas seria ter

falantes detentores desses conhecimentos ou práticas, sendo constatado apenas a degradação de seus espaços ou canais de transmissão intergeracional; a segunda – que compõe os casos mais difíceis – é que as pessoas que possuíam esses conhecimentos já se foram há uma ou mais gerações, porém existem ainda informações suficientes sobre a prática, sob a forma de material documental, descritivo ou etnográfico, viabilizando sua reconstituição e possível revitalização. O mesmo raciocínio pode ser aplicado a todas as práticas culturais e linguísticas relevantes para o grupo social, e finalmente para toda a língua.

Nesse sentido, as descrições e os acervos documentais sobre as línguas humanas depositados nos diversos museus, bibliotecas, laboratórios, associações culturais e centros de pesquisa e documentação espalhados pelo mundo devem ser vistos como potenciais instrumentos de fortalecimento, revitalização e mesmo ressurgimento de práticas tradicionais.

A documentação e a descrição linguísticas são uma espécie de “cópia de segurança” da língua e de práticas culturais a ela ligadas, para usarmos uma expressão da tecnologia da informação. É um último recurso de que os membros de uma comunidade linguística podem lançar mão para enfrentar o imenso desafio de manterem suas línguas vivas e fortes num mundo cada vez menos diverso linguisticamente.

### Metodologia

Para analisarmos a disponibilidade de material descritivo e documental sobre as variedades Yanomami, dividimos esse parâmetro em quatro subparâmetros. O primeiro subparâmetro (T) buscou avaliar a documentação do léxico das variedades Yanomami. O subparâmetro U analisou as descrições da fonologia das línguas Yanomami, enquanto o subparâmetro V verificou suas descrições morfosintáticas. O último subparâmetro (W) mediu a quantidade de horas de registro audiovisual

minimamente qualificado arquivado nas diversas instituições. Entende-se por registro “minimamente” qualificado aqueles que dispõem de transcrição e tradução (e preferencialmente glosa) das falas gravadas. Os indicadores foram levantados com um recorte dialetal, quer dizer, foi avaliado o material descritivo e documental sobre cada um dos 16 dialetos da família Yanomami identificados por nossa pesquisa, à exceção dos três dialetos do Sanôma, que não foram considerados separadamente.



Lucas Lima/ISA, 2018

Casa coletiva de Watoriki

**Subparâmetro T: Documentação do léxico**

Respostas possíveis e pontuação		
T) Existe dicionário da língua?	Não	0
	Vocabulário básico (100-500)	1
	Vocabulário avançado (500 - 1.500)	2
	Pequeno dicionário (1.500-4.000 entradas)	3
	Dicionário avançado (4.000 a 10.000)	4
	Dicionário completo (mais de 10.000)	5

**Subparâmetro U: Descrição da fonologia**

Respostas possíveis e pontuação		
U) Existe estudo da fonologia da língua?	Não	0
	Inicial (quadro dos fonemas e pares mínimos)	1
	Intermediário (principais processos fonológicos)	2
	Avançado (mais traços distintivos)	3
	Completo (mais estudo das qualidades das vogais)	4
	Exaustivo (mais todos os processos fonológicos, incluindo os morfofonológicos e dialetais)	5

**Subparâmetro V: Descrição da morfosintaxe**

Respostas possíveis e pontuação		
V) Existe estudo da morfosintaxe da língua?	Não	0
	Inicial (panorama dos principais morfemas nominais e verbais)	1
	Intermediário (descrição dos principais morfemas nominais e verbais)	2
	Avançado (descrição completa dos morfemas nominais e verbais e panorama das construções de relativa, complementação, subordinação e coordenação)	3
	Completo (descrição completa das construções de relativa, complementação, subordinação e coordenação)	4
	Exaustivo (descrição dos usos pragmáticos e discursivos, baseada em amplo estudo de textos naturais)	5

Cabe mencionar que foram contabilizados nesse levantamento todos os materiais arquivados em instituições públicas, associações yanomami ou efetivamente disponíveis, via publicação impressa ou audiovisual, para consulta pela comunidade científica e linguística yanomami. Esse critério permitiu que até mesmo filmes, documentários e programas de TV fossem incluídos nessa contagem, desde que trouxessem longos trechos com falas em Yanomami, traduzidos com fidelidade. O dialeto Yanomae possui muito material documental desse tipo.

Por outro lado, sabemos que muita coisa ficou de fora por esse mesmo critério. Nossa equipe não tem conhecimento da existência, por exemplo, de significativo material descritivo e documental sobre o Sanõma, o Ninam do Sul, o Yanomam das Serras Sul falado no Palimiú, elaborado pela MEVA em Roraima, e sobre o Yanomami de Padauri, Marari e Aracá feito pela MNTB no Amazonas, cujo acesso

há muito é restrito apenas aos missionários dessas organizações e aos Yanomami que participam de suas atividades de formação e evangelização.

O material referente a essas localidades não pôde assim ser avaliado corretamente, sendo-lhes atribuído generalizadamente nota 1 em todos os subparâmetros, quando não havia outra fonte de informação para avaliar a situação da língua (dialeto) segundo esse parâmetro.

O Sanõma e o Yanomam das Serras Sul falado no Palimiú, mas também no Papiú, foram descritos por pesquisadores não missionários. É provável, no entanto, que o estado da descrição e da documentação das variedades dessas localidades esteja um pouco melhor do que sugerem os indicadores de nossa pesquisa.

A seguir apresentamos as perguntas norteadoras de cada subparâmetro e o sistema de pontuação adotado. Note-se que todos os subindicadores são valores numa escala de 0 a 5.

O Índice P9 de disponibilidade de descrições e registros documentais sobre a língua foi elaborado a partir da média ponderada dos subindicadores T, U, V e W, sendo que o indicador W recebeu peso 3 enquanto os demais peso 2. A fórmula abaixo expressa essa função. A Tabela 4.24 traz os índices em cada região e segundo cada subparâmetro.

Respostas possíveis e pontuação		
W) Quantas horas de registros audiovisuais da língua estão transcritos, traduzidos e glosados?	Nenhuma	0
	De 1 hora a 3 horas	1
	De 3 horas a 10 horas	2
	De 10 horas a 30 horas	3
	De 30 horas a 100 horas	4
	Mais de 100 horas	5

$$\text{Índice P9} = (2T+2U+2V+3W)/9$$

Língua	Região	Índice T	Índice U	Índice V	Índice W	Índice P9
Yãnoma	Baixo Catrimani	1	0	0	0	0,2
Yaroamë	Ajarani	0	0	0	0	0
	Apiáú	0	0	0	0	0
	Serra do Pacu	1	1	1	1	1
Sanõma	Awaris	2	3	2	1	1,9
Ninam	Alto Mucajáí	1	1	1	1	1
	Baixo Mucajáí	1	1	1	1	1
	Ericó-Saúba	1	1	2	1	1,2
	Uraricuera	0	0	0	0	0
Yanomam Yanomae Yanomama	Alto Catrimani	2	2	3	4	2,9
	Arathaú	1	0	0	0	0,2
	Demini	2	2	2	3	2,3
	Hakoma	1	0	0	0	0,2
	Haxiú	2	2	3	4	2,9
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	2	2	3	4	2,9
	Kayanaú	2	2	3	4	2,9
	Missão Catrimani	2	2	2	3	2,3
	Novo Demini	1	1	1	1	1
	Palimiú	2	2	3	4	2,9
	Papiú	5	0	1	1,3	2,9
	Parafuri	0	0	0	0	0
	Surucucu	1	0	0	0	0,2
Toototopi	2	2	2	3	2,3	
Waputha	0	0	0	0	0	
Xitei	2	2	3	4	2,9	
Yanonami Yanomami	Ajuricaba	1	1	1	1	1
	Aracá	1	1	1	1	1
	Inambu	3	3	4	1	2,6
	Kataroa	1	0	0	0	0,2
	Maiá	3	3	4	1	2,6
	Marari	1	1	1	1	1
	Marauiá	3	3	4	1	2,6
	Maturacá	3	3	4	1	2,6
	Padauri	1	1	1	1	1
Parawaú	1	0	0	0	0,2	

**Subparâmetro W: Registro audiovisual traduzido e glosado**

**Tabela 4.24 Índice P9 de vitalidade segundo o parâmetro da disponibilidade de material documental e descritivo da língua - resultados por língua, região e subparâmetro**

## Nossas análises

Os povos Yanomami estão entre os mais estudados pela Antropologia e, entre as muitas etnografias já escritas sobre esses povos, algumas são referência obrigatória, ainda que por motivos controversos, em qualquer curso de Antropologia no mundo (Borofsky 2005, p. 4-6).

As línguas Yanomami, por outro lado, nunca receberam similar atenção, como indicam os dados da Tabela 40.24. Não se contam mais de uma dúzia os linguistas que já trabalharam descrevendo alguma língua ou variedade da família Yanomami no território brasileiro, sendo que apenas seis deles produziram algum material de fôlego (i.e., ao menos uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado, ou alguma produção de extensão e rigor similares): Migliazza (1972), Borgman (1990), Gomez (1990), Ramirez (1994a, 1994b, 1999), Ferreira (2009, 2011a, 2011b, 2017), Autuori (2013), na ordem em que começaram a atuar na TIY. A escassez de material humano qualificado explica a razão de, além de toda uma língua Yanomami (o Yãnoma) carecer ainda de alguma descrição morfosintática, existirem muitas variedades dialetais sobre as quais pouco ou nada sabemos, como o Yanomam das Serras Norte, falado em Parafuri e Waputha, ou o Ninam Central, falado no Uraricoera, ou o Yaroamê das Baixadas, falado no Apiaú e Ajarani.

O índice de documentação das línguas Yanomami, isto é, a quantidade de

horas de registros audiovisuais qualificados – com transcrição e tradução das falas – também tem essa distribuição heterogênea pela TIY, pelas mesmas razões. Existem arquivos documentais, e não muito extensos, apenas de uma minoria das variedades dialetais da família. Além disso, a documentação existente sobre muitos dialetos da família foi obtida em apenas uma única região, como a do Yanomae, Yanomam das Serras Sul, Yaroamê da Serra do Pacu, e o Ninam do Norte, cuja documentação se concentrou principalmente (ou exclusivamente) nas regiões do Demini, Papiú, Serra do Pacu e Ericó, respectivamente, e às vezes em uma única comunidade, como na documentação do Ninam do Sul, realizada apenas na comunidade do Uxiú da região do Alto Mucajá. Em outras palavras, ainda há muito a ser feito pela documentação das línguas Yanomami mesmo nos dialetos que já dispõem de algum acervo desse tipo. Sobre o Yãnoma, o único material documental identificado foi o que a nossa própria equipe produziu no contexto deste projeto, ou seja, um pequeno vocabulário de apenas 340 palavras.

Menciona-se ainda a completa falta de documentação qualificada de algumas práticas culturais específicas e de indiscutível relevância para o patrimônio linguístico da humanidade, como os diálogos cerimoniais e os cantos xamânicos yanomami. A complexidade e a

sofisticação dos recursos da linguagem utilizados nesses contextos certamente contribuem para seu baixo índice de documentação. Quer dizer, poucos linguistas (ou antropólogos) já se atreveram a descrever em detalhes essas práticas, e menos ainda a documentá-las.

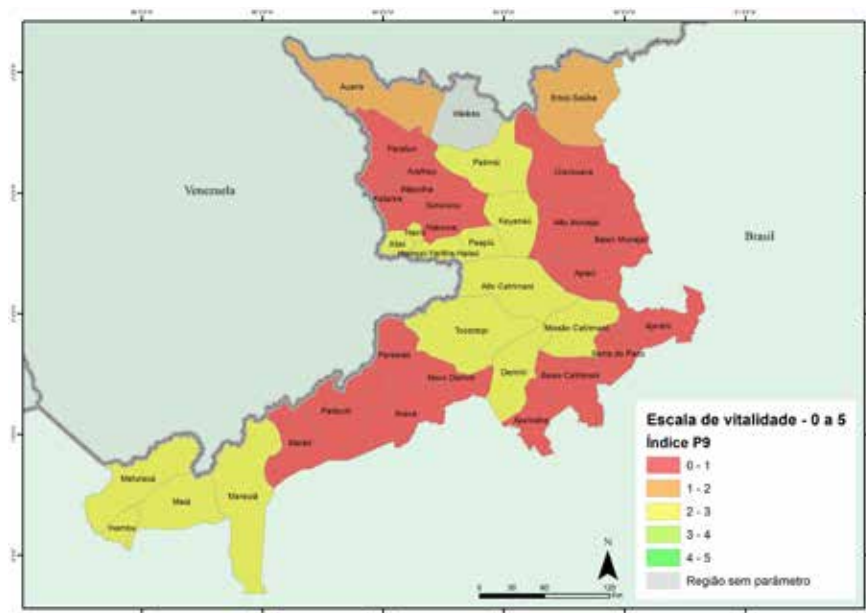
Deixa-se registrado aqui o importante papel que fundos e programas de documentação exerceram na produção da pouca documentação existente sobre as línguas Yanomami faladas no Brasil. Citamos o *Endangered Languages Documentation Project (ELDP)* da Inglaterra, que já apoiou a documentação do Yanomam das Serras Sul (Yanomama), e principalmente o Projeto de Documentação das Línguas Indígenas (Prodoclin), mantido há anos pelo Museu do Índio (Funai), com financiamento da Unesco. Esse programa específico já financiou

diretamente a documentação de cinco variedades da família: Ninam do Norte, Ninam do Sul, Yanomam das Serras Sul (Yanomama), Sanöma e Yaroamê, sendo que essa última língua teve suas primeiras descrições e registros documentais realizados no âmbito do Prodoclin, e que foram imprescindíveis para subsidiar a inclusão do idioma nos principais catálogos de línguas humanas do mundo (*Glottolog* e o *Ethnologue*).

Tem sido fundamental também o papel das associações indígenas, como a Hutukara e a Kurikama, e organizações da sociedade civil, como o ISA, a Diocese de Roraima e a Associação Rios Profundos, no reconhecimento institucional da importância da documentação como instrumento de fortalecimento e defesa da cultura yanomami, incluindo-a entre suas linhas estratégicas de ação.



Casa na comunidade de Xereu, região do Xitei



Mapa 4.10  
A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da disponibilidade de material documental e descritivo da língua (P9)

### 4.3. O índice global e os índices parciais do diagnóstico da vitalidade das línguas Yanomami

Tabela 4.25 • Índices gerais de vitalidade linguística na TIY, por parâmetro estudado e por região

Língua	Região	População	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	Índice P de vitalidade
<b>Yänoma</b>	Baixo Catrimani	174	3,8	1,2	5	2,8	1,2	0	1	2,8	0,2	2,8
<b>Yaroamë</b>	Ajarani	65	4	1,4	5	2,5	1,2	0	1	4,5	0	2,9
	Apiáú	151	3,7	1,4	5	0,9	0,6	0	1	2,3	0	2,5
	Serra do Pacu	143	4,8	1,4	5	3,1	1,2	0,6	1	4,8	1	3,5
<b>Sanõma</b>	Awaris	3164	4,5	3,4	5	4,1	1,6	1,8	1,7	4,5	1,9	3,7
<b>Ninam</b>	Alto Mucajaí	598	4,7	3,2	5	2,4	1,3	1,9	1,7	4,8	1	3,6
	Baixo Mucajaí	264	3,8	3,2	5	0,9	0,9	0,6	1	5	1	3
	Ericó-Saúba	673	4,8	3,2	5	3	1,2	0	1	5	1,2	3,5
	Uraricuera	139	3,5	3,2	5	0,8	1,2	0	1	3,5	0	2,7
<b>Yanomam Yanomae Yanomama</b>	Alto Catrimani	261	4,8	4,1	5	3,2	1,2	0	1	4,8	2,9	3,7
	Aratháú	558	4,8	4,1	5	3,7	1,2	0	1	5	0,2	3,7
	Demini	243	4,5	4,1	5	3,9	1,5	3,1	2,1	4,7	2,3	3,9
	Hakoma	637	4,8	4,1	5	3,7	1,2	0	1	5	0,2	3,7
	Haxiú	821	4,8	4,1	5	4,4	1,2	0	1	5	2,9	3,8
	Homoxi-Yaritha-Haiaú	722	4,8	4,1	5	4,4	1,2	0	1	4,5	2,9	3,8
	Kayanaú	275	4,5	4,1	5	2,2	1,2	0,9	1	4,5	2,9	3,6
	Missão Catrimani	661	4,3	4,1	5	4	1,4	3,1	2,1	4,7	2,3	3,8
	Novo Demini	434	4,5	4,1	5	3,3	1,2	0,6	1,5	4,7	1	3,6
	Palimiú	794	4,7	4,1	5	3,5	1,5	1,5	1,5	4,5	2,9	3,8
	Papiú	451	4,7	4,1	5	3,9	1,2	2,4	1,5	4,7	2,9	3,9
	Parafuri	654	4,8	4,1	5	4,2	1,2	0	1	5	0	3,7
	Surucucu	1874	4,8	4,1	5	3,9	1,2	0	1	4,9	0,2	3,7
	Toototopi	935	4,5	4,1	5	4	1,6	3,1	2,1	4,4	2,3	3,9
	Waputha	710	4,8	4,1	5	4,3	1,2	0	1	5	0	3,7
Xitei	1891	4,8	4,1	5	4	1,2	0,9	1	4,9	2,9	3,9	
<b>Yanonami Yanomami</b>	Ajuricaba	249	0	4,2	2	0,4	0,7	0,6	1	2	1	0,8
	Aracá	359	3,7	4,2	5	3,9	1,2	2,2	1,7	3,8	1	3,3
	Kataroa	153	4,8	4,2	5	4	1,3	1,1	1	4,8	0,2	3,8
	Inambu	343	3,5	4,2	5	2,2	1,2	0,3	1	3,7	2,6	3
	Maiá	712	3,8	4,2	5	2,2	0,9	0,6	1	3,8	2,6	3,2
	Marari	825	4,2	4,2	5	3,2	1,2	2,2	1,7	3,5	1	3,5
	Marauiá	2413	3,8	4,2	5	3	1,3	1,8	1,4	3,1	2,6	3,3
	Maturacá	1872	3,3	4,2	5	1,6	1,1	1,8	1,3	3,6	2,6	3
	Padauri	1010	4,5	4,2	5	4,1	1,2	2,2	1,7	4,2	1	3,7
Parawaú	575	4,5	4,2	5	4,2	1,2	1,8	1	5	0,2	3,7	

O indicador geral de vitalidade produzido por este diagnóstico é um valor em uma escala de 0 a 5 composto pela média ponderada dos nove indicadores parciais apresentados acima, conforme a seguinte fórmula:

$$P \text{ geral} = [(34 \times P1) + (6 \times P2) + (4 \times P3) + (4 \times P4) + (4 \times P5) + (5 \times P6) + (5 \times P7) + (3 \times P8) + (3 \times P9)] / 68$$

A Tabela 4.25 apresenta os índices parciais de vitalidade e o índice geral consolidado para cada uma das regiões da TIY. Além disso, na tentativa de produzir um índice geral para cada língua da família Yanomami, foi feita uma média dos índices parciais e gerais das regiões onde a língua é falada, dando pesos diferentes a cada região de acordo com o tamanho de sua população. O mesmo esforço foi dedicado para a composição de um índice geral para toda a TIY, também levando em conta a população regional para a ponderação da média.

A Tabela 4.26 mostra que a vitalidade linguística na TIY apresentou um Índice geral P de 3,5. De fato, como indica a Tabela 25, 30 das 35 regiões da TIY – ou 86% delas – registrou Índice geral P entre 3,0 e 3,9. No entanto, o Índice P ainda apresenta variação significativa dentro da TIY, já que diversas regiões atingiram índices gerais na casa dos 2,5, além do dramático caso da região do Ajuricaba, com 0,8.

Nota-se que as regiões que obtiveram os maiores Índices P foram aquelas de fala Yanomae, dialeto do Yanomam, e que por sua vez não obtiveram os maiores valores no índice parcial P1 de transmissão intergeracional, que tem o maior peso na composição do índice global da vitalidade. Outras regiões, principalmente as das serras, parecem que estão em melhor situação a esse respeito. Para entender as

razões da alta pontuação no índice global das regiões falantes do dialeto Yanomae, devemos lembrar que essa variedade de LY (Yanomae) tem sido beneficiada por um longo processo de educação intercultural, conduzido por diferentes organizações (CCPY, ISA, Diocese de Roraima), privilegiando o ensino em língua indígena. Esse processo permitiu a produção e o acúmulo de uma quantidade maior de materiais didáticos e de leitura na língua<sup>87</sup>.

Além disso, existe também alguma documentação, ainda que involuntária, desse dialeto, principalmente na região do Demini, por meio de produções audiovisuais tipo documentário, entrevistas, CD de música, mas também por meios impressos, como gramáticas pedagógicas, teses e artigos acadêmicos, glossários e pequenos dicionários temáticos (de saúde, de etnobotânica...). Por fim, a língua Yanomam, e mais especificamente o dialeto Yanomae, goza de status em Roraima de língua franca *de facto* em muitas das situações de comunicação entre os Yanomami, em particular em amplas reuniões políticas, como o Conselho Distrital. Esse conjunto de fatores ajuda a explicar o índice geral "relativamente" elevado nas áreas de fala do dialeto Yanomae. Deve-se destacar aqui o advérbio "relativamente", uma vez que 3,9 não é exatamente um resultado que aponta para uma situação de ausência de vulnerabilidade, riscos ou ameaças. De todos os modos, as regiões onde se falam os demais dialetos da língua Yanomam apresentaram índices parecidos ainda que ligeiramente menores, sendo que o menor foi 3,6 no Kayanaú e no Novo Demini. O Índice P de vitalidade do Yanomam atingiu 3,8.

O Sanõma apresentou vulnerabilidade similar à do Yanomam, com o índice geral de 3,7.

Tabela 4.26 • Índice geral P de vitalidade linguística de cada LY e para toda a TIY

Língua	Falantes	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	Índice geral P
<b>Yänoma</b>	174	3,8	1,2	5,0	2,8	1,2	0,0	1,0	2,8	0,2	2,8
<b>Yaroamë</b>	359	4,2	1,4	5,0	2,0	0,9	0,2	1,0	3,7	0,4	2,9
<b>Sanõma</b>	3.164	4,5	3,4	5,0	4,1	1,6	1,8	1,7	4,5	1,9	3,7
<b>Ninam</b>	1.674	4,5	3,2	5,0	2,3	1,2	0,8	1,2	4,8	1,0	3,4
<b>Yanomam - Yanomae - Yanomama</b>	11.921	4,7	4,1	5,0	3,9	1,2	0,8	1,2	4,8	1,7	3,8
<b>Yanonami - Yanomami</b>	8.511	3,8	4,2	4,9	2,8	1,2	1,7	1,4	3,6	1,9	3,2
<b>Terra Indígena Yanomami</b>	25.803	4,4	3,9	5,0	3,4	1,2	1,2	1,3	4,3	1,7	3,5

87. Note-se pela Tabela 4.26, entretanto, que o índice P4 do Yanomam ficou bem abaixo do índice P4 das regiões do Demini, Missão Catrimani e Toototopi. Isso se deve à enorme carência de material didático e de leitura nos demais dialetos do Yanomam, sobretudo nos dialetos das Serras Central e Norte.

Cabe lembrar que apenas as variedades dialetais centrais do Sanõma foram consideradas neste diagnóstico, sendo que não foi possível avaliar a vitalidade do dialeto Sanõma do Aracaçá e do Hokomawã. O índice relativamente alto do Sanõma pode ser explicado, por um lado, pela distância de suas comunidades em relação a qualquer fronteira com território não indígena, o que potencialmente proporciona um contato menos intenso com a língua portuguesa e maior proteção contra invasores, garantindo que os domínios de uso do Sanõma sejam preservados. É ao menos o que sugere o índice parcial de vitalidade P4 sobre a perda de domínio. Sanõma foi a língua que obteve maior nota geral nesse parâmetro. Além disso, Sanõma tem contado com o apoio multi-institucional do ISA (também da CCPY) e da MEVA, organizações que têm produzido materiais sobre a língua Sanõma, além de incentivar o aprendizado da língua indígena por suas equipes, ainda que com objetivos evidentemente diferentes entre si.

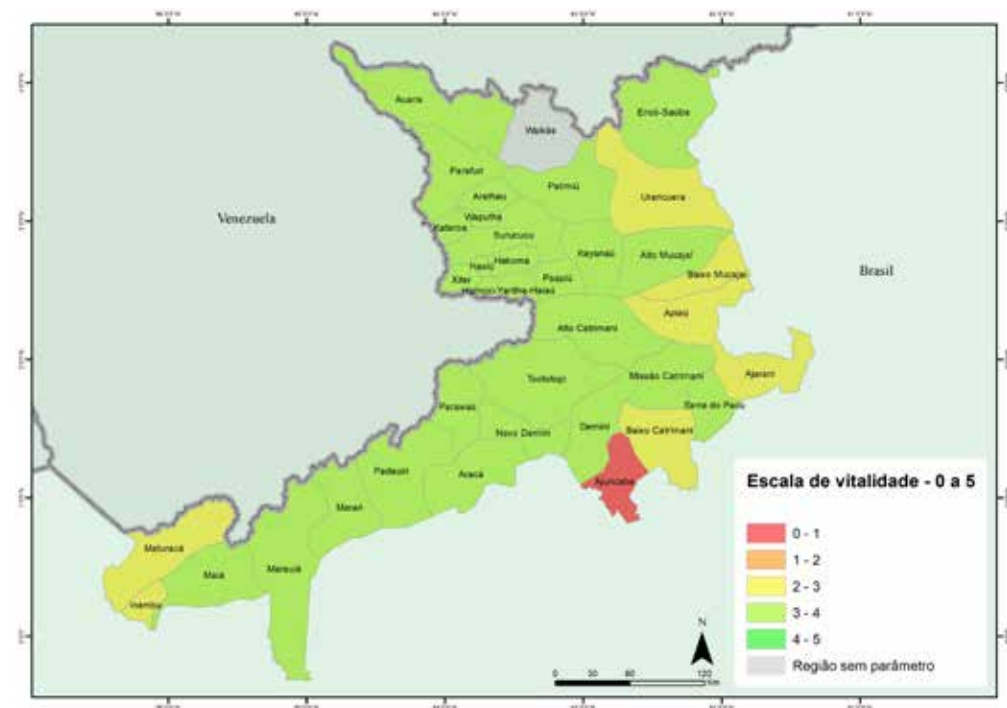
Comparando com o índice geral de vitalidade das demais línguas Yanomami, o índice do Ninam está em um patamar intermediário (3,4), com alguma variação entre as regiões, sendo Baixo Mucajá e Uraricoera as com índices mais baixos (3 e 2,7, respectivamente). A grande vulnerabilidade da língua na região do Uraricoera é particularmente preocupante, do ponto de vista da diversidade linguística, visto que apenas ali é falado um dos três dialetos do Ninam, o Ninam Central. O Uraricoera, assim como toda a região de fala Ninam, há pelo menos três décadas tem sido alvo contínuo de invasões garimpeiras, o que certamente teve influência nos índices de vitalidade obtidos nessas regiões, principalmente no Índice P4 de perda de domínio de uso, em que o Ninam obteve um dos menores índices entre as línguas Yanomami (2,8), ficando a frente apenas do Yãroamë (2,3).

O Yanomami/Yanonami foi a língua que apresentou maior variação entre os índices regionais, com o segundo maior valor de toda a TIY (3,8 na região do Kataroa), mas também com o menor de todos (0,8 em Ajuricaba). A grande maioria das regiões manteve-se no patamar de vulnerabilidade/vitalidade 3. A média geral para todas as regiões de fala Yanomami/Yanonami foi 3,2, o terceiro menor valor.

O baixo índice geral da região do Ajuricaba certamente impactou negativamente o índice geral do Yanomami/Yanonami.

Entretanto, é importante notar que esse impacto não foi extremo, principalmente porque a população de Ajuricaba não é alta (249, ou menos de 3% da população Yanomami/Yanonami total no Brasil). Para se ter uma ideia do peso dessa região, se Ajuricaba fosse excluída da ponderação, o índice geral da língua seria elevado em apenas um décimo para 3,3. O baixo desempenho relativo do Yanomami/Yanonami tem assim razões multirregionais. Como apontam os parâmetros que compuseram os Índices P1 e P4, o baixo aprendizado pelos jovens de formas sofisticadas da língua (diálogos cerimoniais e xamanismo, em particular) e a perda de domínios de uso (com clara substituição pelo português, em alguns casos), são obstáculos específicos que enfrentam algumas regiões Yanomami/Yanonami. A existência de regiões Yanomami/Yanonami que mantêm viva a língua nos principais âmbitos sociais, assim como as práticas artísticas enfraquecidas em outras regiões, é ao menos um elemento positivo a ser considerado em qualquer plano de revitalização ou fortalecimento regional do Yanomami/Yanonami.

A Tabela 4.26 ainda nos indica que o Yãroamë e Yãnoma são as duas línguas da família que estão, por diversas razões, num patamar diferente de vulnerabilidade, sendo as línguas mais fragilizadas da família Yanomami, ambas apresentando índices gerais inferiores a 3. Esses dados apontam para a necessidade de atenção especial para essas duas línguas e de planejamento de ações emergenciais voltadas para seu fortalecimento. Como os Índices P1 e P3 dessas línguas indicam, os principais obstáculos enfrentados por elas não dizem propriamente respeito à transmissão da língua: todas as pessoas yãroamë e yãnoma são falantes de suas línguas e as crianças também a estão aprendendo, ainda que no caso yãnoma e em algumas regiões yãroamë (Apiá e Ajarani) há uma sensível perda da transmissão dos gêneros elaborados da língua. Assim, são fundamentais ações específicas de suporte à escolarização na língua indígena. A baixa demografia de ambas as línguas também exige atenção redobrada na proteção da integridade territorial e nos serviços de saúde prestados nas regiões yãroamë e



yãnoma. Seria desejável um plano de monitoramento constante e promoção continuada da saúde tanto linguística como física de seus falantes, assim como um plano de pronto atendimento a qualquer situação de emergência.

Pelo Mapa 4.11, que apresenta a distribuição do Índice geral P de vitalidade na TIY, percebemos que as regiões que obtiveram o menor índice são aquelas que se encontram nas zonas limítrofes, tanto a oeste como a leste, e que possuem vias de mais fácil acesso

ligando as comunidades e os centros urbanos locais, sugerindo uma ligação direta entre vulnerabilidade linguística e contato desordenado. Cabe lembrar que as zonas do limite leste têm estado sob forte pressão de diferentes atores econômicos, muitos deles ilegais e invasores do território yanomami, como os garimpeiros, fazendeiros, madeiros e pescadores. As línguas expostas a esse tipo de pressão são Ninam, Yãroamë e Yãnoma a leste, e Yanomami/Yanonami a oeste.

Mapa 4.11  
Índice geral P  
de vitalidade  
linguística  
nas diferentes  
regiões da TIY

## 4.4. Comentários finais

88. Com a dramática exceção de Ajuricaba (249 pessoas).

Foram necessários milênios e muita história para que se produzisse a diversidade linguística que observamos no mundo hoje. Talvez menos tempo será necessário, entretanto, para perdê-la. E, nesse sentido, o cenário para a família Yanomami não é muito confortável. Como vimos, ainda que as seis línguas Yanomami sejam faladas no Brasil por quase todos os 25.800 Yanomami e sua transmissão intergeracional, em geral, apresente índices ainda muito positivos<sup>88</sup>, não parece que as línguas Yanomami estejam totalmente preparadas para lidar com os vetores de pressão que se apresentam para as próximas décadas.

O primeiro fator de elevado risco generalizado à diversidade linguística Yanomami está relacionado à sua demografia, sendo que o Yaroamë, com cerca de 400 falantes, e o Yãnoma, com apenas 180, são os casos mais preocupantes entre as línguas da família Yanomami, como vimos. Mas não é apenas a quantidade reduzida de falantes que opera como elemento de vulnerabilidade. Há também as pressões exercidas pela relação com a sociedade envolvente, a partir dos postos de saúde e da relação com as Secretarias de Educação, entre outros órgãos do Estado brasileiro, pouco ou nada permeáveis ao bilinguismo. Hoje, por exemplo, nos espaços de diálogo com as instituições públicas quase não existe incentivo formal ou informal à comunicação nas línguas Yanomami. E, nos contextos urbanos, essa situação é ainda mais delicada, pois envolve situações de discriminação e violência simbólica.

Outro elemento importante é a tendência ao empobrecimento da língua devido à perda de espaços e ocasiões para a sua expressão em suas formas artísticas e mais complexas, por meio de cantos, narração de mitos e diálogos cerimoniais. Nas comunidades, atualmente, essas formas de expressão da língua disputam espaço com vídeos e músicas estrangeiras, sobretudo à noite, período

no qual os mais velhos costumam contar histórias e discursar na casa coletiva. À redução de espaços propícios para estas manifestações acrescenta-se ainda a diminuição crescente do número de pessoas com habilidades para realizar tais performances linguísticas.

Da mesma forma, considerando o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação, e a velocidade que esses instrumentos imprimem às dinâmicas linguísticas, entendemos que é fundamental promover e discutir junto à sociedade yanomami estratégias de valorização da sua riqueza linguística, bem como da valorização dos elementos e condições que permitem que essas línguas se preservem, ao mesmo tempo em que evoluem como entidades vivas e dinâmicas. A diversidade é certamente uma tentativa de responder às permanentes mudanças que uma sociedade experimenta ao longo de sua história, e ela é fundamental para lidar cada vez melhor com um mundo em constante transformação.

Vale destacar ainda o espaço das mulheres yanomami na preservação de suas línguas. Como mães e principais responsáveis pela socialização das crianças, elas têm papel fundamental na transmissão das línguas. Além disso, na maioria das regiões da TIY, são elas as que têm menor acesso aos contextos de difusão do português, já que frequentam menos as cidades e têm menor acesso a mídias digitais. Assim, acabam sendo importantes mantenedoras das línguas, contribuindo significativamente para sua vitalidade. Desse modo, deve ser estratégica a inclusão das mulheres nas discussões de elaboração de qualquer plano de proteção e fortalecimento das línguas Yanomami, bem como a inclusão de ações voltadas a elas.

Sem dúvida, uma grande parte da responsabilidade por preservar suas línguas e mantê-las vigorosas nas próximas décadas ou mesmo séculos é dos próprios Yanomami. No entanto, serão também ne-

cessárias políticas públicas específicas para a proteção e fortalecimento das línguas Yanomami nos mais variados âmbitos da vida social, cultural e econômica, procurando manter sua relevância não só nos espaços tradicionais como também nas diversas situações de contato com o português e a sociedade brasileira. Os indicadores de vitalidade linguística mais preocupantes na TIY estão justamente ligados à ausência de políticas institucionais de promoção e fortalecimento das línguas Yanomami em quase todas as regiões – seja pelo incentivo à produção nas línguas indígenas de materiais didáticos, informativos (jornais, revistas, manuais de saúde, de direitos indígenas), de leitura (com temática variada, não religiosa) e audiovisuais (programas de rádio, *podcasts*, documentários e filmes), seja pelo reconhecimento oficial dessas línguas como principal língua para trabalho e ações na TIY –, quer dizer, por prover condições e incentivo ao aprendizado das línguas Yanomami

pelos pessoas que trabalham com os Yanomami dentro e fora da TIY.

Além disso, será fundamental que a TIY esteja bem preservada e protegida de invasões, cenário que ainda não corresponde ao atual, visto os milhares de garimpeiros que ainda hoje a degradam social e ambientalmente, aumentando significativamente a vulnerabilidade das línguas Yanomami faladas nessas regiões. Caberá, portanto, também ao Estado brasileiro e à sociedade civil reconhecerem sua parcela de responsabilidade na manutenção do patrimônio linguístico yanomami, de riqueza inestimável, efetivamente promovendo a elaboração e implantação de políticas amplas de proteção e fortalecimento das línguas Yanomami.

Mais uma vez, caberá aos Yanomami manter em movimento a força, a riqueza e a criatividade de suas línguas e continuar lutando por seus direitos nesse cenário que parece cada vez mais indiferente e resistente à diversidade.



Ana Maria Machado/ISA, 2010

# Bibliografia

AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. Other small families and isolates. In: AIKHEN VALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (ed.). *Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ALBERT, Bruce. *Temps du sang, temps des cendres Représentation de la maladie, espace politique et système ritual chez les Yanomami du Sud-Est (Amazonie brésilienne)*. Tese de Doutorado – Universidade de Paris X, Nanterre, 1985.

ALBERT, Bruce. Urihi: Terra, Economia e Saúde Yanomami. *Série Antropologia 119*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

ALBERT, Bruce; GOMEZ, Gale Goodwin. *Saúde Yanomami: Um manual etnolinguístico*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1997.

ALBERT, Bruce; MILLIKEN, William; GOMEZ, Gale Goodwin. *Urihi a: A terra-floresta Yanomami*. São Paulo: Instituto Socioambiental: IRD, 2009.

ALBERT, Bruce A.; OLIVEIRA, Marcos W. Novos “isolados” ou antigos resistentes? In: *Povos Indígenas no Brasil 2006-2010*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

ANDRADE, Karenina. *A Ética Ye'kuana e o Espírito do Empreendimento*. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2007.

ARIAS, Hortensia Cabalero. *Desencuentros y encuentros en el Alto Orinoco: Incursiones en territorio Yanomami, Siglos XVIII-XIX*. Altos de Pipe, Venezuela: Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, 2014.

AUTUORI, Joana Dworeka. *Aspectos da fonologia Sanumá (Yanomami)*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, 2015.

BARKER, James P. *Dictionary and Grammar, Yanomamo Notes*. New Tribes Missión (mimeo), 1956.

BARKER, James P. *Yanomamo Lexicon Yanomamo Lexicon*. Puerto Ayacucho, New Tribes Mission (ms.), 1971.

BARKER, James P. Una Gramática Técnica de la Lengua Shamatari. *Boletín Indigenista Venezolano*, v. XVIII, n. 15, 1979.

BECHER, H. Un viaje de investigación por los Rios Demini y Araca (Brasil). *Trabajos y Conferencias, Seminario de Estudios Americanistas*. Madrid: Facultad de Filosofía y Letras, v. 2, p. 149-161, 1958.

BERGSLAND, Kurt; VOGT, Hans. On Validity of Glottochronology. *Current Anthropology*, v. 3, n. 2, 1962.

BOMMERT, Aria. Gifts of the Amazons; “green stone” pendants and beads as items of ceremonial exchange in Amazonia and the Caribbean. *Antropológica*, v. 67, p. 33-54, 1987.

BORGMAN, Donald M. *Sanuma Phonemics and Myths* (mimeo), 1969-1970.

BORGMAN, Donald M. *Deep and Surface Case in Sanuma*. *Linguistics*, v. 12, p. 5-18, 1974.

BORGMAN, Donald M. Sanuma. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (ed.). *Handbook of Amazonian Languages 2*, p. 15-248. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.

BORGMAN, Donald M.; CUE, Sandra L. Sentence and Clause Types in Central Waíca (Shiriana). *International Journal of American Linguistics*, v. 29, n. 3, 1963.

BORGMAN, Donald M.; CUE, Sandra L.; ALBRIGHT, Sue; SEELEY, Merril; GRIMES, Joseph E. The Waican Languages. *Anthropological Linguistics*, v. 7, n. 7, 1965.

BOROFKY, Robert. *Yanomami: The Fierce Controversy and What We Can Learn from It*. Berkeley: Los Angeles: London: University of California Press, 2005.

CAMPBELL, Lyle *et al.* New Knowledge: Findings from the Catalogue of Endangered Languages (ELCat). Apresentação oral em *The 3rd International Conference on Language Documentation and Conservation (ICLDC)*. 22 slides. 2013.

CCPY – Comissão pela Criação do Parque Yanomami. *Relatório Yanomami 82: Situação de Contato e Saúde – Recomendações para Criação e Estruturação do Parque Indígena* (mimeo), 1982.

CHACON, T. C.; SEIFFERT, A. P. ; BERTO, F. F. ; PEREIRA, G. R. ; SILVERSTRIN, M. ; GARCIA, M. V. C. . Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL. ed. Brasília: IPHAN, 2014.

CHACON, Thiago. *Relatório de Pesquisa de Campo entre os Uruak (Arutani) e Ninam (Xiriana)*. Brasília: Universidade de Brasília (UNB), 1982.

CHAGNON, Napoleon *et al.* The Influence of Cultural Factors on the Demography and Pattern of Gene Flow from the Makiritare to the Yanomama Indians. *American Journal of Physical Anthropology*, p. 339-349, 1970.

COCCO, Luis. *Iyëwei-teri: quince años entre los Yanomamos*. Caracas: Escuela Técnica Popular Don Bosco, 1972.

COLCHESTER, Marcus. Rethinking Stone Age Economics: Some especulations Concerning the Pre-Colombian Yanoama Economy. *Human Ecology*, v. 12, n. 3, p. 291-314, 1984.

DALMONEGO, Corrado. *Paeterepê: quem são esses napêpê? Elementos para o Estudo da Construção Yanomami da Alteridade dos Missionários*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

D’ERRICO, Francesco; VANHAEREN, Marian. Linguistic implications of the earliest personal ornaments. In: TALLERMAN, Maggie; GIBSON, Kathleen R. (ed.). *The Oxford Handbook of Language Evolution*. Oxford: Oxford University Press, cap. 29, p. 299-302, 2012.

DRYER, Matthew S. The Greenbergian Word Order Correlations. *Language*, v. 68, p. 81-138, 1992.

DYEN, Isidore. Language Distribution and Migration Theory. *Language*, v. 32, n. 4, p. 611-626, 1956.

EARLY, John D.; PETERS, John F. *The population dynamics of the Mucajai Yanomama*. San Diego: Academic Press, 1990.

EARLY, John D.; PETERS, John F. *The Xilixana Yanomami of the Amazon: History, social structure, and population dynamics*. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

FERGUSON, Brian. *Yanomami Warfare: A Political History*. Santa Fe, NM: School of American Research Press, 1995.

FERREIRA, Helder Perri. *Los clasificadores nominales del Yanomama de Papiu*. Dissertação de Mestrado – Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), Ciudad de México, 2009.

FERREIRA, Helder Perri. *Esboço gramatical do Yaroamê: Língua Yanomami falada do Serra do Pacu/RR*. Rio de Janeiro: Museu do Índio/Prodoclin, 2011.

FERREIRA, Helder Perri. *Yanomama Clause Structure*. Tese de Doutorado – Radboud Universiteit, Nijmegen, Holanda, 2017.

FERREIRA, Helder Perri; HIMOTONA, Alfredo; KREPUNA, Genivaldo; KARIUNA, Marconi. *Dicionário de verbos português-yanomama*. Boa Vista: Instituto Socioambiental, 2011.

GILDEA, Spike. Linguistic studies in the Cariban family. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (ed.). *The Indigenous Languages of South America – A Comprehensive Guide*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012.

GOMEZ, Gale Goodwin. *The Shiriana Dialect of Yanam (Northern Brazil)*. Tese de Doutorado – Columbia University, New York, 1990.

GOMEZ, Gale Goodwin. *Esboço gramatical do Ninam*. Rio de Janeiro: Museu do Índio/Prodoclin (ms.), 2011.

GONGORA, Majoí. *Ããma ashichaato: replicações, transformações, pessoas e cantos entre os Ye'kwana do rio Auaris*. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2017.

GREENBERG, Joseph H. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, Joseph H. (ed.). *Universals of Human Language*. Cambridge, Mass: MIT Press, p. 73-113, 1963.

HAARMANN, Harald. Language Planning in the light of a general theory of language: a methodological framework. *International Journal of Sociology*, v. 86, p. 103-126, 1990.

HARMON, David; LOH, Jonathan. The Index of Linguistic Diversity: A New Quantitative Measure of Trends in the Status of the World's Languages. *Language Documentation & Conservation*, v. 4, p. 97-151, 2010.

HEINEN, D. ; GARCÍA-CASTRO, A. The multi-ethnic network of the lower Orinoco in early colonial times. *Ethnohistory*, v. 47, n. 3-4, p. 561-579, 2000.

HOLDRIDGE, D. Exploration between the Rio Branco and the Serra Parima. *The Geographical Review*. New York: The American Geographical Society, v. XXIII, p. 372-384, 1993.

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Plano de Manejo – Estação Ecológica Niquíá*, Brasília, 2018.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística*. 2 vol. Iphan, Brasília-DF, 2016.

ISA – Instituto Socioambiental. *O povo Yanomami está contaminado por mercúrio do garimpo*. 2016. Disponível em: <https://medium.com/hist%C3%B3rias-socioambientais/o-povo-yanomami-est%C3%A1-contaminado-por-merc%C3%BArio-do-garimpo-fa0876819312>. Acesso em: 7 fev. 2019.

JABUR, C.; WESLEY, M.; LE TORNEAU, F. *Diagnóstico Socioambiental da Região de Auaris. Terra Indígena Yanomami*. Boa Vista: CCPY, 2007.

K. Y. Depoimento em áudio com transcrição e tradução. Comunidade de Waroma, 19-21 jan. 2013. In: DALMONEGO, Corrado. *Depoimentos colhidos na Missão Catrimani*, 2012-2015.

KELLY, J. A. Notas para uma teoria do “virar branco”. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 11, n. 1, p. 201-234, 2005.

KOCH-GRÜMBERG, T. *Del Roraima al Orinoco*. Caracas: Ediciones del Banco Central de Venezuela, 1923 [1982]. 3 v.

KOCH-GRUNBERG, Theodor. *Vom Roraima zum Orinoco*. Berlin: Dietrich Reimer (Ernest Vohsen), 1923. 5 v.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRAUSS, Michael. The world’s language crisis. *Language*, v. 68, n. 1, 1992.

LEITE, T. *Ninam (Yanomami) e missionários cristãos no Alto Mucajá (RR): modos de alteração*. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2016.

LEITE, Yonne Freitas. *Relatório do Seminário de Ortografia para as línguas Yanomami e Macuxi*. Boa Vista, 1976.

LEITE, Yonne Freitas. *Guia de Elicitação (600 frases)*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1980.

LE TOURNEAU, François-Michel. *Les Yanomami du Brésil: géographie d'un territoire amérindien. Mémoire d'habilitation à diriger les recherches*. Paris: Universidade de Paris III, 2008.

LE TOURNEAU, François-Michel. *Les Yanomami du Brésil: géographie d'un territoire Amérindien*. Paris: Belin, 2010. Coll. Mappemonde.

LE TOURNEAU, F.-M.; ALBERT, B. Homoxi (1989-2004): o impacto ambiental das atividades garimpeiras na Terra Indígena Yanomami (Roraima). In: *Roraima: Homem, Ambiente e Ecologia*, 2005.

LIZOT, Jacques. *Dictionnaire Yanómami-Français*. Paris: Laboratoire d'Anthropologie Sociale du Collège de France, 1970.

LIZOT, Jacques. Onomastique Yanómami. *L'Homme*, v. XIII, n. 3, 1973.

LIZOT, Jacques. *Diccionario Yanomami-Español*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1975.

LIZOT, Jacques. Los Yanomami. In: COPPENS, Walter (ed.). *Los aborígenes de Venezuela*. Caracas: Fundación la Salle de Ciencias Naturales: Monte Avila, v. 3, p. 479-583, 1988.

LIZOT, Jacques. *Introducción a la lengua yanomami: Morfología*. Caracas: Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho: UNICEF, 1996.

LIZOT, Jacques. *Diccionario enciclopédico de la lengua yānomāmi*. Caracas: Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho, 2004.

LOBO D'ALMADA, Manoel da Gama. Descrição relativa ao Rio Branco, e seu território, por Manoel da Gama Lobo e Almada. [1787]. In: COSTA, Clóvis Nova da. *O vale do Rio Branco (Suas realidades e perspectivas)*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

LOUKOTKA, Čestmír. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: UCLA Latin American Center, 1968.

MACHADO, A. M. A. *Lutamam: relações interétnicas e protagonismo feminino no Papiu no contexto de um conflito intercomunitário Yanomami*. Florianópolis: UFSC: PPGAS, 2015.

MACLARNON, Ann. The anatomical and physiological basis of human speech production: adaptations and exaptations. In: TALLERMAN, Maggie; GIBSON, Kathleen R. (ed.). *The Oxford Handbook of Language Evolution*. Oxford: Oxford University Press, cap. 22, p. 224-235, 2012.

MARTINS, M. S. ; LE TOURNEAU, F.-M. ; HEKURARI YANOMAMI, J. *Relatório de diagnóstico da região de Surucucu*. Boa Vista: Instituto Socioambiental, 2011.

MARTINS, M. S.; SANUMA, C.; AUTUORI, J.; SANUMA, L. R. ; SANUMA, M. ; SANUMA, O. I. ; APIAMÖ, R. M. (org.). *Salaka pô: Peixes, Crustáceos e Moluscos*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2016.

MATTEI MULLER, Marie Claude. *Lengua y cultura yanomami: diccionario ilustrado yanomami-español, español-yanomami*. Caracas: CONAC, 2007.

MEYER, A. *Pauxiána: pequeno ensaio sobre a tribo Pauxiána e sua língua, comparada com a língua Macuxi*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1956.

MIGLIAZZA, E. Grupos linguísticos do Território Federal de Roraima. In: LENT, Herman (ed.). *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, v. 2, p. 153-173, 1967.

MIGLIAZZA, E. *Yanomama grammar and intelligibility*. Tese de Doutorado – Indiana University, Bloomington, 1972.

MIGLIAZZA, Ernesto C. The integration of the indigenous peoples of the Territory of Roraima, Brazil. *IWGIA Document 32*, 1978a.

MIGLIAZZA, Ernesto C. Maku, Sape and Uruak Languages: Current Status and Basic Lexicon. *Anthropological Linguistics*, v. 20, n. 3, p. 133-140, 1978b.

MIGLIAZZA, Ernesto. Linguistic prehistory and the refuge model in Amazonia. In: PRANCE, G. T. (ed.). *Biological diversification in the tropics*. New York: Columbia University Press, p. 497-519, 1982.

MIGLIAZZA, Ernesto C. Languages of the Orinoco-Amazon Region: Current Status. In: KLEIN, Harriet E. Manelis; STARK, Louisa (ed.). *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Austin: Texas University Press, p. 17-139, 1985.

MISSÃO CATRIMANI. *Histórico dos Deslocamentos dos Grupos Locais da Região do Rio Catrimani*. (Datilografado). Arquivo da Missão Catrimani, 1978.

MWANGI, M. A. N. *As Missionárias da Consolata na Amazônia brasileira 1949-2011*. Goiânia: Editora América, 2015.

NICHOLS, Johanna. Monogenesis or polygenesis: a single ancestral language for all humanity? In: TALLERMAN, Maggie; GIBSON, Kathleen R. (ed.). *The Oxford Handbook of Language Evolution*. Oxford: Oxford University Press, cap. 58, p. 558-572, 2012.

NOBLE, G. Kingsley. Proto-Arawak and its Descendants. *International Journal of American Linguistics*, v. 31, n. 3, 1965.

PATEO, Rogerio. *D. Niyayou: Antagonismo e Aliança entre os Yanomami da Serra do Surucucus (RR)*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PEREIRA, Luis Fernando. *Nossos brancos, nossos instrumentos: análise da construção de teorias Yanomami sobre alteridade a partir de situações de contato*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PETERS, J. F. *Life among the Yanomami*. Ontário: Broadview Press, 1998.

RAMIREZ, Henri. *Le Parler Yanomami des Xamatauteri*. Tese de Doutorado – Université de Provence, Aix-en-Provence, 1994a.

RAMIREZ, Henri. *Iniciação à língua Yanomama: Dialectos do Médio Rio Catrimani e de Xitei: Curso de língua Yanomama*. Boa Vista: CCPY: Diocese do Roraima, 1994b.

RAMIREZ, Henri. *A prática Yanomami*. Boa Vista: CCPY: Diocese do Roraima, 1999.

RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: Comparação e Descrição*. Manaus: Editora de Universidade do Amazonas, 2001.

RAMOS, A. R. *Memórias Sanumá: Espaço e tempo em uma sociedade Yanomami*. São Paulo: Editora Marco Zero; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

RAMOS, A. R.; TAYLOR, K. The Yanoama in Brasil and Yanomami indian park, proposal and justification. IWGIA Document 37, Copenhagen, 1979.

RAVINDRANATH, Maya; COHN, Abigail C. Can a language with millions of speakers be endangered? *Journal of the Southeast Asian Linguistics Society (JSEALS)*, n. 7, p. 64-75, 2014.

RICARDO, B.; RICARDO, F. (ed.). *Povos Indígenas no Brasil: 2011-2016*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017.

RICE, H. *Exploração na Guiana Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1978.

ROCHA, R. W. L. *Atualização da Política Escolar para Povo Ye'kuana*. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural. Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena. Boa Vista, Universidade Federal de Roraima (UFRR), 2008.

SAFFIRIO, G. *Some social and economic changes among the Yanomama of northern Brazil (Roraima): a comparison between "forest" and "hightway" villages*. Dissertação de Mestrado – University of Pittsburg, Pittsburg, 1980.

SAFFIRIO, G. *Os movimentos dos Wakathautheri e Hewenahipitheri nos últimos 50 anos*. (Datilografado). Caracará, RR: Arquivo Missão Catrimani, 1981.

SAFFIRIO, G.; HAMES, R. The Forest and the Highway In: *The impact of contact: two Yanomamo case studies*. Published as *Cultural Survival Report* n. 11, and *Working Papers on South American Indians*, n. 6, p. 1-52. Cambridge: Cultural Survival, 1983.

SALATHÉ, George. Les indiens Karime. *Revista del Instituto de la Universidad Nacional de Tucuman*, Buenos Aires, v. 11, n. 2, p. 207-316, 1932.

SCHOMBURKG, R. H. *Twelve Views in the Interior of Guiana*. London: Ackermann & Co., 1841.

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena. *Censo Populacional Yanomami 2016*. Distrito Sanitário Yanomami e Ye'kwana, Boa Vista, 2016.

SILVA, C. C. *Transformações socioespaciais das comunidades indígenas Ye'kuana e sanumã na região de Auaris – Roraima*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, 2017.

SMILJANIC, M. I. *O Corpo Cósmico: O Xamanismo entre os Yanomae do Alto Toototobi*. Tese de Doutorado – Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

SMILJANIC, M. I. Os enviados de Dom Bosco entre os Masiripiwëiteri. O impacto missionário sobre o sistema social e cultural dos Yanomami ocidentais (Amazonas, Brasil). *Journal de la Société des Américanistes*, n. 88, p. 137-158, 2002.

SMOLE, W. J. *The Yanoama Indians: A Cultural Geography*. Austin: University of Texas Press, 1976.

SOUSA, Paulo Roberto. *Mito e ethos entre os Yanomami de Xitipapiwei*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

SWADESH, Morris. Lexicostatistic Dating of Prehistoric Ethnic Contacts. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 96, p. 452-463, 1952.

SWADESH, Morris. Towards Greater Accuracy in Lexicostatistic Dating. *International Journal of American Linguistics*, v. 21, p. 121-137, 1955.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistic Typology: Social Determinants of Linguistic Complexity*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

UNESCO Ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. *Language Vitality and Endangerment*. Paris: UNESCO, 2003.

UNESCO's Culture Sector. *UNESCO's Language Vitality and Endangerment Methodological Guideline: Review of Application and Feedback since 2003*. Paris: UNESCO, 2011.

VALERO, Helena. *Yo soy Napëyoma. Relato de uma mujer raptada por los indígenas Yanomami*. Caracas: Fundación La Salle de Ciencias Naturales, 1984.

VERDUM, R. *Yawari: a fronteira esquecida – Relatório de pesquisa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

VERDUM, R. *Os Yawaripë. Contribuição à História do Povoamento Yanomami*. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Brasília, 1995.

WHITEHEAD, N. L. *Lords of the Tiger Spirit: A History of the Caribs in Colonial Venezuela e Guyana (1498-1820)*. Dordrecht: Foris Publications, 1988.

<b>Mapa 1.1</b> – A diversidade da família Yanomami segundo Borgman <i>et al.</i> (1965).....	21
<b>Mapa 1.2</b> – A diversidade da família Yanomami segundo Migliazza (1972).....	22
<b>Mapa 1.3</b> – A diversidade da família Yanomami segundo Ramirez (1994a, 1999).....	23
<b>Mapa 1.4</b> – A diversidade da família Yanomami segundo Ferreira (2011, 2017).....	24
<b>Mapa 1.5</b> – As línguas da família Yanomami no Brasil e na Venezuela.....	32
<b>Mapa 2.1</b> – Mapa da <i>Nueva Andaluçia</i> , Surville, 1778.....	76
<b>Mapa 2.2</b> – Mapa das rotas percorridas por Schomburgk entre 1838 e 1839.....	81
<b>Mapa 2.3</b> – Grandes migrações yanomami no Brasil (1800-1960).....	102
<b>Mapa Anexo I.1</b> – Como se diz “jacaré” nas diferentes línguas Yanomami (LY).....	135
<b>Mapa Anexo I.2</b> – Como se diz “carapanã” nas diferentes LY.....	135
<b>Mapa Anexo I.3</b> – Como se diz “poraquê” nas diferentes LY.....	135
<b>Mapa Anexo I.4</b> – Como se diz “rato” nas diferentes LY.....	136
<b>Mapa Anexo I.5</b> – Como se diz “veado-roxo” nas diferentes LY.....	136
<b>Mapa Anexo I.6</b> – Como se diz “banana” nas diferentes LY.....	136
<b>Mapa Anexo I.7</b> – Como se diz “caju” nas diferentes LY.....	137
<b>Mapa Anexo I.8</b> – Como se diz “pimenta” nas diferentes LY.....	137
<b>Mapa Anexo I.9</b> – Como se diz “aljava” nas diferentes LY.....	137
<b>Mapa Anexo I.10</b> – Como se diz “canoa” nas diferentes LY.....	138
<b>Mapa Anexo I.11</b> – Como se diz “miçanga” nas diferentes LY.....	138
<b>Mapa Anexo I.12</b> – Como se diz “veado-mateiro” nas diferentes LY.....	138
<b>Mapa Anexo I.13</b> – Como se diz “tamanduá-bandeira” nas diferentes LY.....	139
<b>Mapa Anexo I.14</b> – Como se diz “mutum” nas diferentes LY.....	139
<b>Mapa Anexo I.15</b> – Como se diz “jacu” nas diferentes LY.....	139
<b>Mapa Anexo I.16</b> – Como se diz “jacamim” nas diferentes LY.....	140
<b>Mapa Anexo I.17</b> – Como se diz “gordura” nas diferentes LY.....	140
<b>Mapa Anexo I.18</b> – Como se diz “caranguejo” nas diferentes LY.....	140
<b>Mapa Anexo II.19</b> – Distribuição do som /h <sup>w</sup> / na família Yanomami.....	141
<b>Mapa Anexo II.20</b> – Distribuição do som /x/ na família Yanomami.....	142
<b>Mapa Anexo II.21</b> – Distribuição do som /f/ na família Yanomami.....	142
<b>Mapa Anexo II.22</b> – Distribuição do som /k/ na família Yanomami.....	142
<b>Mapa Anexo II.23</b> – Distribuição do som /t <sup>h</sup> / na família Yanomami.....	143
<b>Mapa Anexo II.24</b> – Distribuição do som /t/ na família Yanomami.....	143
<b>Mapa Anexo II.25</b> – Distribuição do som /p/ na família Yanomami.....	143
<b>Mapa Anexo III.26</b> – Existe uma marca para “eles dois” no verbo?.....	145
<b>Mapa Anexo III.27</b> – O pronome possessivo é igual ao pronome pessoal?.....	145
<b>Mapa Anexo III.28</b> – No imperativo (ordem), o “você” é tratado como ele?.....	145

<b>Mapa Anexo III.29</b> – O verbo tem marcas diferentes para “eles” e “eles dois”?.....	146
<b>Mapa Anexo III.30</b> – Existe diferença entre “nós” (excluindo a pessoa com quem fala) e “nós” (incluindo essa pessoa)?.....	146
<b>Mapa Anexo III.31</b> – Existem pronomes diferentes para “nós” e “nós dois”, “vocês” e “vocês dois”?.....	146
<b>Mapa Anexo III.32</b> – Existe a construção com <i>napë kãe</i> , <i>napë kãyo</i> , <i>namo kãyo</i> ?.....	147
<b>Mapa Anexo III.33</b> – Existe a construção com <i>pihi kãe</i> , <i>pihi kãyo</i> , <i>pii</i> ?.....	147
<b>Mapa Anexo III.34</b> – Existe diferença entre “nós nos vimos no espelho” (cada um se viu no espelho sozinho) e “nós nos vimos um ao outro no espelho”?.....	147
<b>Mapa 4.1</b> – As regiões da Terra Indígena Yanomami (TIY).....	155
<b>Mapa 4.2</b> – A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da transmissão intergeracional (P1).....	158
<b>Mapa 4.3</b> – A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro do número absoluto de falantes (P2).....	160
<b>Mapa 4.4</b> – A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da proporção de falantes na comunidade (P3).....	162
<b>Mapa 4.5</b> – A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da perda de domínios de uso da língua (P4).....	168
<b>Mapa 4.6</b> – A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da resposta a novos domínios e mídias (P5).....	175
<b>Mapa 4.7</b> – A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da disponibilidade de material para educação e alfabetização na língua (P6).....	182
<b>Mapa 4.8</b> – A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro das políticas governamentais e institucionais de promoção e fortalecimento da língua, incluindo status e uso oficiais (P7).....	189
<b>Mapa 4.9</b> – A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro das atitudes de membros da comunidade em relação a sua própria língua (P8).....	194
<b>Mapa 4.10</b> – A vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY, segundo o parâmetro da disponibilidade de material documental e descritivo da língua (P9).....	198
<b>Mapa 4.11</b> – Índice geral P de vitalidade linguística nas diferentes regiões da TIY.....	203

<b>Tabela 1.1</b> – Pesquisadores yanomami indicados pelas associações yanomami .....	28
<b>Tabela 1.2</b> – Pesquisadores voluntários da equipe de pesquisa.....	29
<b>Tabela 1.3</b> – Línguas e dialetos da família Yanomami no Brasil .....	33
<b>Tabela 1.4</b> – Cognatos entre Sanöma e Ye'kwana (1) .....	39
<b>Tabela 1.5</b> – Cognatos entre Sanöma e Ye'kwana (2).....	39
<b>Tabela 1.6</b> – Cognatos entre Sanöma e Ye'kwana (3).....	39
<b>Tabela 1.7</b> – Cognatos entre Sanöma e Ye'kwana (4).....	39
<b>Tabela 1.8</b> – Tipos de neologismos em Yanomama .....	63
<b>Tabela 1.9</b> – Tradições ortográficas das línguas Yanomami (LY) no Brasil.....	67
<b>Tabela 3.1</b> – Taxa de cognatos entre as LY, segundo Migliazza (1972).....	105
<b>Tabela 3.2</b> – Taxa de cognatos entre as LY, segundo Ramirez (1994).....	106
<b>Tabela 3.3</b> – Variedades de LY das quais se coletaram listas de palavras .....	107
<b>Tabela 3.4</b> – Palavras conservadoras entre as LY.....	107
<b>Tabela 3.5</b> – Palavras específicas que se tornaram genéricas nas LY.....	107
<b>Tabela 3.6</b> – Raízes cognatas usadas com referentes diferentes .....	108
<b>Tabela 3.7</b> – A palavra “arraia” nas LY.....	108
<b>Tabela 3.8</b> – Cognatos de jamara/samala/jamaro “arraia” em línguas de outras famílias	108
<b>Tabela 3.9</b> – Cognatos de xipari “arraia” em línguas Karib.....	108
<b>Tabela 3.10</b> – Cognatos de xipari “arraia” em línguas de outras famílias .....	108
<b>Tabela 3.11</b> – A raiz “arraia” em línguas Arawak .....	109
<b>Tabela 3.12</b> – A palavra “buriti” nas LY .....	109
<b>Tabela 3.13</b> – A palavra “buriti” nas línguas Arawak.....	109
<b>Tabela 3.14</b> – A palavra “buriti” nas línguas Karib.....	109
<b>Tabela 3.15</b> – Algumas palavras Karib nas LY (em negrito).....	109
<b>Tabela 3.16</b> – Os cognatos nas línguas Karib.....	110
<b>Tabela 3.17</b> – Cognatos entre Yanomam e Guinaw (Arawak) .....	110
<b>Tabela 3.18</b> – Variedades de LY das quais se coletaram listas de frases.....	111
<b>Tabela 3.19</b> – Inventário vocálico do Sanöma, Yanomami e Yanomam.....	112
<b>Tabela 3.20</b> – Inventário vocálico do Yaroamê e do Ninam do Sul.....	112
<b>Tabela 3.21</b> – Inventário vocálico do Ninam do Norte .....	112
<b>Tabela 3.22</b> – Consoantes conservadoras nas LY .....	113
<b>Tabela 3.23</b> – A perda da aspiração de /t <sup>h</sup> / em Yaroamê e Yanomami.....	113
<b>Tabela 3.24</b> – Mudança de <t <sup>h</sup> u> para <su> em Sanöma, Yanomami e Yanomam .....	114
<b>Tabela 3.25</b> – Fricativização e africativização da aproximante /j/ em algumas LY.....	114
<b>Tabela 3.26</b> – Anteriorização e posteriorização da pós-alveolar /j/ em algumas LY .....	114
<b>Tabela 3.27</b> – O correspondente ao fonema /n/ do Ninam nas demais LY .....	115

<b>Tabela 3.28</b> – A aproximante lateral /l/ e o tap alveolar /r/ nas LY.....	116
<b>Tabela 3.29</b> – Os fonemas consonantais da família Yanomami .....	116
<b>Tabela 3.30</b> – Os principais padrões silábicos das LY.....	117
<b>Tabela 3.31</b> – Perda dos encontros consonantais nas LY.....	117
<b>Tabela 3.32</b> – Coda consonantal em Ninam e seus cognatos nas demais LY .....	117
<b>Tabela 3.33</b> – Os casos nominais nas LY.....	120
<b>Tabela 3.34</b> – Os pronomes pessoais de 1ª pessoa nas LY .....	120
<b>Tabela 3.35</b> – Os pronomes pessoais de 2ª pessoa nas LY.....	121
<b>Tabela 3.36</b> – A 3ª pessoa nas LY .....	121
<b>Tabela 3.37</b> – Os termos de partes (merônimos) nas LY .....	122
<b>Tabela 3.38</b> – Animais não classificados nas LY.....	123
<b>Tabela 3.39</b> – Substantivos com classificadores nominais nas LY .....	124
<b>Tabela 3.40</b> – Vegetais com classificadores nominais nas LY.....	124
<b>Tabela 3.41</b> – Índices pessoais no verbo intransitivo.....	128
<b>Tabela 4.1</b> – Índice P1 de vitalidade segundo o parâmetro da transmissão intergeracional – resultados por língua, região e subparâmetro.....	157
<b>Tabela 4.2</b> – Índice P2 de vitalidade segundo o parâmetro do número absoluto de falantes – total de falantes por língua e país .....	159
<b>Tabela 4.3</b> – Avaliação da proporção de falantes na comunidade numa escala de 0 a 5.....	161
<b>Tabela 4.4</b> – Índice P3 de vitalidade segundo o parâmetro do número relativo de falantes na comunidade – resultados por língua e região.....	162
<b>Tabela 4.5</b> – Subparâmetro D da substituição de itens lexicais – resultados por língua, região e item lexical .....	164
<b>Tabela 4.6</b> – Subparâmetro E do consumo de materiais culturais em português (via presença de equipamento de reprodução audiovisual) – resultados por língua, região e equipamento eletrônico.....	165
<b>Tabela 4.7</b> – Subparâmetro F da continuidade/descontinuidade de práticas culturais tradicionais – resultados por língua, região e questão .....	166
<b>Tabela 4.8</b> – Índice P4 de vitalidade segundo o parâmetro da perda de domínios de uso – resultados por língua, região e subparâmetro .....	167
<b>Tabela 4.9</b> – Subparâmetro G: Uso da língua em novos espaços sociais – resultados por língua, região e questão.....	170
<b>Tabela 4.10</b> – Subparâmetro H: A língua e os meios de comunicação não tradicionais – resultados por língua e região.....	172
<b>Tabela 4.11</b> – Subparâmetro I: A língua e os meios de digitais – resultados por língua e região.....	173
<b>Tabela 4.12</b> – Índice P5 de vitalidade segundo o parâmetro da resposta a novos domínios e mídias – resultados por língua e região.....	174
<b>Tabela 4.13</b> – Subparâmetro J da disponibilidade de material de alfabetização, escrita e leitura na língua – resultados por língua e região .....	178
<b>Tabela 4.14</b> – Subparâmetro K da disponibilidade de material de Matemática na língua - resultados por língua e região .....	179

<b>Tabela 4.15</b> – Subparâmetro L da disponibilidade de material de Ciências Humanas e de Ciências da Natureza na língua – resultados por língua e região.....	180
<b>Tabela 4.16</b> – Índice P6 de vitalidade segundo o parâmetro da disponibilidade de material de educação e alfabetização na língua – resultados por língua e região.....	181
<b>Tabela 4.17</b> – Subparâmetro M da oficialidade da língua na escola – resultados por língua, região e questão.....	185
<b>Tabela 4.18</b> – Subparâmetros da oficialidade e uso da língua (N) e do bilinguismo reverso (O) – resultados por língua e região.....	186
<b>Tabela 4.19</b> – Subparâmetro Q do incentivo à difusão e à promoção da língua entre não nativos – resultados por língua, região e questão.....	187
<b>Tabela 4.20</b> – Índice P7 de vitalidade segundo o parâmetro das políticas governamentais e institucionais de promoção e fortalecimento da língua, incluindo status e uso oficiais – resultados por língua, região e subparâmetro.....	188
<b>Tabela 4.21</b> – Subparâmetro R das percepções êmicas sobre a língua – resultados por língua, região e questão.....	191
<b>Tabela 4.22</b> – Subparâmetro S das percepções êmicas sobre a língua – resultados por língua e região.....	192
<b>Tabela 4.23</b> – Índice P8 de vitalidade segundo o parâmetro das atitudes de membros da comunidade em relação à sua própria língua – resultados por língua, região e subparâmetro.....	193
<b>Tabela 4.24</b> – Índice P9 de vitalidade segundo o parâmetro da disponibilidade de material documental e descritivo da língua – resultados por língua, região e subparâmetro.....	197
<b>Tabela 4.25</b> – Índices gerais de vitalidade linguística na TIY, por parâmetro estudado e por região.....	200
<b>Tabela 4.26</b> – Índice geral P de vitalidade linguística de cada LY e para toda a TIY.....	201



Lucas Limas/ISA, 2017

<b>Box 1:</b> Polasai e Namöhu: dois casos de bilinguismo entre Yanomam e Sanöma.....	38
<b>Box 2:</b> Notas sobre a relação entre Sanöma e Ye'kwana.....	39
<b>Box 3:</b> Ortografias ninam.....	43
<b>Box 4:</b> Afinal: Xiriana, Xirixana ou Ninam?.....	44
<b>Box 5:</b> A relação entre Yanomam e Yanomami.....	45
<b>Box 6:</b> Possíveis origens dos etnônimos Jawari e Waika.....	51
<b>Box 7:</b> Ninam e Yaroamê: bilinguismo assimétrico no Apiaú.....	53
<b>Box 8:</b> <i>Moxihatëtêa</i> : os Yaroamê em isolamento voluntário.....	54
<b>Box 9:</b> O Yanomam como língua franca.....	58
<b>Box 10:</b> Neologismos e a criatividade na língua Yanomami.....	62
<b>Box 11:</b> Ortografias yanomami.....	66
<b>Box 12:</b> Identificação e diferenciação na região da Missão Catrimani.....	101
<b>Box 13:</b> As escolas yanomami em números.....	183

Agentes indígenas de saúde (AIS)  
 Associação dos Yanomami do Rio Cauaburis e Afluente (Ayrca)  
 Associação Serviço e Cooperação com o Povo Yanomami (Secoya)  
 Casa de Saúde Indígena (Casai)  
 Comissão Brasileira de Demarcação de Limites (CBDL)  
 Comissão de Aeroportos da Região Amazônica (Comara)  
 Comissão Pró-Yanomami (CCPY)  
 Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami e Ye'kwana (DSEI-YY)  
 Força Aérea Brasileira (FAB)  
 Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena (Emsi)  
 Frente de Proteção Etnoambiental Yanomami e Ye'kwana (FPEYY)  
 Fundação Nacional do Índio (Funai)  
 Hutukara Associação Yanomami (HAY)  
 Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)  
 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)  
 Missão Evangélica da Amazônia (MEVA)  
 Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB)  
 Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA)  
 Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (Prodoclin)  
 Secretaria de Educação de Roraima/Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Desportos de Roraima (SECD-RR)  
 Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai)  
 Serviço de Proteção do Índio (SPI)  
 Serviço e Cooperação com o Povo Yanomami (Secoya)  
 Terra Indígena Yanomami (TIY)  
 Texoli Associação dos Ninam do Estado de Roraima (Taner)  
*Unevenlized Field Mission* (UFM)

## Índice dos Boxes

## Siglário

**Fontes:**  
 Cambria e Frutiger.  
 1000 exemplares impressos em off-set na Gráfica Pancrom em dezembro de 2019.  
 Capa em papel Cartão Supremo Duo Design 250 g/m<sup>2</sup> e miolo em papel Couché Fosco 150 g/m<sup>2</sup>.

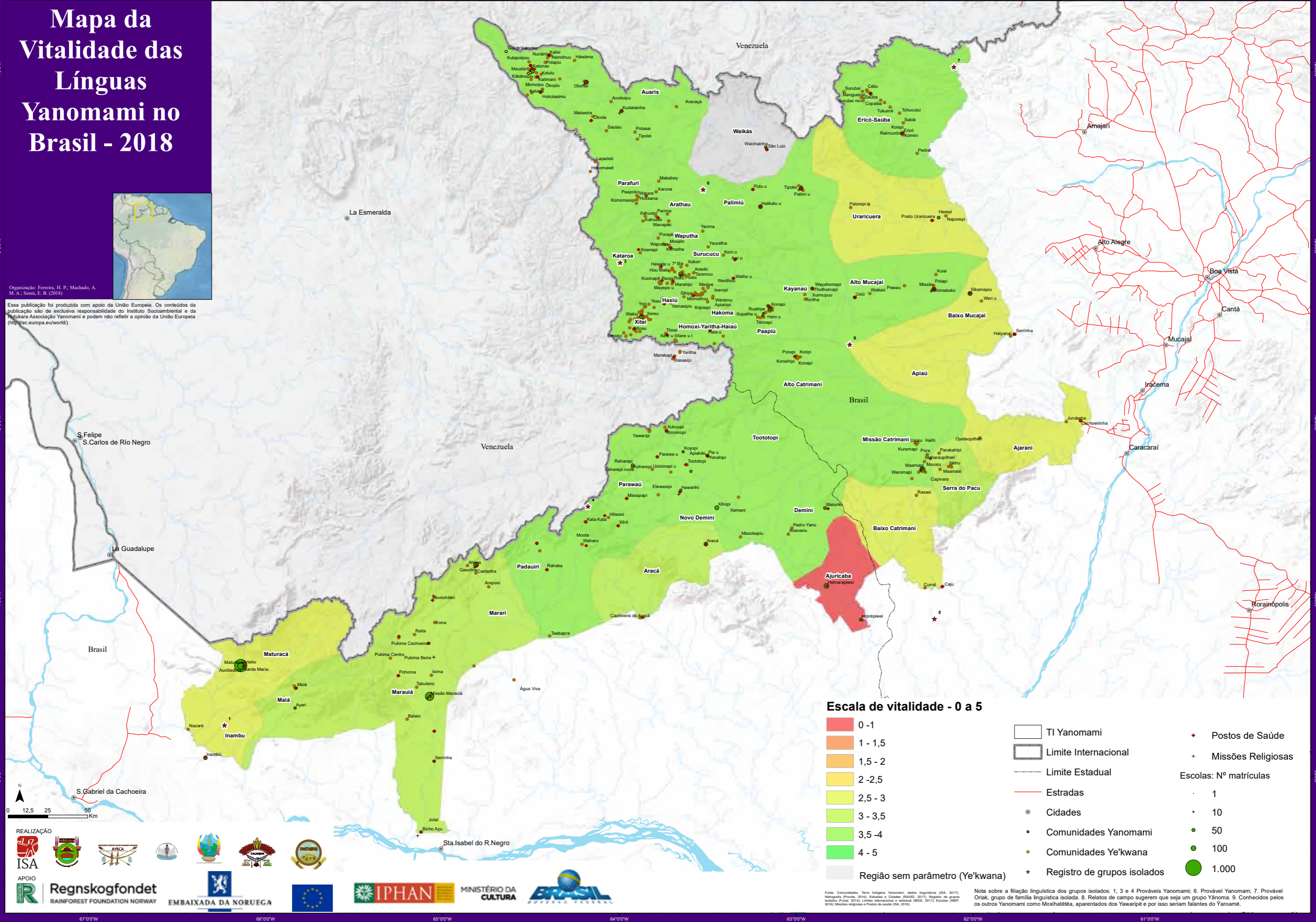


Lucas Lima/ISA, 2017

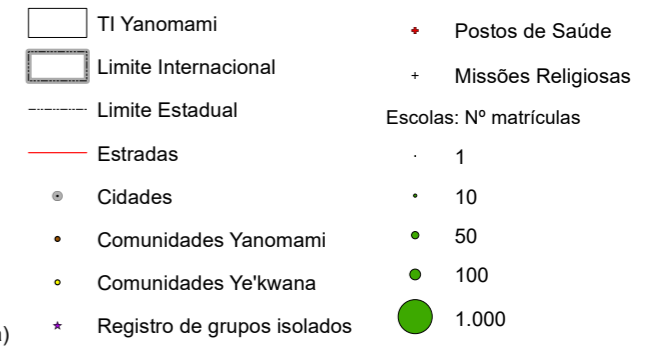
# Mapa da Vitalidade das Línguas Yanomami no Brasil - 2018

Organização: Ferreira, H. P.; Machado, A. M. A.; Scaia, E. B. (2018)

Essa publicação foi produzida com apoio da União Europeia. Os conteúdos da publicação são de exclusiva responsabilidade do Instituto Socioambiental e da Yanomama Associação Yanomami e podem não refletir a opinião da União Europeia (<http://ec.europa.eu/world/>)



### Escala de vitalidade - 0 a 5



REALIZAÇÃO

APOIO

Fonte: Comunidades, Terra Indígena Yanomami, dados linguísticos (ISA, 2017); Hidrografia (Provia, 2014); Estradas e Cidades (RAISG, 2017); Registro de grupo isolado (Fonseca, 2014); Limite Internacional e estadual (IBGE, 2017); Escolas (INEP, 2016); Missões religiosas e Postos de saúde (ISA, 2018).

Nota sobre a filiação linguística dos grupos isolados: 1, 3 e 4 Prováveis Yanomami; 6. Provável Yanomami; 7. Provável Oriak, grupo de família linguística isolada. 8. Relatos de campo sugerem que seja um grupo Yanôma. 9. Conhecidos pelos outros Yanomami como Moxhatêta, aparentados dos Yawaripé e por isso seriam falantes do Yaroamé.



*As línguas Yanomami no Brasil: diversidade e vitalidade* é uma publicação que deve ser recebida como uma contribuição preciosa e sem precedentes, no seu gênero, no Brasil, para o conhecimento da situação atual de um dos mais complexos e internamente diversificados agrupamentos linguísticos nativos da América do Sul. É também um exemplo de seriedade na aplicação de novas metodologias de investigação de campo e de análise dos dados recolhidos.

Primeiro resultado de um longo e intenso trabalho de pesquisa, extrapola, felizmente, os trilhos geralmente percorridos. Sentimos falta, no Brasil, de levantamentos e diagnósticos sociolinguísticos competentes no que concerne às línguas indígenas e sua vitalidade, e eis que, enfim, estamos diante de um exemplo a ser seguido. A interdisciplinaridade é raramente praticada, mas estamos vendo, agora, a qualidade de uma equipe aberta às trocas entre saberes, inclusive, e sobretudo, os saberes indígenas. Fala-se muito do aporte criativo e necessário de projetos colaborativos que reúnem especialistas indígenas e não indígenas. Para além da muita retórica que escutamos, este livro vem de uma colaboração honesta, real e generosa. Línguas ameríndias vivas: agradecemos por saber mais e melhor.

**Bruna Franchetto** - Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (Prodoclin)/Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio (Funai); e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)

ISBN: 978-85-8321-076-0



9 788582 260760